



O
SALESIANO
COADJUTOR

DICASTÉRIO PARA A FORMAÇÃO

O SALESIANO COADJUTOR

História,
Identidade,
Pastoral Vocacional
e Formação

São Paulo 1990

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Tradução:

Pe. António Lages de Magalhães

Pe. Júlio Comba

Pe. Luiz Garcia de Oliveira

Capa:

Antonio Reis Quedas

Com autorização da
Editrice S.D.B.
Edição extra comercial
Direzione Generale Opere Don Bosco
Via Della Pizana, 1111
00163 — Roma Aurélio

APRESENTAÇÃO

Caros Irmãos,

apresento-vos este pequeno volume: O SALESIANO COADJUTOR”, que pretende “aprofundar”, por mandato do CG22 (cf. doc. n. 9), “a *identidade vocacional* do Salesiano leigo e o seu *significado essencial* para a vida e missão da Congregação, tendo presente a atual reflexão na Igreja”. (ib)

Ele o faz, como se pediu, considerando as várias dimensões desta identidade, a dimensão histórica e teológico-espiritual, e a pastoral vocacional e formativa, distintas entre si, mas unidas na experiência da pessoa do Salesiano e da Congregação.

E o faz como ato de obediência à vontade da assembléia capitular e unindo-se à estima e ao bem que manifestou por esta forma vocacional e pelos salesianos que são chamados a vivê-la.

Desejaria acrescentar às muitas reflexões que encontrareis, *alguns pensamentos meus*. Ajudar-vos-ão, acredito, a compreender melhor a natureza e o objetivo do texto e os sérios empenhos operativos que derivam dele.

1. *Aprofundar*, de maneira atualizada, a identidade e, consequentemente, empenhar-se nos setores operativos da pastoral vocacional e da formação significa:

— *insistir*, antes de tudo, num problema já tratado longamente na Congregação, especialmente nos últimos tempos:

— *reevocar ainda o interesse* pela finalidade viva e vital não de uma espécie de “categoria” de Salesianos, mas *de toda a Congregação*. O livro é “sobre o” Salesiano coadjutor, não “dos” ou “sobre os” Salesianos coadjutores apenas. A vocação do Salesiano leigo toca em seu significado essencial a vida e a missão da nossa Sociedade.

2. O tema supõe naturalmente o conhecimento de quanto a Congregação e a Igreja, em suas várias e autorizadas experiências e comu-

nicações pensaram, discutiram e optaram. O texto, naturalmente, em vista do conteúdo e da linguagem, teve que ser orientado segundo os critérios bem determinados. Eles derivam da análise das expressões com que o CG 22, confiando o trabalho ao dicastério para a formação, indicou os intentos que se deviam obter.

3. O principal intento é o de fornecer um quadro de referência atualizado para a *compreensão autêntica* e ao mesmo tempo *aberta da identidade* do Salesiano Coadjutor, considera em si e em suas relações. O objetivo para o qual se voltou o CG22 não foi, parece-nos, tratar o tema do Salesiano coadjutor propondo um material edificante próprio para animação espiritual. Também isso, mas o CG22 quis sobretudo que se aprofundasse a identidade do Salesiano leigo, levando em conta a reflexão atual na Igreja.

O plano em que convida nos coloquemos é o histórico-teológico, além do pastoral e formativo. Esta opção significa opção de conteúdo e de problemas, de instrumentos e de método, por vezes nem sempre fáceis em si mesmos, mas que devem ser estudados. E significa também opção de destinatários. São eles primeiramente quantos tenham encargos específicos e responsabilidades diretas em questões de pastoral vocacional e de formação: inspetores, conselheiros inspetoriais, componentes das várias comissões, diretores, formadores, agentes pastorais. Servindo-se deste subsídio, poderão dar-lhe a conhecer o conteúdo, método e meios que sugere para tornar salesianamente mais iluminada e convicta a consciência das comunidades, para aumentar o sentido de sua responsabilidade, para levá-las a iniciativas concretas de pastoral vocacional e de formação.

4. Poderão parecer, aqui e ali, *muito exigentes e altos os objetivos* aos quais convida, ou quem sabe, também, pelo menos em parte, pouco diretamente referentes às *condições reais* do problema.

Diria que há uma e outra coisa ao mesmo tempo. Explico-me. Mais que considerar os *ideais* como um parecer sobre o que se é, somos convidados a considerá-los como apelo para que se coloque a vida em sincera tensão em vista do que se deve tornar. O ideal, então que desejamos é mais expressão da riqueza da vocação, sentido de um dom privilegiado que Deus nos oferece e está disposto a tornar real e a desenvolver pouco a pouco conosco, do que medida de um parecer sobre uma vida, a nossa, que percebemos tão limitada e distante perfeição almejada. Não desanimemos, portanto!

Caros irmãos, parecia-me urgente fazer convosco estas considerações como ajuda à compreensão do texto que completa outros já publicados e voltados para figuras e papéis importantes no serviço da vida e da missão salesiana. Vejamos o grande caminho que a Congregação percorreu em questão de tomada de consciência e de comunicação, e não é pouco, esperemos que seja semelhante a eficácia nos resultados concretos.

Parece-me de dever, por fim, agradecer a quantos contribuíram para a última composição e redação do texto* e desejar e pedir-vos quanto desejava e pedia Dom Bosco aos 22 noviços coadjutores no discurso programático que lhes fez em San Benigno: “O número haverá de crescer; mas especialmente é preciso que se cresça em bondade e energia”.

Ponhamo-nos ao trabalho com paixão salesiana!

Cordiais saudações no Senhor.

Roma, 24 de maio de 1989

Pe. Egidio Viganó
Reitor Mor

* Pe. Barroero, Pe. Midali, Pe. Natali, Pe. Semeraro, Pe. Vecchi, coordenados pelo Dicastério para a Formação.

INTRODUÇÃO

O CG22 dedica aos Salesianos coadjutores, uma de suas pouquíssimas orientações operativas, nascida, percebe-se, da reflexão comum e de certo mal-estar que se experimenta quando um problema existe, preocupa, é difícil e deve ser resolvido.

A assembléia quis:

- que se aprofundasse “*nos vários níveis, a riqueza da identidade vocacional do Salesiano leigo e o seu significado essencial para a vida e missão da Congregação, tendo presente a atual reflexão na Igreja*”;
- que no âmbito da *pastoral vocacional e da ação formativa*, as inspetorias sentissem sua urgência e intensificassem as iniciativas;
- que se favorecesse maior *inserção* do Salesiano coadjutor nas *estruturas de animação e de responsabilidade*.¹

O Reitor-Mor, em agosto de 1980, já dera início e impulso à reflexão sobre este “tema vital” com sua carta: “*O componente laical da comunidade salesiana*”. Nela exortava dizendo que não se tratava apenas do Irmão coadjutor, mas de cada um e de todos juntos, da comunidade e da sua originalidade salesiana, a Congregação e de suas dimensões co-essenciais.²

Aconteceram, desde então, vários *encontros* inspetoriais, interinspetoriais e regionais que, antes mesmo que fossem celebrados os *Capítulos inspetoriais*, pela metade do sexênio, tomaram seriamente contato com este problema. Desejava-se concluir o período de busca e de esclarecimento para dar vida a um esforço de atuação e de aplicação prática. E realizou-se um bom trabalho, especialmente com referência à *pastoral vocacional e à formação*. Tentou-se um exame dela e publicaram-se seus resultados.³

Os Capítulos deram grande importância ao tema, mas faziam perceber mais a linha propositiva do “dever fazer” do que a operativa concreta já em atuação ou realizada. E sublinhavam algumas linhas comum de formação.

Desejava-se

- uma formação espiritual que levasse o irmão a ser “um homem de Deus”, educador da fé no meio dos jovens e do povo, segundo modos complementares aos do Salesianos presbíteros;

1 Cf. CG22, Doc. 9

2 Cf. ACS 298 p. 3

3 Cf. A formação do salesiano coadjutor; uma consciência e um empenho que crescem, ACG 323, p. 26s.

— *uma formação apostólica* que fosse particularmente sensível ao mundo do trabalho e atenta à dimensão missionária;

— *uma formação intelectual* que, numa base comum, correspondesse ao caráter específico desta característica expressão vocacional.

A insistência sobre os vários aspectos era determinada pelas exigências da vida e da missão salesiana “no lugar” e pelo número, aptidões e disponibilidade das pessoas.

Enquanto se realiza este esforço, deseja-se com esta publicação: “*O SALESIANO COADJUTOR*”, querida pelo CG22, responder à exigência de acompanhá-lo e de motivá-lo ainda mais.

Parece-nos o tempo certo. A reflexão sobre a experiência da Igreja e da Congregação, atualizada até os últimos documentos, a informação que os Atos dos vários encontros sobre os Salesianos coadjutores recolheram e comunicaram sobre a organização e a caminhada das experiências em ato, pastorais e formativas, o diálogo direto sobre o tema durante as “Visitas de conjunto” fizeram crer que o material já fosse suficiente para esta publicação.

O texto compõem-se de quatro capítulos.

O primeiro é de aspecto histórico: “*O SALESIANO COADJUTOR. ACENOS HISTÓRICOS*”. Depois de um breve aceno à gênese e à história dos diversos tipos de religiosos leigos nas várias Congregações e Ordens, detem-se a buscar as origens do Salesiano coadjutor e a seguir-lhe o desenvolvimento no decurso da história e da tradição.

Esta identidade, na forma como vem indicada com precisão no tempo, é aprofundada em sua perspectiva teológica e espiritual, tendo presente, evidentemente, toda busca realizada em nível de Congregação e de Igreja. É o capítulo segundo: “*A IDENTIDADE VOCACIONAL DO SALESIANO COADJUTOR*”;

A pesquisa e seus resultados se abrem para uma maior compreensão dos valores desta forma vocacional e os passam para a pastoral afim de que dela se sirva no caminho da proposta e do acompanhamento que lhe é próprio. Trata-se do terceiro capítulo: “*A VOCAÇÃO DO SALESIANO COADJUTOR NA PASTORAL SALESIANA*”.

No quarto, finalmente, estes mesmos valores são ulteriormente assumidos no processo formativo; com eles se motivam as atitudes e se sugere o método mais adequado para as assimilar pessoalmente: “*LINHAS PARA UMA FORMAÇÃO DO SALESIANO COADJUTOR*”.

Compreendemos bem o quanto valem mais do que as palavras e do livro, os “modelos” de Salesianos leigos, que vivem e trabalham com santidade, desenvoltura e alegria na simplicidade e laboriosidade de cada dia. A leitura destas páginas poderá ser útil para também motivar e alimentar sua vida e o apelo que ela encerra para os jovens. Ainda mais o será para os irmãos aos quais a obediência confia a tarefa da proposta e da formação vocacional.

1. ACENOS HISTÓRICOS SOBRE O SALESIANO COADJUTOR

1.1. BREVE NOTA HISTÓRICA

É conhecido que a história da vida religiosa é rica e complexa. Pode ser estudada a partir de múltiplos pontos de vista: do carismático ao institucional e ao relativo à sua origem.

O desenvolvimento das várias formas de vida religiosa 'laical' deve, pois ser colocado no interior desta múltipla evolução, sob pena de fazer dela uma leitura não objetiva e, por vezes, deformada.

Limitemo-nos, portanto, a antepor ao tema verdadeiro e próprio deste capítulo, algumas linhas, remetendo eventualmente aos não muitos trabalhos especializados existentes, com bibliografia anexa.¹

11.1 No monaquismo

As origens do monaquismo, especialmente no Oriente, constituem um fenómeno extremamente complexo. Pode-se, em todo caso, afirmar que em geral, os primeiros monges eram simples 'leigos' e o sacerdócio era entre eles uma exceção.²

"Nos primeiros séculos da idade média o monaquismo desenvolveu-se no Ocidente e a evolução da sociedade cristã contribui para aproximar os monges do estado clerical, enquanto, até àquela época, eles eram mais próximos dos leigos. (...) O número dos monges-padres aumenta nas comunidades, mas é difícil propor estatísticas precisas:

01 — O material desta "nota histórica" foi tomado substancialmente de M. SAUVAGE, art. Fratello in *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, dir. G. Pelliccia G. Rocca, vol. IV, Roma, 1977, col. 762-794. Ivi, bibliografia sobre o tema específico, nas col. 792-794. Podem-se consultar com utilidade os Atos dos vários congressos sobre a figura do religioso leigo realizados pelos vários Institutos religiosos ou em diversas áreas geográfico-linguísticas, que voltaram o olhar também para os séculos passados. Como por exemplo a relação de T. TURRISI sobre *La figura storico-giuridica del religioso fratello dalle origini ao Vaticano II* in *Il Fratello religioso nella comunità ecclesiale oggi*, Roma 1983 p. 25-49.

02 — Cf. G. M. COLOMBAS, *EL monacato primitivo*, I, Madrid 1974 p. 64-68.

fala-se de 20% de sacerdotes e diáconos no final do século VIII, de 60% no IX, e de 75% no X".³

No século XII, especialmente com os Certosinos e os Cistercienses, os "conversos" leigos assumem a sua fisionomia característica e têm um grande desenvolvimento. "Diferentes são as opiniões dos especialistas sobre os motivos da instituição dos irmãos conversos. (...) O primeiro cânon conciliar a falar deles é do Concílio ecumênico Lateranense II (1139): são citados entre os sujeitos inábeis para contrair matrimônio válido. (...) A Igreja reconhecia por isso, aos conversos, um estado religioso autêntico como o do monge".⁴

11.2 Nas Ordens Mendicantes

Os Dominicanos e Franciscanos têm em seus inícios uma configuração diferente de vida e de missão; diferente também, pois, é também o estilo e a figura do religioso leigo.

A ordem do "Frades Pregadores" (Dominicanos) é clerical desde suas origens, mas São Domingos agrega a eles os "frades conversos", confiando-lhes as responsabilidades materiais dos conventos. "De início, são os companheiros dos irmãos sacerdotes e as diferenças entre uns e outros devem ser buscadas em nível de obrigações e não de estado religioso".⁵

A maior parte dos primeiros companheiros de São Francisco, ao contrário, eram leigos. Os textos franciscanos não falam, portanto de "frades conversos", mas de frade "leigo". Entretanto, também entre os Frades Menores verifica-se logo um processo acelerado de clericalização. Um fenômeno análogo se deu na Ordem Carmelitana.

"Com o Concílio de Trento (sessão XXII, De reformatione, c. 4) todos os cargos de superiores, nas famílias religiosas clericais, foram reservados aos sacerdotes, mas as famílias franciscanas protestaram por esta decisão; em seguida, contudo, tiveram que se acomodar".⁶

11.3 Nas Ordens e Congregações religiosas modernas

No século XVI surgem novas Ordens: Teatinos, Barnabitas, Somascos, Jesuítas e outros ainda, compostas prevalentemente de "clerigos". Todas, porém, possuem também religiosos leigos que se juntam aos religiosos sacerdotes, com encargos diversificados.

"Na maior parte das Congregações clericais, fundadas nos séculos XVII-XIX, ao lado dos sacerdotes encontram-se irmãos leigos, que recebem nomes diversos (coadjutores, cooperadores, auxiliares, etc.). Esses

03 — M. SAUVAGE, o.c. col. 766

04 — Ib. col. 766

05 — Ib. col. 768

06 — Ib. col. 769

religiosos, em geral, assumem encargos materiais; em algumas Ordens, sobretudo missionária, foram por vezes, empenhados em tarefas apostólicas leigas (catequistas de modo particular), mas muitas vezes não passou de simples desejo por causa de dificuldades”⁷

Podemos concluir com esta afirmação: “A vicissitude dos membros leigos das congregações religiosas não foi objeto de muitas pesquisas históricas. Se foi dada certa atenção às ordens de antiga fundação, pouca no conjunto mereceram as congregações surgidas no século décimo nono...”⁸

Expondo em poucas linhas uma vivência tão longa e complexa, as proporções entre os vários períodos e as formas aos poucos assumidas permanecem, por isso, assinaladas aqui e ali também muito alteradas. A realidade do religioso leigo poderá ser mais bem compreendida quando inserida em seu justo contexto em alguma das “histórias da vida religiosa” disponíveis hoje nas áreas de várias línguas. Por exemplo. L. HOLTZ (1986) em língua alemã, A. LOPEZ AMAT (1987) e J. ALVAREZ GOMEZ (1989) em espanhol, J. LOZANO (1988) em inglês, AUGÉ-SASTRE-BORRIELLO (1988) em italiano. A elas encaminhamos, recomendando a sua leitura. Estes breves acenos queriam, entre outras coisas, motivar esse convite.

1.2. O RELIGIOSO LEIGO NA CONGREGAÇÃO SALESIANA

12.1 As origens. O tempo de Dom Bosco

Os primeiros passos da Sociedade Salesiana foram dados em Turim, centro político das conhecidas medidas que suprimiam Ordens e Congregações, depois de 1848, e ponto alto da economia na primeira transformação pré-industrial italiana. O mesmo ambiente eclesial já mostrava, havia tempo sinais claros de um catolicismo em crise, em busca de nova identidade. Particularmente, no âmbito das tradicionais corporações religiosas, à grave erosão perpetrada pelo iluminismo acrescentava-se muitas vezes o peso de não poucas tentativas de renovação e de reforma que não tiveram êxito ou permaneceram letra morta.⁹

07 — Ib. col. 770

08 — P. STELLA, *Cattolicesimo in Italia e laicato nelle Congregazioni religiose. Il caso dei coadiutori salesiani (1854-1974)*, in *Salesianum* XXXVII (1975), 411.

09 — A última tentativa, depois das realizadas por Pio VII logo após a sua volta do exílio para Roma, e de Leão XII, limitadas às Ordens e Congregações existentes no Estado Pontifício, era justamente a de Pio IX que em 1847 instituiu uma *Congregação sobre o estado dos Regulares* e enviava a 07 de agosto do mesmo ano a todos os bispos dos vários Estados italianos uma carta circular em que convidava “a fornecer oportunas notícias sobre o estado dos Regulares...; a especificar as causas dos abusos que se tivessem introduzindo nestas Corporações religiosas, e a indicar os meios mais convenientes e eficazes para removê-los”. Toda a documentação que é conservada no Arquivo Secreto Vaticano, atesta justamente o difundido mal-estar e a necessidade de concreto repensamento das estruturas religiosas em relação à nova exigências dos tempos.

Já nos inícios do sec. 19, após a supressão napoleônica e por ocasião da trabalhosa restauração das Órdens e Congregações, não faltaram vozes de homens sensíveis e atentos que procuravam uma equilibrada inversão no caminho em sua composição e estrutura. Poderiam assim, ser verdadeiramente “úteis a Deus e à sociedade”.

As numerosíssimas Congregações, nascidas neste período, não se subtraíram às exigências exigidas pelo tempo e, embora com fortes diferenças, oscilaram entre “o modelo tradicional e restaurado” e o “modelo novo”, ou seja, o de uma inicial associação privada católica laical do papel desempenhado pela tradicional figura do “oblato” ou do “converso”. Apresentava-se, com efeito, como quem atestava fundamental realidade evangélica: a possibilidade de santificar-se aberta a todos, sem distinções de categorias e com plena paridade de direitos. A teologia moral do tempo, estimulada também pelos nem sempre são e desinteressados princípios afirmados pela Revolução francesa, foi levada a reencontrar os núcleos de antigas verdades que deviam ser tempestivamente revalorizadas. A literatura e a experiência histórica de São Francisco de Sales constituíram para os eclesiásticos com cura de almas, um substancioso ponto de referência para voltar a falar e crer com direito pleno, na “santidade dos leigos”.

A formação humana e religiosa de Dom Bosco, sustentada por virtudes e aptidões naturais, foi marcada pelos dados desse tempo e se encontrou toda na idéia que teve na origem de Congregação aberta — poder-se-ia dizer “naturalmente” aberta — aos padres e aos leigos, unidos pelo anseio comum da perfeição e da caridade cristã.

“Não bastam então para explicar o aparecimento da figura do ‘coadjutor’ as razões históricas ou o oportunismo contingente, a aquiescência à tradição ou interesses e razões organizativas. Volta ao primeiro plano um motivo altíssimamente sobrenatural: a vontade de estender, quanto possível, uma experiência e uma perfeição cristã elevada e nobre (ao maior número de almas, de todas as categorias)”.¹⁰

A. As raízes de uma exigência: o nascimento e as necessidades das oficinas e das escolas de artes e ofícios no Oratório

A partir de uma necessidade comum, mas que a homens inteligentes e corajosos acaba por sugerir os mais extraordinários empreendimentos, Dom Bosco teve a idéia de fundar os seus colaboradores para os aprendizes.

Outros já o haviam precedido. Além da Restauração, é possível encontrar por acaso escolas de artes e ofícios fundadas por autênticos pioneiros. Joãozinho Bosco completa apenas seis anos quando o empreendedor cônego bresciano Loudovico Pavoni abria o Instituto de São Barnabé para jovens pobres, com uma série inicial de oficinas que,

10 — P. BRAIDO, *Religiosi nuovi per il mondo del lavoro*, Roma 1961, p. 16-7.

em dez anos, contavam com tipografia e calcografia, encadernação e papelaria, prataria, marcenaria, ferreiros e sapateiros.¹¹ Entre os garotos formados nestas oficinas, o cón. Pavoni conseguia encontrar seus melhores colaboradores que, depois, se tornavam sacerdotes ou irmãos “coadjutores” para continuar a ensinar nas mesmas oficinas. Pavoni morreu em 1849, e não se percebem, no estágio atual das pesquisas, influxos diretos sobre o futuro organizador das oficinas de Valdocco.¹²

a) *O nascimento das oficinas*

Foi precisamente em 1853, num restrito local de Valdocco, que Dom Bosco começou a realizar a iniciativa de oficinas.

Preocupado com as necessidades materiais, intelectuais e morais de um discreto número de garotos e jovens trabalhadores, Dom Bosco já se apressara em encontrar para eles alguma ocupação junto a pequenas oficinas artesanais de Turim, chegando a celebrar muitas vezes contratos especiais de aprendizagem. Conservam-se no Arquivo central salesiano cópias desses acordos em favor dos jovens Giuseppe Bordone (1851), Giuseppe Odasso (1852), Felice Paoletti (1855).

O fato, porém, de enviar todos os dias seus jovens a essas casas e às oficinas revelou-se incômodo e cheio de riscos: “Bem logo — escreve a respeito o historiador Danilo Veneruso — João Bosco percebeu que esse tipo de intervenção não correspondia em nada às exigências da psicologia juvenil, às finalidades da educação cristã e muito menos às exigências de produção da sociedade contemporânea. Diante da realidade juvenil, uma intervenção de socorro, a breve e também a médio prazo, podia enfrentar e resolver a necessidade urgente imediata, mas não o problema do futuro. A intervenção sobre o jovem, depois de sucessivas experiências, configurou-se-lhe sempre mais de um lado como uma síntese entre programação educativa, clara consciência das finalidades por alcançar e de outro uma resposta ativa e consciente do sujeito educativo, que era capaz, com um complexo tirocínio, como pessoa livre, de auto-governar-se e de dar uma contribuição ao crescimento pessoal e social”.¹³

Foi o próprio Dom Bosco que, em várias oportunidades, motivou as razões que o levaram a colocar junto de suas escolas dominiciais

11 — Vejam-se os Atos do congresso de estudos *Lodovico Pavoni e il suo tempo*. 1784-1849, Brescia 30 de março de 1985.

12 — Encontram-se duas orientações numa carta de Rosmini a Dom Bosco, de 1853 e a outra num aceno a uma ‘missão bresciana’ do amigo Pe. P. Ponte, então diretor do Oratório São Luís em Porta Nuova, pelos fins de 1849. É muito provável entretanto que Dom Bosco tenha tido ligações diretas, pelo menos com a produção de livros da tipografia do Instituto de S. Barnabé de onde veio entre outros, a *Opera omnia* de São Francisco de Sales.

13 — Cf. D. VENERUSO, *Dai laboratori agli istituti professionali*, in P. BRAIDO, Dom Bosco nella Chiesa a servizio dell’umanità. Studi e Testimonianze, LAS Roma 1988, p. 133.

e feriais, iniciadas em 1845, e da “Sociedade de mútuo socorro”, fundada em 1850, as oficinas internas: “Não se tendo ainda as oficinas no instituto — escreve ele — os nossos alunos iam trabalhar e estudar em Turim, com grande dano da moralidade, uma vez que os companheiros que encontravam, as conversas que ouviam e o que viam, tornavam frustrado quanto se lhes fazia e dizia no Oratório”.¹⁴

Começou-se com as oficinas de sapateiros e alfaiates. Dom Bosco apressou-se a escrever um “Regulamento das oficinas” apropriado aos respectivos mestres de arte.¹⁵ Eles deveriam “instruir os aprendizes e fazer de modo que não faltasse trabalho”. No ano seguinte acrescentou-se a oficina de encadernação que, no espaço de um ano, já podia receber encomendas de trabalho.¹⁶ Pelos fins de 1856 inaugurou-se a oficina de marcenaria. Para as oficinas de tipografia e dos ferreiros, embora estando nos desejos e nos projetos de Dom Bosco, desde o início, dado os custos e a complexidade das máquinas e dos equipamentos, e a exigência de locais adequados, se deverão esperar pelos anos Sessenta.¹⁷ O Pe. Lemoyne acena também a locais destinados a tintureiros e chapeleiros.¹⁸

Um completo quadro das oficinas existentes no Oratório se pode levantar de um “Resumo da Pia Sociedade de São Francisco de Sales”, de 23 de fevereiro de 1874, redigido para a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, em vista da aprovação das Constituições: “Os artesãos — está escrito — em várias oficinas do Estabelecimento exercem a profissão de sapateiro, alfaiate, ferreiro, marceneiro, ebanista, restaurador, livreiro, encadernador, compositor tipográfico, tipógrafo, chapeleiro, música, desenho, fundidor de tipos, estereotipista, calcógrafa e litógrafo”.¹⁹

b) *A experiência operária de João Bosco*

As aptidões e a sensibilidade para um tão grande raio “artesanal” não foram certamente improvisadas. A experiência juvenil e pessoal de Dom Bosco tiveram nisso importante papel.

De origem e mentalidade rural, tinha aprendido a realizar uma forte integração entre as origens vividas, típicas do mundo agrícola, e a experiência artesanal que as necessidades e as situações lhe iam

14 — MO, 205; como também se veja em “*Invito ad una lotteria d’oggetti in Torino a favore degli Oratori*”, janeiro de 1862.

15 — Cf. MB 4, 660. Sobre as razões e as modalidades da implantação das oficinas internas em Valdocco, veja-se P. STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale* (1815-1870), Roma, 1980, p. 243-249. 383-386.

16 — Encontram-se pedidos neste sentido em alguns números do jornal local o *Armonia* daquele ano: cf. MB V, 540.

17 — A tipografia terá início em 31 de dezembro de 1861 e a oficina para ferreiros começará juntamente com os trabalhos do Santuário de Maria Auxiliadora em 1862.

18 — MB VII, 116.

19 — MB X, 946.

apresentando. Com 15 anos, frequentando a escola pública em *Castelnuovo*, teve a possibilidade de passar por um aprendizado de música e de costura junto do “honesto homem” Roberto Giovanni, que lhe dava pensão: “Dediquei-me com muito entusiasmo à arte musical — escreverá nas ‘Memórias’ — ... Em muito pouco tempo tornei-me capaz de pregar botões, coser bainhas, fazer costuras simples e duplas. Aprendi também a cortar ceroulas, coletes, calças, paletós. Tinha a impressão de haver-me tornado excelente mestre de alfaiataria”.²⁰

Em *Chieri*, nos anos 1833-34, a fim de poder estudar pôs-se a trabalhar como garçom num café e em pouco tempo de tal modo identificou-se com o trabalho a ponto de fazer seus segredos os do patrão: “Pela metade daquele ano era capaz de preparar café, chocolate; conhecer as regras e as proporções para fazer todo tipo de doces, licores, sorvetes e refrescos”.²¹

Os deveres escolares o aconselharam, ao invés, trabalhos domésticos e não excessivamente pesados. Mas tão logo chegavam as férias, apesar da batina de seminarista, dedicava-se a atividades que exigissem mais força e empenho. “Fazia fusos, cavilhas, piões, bochas ou bolas no torno, fazia batinas; cortava, costurava sapatos; trabalhava o ferro, a madeira. Ainda agora há na minha casa de Murialdo uma escrivadinha, uma mesa com algumas cadeiras que lembram as obras primas das minhas férias. Ocupava-me também em capinar no prado, ceifar o trigo no campo; em despampanar, desfilhar, vindimar, fazer vinho, espichar e coisas semelhantes”.²²

Com razão, o seu terceiro sucessor, Pe. Filipe Rinaldi, escreverá: “A Providência dispôs que Dom Bosco exercesse um pouco quase todas as profissões: ele foi agricultor, alfaiate, sapateiro, marceneiro, ferreiro, tipógrafo, a fim de que seus filhos coadjutores pudessem dizer com um santo orgulho: Dom Bosco exerceu também este meu ofício! Por isso o nosso venerável Fundador tornou-se modelo perfeito dos sacerdotes, mas também dos coadjutores”.²³

A experiência de *trabalho manual* tornou Dom Bosco capaz de compreender seu valor em vista de uma correta e completa formação humana. Apesar de seus estudos de seminário, não desvalorizou jamais as atividades profanas como se as devesse evitar para não comprometer a dignidade e o espírito eclesiástico.²⁴

Dom Bosco, embora compartilhando esta preocupação (repetirá, com efeito, aos salesianos coadjutores muitas vezes: Podeis fazer o que

20 — MO, 45.

21 — MO, 62s.

22 — MO, 95s.

23 — 24 de julho de 1927.

24 — As prescrições sinodais e a literatura formativa eclesiástica do Oitocentos intervêm continuamente na insistência sobre a inoportunidade para o sacerdote de ocupar-se ou praticar ele mesmo trabalhos “servis ou profanos”: veja-se A. GAMBASIN, *Gerarchia e laicato in Italia nel secondo Ottocento*, Antenore Ed., Pádua, 1969, 330p.

os sacerdotes não podem), tinha pelo trabalho, elevada estima, pelo seu valor social e educativo. O trabalho desenvolve nos jovens o sentido e solidariedade para com os companheiros, especialmente nos momentos de perigo moral e de necessidade material, e os habituava ao conhecimento e à responsabilidade do trabalho.

c) *Oficinas e colaboradores*

Com a criação das oficinas internas, a dificuldade mais delicada e que devia superar era a pessoa, mestre e educador. O problema foi resolvido “com trabalhosa experiência. Com Bosco mesmo recapitulou suas fases em 1885. Pôs-lhe a mão com o objeto de uma discussão aberta no Capítulo Superior (14 de dezembro de 1885); refez, então, a história de seus aprendizes no Oratório (...) e enumerou as várias experiências tentadas antes de chegar a uma satisfatória sistematização: (...) Enquanto não foi possível dispensar os mestres vindos de fora, Dom Bosco, reduziu-se a dispensá-los de toda ingerência disciplinar e econômica, confiando estes encargos a Coadjuutores salesianos, os primeiros dos quais foram Giuseppe Rossi, Giuseppe Buzzetti e o Cav. Oreglia de S. Stefano. Mas, como prover-se de mestres de arte que fossem seus? (Entre os artesãos do Oratório) jamais faltaram os que se sentiam atraídos mais fortemente por ele e que ele vinha trabalhando com cuidado especiais no intento de fazê-los seus. Eles acabavam facilmente decidindo-se por *ficar* para sempre *com Dom Bosco*; o sentido dessa expressão era bem conhecido no Oratório. (...) Eles voltavam como mestres para aquelas oficinas onde tinham sido aprendizes”.²⁵

Nos inícios, pois, fora o mesmo Dom Bosco a se fazer “assistente” e primeiro “mestre” de artes e ofícios. Em seguida, de modo realista, recorreu a especialistas no assunto, chamando para o Oratório verdadeiros mestres de arte contratados. A escolha destes mestres revelou-se bem logo exigente e seletiva: “Para tê-los capazes de ensinar alunos é preciso que sejam de moralidade, aptidões e ciência não ordinária, e por isso bem pagos”.²⁶

Era difícil encontrar nas pessoas a combinação requerida entre perícia profissional e aptidões morais e educativas. Dom Bosco entreviu a solução na escolha de colaboradores leigos, preferivelmente residentes de forma estável no Oratório, de onde tinham vindo.

B. Coadjutor: do colaborador leigo ao religioso leigo

Com uma visão que não criava barreiras de monta no campo da perfeição cristã e do apostolado. Dom Bosco teve de fato, desde o início

25 — E. CERIA, *Annali della Società Salesiana*, Vol. I, Turim 1941, p. 651-652.

26 — De um promemória de Dom Bosco ao Presidente do Comitê Tipográfico de Turim em 1872: cf. Epist. II, p. 233-4 (data incompleta).

de sua obra, a concreta e operosa colaboração dos leigos. Isso lhe permitiu constatar diretamente o valor e a eficácia educativa da presença deles no meio dos jovens.

Certamente, dos testemunhos e dos documentos de que dispomos, não nos é possível estabelecer se o Salesiano coadjutor, como se configura hoje, tenha emergido da experiência e da genialidade de Dom Bosco em concomitância com o próprio nascimento da Congregação. Tende-se mais para um normal e progressivo amadurecimento dessa forma vocacional, dirigida inicialmente por Dom Bosco segundo modalidades que encontrava o seu tempo e ambiente, e sucessivamente modificadas e coordenadas em vista das exigências institucionais.

*O termo ou a qualificação de “coadjutor”, que se acha pela primeira vez nos registros da “matrícula dos jovens” de Valdocco em dezembro de 1854, junto ao nome de Alessio Peano, de trinta anos, não tem qualquer referência com sentido de natureza religiosa.*²⁷

Exprimia um traço de delicadeza e de respeito por parte de Dom Bosco para com aqueles que outros chamavam simplesmente de “empregados”. Manifestava sobretudo a índole própria da presença destes leigos junto dos jovens: não eram simplesmente dependentes, mas parte em causa, colaboradores. O apelativo portanto, embora não exprimindo a substância de quanto hoje entendemos, encerra a idéia mestra do desenvolvimento que veio depois.

O Pe. Giuseppe Vespignani, em escrito ainda inédito: “História do coadjutor salesiano”, redigido numa agenda de 1930, conservada no Arquivo salesiano central, diz explicitamente que “o nome de Coadjutor foi o primeiro que Dom Bosco deu a todos os seus companheiros e amigos, que compreenderam a importância da obra dos Oratórios, ou seja, instruir, assistir e guiar a juventude pobre, abandonada, nos deveres da vida cristã”.

A qualificação “coadjutor” continuará, por longos anos, indicando genericamente colaboradores leigos residentes em Valdocco, tivessem ou não professado na Sociedade de São Francisco de Sales. Até os anos 80 realiza-se o que P. Stella chama de “a condição fluída das origens: coadjutores com votos e sem votos”.²⁸ “As lacunas e reticências das constituições (mesmas) de 1868 tendiam talvez a espelhar uma situação desejadamente fluída, pela qual entre outras coisas na vida quotidiana não existia uma distinção formal entre clérigos de Dom Bosco e clérigos diocesanos, entre coadjutores com votos e coadjutores que eram simples hóspedes ou trabalhadores assalariados”.²⁹ Foi necessário o

27 — A. PEANO entrou no Oratório em dezembro de 1854; onde permaneceu, menos de três meses, saindo em 23/02/1855. Cf. P. STELLA, *Cattolicesimo...*, o.c., p. 413.

28 — *Ibidem*.

29 — Ivi, p. 412.

CG3 de 1883 para se estabelecer a distinção³⁰ e reservar oficialmente o apelativo aos Salesianos leigos.

As pessoas que nos primeiros vinte anos de vida do Oratório são denominadas “coadjutores” giram em torno de umas vinte, com idade entre os 14 e os 69 anos, e com uma média de mais de 34 anos. Vários deles, embora pagando uma soma mínima, recebem uma retribuição regular como verdadeiros e próprios familiares ou como trabalhadores nas oficinas de artes e ofícios, dependentes de Dom Bosco. Sua presença em Valdocco é geralmente muito descontínua e normalmente de breve duração. Pode-se tratar, verdadeiramente de uma parte da notável faixa de jovens que do interior vinham à capital atraídos pelas fábricas que, em Turim, começavam a absorver mão-de-obra. Junto a Dom Bosco encontravam o primeiro ponto de apoio, enquanto não conseguiam trabalho, sem obrigações ou vínculos de natureza religiosa que não os de um bom cristão.

Na geografia dos vários grupos ou categorias existentes (sacerdotes, clérigos, salesianos, seminaristas, estudantes e aprendizes), os “coadjutores” ficaram inseridos, de forma familiar e indistinta, no tecido único de Valdocco, dominado pela presença de Dom Bosco, confessor e pai espiritual, e empenhado nas suas mesmas características temperamentais e nos seus ideais. Tudo em clima de família e de participação ativa, apesar das diferenças de estado.

No setor dos aprendizes, o número e a qualidade dos leigos tornaram-se sempre mais exigidos e significativos. Justamente deste grupo de colaboradores leigos, já indispensável e bem assimilado, na substância e no estilo, ao modelo desejado por Dom Bosco, começou a tomar corpo a realidade do “Salesiano coadjutor”. A passagem era apenas interior e de substância, sem qualquer novidade de hábito ou de ocupação. Os trabalhadores leigos, que preferiam permanecer com Dom Bosco e estabelecer-se em Valdocco eram quase todos de proveniência rural e urbano popular, áreas notoriamente “apegadas à religião”, nas quais era vivo o sentido da Providência, a prática da religião, o pleno respeito ao clero, uma grande devoção a Maria e a freqüência aos sacramentos.

O elemento mais novo e notável que naquele tempo de certa mobilidade social constituía uma incomensurável garantia de segurança para estes primeiros colaboradores, era a certeza de poder ficar com Dom Bosco, que assegurava “trabalho, pão e paraíso”.

O Pe. G. Vespignani, no inédito citado, confirma este dado: “O coadjutor de Dom Bosco geralmente ao fazer-se salesiano, não pensava

30 — Na ata da reunião de 6, pela manhã, escrita pelo Pe. G. Marengo, lê-se esta observação: “Cria-se uma questão sobre se convenha ou não de deixar o nome de coad. aos sócios seculares ou mudá-lo para o de irmão. D. Bosco e muitos opinam que não se deva mudar, somente se mostra a conveniência de que não se dê o nome de coadjutores aos familiares”. Roma, Arch. Centr. Sa., *Verbali* de 1883; cf. também in BM XVI e XVII, 411s.

propriamente em aceitar uma regra e fazer votos: ele entendia estar com Dom Bosco para ajudá-lo a fazer o que ele quisesse: nisso colocava a sua felicidade. O resto da regularidade, da perfeição religiosa, da profissão dos votos, viria em seguida, segundo o que lhe indicasse Dom Bosco”.

C. Os primeiros “Salesianos coadjutores”

A figura característica do “Salesiano Coadjutor” foi pois, definindo-se nos primeiros vinte anos de vida da Sociedade de São Francisco de Sales. Nesta definição “não (é) fácil estabelecer se os motivos estavam todos presentes ao mesmo tempo, desde os inícios em Dom Bosco, ou foram aparecendo gradualmente em tempos sucessivos, paralelamente ao amadurecimento progressivo da sua obra (...). O temperamento particular de Dom Bosco, as modalidades e as cautelas com que ele quis apresentar a nova Congregação tanto aos jovens candidatos e aos hipotéticos membros, quanto ao público e às Autoridades, o característico método da gradualidade adotado por ele na atuação de seus empreendimentos, a precedência dada geralmente por ele aos fatos e às realizações em relação às teorias e às codificações e, portanto, a consequente penúria de documentos a respeito dos primeiros anos, não facilitam a resposta”.²¹

a) *Algumas datas* e, com elas, algumas figuras fundamentais do primeiro período podem servir de orientação geral, para ver como a partir de 1860 começando pouco a pouco a se diferenciar os “Salesianos coadjutores”, verdadeiros e próprios, dos outros chamados “coadjutores” leigos em geral.

Na assembléia de *18 de dezembro de 1859*, ato formal do nascimento da Sociedade de São Francisco de Sales, faltam os salesianos coadjutores.³² Mas já em *2 de fevereiro de 1860* deu-se a aceitação do primeiro sócio leigo. Como se lê na ata do Capítulo da Sociedade, naquele dia o “jovem Rossi Giuseppe di Matteo, de Mezzanabigli (...) foi admitido à pratica das regras dessa Sociedade”³³ frase que, na intenção de Dom Bosco, equivalia à prova do noviciado. Giuseppe Rossi tinha 24 anos; emitiu os votos trienais quatro anos depois, em 19 de setembro de 1864; fez os votos perpétuos em 1868 e morreu salesiano em 29 de outubro de 1908. No registro da matrícula de Valdocco é assinalado com a qualificação profissional de “provedor”.

Com o jovem Giuseppe Rossi o termo “coadjutor”, já em uso, como vimos, nas matrículas internas dos registros de Valdocco, passou a integrar a terminologia corrente do vocabulário salesiano. Com efeito, apenas três meses depois, na carta de 11 de junho de 1860, endereçada a Dom Fransoni, arcebispo exilado de Turim e na qual se pedia a apro-

31 — P. BRAIDO, *Religiosi nuovi ...*, o.c., p. 20-21.

32 — Cf. MB VI, 335.

33 — MB VI, 479.

vação do exemplar, anexo, das Regras, aparece o título de “coadjutor”³⁴ assinalado junto ao nome de G. Rossi e de Giuseppe Gaia, com o de “sacerdote* e “clérigo” dos outros elencados.

A estas primeiras duas adesões muito depressa se acrescentaram outras. Seus nomes e empreendimentos bastam por si só para caracterizar bem o intento de Dom Bosco e o significado da sua nascente instituição: o cav. Federico Oreglia di S. Stefano, “factotum administrativo”, e Faia, cozinheiro, emitiram por primeiro os votos de *14 de maio de 1862*, data dos primeiros religiosos oficiais da Sociedade Salesiana. O já citado Rossi, roupeiro, chefe-de-oficina e provedor geral, professará dois anos depois; Andrea Pelazza, admitido em 1863 e depois por quase quarenta anos legendário encarregado da tipografia e fábrica de papel salesiana, morreu salesiano em 23 de setembro de 1905; e depois Pietro Enria, também professo em 1878 e, desde adolescente, junto de Dom Bosco, de quem foi insubstituível enfermeiro; Giuseppe Buzzetti, professo em 1877, mão-direita e confidente de todas as primeiras realizações de vanguarda; Marcello Rossi, Giuseppe Dogliani, Domenico Palestrino, ligados de modo personalíssimo a três instituições fundamentais de Valdocco: portaria, música e sacristia do Santuário de Maria Auxiliadora; Gioia, Scavini, Belmonte e Molinari, que fizeram parte da primeira expedição missionária na Argentina. Já não existia setor ou empreendimento de monta no crescente desenvolvimento da Congregação que não contasse com a presença do Salesiano leigo junto ao Salesiano presbítero ou clérigo.

“Entre 1860 e 1870, os coadjutores salesianos viviam um pouco mimetizados entre os aprendizes, chefes de arte e subalternos na família do Oratório; assim como os padres e clérigos salesianos não tinham vida distinta da dos clérigos diocesanos hospedados em Valdocco.

Sob certos aspectos esta situação era o reflexo da circunspeção que caracterizava naqueles tempos, muitas das obras de Dom Bosco. Depois das primeiras experiências missionárias, ele dirá aos salesianos, o quanto fora arredo anteriormente em divulgar o apelativo, justamente, de “salesianos”. Se de uma parte podia temer nos seus colaboradores reações de repulsa, como as que teve Giovanni Cagliero quando pela primeira vez em 1854/55 se sentiu convidado a inscrever-se na congregação salesiana, de outra parte Dom Bosco temia vexações fiscais. Somente depois de 1871, após a lei das “Garantias”, em clima de garantida separação e respeito, assiste-se ao multiplicar-se de iniciativas de Dom Bosco em vista de uma inserção pública da Congregação Salesiana na sociedade italiana e no mundo”³⁵.

E, melhor ainda, será preciso esperar a primeira expedição missionária de 1875, para assistir a uma notável mudança: Dom Bosco, ao apresentar ao público externo a sua Pia Sociedade, substituiu a circuns-

34 — E. CERIA, *Annali ...*, o.c., I, 36.

35 — P. STELLA, *Cattolicesimo ...*, o.c., p. 414-415.

peção e a reserva pela notoriedade e a propaganda em grande estilo ³⁶. As cartas que chegavam da Argentina, nos *primeiros meses de 1876* criaram um forte clima de entusiasmo e confirmaram Dom Bosco a respeito da oportunidade da fórmula “padres, clérigos, coadjutores”, assimilados, sem graus e distinções, na comum identidade de “Salesianos”. O Vigário geral de Buenos Aires bem expressou o seu juízo sobre a situação, nova na história das Ordens religiosas, referindo-o ao grupo dos primeiros salesianos instalados em S. Nicolás: “Fagnano é infatigável. Tomatis intrépido, Cassinis constante, Allavena robusto, Molinari indefeso, Gioia invencível, Scavini imperturbável no trabalho científico, manual e religioso. O colégio caminha de modo perfeito. Os padres salesianos portam-se muito bem e são estimadíssimos na cidade, e seus nomes já ressoam em toda a América do Sul”. ³⁷

A realidade efetiva experimentada em Valdocco nos anos 1858-1888, o peso dos acontecimentos de natureza econômica (pense-se na providência dos jovens do campo ou das regiões em decadência, com a incipiente transformação industrial) e a progressiva consciência e solidez do projeto salesiano no mundo, fixam gradualmente os traços mais significativos da fisionomia do Salesiano coadjutor e do seu lugar na Congregação. Os dados estatísticos espelham esta situação: em 1879 os salesianos coadjutores, professores e noviços, eram 23; os padres eram 26.

b) *Proveniência e ocupações*

Parece também oportuno tomar consciência dos ambientes de onde provinham os Salesianos leigos e da variedade de ocupações que lhes eram confiadas.

As primeiríssimas vocações de Coadjutores vieram *de fora*. O caso do cav. Federico Oreglia di S. Stefano o demonstra. Contudo o viveiro natural e típico permaneceu em Valdocco e o mundo variado das oficinas de artesanato e de seus outros serviços. A análise sistemática dos dados pessoais da primeira geração de Salesianos coadjutores confirma o que afirmamos, salvas as situações características de alguns dentre eles, um iter bastante comum pode ser proposto: encontro ou conhecimento ocasional de Dom Bosco fora de Valdocco, transferência a Turim sem

36 — Isto provavelmente explica como nos documentos mais reservados a menção de coadjutor, como sócio leigo da Congregação, é claríssima (veja-se por exemplo, a primeiríssima redação das Constituições, certamente anterior a 1863). Enquanto não aparece ou entrará apenas tardiamente, pelos anos '70, sem muitas distinções da categoria dos familiares, na documentação às mãos de todos (vejam-se os *Regolamenti per i giovani e per i Superiori*, como também os *Ricordi confidenziali ai Direttori* e semelhantes).

37 — In *Annali*, o.c., I, p. 258. Vejam-se também as demais cartas chegadas a Turim após a chegada da primeira expedição missionária de 1875: ressalta logo a característica de assimilar as várias categorias de padres, clérigos e coadjutores numa única realidade de “filhos de Dom Bosco”.

qualquer intenção de aí se estabelecer, primeiros encargos em ritmo crescente nas mais diversas ocupações segundo as necessidades e as aptidões valorizadas pouco a pouco, vida em comunidade com caráter de permanência, pedido e profissão religiosa.

Nota-se uma *trajetória gradual de claro sinal educativo — religioso*, que transformava estes colaboradores adventícios, amigos ou admiradores (jamais subalternos!) de Dom Bosco, em verdadeiros e corresponsáveis de verdade com dedicação exclusiva de vários setores, do logístico ao administrativo. Nos inícios de 1870 já encontramos os nomes de Giuseppe Rossi e Andrea Pelazza como representantes legais de vários bens imóveis perante o Estado; Giuseppe Rossi será chamado ao CG4 como consultor dos Salesianos coadjutores e encarregado das escolas de artes e ofícios o chefe-de-alfaiataria Pietro Cenci, graças à sua publicação “Método de corte”, que lhe valeu o título de ‘cavaleiro da Coroa’, teve frequentemente a incumbência de representar legalmente o setor alfaiataria em várias exposições e concursos estatais; Giuseppe Gambino, após longo e brilhante período de gerência comercial das “Leituras Católicas”, da “Biblioteca da Juventude Italiana” e do “Boletim Salesiano”, tornou-se em 1891 “gerente responsável” de toda a Livraria editora salesiana.

Naturalmente, *nem todos estavam adidos para sempre a um setor especializado*. Alguns faziam um pouco de tudo, como Pietro Enria ou Pietro Nasi. Passavam tranquilamente da sala de música ao teatro, à cozinha, barbearia, em busca de serviço para as oficinas e à enfermaria a ponto de serem, como gostava de repetir-lhes Dom Bosco, “não só úteis mas necessários”. Outros cobriam até dois encargos, o de porteiro e o de cozinheiro, importantes, porque, juntos com o diretor, garantiam, dizia-se, o mesmo “bom andamento de uma casa salesiana”. Marcello Rossi, por exemplo, foi porteiro por quarenta e oito anos, enquanto Giuseppe Falco, Francisco Maascheroni e Giuseppe Ruffatto foram cozinheiros de renomada dedicação.

Tanta habilidade e solicitude no trabalho não bastariam porém para de per si, qualificarem a qualidade específica destes homens, semelhantes em fim de contas, na frugalidade e na tenacidade, a toda uma série de figuras piemontesas contemporâneas, pioneiros de empreendimentos que se tornaram grandiosos. A chave de compreensão das ocupações, humildes ou altamente profissionais, desenvolvidas pelos Salesianos coadjutores possui sua especificidade na corresponsabilidade apostólica e educativa, na ajuda direta ou indireta ao sacerdote pela salvação das almas. Se não se considerasse permanentemente estas perspectiva, arriscar-se-ia a esvaziar de alma e de finalidade, de tornar vazias afirmações basilares e convicções de Dom Bosco, que via no Coadjutor um apóstolo e um educador, antes “um verdadeiro operário evangélico”: “Esta é a idéia do coadjutor salesiano — explicará ele mesmo no discurso programático de 1883 — Tenho grande necessidade de muitos que me venham ajudar desta forma”.³⁸

38 — MB XVI, 313.

D. O pensamento de Dom Bosco, no último decênio de vida, fonte e termo de confronto

Como se acenou, nos primeiros anos de vida da Congregação já existia a realidade do Salesiano coadjutor, vitalmente inserido, com atribuições e encargos inéditos e certamente diversos das da figura paralela do tradicional 'converso'. São, contudo, poucas e não explícitas as referências dos textos formais de que dispomos. Recordamos alguns fatores que explicam tanta reserva por parte de Dom Bosco. Deve-se, além do mais, ter em conta o caráter ainda "intuitivo" da figura do Salesiano Coadjutor, como germe que contém em si desenvolvimentos posteriores, e da mais acentuada explicável preocupação pelas vocações sacerdotais.³⁹ Além disso, a indiscutível prudência de Dom Bosco⁴⁰ leva-o a precisar de algum tempo para se convencer da oportunidade de recrutar jovens aprendizes, elementos de uma categoria bastante distinta e diversa da dos estudantes, aos quais tradicionalmente era aberto o problema vocacional, embora não de forma exclusiva.

Doutra parte era um traço típico do nosso Pai a ponderação que se exprime, por exemplo, nas palavras pronunciadas após ter lido a carta do Reitor do Seminário de Montpellier, ansioso por conhecer os segredos do seu projeto pastoral: "Tenho ido sempre para a frente como o Senhor me inspirava e as circunstâncias exigiam"⁴¹. Certamente, em tudo isso, Dom Bosco não se deixou levar pela pressa. Por muito tempo evitou ou, de fato, não falou publicamente do assunto aos alunos do Oratório. Limitava-se, segundo uma estratégia já familiar, a propor a alguns jovens ajudá-lo e, tendo eles concordado, introduzia-os gradualmente no tirocínio de uma confiante colaboração e de uma dedicação plena até à profissão religiosa.

a) *O pensamento de Dom Bosco*

Somente em 1876 pelos motivos a que já acenamos, inicia-se um tempo que traz novidades no modo de apresentar e motivar a vocação do Salesiano Coadjutor.

39 — A nossa análise compartilha a do Pe. Braido, que tem o mérito de abrir o caminho para a reflexão sobre a documentação disponível sobre a figura do salesiano coadjutor; ele acena explicitamente aos fatores que explicariam a "relutância de Dom Bosco em anunciar teorias mais explícitas a respeito": Cf. P. BRAIDO, *Religiosi nuovi...*, o.c., p. 23.

40 — Numa conferência em Valdocco a 30 de outubro de 1876 para 228 professores, noviços e aspirantes, Dom Bosco forneceu diretamente este dado: "E posso garantir-vos em nome do Senhor que todos os que já fizeram profissão são absolutamente chamados, porque *antes de aceitá-los os quis conhecer bem* (o sublinhado é nosso) e se os aceitei é sinal certo de que os julguei aptos (sic) à grande empresa. Doutra lado o Superior é obrigado sob pena de culpa grave a não aceitar aqueles que não crê serem chamados" (MB XII, 560s).

41 — MB XVIII, 126s.

“Quando em 31 de março de 1876, Dom Bosco fez, pela primeira vez, a ‘revelação’ explícita aos seus aprendizes, a respeito da vocação do coadjutor salesiano, sobretudo dois fatos muito eloqüentes haviam preparado a sua necessária compreensão: 1) a realidade afetiva: ‘apesar da longa reserva observada por Dom Bosco em comentar publicamente sobre o Coadjutor, o Catálogo daquele ano (1876) já registrava 28 deles professores perpétuos, 22 trienais, 28 noviços, 25 aspirantes’ (E. Ceria, *Annali I*, 707); 2) a partida dos salesianos para a América do Sul, que trouxe ao Oratório fermento de entusiasmo também para os leigos colaboradores do Sacerdote na obra evangelizadora e civilizadora”⁴².

A preparação e a partida da primeira expedição para a Argentina puseram os pressupostos excelentes para esta mudança e representaram a melhor das ‘circunstâncias’ a que Dom Bosco acenara sobre a carta de Montpellier. De fato, as notícias recebidas dos missionários chegados ao destino, e de quantos os viam trabalhar, tiravam toda dificuldade, e davam oportunidade inigualável de fazer entender aos jovens, quem eram aqueles ‘coadjutores’, que haviam partido meses antes para a Argentina, e porque também eles podiam ser chamados ‘missionários salesianos’, tanto quanto os demais que, de batina, tinha deixado Valdocco para terras tão distantes.

Na noite de 19 de março de 1876, na conferência em que estavam também presentes os aprendizes maiores, por ocasião da festa em honra de S. José, celebradíssima por eles, Dom Bosco explicitava; “Notai bem que por operários entendem-se aqui não só, como alguém poderia crer, os Sacerdotes, Pregadores e Confessores... Operários são todos os que, de alguma forma, concorrem para a salvação das almas; como no campo não são operários apenas os que recolheram o trigo, mas todos os outros. Olhai que variedade de operários num campo... Assim também na Igreja há a necessidade de toda sorte de operários, certamente de todos os gêneros... Oh, se pudessemos ter tantos sacerdotes para serem enviados a todas as regiões da terra, a todas as cidades, grandes e pequenas, vilas, campos, e converter o mundo! Mas é impossível ter tantos sacerdotes; é, então preciso, que também existam outros. E, igualmente, como poderiam os sacerdotes estar disponíveis para o ministério, se não houvesse quem lhes cozinhasse o pão e os alimentos? se tivessem que fazer para si mesmos os sapatos e as roupas? O sacerdote precisa ser coadjuvado; e eu creio não estar errado, se afirmo que quantos estais aqui, padres e estudantes e aprendizes e coadjutores, podeis ser verdadeiros operários evangélicos e fazer o bem na vinha do Senhor (...). Alguém, agora, haverá de perguntar: — Mas, senhor Dom Bosco, o que o senhor quer dizer com isso? O que pretende dizer-nos? Por que motivo nos disse isso nesta noite? Oh, meus caros! O grito “Operarii autem pauci” não se fazia ouvir apenas naqueles tempos, mas se faz ouvir mais imperioso do que nunca a nós, nestes nossos tempos. Diante da Congregação salesiana a messe cresce tão

42 — P. BRAIDO, *Religiosi nuovi* ..., o.c., p. 24-25.

desmedidamente dia a dia que, diria, não se sabe mais por onde começar... Temos notícias angustiantes do Pe. Cagliero, da República Argentina... Certamente, eu desejaria ver-nos a todos lançados ao trabalho como tantos Apóstolos! Para isso é que se voltam todos os meus pensamentos: todas as minhas preocupações, todos os meus esforços”⁴³.

Embora caindo em terreno já predisposto para entender esta linguagem, as afirmações de Dom Bosco, as nuances e o não-dito, constituem a preparação imediata para o que se pode chamar “a primeira epifania” do que fora longamente experimentado e vivido na intimidade do núcleo religioso do Oratório. Apenas uns dez dias depois, a 31 do mesmo mês, de fato, Dom Bosco parece como que retomar o fio suas palavras para detalhar os pontos essenciais. O Pe. Ceria, narrando o fato, não esconde a surpresa: “Jamais no passado — escreve ele — o Beato Fundador falara tão claramente em público sobre este assunto. É provável que na conferência do dia de S. José, visasse abrir o caminho; o certo é que, de qualquer forma, a impressão produzida pelas suas palavras lhe tinha preparado o terreno, de modo excelente”⁴⁴. No típico gênero literário da “boa noite”, dirigida particularmente aos jovens aprendizes, internos em Valdocco, Dom Bosco falou explicitamente da vocação dos religiosos leigos e como esta devesse crescer na Congregação. “Creio que quase todos saibais o que seja a Congregação de S. Francisco de Sales. Ela não é feita tão somente para os padres ou para os estudantes, mas também para os aprendizes. É uma reunião de padres, clérigos, leigos, especialmente aprendizes, que desejam viver juntos, procurando realizar o bem entre si e também fazer o bem aos outros. Recordai-vos, pois, que não só podem tomar parte na Congregação os que desejam ser padres, mas também, uma considerável parte, aliás, de sócios, é composta de seculares”⁴⁵. “Dela podem fazer parte — esclarece Dom Bosco, pondo logo em evidência a finalidade última — quem quer que tenha vontade de salvar a própria alma”⁴⁶.

Esta opção passa através de duas características individualizadoras e específicas da obra salesiana: o apostolado, especialmente juvenil, como se pode bem entender de todo o contexto, e a absoluta paridade vivida num ambiente de convivência fraterna. O que Dom Bosco disse sobre isso, é voluntariamente peremptório e claro: “Notai também que entre os sócios da Congregação não existe qualquer distinção: são todos tratados da mesma forma, quer aprendizes, quer clérigos ou padres: nós nos consideramos todos irmãos e o alimento que eu como, têm-no também os demais, e a mesma comida, o mesmo vinho que serve para

43 — MB XII, 625s: tratou-se de uma conferência na Igreja de S. Francisco de Sales aos Salesianos de Valdocco, com a participação também dos noviços, aspirantes e jovens aprendizes interessados, das classes superiores. Um auditório de 205 pessoas (ibidem, 141).

44 — MB XII, 149.

45 — MB XII, 151.

46 — Ibidem.

Dom Bosco, para o Pe. Lazero, para o Pe. Chiala, vosso Diretor, se dá a quem faça parte da Congregação”⁴⁷.

Naturalmente não podia faltar uma significativa referência às circunstâncias de que falamos: “e igualmente se houvesse alguém que desejasse ir para a América, entrando na Congregação, teria a facilidade de ir para lá... Vistes que no ano passado estavam aqui vários dos vossos companheiros: agora são missionários e fazem muito bem. Enquanto estiveram aqui, não eram diferentes de vós em nada. Agora que estão lá, vivem mais do que contentes. Todos vós conheceis muito bem o Gioia, que era sapateiro: pois bem, nestes dias chegaram notícias de que se tornou um grande empreendedor: é cozinheiro, sapateiro, catequista. Conheceis também o Scanini, marceneiro, que aqui era um garotão, agora é chefe de oficina com cerca de vinte rapazes sob sua orientação, e sabemos que no pouco que lá está já fez muitíssimo. E Belmonte? Parecia que não tivesse nada de particular quanto aos dotes pessoais, quando estava entre nós, e agora sabemos tantas notícias belas a respeito do que faz: também como sacristão, músico, catequista, e podemos dizer que é o administrador da casa de Buenos Aires. E, se quiserdes, acrescentai também Molinari, embora cultive a música. Todos estes, no ano passado eram simples aprendizes entre vós, e agora estão lá, modelos estimados e honrados”⁴⁸

Excluídos os últimos dados, ligados às recentíssimas situações “americanas”, convém recordar que Dom Bosco nada acrescentava de novo e de diferente a quanto os noviços salesianos, e particularmente os Coadjuutores, já tinham aprendido a ouvir e a viver durante anos. Com efeito, num apontamento do Pe. Cesare Chiala, que resumia uma pequena fala do Santo feita aos noviços coadjutores, havia quatro anos, em 1872, os conceitos expressos antecipam substancialmente os que mencionamos acima: “Finalidade da Sociedade é a salvação da nossa alma e depois, também, a salvação dos outros, especialmente dos jovens... Em nenhum lugar, como numa Congregação, se verifica a verdade da Comunhão dos Santos, em que tudo aquilo que alguém faz serve também de proveito para o outro. De fato, quem prega, quem confessa, depois de um certo tempo, tem necessidade de comer e como faria se não existisse cozinheiro; o douto professor tem também necessidade de se vestir, calçar, e que faria se não houvesse alfaiate, sapateiro? Acontece como no corpo; a cabeça vale mais do que a perna, o olho mais do que o pé, mas tanto um como o outro são necessários ao corpo: basta que entre um espinho no pé para que tão logo os olhos, mãos e cabeça se ponham em movimento para cuidar do pobre pé. Aqui também torna-se conveniente a comparação da fábrica de relógios: todas as peças, feitas com qualidade e precisão, se combinam entre si e daí surge um relógio perfeitíssimo”⁴⁹.

47 — MB XII, 152.

48 — Ibidem.

49 — MB X, 1085s.

Identidade de visão, portanto, no essencial, mas também evidente desenvolvimento com gradual adaptação aos acontecimentos e às exigências concretas dos tempos. Embora, de tanto em tanto, o aceno explícito à dimensão educativa e apostólica pareça deixada à sombra. Confirma isso a “Circular para a busca de vocações de coadjutores”⁵⁰, que Dom Bosco mandou escrever e enviar aos párocos, em janeiro de 1880. Além da já adquirida possibilidade de falar livre e publicamente, mesmo fora do Oratório, da ‘Pia Sociedade Salesiana fundada por Dom Bosco Giovanni’, manifesta-se o desejo de mostrar a um círculo mais vasto não só a existência do componente laical da nova Congregação, mas sobretudo a sua necessidade: “A multiplicação das obras — comentava de fato Ceria, apresentando esta carta — induzia a necessidade de recrutar um número proporcionado de coadjutores”⁵¹. O que, ao invés, se acaba compreendendo e o papel confiado a esse componente, reduzido a simples colaboração material na condução dos institutos, sem que se acene a eventuais empenhos de natureza apostólica e educativa. São, de fato, pedidos jovens, “dispostos a se ocuparem de qualquer trabalho: por exemplo no campo, na horta, na cozinha, na padaria cuidar de refeitórios, fazer a limpeza da casa; e, se forem suficientemente instruídos, serão colocados nos escritórios, na qualidade de Secretários. E quando fossem peritos numa arte ou ofício que se exercem em nossos Institutos, poderiam continuar a própria arte nos respectivos Laboratórios. A idade deles deveria estar entre os 20 completos aos cerca de 35”.

A carta, diversamente de quanto afirma Ceria⁵², poderia prestar-se a interpretações redutivas, se não fosse corretamente colocada num determinado contexto, e avaliada na ótica de Dom Bosco. Ao seu ver, o Salesiano coadjutor podia e devia ser, como constatamos acima, um “operário evangélico” e, portanto, obviamente, a sua presença e o seu serviço aos jovens não podiam exaurir-se numa pura e simples função administrativa. Era de tal forma implícita a dimensão apostólica e educativa, que nem mesmo as autorizadas “Deliberações do Terceiro e Quarto Capítulo Geral da Pia Sociedade salesiana, realizados em Valalice em setembro de 1883-1886”⁵³, sentiram a necessidade de dedicar a isso mais espaço do que o necessário. Um inciso aparece na *IV deliberação do “Regulamento para os Oratórios Festivos”*⁵⁴ no decurso do CG 3 de 1883: “Todos os Sócios Salesianos, tanto eclesiásticos como leigos, sintam-se afortunados por contribuir com seu trabalho, persuadindo-se de que isto é um apostolado de sua importância”. Pareceria ser coisa de pouco valor se não se examinasse o conjunto da documentação de todo o Capítulo, que reserva bem dois “Temas” ao Salesiano

50 — MB XIV, 783s.

51 — MB XIV, 394.

52 — *Ibidem*; a carta deveria, segundo Ceria, dar a conhecer o ‘caráter’ dos Coadjuutores ‘não confundível com o dos tradicionais conversos’, enquanto o conteúdo é precisamente de oposto teor.

53 — Editorado pela Tipografia Salesiana, S. Benigno Canavese 1887.

54 — Trazido in MB XVIII, 702-704.

coadjutor: o IV (Cultura dos Irmãos Coadjutores) e o VI (Encaminhamento a ser dado à parte operária nas Casas Salesianas e meios para desenvolver a vocação dos jovens aprendizes), discutidos nas sessões de 6 de setembro, e das quais possuímos uma sintética transcrição verbal que convém apresentar.

“Manhã de 6 de setembro. As 9:15. O Pe. Rua abre a conferência com as orações de costume. O Relator Pe. Belmonte lê os estudos feitos sobre o tema IV, que diz respeito à cultura dos irmãos coadjutores. Entra Dom Bosco e se dá a leitura do tema V, que fala do encaminhamento (a ser dado à parte operária nas Casas Salesianas), etc., como tendo relação com a cultura (dos Irmãos Coadjutores), etc. Cria-se uma questão sobre se convém ou não deixar o nome de coadjutor aos sócios seculares ou mudá-lo para o de Irmão. Dom Bosco e muitos opinam que não se deva mudar, apenas se mostra a conveniência de que não se dê o nome de Coadjutor aos familiares. Em dependência desta questão acena-se ao Irmão Barale, sobre um pouco de negligência que se verifica entre os antigos e os chegados de novo. Dom Bosco com muita exatidão relê a este propósito: “Todos os sócios olhar-se-ão como irmãos, etc.” (cap. e, art. 1). Em seguida, o Pe. Bonetti propõe um cânon assim concebido: Todos os sócios, tanto sacerdotes como leigos, tratem-se... Dom Bosco observa que é conveniente conservar totalmente os nomes dados pela Congregação dos Bispos e Regulares “Fratres Coadjutores”.

6 de setembro à tarde questiona-se sobre se necessário abrir-se um Noviciado somente para os noviços aprendizes. Dom Bosco opina por melhorar a posição deles, separando-se dos demais Aprendizes. Quase todos opinam por fundá-lo separadamente. Fica suspensa a deliberação especial. Procurar-se-á depois fazer alguma coisa em S. Benigno”⁵⁵.

Como é possível notar, a preocupação da assembléia capitular não se volta tanto sobre a atividade apostólica do Salesiano coadjutor, quanto sobre um melhor conhecimento de sua identidade e sobre sua posição dentro da Congregação. Indícios disso é a questão do nome, a necessidade de uma bem clara distinção em relação aos familiares a oportunidade de um noviciado separado” do resto dos aprendizes’ (o que se fez’ de modo estranho ‘em referência aos clérigos!))⁵⁶.

Trata-se, em definitivo, de problemas que seriam incompreensíveis até 1874. Adquirem, porém, sentido e peso ao se ter presente os acontecimentos e as mudanças que acompanharam a fase de adaptação da Congregação após o longo itinerário da aprovação definitiva das Constituições por parte de Santa Sé. Apresentamos uma *seleção dos fatos mais significativos*.

Já em 1875, com a missão da Argentina, teve-se a primeira expansão extra-européia, com notável ressonância externa e interna do modo

55 — Transcrição do Pe. G. Marengo, secretário do CG 3, conservada no Archivio Centrale Salesiano; veja-se também o que foi reproduzido in MB XVI, 411s.

56 — Cf. in Annali, o.c., I, 470 e in MB XVI, 413s.

formativo na origem da Congregação, Tomou sempre mais consistência e densidade de vida o primeiro embrião de Família Salesiana, com o ramo feminino das Filhas de Maria Auxiliadora e com o ramo laical, a associação dos Cooperadores. A partir de 1877, toda a vida salesiana é como que medida e determinada de três em três anos, pelas orientações e deliberações dos Capítulo gerais presididos, somente até 1886, pelo mesmo Dom Bosco.

Durante esse tempo, o grande crescimento da Congregação e o aparecimento da clausura canônica para as Filhas de Maria Auxiliadora, exigiram um aumento do emprego de pessoal masculino pago ou de Salesianos coadjutores. Foram eles encarregados de desenvolver atividades e serviços domésticos antes inexistentes ou cobertos pelo voluntariado feminino, como acontecera, nas pegadas de Mãe Margarida e da mãe do Pe. Rua, por várias mães residentes em Valdocco, até 1872.

Após a controvérsia com Dom Gastaldi, acrescentou-se mais um problema aos já não poucos existentes, o da formação dos candidatos ao sacerdócio. Verificou-se por isso uma mudança na fisionomia originária do Oratório. Foi necessário estruturar a vida de modo a enfrentar os rigores das visitas canônicas preocupadas com o correto espírito eclesiástico dos jovens levitas. Foi também preciso estabelecer um noviciado só para eles e confiá-lo ao mestre Pe. Giulio Barberis.

Esta série de fatos: crescimento da Congregação, aumento dos familiares, singular separação do ramo eclesiástico no noviciado, não podia deixar de repercutir na figura e valor do Salesiano Coadjutor. O processo de diversificação em relação aos clérigos e aos padres e a sua marcada utilização no âmbito dos serviços reservados aos familiares, aos quais se dava então normalmente, também, o nome de “coadjutor”, podia facilmente deteriorar-se num mecanismo que parecia degradar a identidade do irmão leigo.

Os elementos da incômoda diversificação, com efeito, em parte e em algumas comunidades, apareceram demais e tomaram força queixa de que, embora salesiano em paridade com os demais, se sentia tratado como ‘familiar’, senão até mesmo como empregado. Queixa insinuante que, apesar do passar dos anos e a maior consciência adquirida, aparecerá muitas vezes na documentação salesiana ⁵⁷.

57 — Bem conhecida a circular escrita pelo Pe. Rua aos Inspectores e Diretores sobre este argumento em 1.º de novembro de 1906: “Ainda uma palavra para os nossos Irmãos Coadjutores (...) Queria que também vós todos lhes demonstrásseis um afeto verdadeiramente fraterno e que o manifestásseis tratando-os com toda bondade, escutando-os quando vos revelam suas penas, mostrando-vos preocupados pela sua saúde e provendo às suas necessidades. Convém que com fatos e não só com palavras demonstremos que os consideraremos como verdadeiros irmãos. Cravou-me no fundo do coração como uma flecha, a queixa ouvida certa vez dos coadjutores, que eles não são considerados como irmãos, mas como empregados. Evitai, pois, qualquer coisa que possa dar-lhes pretexto de pensar assim”.

Certo mal-estar difundido ocorre em várias ocasiões nos lábios de vários coadjutores, formados diretamente em contato vivo com Dom Bosco, os quais haviam absorvido (como diz A. Pelazza) o seu “mel”, ou seja, o traço delicado, afetuoso, compreensivo. Compreendem-se melhor muitas reações, quando se tem presente a tipologia sumamente variada dos Salesianos leigos: ia-se de semi-analfabetos, embora ricos de bom senso, a pessoas com uma certa profissionalização. A formação específica era quase nula. Pelo que, quando diminuía a caridade, apresentavam-se os problemas. Além disso, havia séculos o padre era considerado uma espécie de super cristão e autoridade intocável pelos bons cristãos. Esta cultura — que doutra forma estava em rápido declínio no fim do século, pelas causas que conhecemos — tornava mais odioso o comportamento de determinados padres salesianos que tratavam os Coadjutores como pessoas de serviço. Basta ler algumas propostas apresentadas ao CG3 (1883) por Coadjutores, para convencer-se de que o ‘clericalismo’ era uma realidade. De aqui as acaloradas palavras de Dom Bosco em defesa dos Coadjutores. Doutra parte é mais que tudo *problema de pessoas*. Onde a caridade era (e é) vivida em profundidade, as comunidades viviam (e vivem) em harmônica serenidade.

Os documentos conservados, embora em sua concisão e sobriedade, pareçam contudo tomar força e cor sobretudo quando trazem a pronta a inequívoca reação de Dom Bosco. Ele, todas as vezes que teve a vaga impressão deste risco, foi pronto em combater toda alteração e todo eventual desprezo da identidade do Salesiano coadjutor na sua Congregação.

Trata-se de tomadas de posição e intervenções que se fazem sempre mais decisivas e lúcidas durante e após o CG3, nos últimos cinco anos de sua vida, e particularmente por ocasião de sua primeira visita ao neo-noviciado para Coadjutores e do último Capítulo geral antes de sua morte.

Um acontecimento de monta histórica foi a *instituição do noviciado para noviços coadjutores em S. Benigno Canavese no outono de 1883*, Vinha-se desta forma favorecia-se assim o processo de diversificação do Salesiano coadjutor. A fala de Dom Bosco a 22 noviços coadjutores em 19 de outubro de 1883 em S. Benigno, tanto pelo contexto que envolve como pelo conteúdo expresso, pode ser definido o marco no percurso de esclarecimento da figura ideal do Salesiano coadjutor, “uma idéia do coadjutor” que, antes disso, Dom Bosco mesmo declara jamais ter tido “tempo e comodidade para expor claramente”⁵⁸. Mais de um estudioso entreviu acertadamente nesta breve e familiar intervenção de S. Benigno, “o pensamento definitivo”⁵⁹, o exato conceito de

58 — MB XVI, 312.

59 — Wirth, referindo-se à intervenção de Dom Bosco no CG de 1886 e a esta pequena fala de 19/10/1883, afirma textualmente: “Aí pelo que parece, é preciso encontrar o pensamento definitivo de Dom Bosco”: Dom Bosco e i Salesiani, LDC e., Turim 1969, p. 111.

coadjutor salesiano”⁶⁰, a fala, talvez, mais importante” dirigida por Dom Bosco aos Salesianos leigos⁶¹.

Torna-se, pois, útil e oportuno dar em seguida toda a transcrição transmitida pelo Pe. Giulio Barberis, antes de esclarecer os pontos mais significativos: “O Evangelho desta manhã — exortou Dom Bosco — dizia: não temais, pequeno rebanho. Vós também sois o “pusillus grex”, mas não temais, “nolite timere” pois crescereis. Estou muito contente de que se tenha iniciado um ano de prova para os aprendizes com regularidade. Esta é a primeira vez que venho a S. Benigno, desde que estais aqui e, embora tenha vindo para a vestidura clerical, e não fique senão um só dia, não quis deixar-vos sem dizer-vos duas palavras em particular. Expor-vos-ei dois pensamentos. O primeiro é manifestar vos qual seja a minha idéia sobre o coadjutor salesiano. Jamais tive tempo e comodidade para expô-la com clareza. Estais agora reunidos aqui para aprender o ofício e exercitar-vos na religião e na piedade. Por quê? Porque eu tenho necessidade de ajudantes. Existem coisas que os padres e clérigos não podem fazer, e vós as fareis. Eu preciso tomar alguém dentre vós e mandá-lo para a tipografia e dizer-vos: — Tu cuida dela e fá-la progredir. Enviar outro de vós para uma livraria e dizer-lhe: — Tu dirige-a de modo que tudo saia bem. Enviar outro para uma casa e dizer-lhe: — Terás o cuidado para que aquela oficina ou as oficinas andem com ordem e não falte nada; providenciarás para que os trabalhos saiam como devem sair. Eu tenho necessidade de ter em casa alguém a quem se possam confiar as coisas de maior confiança, o manejo do dinheiro. O contencioso; quem represente a casa externamente, que tudo seja providenciado a tempo, que nada se desperdice, que ninguém saia, etc. Preciso de pessoas às quais poder confiar estas incumbências. E vós deveis ser estas pessoas. Numa palavra, vós não deveis ser quem trabalha diretamente ou se canse, mas sim quem dirige. Deveis ser como patrões sobre outros operários, não como empregados. Tudo, porém, com regra e nos limites necessários; tudo, porém, deveis fazer dirigindo, como patrões vós mesmos dos negócios das oficinas. Esta é a idéia do coadjutor salesiano. Eu tenho muita necessidade de ter muitos que me venham ajudar desta maneira! Por isso estou contente de que tenhais roupas adequadas e limpas; que tenhais camas e celas convenientes, porque não deveis ser empregados, mas patrões; não súditos, mas superiores. Exponho-vos, agora, o segundo pensamento. Devendo desta forma ajudar em grandes e delicadas obras, tendes de adquirir muitas virtudes e devendo mandar a outrem, deveis, antes de tudo, dar bom exemplo. É preciso que onde estiver um de vós, se esteja certo que haverá ordem, moralidade, andamento. Mas se “sal infatuatum fuerit...”. Concluamos, pois, como começamos: Nolite timere, pusillux grex. Não temais, que o número crescerá; mas especialmente é preciso que se cresça em bondade e energia. Sereis então como

60 — É o título dado pelo Pe. Braidó ao texto de S. Benigno, reproduzido em apêndice na seção ‘Documenti’ do seu estudo *Religiosi nuovi* ..., o.c., p. 62.

61 — É quanto afirma o Pe. P. STELLA, *Cattolicesimo* ..., o.c., p. 442.

leões invencíveis e podereis fazer muito bem. E depois, “complacuit vobis dare regnum”. Reino e não servidão, mas especialmente tereis o reino eterno”⁶².

Estas palavras na boca de Dom Bosco e no contexto do ambiente que o envolvia não espantam nem trazem grandes novidades. São marcadas pela insistência e pela firmeza de algumas idéias-mãe, primeira entre todas a do coadjutor que responda adequadamente às necessidades tipicamente ‘profanas’, sobretudo para os que certa teologia do sacerdócio daqueles tempos não via com bons olhos nem nas casas paroquiais, nem ainda menos nos seminários, quem faça o que o anticlericalismo da época não permitia ao padre nas áreas populares. Esta tarefa, porém, justamente porque diversa da dos clérigos e sacerdotes e, portanto, sujeita a possíveis discriminações⁶³, devia ser exercida com plenitude de direitos e de autoridade.

O tríplice uso da qualificação “patrões” quer insistir na plena paridade e na plena participação dos Salesianos coadjutores das vantagens espirituais e temporais da Congregação. A ênfase proposital dada por Dom Bosco visava, como dirá em seguida a testemunha redatorial do documento que examinamos, “elevanto o ânimo complexado dos irmãos coadjutores”⁶⁴.

A segunda idéia bem sublinhada na conclusão da fala de San Benigno repropõe uma realidade que é tida por certa no projeto salesiano, mas na qual era conveniente insistir, sob pena de exagerar o conceito de “patrão”. Dom Bosco preocupa-se em recordar que tudo tem um sentido em função educativa e apostólica. Fora contexto, os termos utilizados não correspondem mais ao significado desejado. Com efeito, menos de quarenta anos mais tarde, durante do CG12 (1922), alguém manifestará perplexidade sobre a exposição da conferência de S. Benigno “por ter notado nele expressões que poderiam ser mal interpretadas” e colocará em dúvida sua autenticidade⁶⁵. Os

62 — MB XVI, 312s.

63 — Trata-se de notar como Dom Bosco mesmo devia sabiamente sair-se bem entre estas tensões contrapostas; de um lado não queria opor-se a precisas orientações providas da corrente concepção teológica, das leis canônicas, dos Sínodos e autoridades locais, que queriam respeitado e salvaguardado o decoro e o espírito eclesiástico (isto ele havia decidido ao separar os noviciados, ou seja, admitir uma certa discriminação!); doutro lado não desejava inserir no alvéolo de sua família religiosa uma incoercível raiz de estratificação de categorias, porque se tornava contrária à concepção que tinha dos leigos e era de fato, profundamente estranha à sua experiência.

64 — Segundo o parecer do Pe. Stella, esta condição de incômodo provinha não tanto do setor eclesiástico, mas sim da categoria dos mesmos coadjutores: “os culturalmente mais preparados e mais conscientes do próprio valor profissional. Estes talvez (tipógrafos, livreiros, alfaiates...) foram aqueles aos quais Dom Bosco quis diretamente replicar” (Cattolicesimo..., o.c., p. 425).

65 — O ‘caso’ foi criado no decurso da décima reunião capitular de 28/04/ , logo que o relator P. Pedemonte, encarregado de falar sobre o tema 5.º sobre os Coadjutores, fez servindo-se do resumo manuscrito da conferência de Dom Bosco em S. Benigno, de que nos estamos ocupando, encontrado

testemunhos que foram dados de imediato e o tipo de reflexão que daí surgiu fizeram chegar à conclusão oposta e colocaram em evidência como dirá depois o Pe. Ceria a este respeito (“Dom Bosco deve ser aqui explicado com Dom Bosco”)⁶⁶ a importância de não tomar isoladamente palavras e expressões utilizadas pelo Santo⁶⁷.

Apenas três anos depois da visita a S. Benigno, em ambiente de ressonância bem mais ampla e autorizada, Dom Bosco teve oportunidade, durante o CG4, celebrado em *Valsalice em setembro de 1886*, de retomar e acentuar os dados que punham em relevo a identidade e função do salesiano leigo. O documento, intitulado justamente “Sobre os Coadjuutores”, devia constituir a resposta ao segundo tema “Encaminhamento a ser dado à parte operária nas casas salesianas e meios de desenvolver a vocação dos jovens aprendizes.” Os termos usados e o gênero literário, com que o documento foi de fato redigido e aprovado pelo Capítulo, ressentem muito da linguagem teológica corrente e acentuam a perspectiva clerical. Particularmente, espelham bem a situação histórica da Congregação, toda preocupada por um crescente aparato institucional, e chamada a empenhos pastorais cada vez mais vastos.

Os trabalhos deste último CG presidido por Dom Bosco parecem-nos mais nítidos e compreensíveis se lidos sobre o amplo panorama de fundo dos acontecimentos salesianos dos anos 1880-1886.

b) *Acontecimentos salesianos (1880-1886)*

Os decretos contra as Congregações religiosas de 29 de março de 1880 na França⁶⁸ levaram certamente os diretores das três casas francesas então existentes, o próprio Dom Bosco⁶⁹ e todo a direção da Con-

no arquivo da mesma casa. Na décima-primeira sessão, de 29 de abril, o capitular Pe. Costa avançou dúvidas e dificuldades sobre o que se falou, provocando uma discussão viva a respeito da historicidade e autenticidade do documento ‘incriminado’: intervieram como testemunhas da veracidade do escrito o Pe. Nay, prefeito em S. Benigno em 1883, o Pe. Giulio Barberis, redator, e o Pe. Fascie. O mesmo Reitor-Mór “confirma quanto disse o Pe. Nay, e acrescenta que no 3.º Capítulo Geral, tendo sido propostos que ‘é preciso manter os coadjutores por baixo, formar deles uma categoria distinta, etc.’, Dom Bosco se opôs visivelmente comovido, exclamando ‘não, não; os irmãos coadjutores são como todos os demais’: in Arquivo Central Salesiano, *Verballi del XII Capitolo Generale* (1922), As 4.

66 — Annali, o.c., I, 704.

67 — É conclusão que resulta verbalizada na décima-segunda assembléia capitular (1.º de maio de 1922): “às 9 horas abre-se a sessão com as orações de rito. Lida a ata observa-se que seria melhor dizer que as várias expressões usadas por D. Bosco na conferência de S. Benigno em 1883, não devem ser tomadas isoladamente, mas interpretadas no sentido de outras conferências de D. Bosco em outras circunstâncias determinadas”. AS 4.

68 — Veja-se todo o cap. XXXII dos Annali, o.c., I, 362-369.

69 — São interessantes as orientações escritas por Dom Bosco ao diretor Pe. Ronchail, entre as quais a última relativa ao setor de que nos estamos interessando: “Tenha-se firme — aconselhava Dom Bosco — que nós exis-

gregação a uma estratégia atenta e preventiva. A onda anticlerical e além-Alpes confirmava vivamente a vantagem e oportunidade de poder dispor sempre mais de Salesianos leigos. Eles estariam em posição de poder “fazer de forma mais intensa e mais livre o bem” que não poderiam os clérigos e os padres embatinados.

Entretanto os mais estreitos contatos com a Santa Sé, devidos à intensa correspondência por ocasião das primeiras “Relações Trienais”, e sobretudo pelo projeto, que retornou depois realidade providencial, da primeira presença salesiana na mesma cidade de Roma, influenciaram certamente para dar à Congregação uma fisionomia e alívio sempre mais inserido no amplo quadro das “obras católicas”, do que se tratou justamente no CG de 1886.

A expansão dos Salesianos, unida à das Filhas de Maria Auxiliadora sob a guia da Madre Caterina Daghero, após a morte recente de S. Maria Domingos Mazzarello (1881) interessava não só o território italiano e suas várias regiões, mas também a Europa com as primeiras fundações na Espanha, e na América Latina com seu progresso na Argentina e com o início das obras no Uruguai e Brasil.

Assumia, pois, relevo especial, justamente no alvorecer dos anos oitenta, a primeira inserção dos Salesianos entre os “índios”⁷⁰, empreendimento que o romantismo religioso do final do oitocentos sustentará com o todo o fascínio que despertava. Parece ao arcebispo de Buenos Aires, Dom Aneyros, que se beneficiou do auxílio dos salesianos em favor dos emigrados italianos de sua diocese, que “chegou a hora” de “oferecer (a Dom Bosco) a toda a Patagônia, empreendimento que lhe estava tanto ao coração”⁷¹. A resposta de Turim foi propositalmente coerente com o empenho manifestado na conhecida frase profetizada pelo Santo por ocasião da primeira expedição missionária: “Estamos dando início a uma grande obra”⁷².

timos para a agricultura e para as artes e ofícios... para formar vigilantes, mestres de escola e especialmente tipógrafos, calcógrafos e fundidores de tipos”. *Epistolario IV*, Dom Bosco ao Pe. Ronchail, Roma, 23 de março de 1880.

70 — Ceria, de fato, escrevia que “As Missões Salesianas da América, entendidas no sentido estrito da palavra, tiveram um primeiro início em 1879; visto que pertence a esse ano o primeiro contato dos Missionários Salesianos com os Índios dos Pampas e da Patagônia, terras imensas e em máxima parte ainda inexploradas”; *Annali*, o.c., I, 378.

71 — “Esconjuro-vos — escrevia, com expressões caras aos modos prelatícios do tempo, o próprio Dom Aneyros, em 5 de agosto daquele ano — pelas vísceras misericordiosas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se apresse a vir em meu auxílio para socorrer tantas pobres almas abandonadas.”

72 — Com efeito, no giro de quatro anos o trabalho realizado na Patagônia foi notável: na relação oficial enviada à Santa Sé — embora tomando com a devida cautela a generosidade das cifras — fala-se de bem 5000 batismos de índios em 1883 e de um total de 5328 batismos de 1879 a 1883, de dois colégios em Patagones com 69 rapazes um e 93 meninas o outro; de vastas explorações da amplidão de 1137 km.

O sonho missionário de San Benigno de 1883⁷³ não fizera outra coisa senão estimular o entusiasmo e adesão às iniciativas pelo “novo mundo”.

É do mesmo ano a vinda para Turim do card. Alimonda. No ano seguinte realizou-se finalmente a esperada concessão dos privilégios, enquanto em 1885 Leão XIII dá a Dom Bosco um Vigário com direito de sucessão. Foi escolhido o Pe. Miguel Rua, de 48 anos completos, dos quais bem 40 passados ao lado do Fundador. A nomeação foi comunicada com uma circular encimada pela primeira vez com o brasão oficial da congregação⁷⁴.

C. O documento de 1886 (CG4)

É no contexto apenas traçado de acontecimentos de vida salesiana, que deve ser inserido por sua vez no contexto mais amplo da vida da Igreja e da sociedade do tempo, que se há de ler e analisar o documento “A respeito dos Coadjuutores” do CG4 (1886). Na visão que não mudou de modo substancial a identidade do salesiano leigo, os capitulares de Valsalice, usando uma linguagem ao mesmo tempo teológico-ascética, jurídica e administrativa, parecem sublinhar a preocupação que tinham de insistir nas “tarefas” específicas do irmão coadjutor entre as cada vez mais vastas, de apostolado e de estruturas salesiana: “coadjuvar os Sacerdotes nas obras de caridade cristã próprias da Congregação... pela direção e administração dos vários empreendimentos de nossa Pia Sociedade, tornando-se mestres de arte nas oficinas, ou catequistas nos oratórios festivos, e especialmente em nossas missões estrangeiras”.

O rol das atribuições, embora referindo-se à primeira e conhecida idéia de Dom Bosco, que reconhecia no religioso leigo grande margem de responsabilidade e autoridade, é logo relacionado com a índole e natureza clerical da Congregação, uma exigência sobre a qual a S. Congregação dos Bispos e Regulares não havia poupado exigências de garantia antes e depois da aprovação das Regras.

O noviciado apenas para Coadjuutores, instituído quer pela proximidade com uma oficina quer para reservar aos clérigos uma específica formação quanto ao espírito eclesiástico, num atormentado clima de reivindicação social e de elevação da classe operária, como era o do final do Oitocentos, podia representar um risco concreto: nutrir nos

73 — “Era a festa que antecedia a festa de S. Rosa de Lima (30 de agosto) e eu tive um sonho...” assim Dom Bosco narrou o acontecido a 4 de setembro daquele ano aos membros do 3.º Capítulo Geral. Ver em *Annali*, o.c., I, 423-434. O sonho adquiriu uma ressonância toda especial com a fundação de Brasília.

74 — Utilizou-se o desenho do brasão que havia sido feito pelo prof. Boidi para a igreja do S. Coração de Roma. A circular impressa com a data “Todos os Santos de 1885”, foi depois utilizada por Dom Bosco, que a releu, retocou-a e a fez reimprimir com a data de 8 de dezembro, festa da Imaculada: cf. *Annali*, o.c., I, 530s.

irmãos coadjutores uma mentalidade reivindicatória ou o sentido de uma posição subalterna em relação aos padres que podiam, somente eles, chegar por norma constitucional, a cargos de “superiores”⁷⁵.

O documento capitular reserva então todo o espaço requerido pelo problema, servindo-se de uma linguagem enfática (repare se o uso das maiúsculas) proporcionada à importância do conteúdo.

“1. (Os Coadjutores) mostrarão em todo tempo e circunstâncias respeito aos Superiores e aos Sacerdotes, vendo neles Pais e Irmãos, aos quais devem viver unidos pelo vínculo de caridade fraterna para formar um só coração e uma só alma. (Reg. Cap. II, 2).

2. Haverão de desempenhar com diligência a tarefa que lhes será entregue qualquer que seja ela, recordando-se de que não é a importância da obra que a torna agradável a Deus, mas sim o espírito de sacrifício e de amor com que se desempenha.

3. Não assumirão nem trabalhos, nem incumbências extras, sem expresso consentimento dos Superiores.

4. Em qualquer lugar e circunstâncias, em casa e fora, nas palavras e nas ações, mostrem sempre que são bons religiosos; visto que não é o hábito que faz o religioso, mas a prática das virtudes religiosas; e, junto de Deus e dos homens, é mais estimado um religioso vestido como leigo, mas exemplar e fervoroso, que não outro revestido de hábito especial, mas tíbio e inobservante.”⁷⁶

12.2 O desenvolvimento da idéia nas pegadas das origens: do Pe. Rua ao Vaticano II

A. Reitorado do Pe. Miguel Rua (1888-1910)

a) *Das oficinas às escolas profissionais*

As orientações do CG4 apresentam uma linha de conduta que resume as várias experiências revistas e corrigidas pouco a pouco por Dom Bosco. O nosso santo não pretendia na educação dos ‘aprendizes’ — como faz observar o Pe. Ceria — ficar só nas oficinas, mas estas “eram no seu ideal verdadeiras escolas profissionais; esta foi a obra de um tempo cuja aurora ele apenas pode ver”⁷⁷.

75 — Da leitura, contudo, do ELENCO dos Salesianos deduz-se que na realidade o único Noviciado apenas para noviços coadjutores foi o de S. Benigno. Ele, além do mais, cessou praticamente de ser tal durante a 1.ª guerra mundial. Em 1919 tinha apenas 3 noviços coad. militares e em 1920 cessou suas atividades como noviciado. Existiram nesse tempo outros noviciados com preponderância de noviços coadjutores, mas com alguns noviços clérigos entre eles.

76 — Deliberações do terceiro e quatro Capítulo Geral da Pia Sociedade Salesiana realizados em Valsalice em setembro de 1883-86, S. Benigno Canavese 1887, p. 16-17.

77 — E. CERIA, *Annali*, o.c., I, p. 653.

Durante o reitorado do Pe. Rua (1888-1910), é que começa a se realizar esta transformação. As novas exigências neste campo, repercutiram nos Capítulos Gerais, particularmente o 7.º (1895), 8.º (1898) e 10.º (1904).

A partir de 1898 as escolas profissionais salesianas passam a depender do Pe. Giuseppe Bertello (1848-1910), que pode ser considerado o seu grande organizador, não só pelo impulso que deu à sua difusão, mas sobretudo porque procurou codificar a sua organização técnica, cultural e educativa.

Estas modificações acabaram sendo, entre irmãos coadjutores, fonte de mudanças de relevo: as novas levas, de ordinário, não provinham mais nem na maior parte, dos colaboradores jovens e não jovens ou de famílias já inseridas por vários títulos na atividade salesiana, mas sempre mais do setor “escolar” artesanal ou profissional.

b) *Alguns dados estatísticos*

Quanto ao número dos irmãos coadjutores, percebem-se dois fenômenos de tipo diverso: um nos anos 1880-1900 e o outro nos vinte anos seguintes. No período de 1880-1900 tem-se um incremento numérico notável: de 182 passa-se ao bom número de 1001 professores coadjutores. Ao contrário, no período 1900-1920 o aumento é muito mais reduzido de 1061 passa-se a 1350. O percentual dos Coadjutores sobre o total dos Salesianos, enquanto era de 30% em 1900, fica em 26,4% em 1920. Há também um nítido aumento do nível cultural médio (desaparecem totalmente os analfabetos), um progressivo encaminhamento a títulos profissionais e uma notável mudança de papéis de pura mão-de-obra ⁷⁸.

c) *Os documentos*

Os documentos voltam, de tanto em tanto, a se ocupar da figura e das tarefas do Irmão coadjutor, insistindo nas orientações básicas dadas pelo Fundador e pelos Capítulos Gerais. Partem da necessidade de uma intensa obra de recrutamento vocacional e insistem em sua particular posição de corresponsabilidade educativa, em seu insubstituível papel apostólico e missionário.

A *circular* que o Pe. Rua escreve em 31 de janeiro de 1897, pelo 9.º aniversário da morte de Dom Bosco, toca precisamente nestes argumentos: “Pelo caráter pois, que é próprio da nossa Pia Sociedade, não somente é reservada abundantíssima messe para os eclesiásticos, mas os nossos caríssimos irmãos coadjutores são também eles chamados a exercer um verdadeiro apostolado em favor da juventude em todas as nossas Casas, e especialmente em nossas escolas profissionais;

78 — Cf. P. STELLA, *Cattolicesimo...*, o.c., p. 420.

por isso é necessário que se cultivem as vocações religiosas também entre os nossos jovens aprendizes e coadjutores. É especialmente por causa destas escolas profissionais que a Sociedade Salesiana é tão desejada na América, África, Ásia, em várias nações da Europa. Foi justamente também para preparar entre os nossos operários coadjutores Salesianos exemplares que o IV Capítulo Geral traçou muitas regras marcadas pelo zelo, caridade e prudência em vista do encaminhamento moral, intelectual e profissional dos nossos alunos. . . Finalmente, insistindo em que se cultivem as vocações, eu não proponho nada de novo, nada peço de extraordinário ; peço-vos somente que imitem os exemplos de Dom Bosco e observem as leis que nós mesmos, no desejo de maior bem, nos impusemos em nossos Capítulos Gerais.”⁷⁹

O Pe. Rua confirma a notável mudança que se verificou no setor vocacional, quando enumera os detalhes concretos da estratégia que se devia usar: “É de absoluta necessidade observar quais os jovens aprendizes que demonstram sinal de vocação cultivá-los como aspirantes, fazê-los participar dos exercícios espirituais durante as férias, receber (...) os pedidos dos que desejam ser noviços quando chegarem à idade de 16 ou 17 anos”⁸⁰.

No ano seguinte, na *carta circular de 24 de junho de 1898*, o Pe. Rua ainda insiste: “Não só vos exorto a cultivar jovens que dão boas esperanças para o clero, mas ainda os que poderão tornar-se bons coadjutores e chefes de oficina.

Sabeis que de todas as partes e especialmente dos lugares de missão nos chegam insistências de fato extraordinárias para a implantação de laboratórios, casas de artes e ofícios, visto que uma das maiores necessidades da sociedade moderna é a educação cristã do operário”⁸¹.

Muitos jovens dos nossos colégios pertenciam justamente a famílias marcadas pela crise econômica. A figura do Salesiano coadjutor que deles se ocupava e que, como técnico e mestre de oficina, unia à estabilidade e certeza de uma sistematização social também o testemunho pleno da resposta cristã aos problemas sociais do tempo, constituía forte estímulo de orientação para os mais sensíveis ao tema vocacional, por vezes aliás sem outras possibilidades profissionais.

De fato, admira a abertura de bem 6 novos noviciados, fundados justamente nestes anos: Lorena do Brasil (1890), Bernal na Argentina (1895), Santiago — Macul no Chile (1895), Genzano de Roma (1896), Arequipa no Peru (1897) e Burwash, perto de Londres (1897)⁸²

Na aurora do novo século dava aos salesianos uma grande esperança de trabalho na própria missão, pois o pessoal crescia em número e qualidade. É dos *primeiros dias do ano de 1900* uma carta do Pe. Rua,

79 — In M. RUA, *Lettere circolari*, Turim 1910; as citações são tomadas da edição de 1965, p. 187-189: carta datada de Turim, 31 de janeiro de 1910.

80 — *Ibidem*.

81 — M. RUA, *Lettere circolari*, o.c., 207; dat. de Turim, 24/06/1898.

82 — Cf. *Lettere circolari*, n.º 18, 20/01/1898.

que dá notícias e comunicações que nos permitem um conhecimento mais atualizado da situação: “Devo dirigir uma palavra de merecido louvor aos Diretores e Prefeitos de nossas casas, que com o seu zelo industrioso souberam encontrar e cultivar a semente da vocação Salesiana entre nossos familiares de modo que pudesse germinar. Ótima coisa esta, porque, além da grande vantagem que dá às suas almas, fazendo-os religiosos, aumenta-se o número dos Irmãos Coadjuutores, dos quais a nossa Pia Sociedade sente tamanha necessidade. E a propósito tenho também o prazer de vos dizer que o desejo, expresso em outras minhas (cartas), de ver multiplicar-se as casas de noviciado para coadjutores e aprendizes não foi voz lançada ao vento, uma vez que, alegre, vos posso anunciar, essas casas já são em número de sete e produzem frutos consoladores. É de se desejar que o número delas aumente e que, quanto possível, todas as inspetorias tenham pelo menos uma”⁸³.

O crescimento e expansão contínua da obra salesiana parece estimular o desejo de suprir, com estes autorizados apelos, certa (apenas perceptível) *queda de interesse pela novidade* do irmão coadjutor. Uma vista d’olhos, embora rápida, à rica e viva produção impressa e à propaganda Salesiana da época, aos temas escolhidos e debatidos nos conhecidos congressos de Cooperadores (de Bolonha em 1895 e de Buenos Aires cinco anos depois), é suficiente para salientar como cai a atenção pelo componente laical da Congregação. O próprio mecanismo de preparação e de ressonância das primeiras fases do processo de canonização de Dom Bosco servia para difundir cada vez mais no mundo a imagem do salesiano de batina como prolongamento natural e lógico do “padre santo dos garotos de Turim”. O Salesiano em hábitos civis passava para segundo lugar.

Na realidade, o perigo era mais para a imagem externa das obras salesianas. No interior das comunidades “o processo de convivência entre padres, clérigos e coadjutores era bem mais importante do processo de diferença e comparação entre si. Em cada casa serviam de elementos amalgamadores a meditação em comum, a uniformidade à mesa, a corresponsabilidade na assistência aos jovens, a preparação de teatrinhos e pequenas festas. Em nível inspetorial desenvolviam função análoga os exercícios espirituais anuais. A união de padres e leigos se fortalecia facilmente com a presença de coadjutores que se distinguiam por laboriosidade, jovialidade e observância religiosa. Cada casa podia contar com algum coadjutor que refletia os salesianos modelos da geração precedente. San Benigno e Turim tiveram o chefe de alfaiataria Pietro Cenci (1871-1939). Valdocco teve entre outros o arquiteto Giulio Valotti (1881-1953), na Argentina distinguiram-se o tipógrafo e jornalista combativo Carlo Conci (1877-1947) e o arquiteto Enrico Botta (1859-1949). O Equador teve Giacinto Pancheri (1857-1947), corajoso construtor de estradas e pontes. A Bélgica contou com o musicólogo Antoine Auda (1879-1964). Os coadjutores adidos aos trabalhos domés-

83 — M. RUA, *Lettere circolari*, o.c., 245s, dat. Turim 20/01/1900.

ticos e agrícolas continuaram a existir e estavam, às vezes, entre os mais espiritualmente exemplares. Valdocco teve o senhor Giuseppe Balestra (1868-1942); a Palestina, o servo de Deus Simone Srugi (1872-1943)”⁸⁴.

O que não impede que o próprio Pe. Rua sentisse necessidade de intervir em 1.º de novembro de 1906, para afastar com a mesma energia e sentimento de Dom Bosco, o risco de desvalorização!: “Convém que demonstremos — escrevia ele — com fatos e não só com palavras, que considerêmo-los como a nossos irmãos.”

B. Na Congregação em expansão: do reitorado do Pe. Paulo Albera (1910-1921) ao do Pe. Renato Ziggotti (1952-1965) e ao Concílio Vaticano II

a) Após a primeira guerra mundial

Após a crise da primeira guerra mundial, inicia-se o período de história do Salesiano Coadjutor que vai do reitorado do Pe. Albera (1910-1921) ao do Pe. R. Ziggotti (1952-65), indicando um novo caminho por percorrer para incrementar as vocações e de uma nova linha de formação religiosa para torná-las firmes.

A fim de atender de maneira adequada os pedidos de pessoal, os documentos da Congregação insistem incessantemente sobre a *exigência do cuidado e do aperfeiçoamento das vocações dos irmãos coadjutores*. “De muitas partes — lê-se numa *circular de 1920* — recebem-se insistentes pedidos de pessoal, especialmente de irmãos coadjutores. (...) Permito-me insistir neste ponto, porque jamais será repetido suficientemente que o progresso de nossas Escolas Agrícolas e Profissionais depende em máxima parte de pessoal bem preparado seja do ponto de vista religioso como técnico”⁸⁵.

Do mesmo teor é também a carta seguinte, de 24 de dezembro do mesmo ano: “É sobretudo entre os humildes — escrevia o mesmo Conselheiro Geral, Pe. P. Ricaldone — educados em ambiente de simplicidade, delicado espírito de família, sólida piedade, estudo e trabalho marcados pela seriedade e revalorizados pelo sacrificado interesse do pessoal, que germinam e amadurecem as vocações verdadeiras”⁸⁶

O Pe. Albera em 1921 intervirá com uma *circular ‘Sobre as vocações’*⁸⁷ onde, escreve o Pe. Braido, “oferece duas páginas das mais significativas e ricas, entendendo com perspicácia e precisão, o motivo da missão apostólica e educativa que o Coadjutor possui em comum com o Sacerdote, negando de maneira peremptória qualquer dualismo e afirmando decididamente suas atribuições como membro de uma Con-

84 — P. STELLA, *Cattolicesimo...*, o.c., p. 426.

85 — P. RICARDONE, in ACS 24/06/1920, 16s.

86 — ID, in ACS 24/12/1920, p. 103.

87 — P. ALBERA, Carta Circular *Sulle vocazioni*, Turim 15/05/1921, in ACS (1921), 205-207.

gregação efetivamente educadora”⁸⁸. Nesta carta, pela primeira vez, acena-se também à capacidade de descobrir e acompanhar as vocações por parte dos próprios irmãos coadjutores; “Mas estas vocações de coadjutores, sobretudo, devem ser procuradas e cultivadas pelos próprios coadjutores, não só nas escolas e oficinas, onde se lhes oferece, menos facilmente a oportunidade, mas nos recreios, durante os quais devem também eles estar com os jovens, tomando parte amigavelmente em jogos e conversas. Nisso os bons coadjutores podem exercer uma influência mais eficaz que os clérigos e sacerdotes. De fato, um clérigo, um sacerdote, pode no máximo descrever a vida do coadjutor salesiano, mas esta vida, o coadjutor a vive diante deles, oferece-lhes um modelo e se sabe que ‘verba movent, exempla trahunt’: se as palavras podem mover, os exemplos arrastam...”⁸⁹.

b) *Reitorado do Pe. P. Rinaldi (1922-1931)*

Os elementos, sobretudo os de princípio, propostos de novo na circular do Pe. Rlbera, concomitantemente com outros fatos de natureza religiosa e sócio-econômica, foram as raízes do trabalho complexo e orgânico que se realizou no decênio 1922-31. O reitorado do Pe. Rinaldi foi definido como o período “mais fecundo e fundamental por uma visão mais elaborada e amadurecida da idéia de coadjutor”⁹⁰

Este decênio é o da obra organizada pelo Conselheiro Profissional Geral Pe. Giuseppe Vespignani e pelo Prefeito Geral Pe. Pedro Ricaldone, sob a inspiração do Pe. Rinaldi, Reitor Mór.

O CG21 tratou como *tema V*: “Em base às nossas Constituições (atualizadas pelo recente Código de Direito Canônico): buscar uma cultura religiosa mais sólida e maior habilidade profissional para os irmãos coadjutores buscar quais formas de escola profissional se pudessem adotar além da em uso nas escolas internas para alunos internos”.

E o *Conselheiro Profissional Geral (Pe. Vespignani)* notava nos ACS n.º 16: “O Capítulo Geral apenas concluído (...) revelou uma vez mais a falta entre nós de pessoal capaz de realizar a nossa missão no campo profissional e agrícola, em outros termos, não se sabe hoje como prover às Inspetorias em vista do novo pessoal profissional salesiano. Enquanto cada ano se faz que é o melhor para colher de todos os nossos colégios e oratórios, um número de Aspirantes para o hábito clerical, bem pouco se faz ou se consegue para o de Aspirantes nas

88 — P. BRAIDO, *Religiosi nuovi ...*, p. 31. É nesta circular que se insiste claramente em que os Coadjutores não constituem uma segunda Ordem, uma vez que na Congregação padres e leigos “gozam todos dos mesmos direitos e privilégios; o caráter da ordem sacra impõe, sim, maiores deveres, mas os direitos são iguais tanto para os sacerdotes e clérigos como para os Coadjutores.”

89 — *Ibidem*, p. 84.

90 — *Ibidem*, p. 31.

Escolas Profissionais, número que se deveria obter paralelamente ao primeiro. É necessário, pois, empenhar-se neste ponto, por quanto depende de nós, para preencher a falta que o nosso importantíssimo apostolado exige, e, portanto, buscar desde o início das Escolas Profissionais e agrícolas instituídas, desde o primeiro período de aceitação dos alunos, dos primeiros cursos de educação profissional, os aprendizes e agricultores que, de alguma forma, demonstrem germes de uma vocação por cultivar, e depois, encaminhá-los com amoroso cuidado para a nossa finalidade. Mais ainda, que a fim de obter os meios adequados para que esta categoria de alunos se forme numa verdadeira vida salesiana de acordo com a sua cultura profissional e agrícola, dever-se-á pensar convenientemente em Centros de Formação, onde esta cultura não só se mantenha, mas se aperfeiçoe. É necessário que cada um, no seu grupo, procure, e se esforce por aproximar, apresentar, favorecer, cultivar os elementos que dêem alguma esperança desde o início. Dada a atual escassez de Mestres profissionais salesianos disponíveis, que levaria a tirar das Casas Centrais de formação, para favorecer às Inspetorias, creio ser meu dever insistir com os Superiores em que não se espalhe este escasso elemento já formado, mas procure-se diversamente concentrá-los de modo que se possam estabelecer Escolas de aperfeiçoamento, a começar das Inspetorias mais importantes ou escolhendo uma mesma casa para Inspetorias de uma mesma língua e aumentando-as em seguida até que haja possibilidade de uma ou mais em cada Nação. Estas casas serão como que viveiros salesianos de mestres de oficinas e mestres agrícolas”⁹¹.

O Pe. Vespignani também adotou medidas para motivar historicamente o decisivo incremento didático e edilício do setor escolástico profissional e agrícola decidido em 1920 para toda a Congregação⁹². O arquivo central da Congregação conserva vários escritos do Pe. Vespignani⁹³ sobre o assunto. Embora estando todos em estado de “apontamento”, apresentam uma sua “História do Coadjutor Salesiano”. Os textos deixados, além do mérito indiscutível de primeira tentativa de reflexão histórica sobre a situação vivida, limitam-se a simples concatenação descrita de fatos acontecidos, ainda durante a vida de Dom Bosco, e normalmente transmitidos pela tradição salesiana.

Na realidade, “*O Coadjutor Salesiano no pensamento de D. Bosco*”, carta fundamental que o Reitor Mór Pe. Filippo Rinaldi publicou nos Atos do Capítulo Superior de 1927⁹⁴, manifesta claramente uma permanente ligação com a tradição salesiana, especialmente com as origens, que vê nos irmãos coadjutores continuadores da missão de Dom Bosco e, ao mesmo tempo, atualiza a sua figura aplicando-lhe valores que os

91 — ACS 16 (24 outubro de 1922), p. 29-30.

92 — Veja-se a circular publicada nos ACS de 24 de dezembro de 1920, onde se mostra justamente a necessidade de recuperar uma prerrogativa específica da obra salesiana: quando da morte de Dom Bosco as escolas profissionais cobriam 34% da obra salesiana, após 32 anos o setor, perdendo 20%, estava reduzida a apenas 14%.

progressos da teologia haviam evidenciado. Parecem ressoar as acaloradas expressões já utilizadas por Dom Bosco e pelo Pe. Rua: “Para o Fundador — está escrito — os sacerdotes assumem sim, com a Ordem Sacra, maiores deveres e responsabilidades, mas os direitos são iguais, tanto para eles e os clérigos, quanto para os coadjutores, que não constituem uma segunda categoria, mas são verdadeiros Salesianos, obrigados à mesma perfeição e a exercer cada um na própria profissão, arte ou ofício, idêntico apostolado educativo que forma e essência da Sociedade Salesiana... Ele os quis iguais a si e aos seus filhos elevados à dignidade sacerdotal: meios, provisões, instrumentos do trabalho, sustento, meta e méritos são iguais para todos, como o alimento cotidiano”⁹⁵.

Não falta uma certa ênfase, uma certa tonalidade nova ou melhor, um modo novo de ver a realidade anterior: “O Coadjutor Salesiano não é o segundo, não é a ajuda, nem o braço direito dos sacerdotes seus irmãos de religião, mas um seu igual que na perfeição os pode preceder e superar como o confirma amplamente a experiência quotidiana (...) o chamado do Senhor: “Si vis perfectus esse”, não é só para o sacerdote, nem é só para o pequeno número daqueles destinados a realizar os serviços humildes da comunidade religiosa; mas também, e mais ainda, para os que desejam levar vida religiosa, consagrando-se com voto ao ensino nas escolas primárias e secundárias, à assistência dia e noite de multidões de jovens, a serem mestres e chefes nas escolas das mais variadas artes, exigidas pela situação humana, e nas escolas agrícolas que preparam os mestres destinados a ensinar a profissão tão enobrecida por Jesus em suas parábolas, que não se intimidou de chamá-la como a própria profissão de seu Pai celeste: Pater meus agricola est”⁹⁶.

Como que para complemento da carta do Pe. Rinaldi, o fascículo de 24 de outubro de 1930 dos ACS traz um simples comentário do Pe. Giuseppe Vespignani ao histórico discurso de Dom Bosco em S. Benigno Canavese em 1883, “voltado sobretudo a pôr em evidência os aspectos formativos, ascéticos, religiosos”.

Um importante elemento para a formação do Salesiano coadjutor e para uma maior sensibilização, no caso, foi a instituição e organização dos *Aspirantados para Coadjutores* e das *Casas para o seu aperfeiçoamento após o noviciado*. As casas de Ivrea, Foglizzo e Penango

93 — Referimo-nos aqui, particularmente, aos apontamentos que dizem respeito às *Conferenze presentate ao teologato di Torino (Crocetta)*, uma *Conferenza ai Coadiutori di Sampierdarena*, uma “*Storia del Coadiutore Salesiano*” de que já se falou no curso do presente escrito, e alguns *Appunti per la discussione del Il tema al Capitolo Generale XIII*.

94 — In ACS 40 (1927) 572-580. Ocasão para a importante carta escrita pelo Pe. Rinaldi foi a fundação, acontecida em 17/07/1927, da Escola Agrícola Missionária, em Cumiana, graças à doação de um vasto latifúndio por parte das irmãs Flandinet para a formação do pessoal missionário.

95 — *Ibidem*.

96 — *Ibidem*.

soma-se com todo o peso de “uma obra de importância primária”, como a definiu o Pe. Rinaldi ⁹⁷, a casa de Cumiana para os aspirantes coadjutores encaminhados ao trabalho no setor agrícola. Três anos depois, em 1930, uma outra munífica doação, o Instituto Conde Rebaudengo (Turim), torna-se centro de formação profissional missionária. No Instituto Bernardo Semeria, já erigido no Colle Dom Bosco desde 1918, desenvolvia-se contemporaneamente o aspirantado que orientava os rapazes para cursos agrícolas e profissionais e os jovens Salesianos coadjutores, já de posse da qualificação profissional, aos cursos de aperfeiçoamento.

c) *Reitorado do Pe. P. Ricaldone (1932-1951)*

A circular do Pe. Ricaldone sobre o “Noviciado” (abril de 1939), sublinha a validade do noviciado único para noviços clérigos e coadjutores. Esta carta contém também dados úteis para definir a concepção do Salesiano coadjutor naquele tempo e as relações que existiam no interior da Congregação. “Antes de tudo digamos que, embora o cân. 564, par. 2, estabeleça que no noviciado seja destinado aos conversos um lugar separado, em nossa Sociedade não existe de fato esta diferença, que é real em outras ordens religiosas, entre clérigos e coadjutores. Além disso, precisamente para tornar sempre mais forte a união entre todos os sócios, é bom irmanar, desde o noviciado, clérigos e coadjutores, uma vez que deverão, depois, encontrar-se constantemente em contato em nossos institutos para realizarem o programa salesiano em suas múltiplas intercomplementações. A separação no noviciado poderia ter como que o sabor, se não o significado, de uma diversidade de ideias, enquanto os filhos de S. João Bosco têm necessidade de estar uns ao lado dos outros, de proceder fraternalmente unidos na atuação das idênticas finalidades de sua missão. O Coadjutor salesiano, mesmo não sendo sacerdote, é e deve ser antes de tudo um educador, e este seu apostolado deverá ser, por ele realizado com identidade de intenções e geralmente no mesmo campo do Oratório Festivo, das Escolas Profissionais e Agrícolas, das Missões, na assistência, na escola, na oficina, ao lado e em união com seus irmãos sacerdotes e clérigos para vantagem das mesmas almas. (...) A prática, pois, que está em uso em nosso meio, exclui que se deva aplicar aos religiosos da Sociedade o cân. 558, onde se diz que ‘nas religiões onde existam duas classes de membros, o noviciado feito para uma categoria não é válido para a outra’: em nossa Congregação existe uma única categoria de sócios. A diversidade accidental de atribuições nada mais faz do que integrar, aperfeiçoar e reforçar a homogeneidade das finalidades e do próprio corpo da Congregação. Doutra parte, o artigo 12 das Constituições, falando da forma da Sociedade, diz expressamente que a nossa Sociedade consta de eclesiásticos e leigos, que levam a mesma vida comum (...)

97 — Ibidem 572.

Naturalmente a união no mesmo noviciado de clérigos e coadjutores exige que, na preparação da casa que os deve acolher, tenha-se em conta tudo o que seja exigido para a conveniente formação das diversas categorias de nossos coadjutores, vindos das Escolas Profissionais, agrícolas e das demais casas e ocupações. Não é o caso de organizar verdadeiras e grandes oficinas (...) Na prática tem-se visto que é relativamente fácil prover às necessidades dos sapateiros, alfaiates, marceneiros, escultores; também para os mecânicos e eletricitistas pode-se ter, pouco a pouco, os elementos mais indispensáveis. Para todos, pois, e particularmente para os alunos de artes do livro, dê-se maior comodidade de se exercitarem no desenho. Os agricultores terão possibilidade de trabalhar na horta, no jardim e nas ocupações agrícolas; os demais coadjutores poderão dar uma ajuda eficaz nas variadas atividades domésticas”⁹⁸.

Confirmado o noviciado único, tem-se como válida a fórmula de prosseguir com o aspirantado separado e, para todos os dotados de título profissional de base, um biênio ou triênio de aperfeiçoamento apenas para irmãos coadjutores.

O CG 15 (1938) aprovou para tanto, juntamente com o regulamento para todas as casas de formação, um regulamento para o curso de aperfeiçoamento de irmãos coadjutores, proposto ‘ad experimentum’ por um sexênio⁹⁹. A disposição foi depois renovada, *pelo CG 16* em 1947.

A segunda guerra mundial que se desencadeava, precedida da guerra civil espanhola (1936), acompanhada da perseguição nazista na Polônia (1939) e seguida pelas expulsões comunistas em Pequim (1948), do confinamento de mais de 300 Salesianos eslovacos (1950) e do fechamento de numerosas casas na Europa em virtude da Conferência de Potsdam, não enfraquecem o forte temperamento do Pe. Ricaldone que, justamente nesses anos de martírio e violência, manteve inadiável a aplicação de um programa formativo gradual também para os irmãos coadjutores. Deve-se colocar sempre junto a este planejamento ideal a permanência de uma praxe que, logo após o noviciado, destinava uma parte dos Salesianos coadjutores, não especializados em algum ramo profissional, para as comunidades como adidos aos serviços da casa: roupeiros, cozinheiros, despenseiros ou factotum. A figura, porém, do Salesiano coadjutor que, naqueles anos tende a se formar e pôr-se em evidência, graças ao influxo da preparação cultural dada nos centros de aperfeiçoamento, é a do Salesiano coadjutor chefe-de-oficina, professor técnico, educador de jovens aprendizes.

Em 1948 nasce a revista “*O Salesiano Coadjutor*” que oferece não poucas linhas de análise. Entre as várias seções da revista trimestral¹⁰⁰ tinha peso particular a intitulada “Vocação e vocações”. Abriava

98 — In ACS 93 (1939) 179-181.

99 — Cf. ACS 91 (jan.-fev. de 1939) p. 30-32.

100 — Nos dez anos tomados por nós em consideração, de 1948 a 1957, são estas as rubricas que sistematicamente aparecem: Artigos de fundo e várias *Per la Madonna, La parola del Papa, Su argomenta vari, Vocazione e voca-*

intervenções, contribuições e reflexões sobre a identidade e o papel do salesiano leigo. Não é difícil notar o quanto variam a impostação e conteúdo repassando, na leitura dos artigos dos primeiros anos, onde há uma contínua referência às origens e ao pensamento de Dom Bosco e do Pe. Rinaldi, aos dos anos 1954-1957, onde se insiste de maneira acentuada sobre a “novidade”, sobre o “apostolado” e sobre a “preparação técnica”¹⁰¹.

Em 1950, o então Conselheiro Geral Profissional, Pe. Antonio Candela, apresentou, no Congresso geral sobre os estados de perfeição realizado em Roma naquele ano, uma relação sobre o Salesiano Coadjuutor. Nela aparecem as fontes jurídicas, históricas, religiosas e pedagógicas das quais, segundo seu parecer, brota a figura do religioso salesiano leigo, ou melhor, do “salesiano em trajes civis”¹⁰². O Pe. Braido insere esta contribuição em sua coletânea de textos “oficiais” sobre o salesiano coadjutor, aduzindo várias razões. Entre elas, sublinhamos uma de modo especial. A contribuição “resumo de forma linear — escreve ele — os melhores resultados da tradição doutrinal e prática salesiana sobre o assunto, comparável a uma espécie de ‘magistério ordinário’ da Congregação neste setor vital.”¹⁰³.

Vale, pois, apenas, reproduzir as passagens mais significativas. O Salesiano coadjutor se coloca como “uma nova figura” que se vai delineando nas Congregações clericais de hoje, um religioso que “se coloca ao lado do religioso Sacerdote para partilhar com ele, na medida de sua condição, trabalhos, responsabilidades e alegrias do apostolado moderno”.

A novidade desses religiosos leigos em relação aos antigos “conversos” está, segundo o Pe. Candela, em duas considerações:

“a) Pelas ocupações que lhe são confiadas: são variadas e compartilhadas com seus irmãos sacerdotes, excetuadas naturalmente as que derivam do caráter sacerdotal. A Estrutura ágil destas Sociedades e a multiplicidade de suas atividades oferecem aos leigos um vasto campo de apostolado. Enquanto os menos instruídos santificam-se nos serviços humildes de cada casa, os professores santificam-se nas cátedras, desde a primeira elementar até às universidades; os mestres de arte em suas oficinas-escolas, em cada ofício e especialização; os agricultores nos campos, outros nos Oratórios festivos, como assistentes,

zioni, Giornata del Coadiutore, Educazione ed educatori, Oratorio e Catechismo, La pagina professionale, La pagina sociale, Profili, Mostre e convegni, Notiziario e corrispondenza, Asterischi.

101 — Veja-se, por exemplo, o artigo *La vocazione del coadiutore salesiano* nov., dez. de 1954; *L'apostolo dei tempi nuovi* (jan. fev. de 1955); *Coadiutori sacerdoti e coadiutori operai* (jan. fev. de 1956) 7; *L'apostolato del Coadiutore nelle missioni* (nov. dez. de 1956); *Preparazione tecnica del coadiutore* (nov. dez. de 1956) 112; *Il Coadiutore lavoratore ed apostolo* (março, abril de 1957) 29-49, (jul. agosto de 1957) 67; (set. outu. de 1957) 90; *Maestri di lavoro: un problema attuale* (set. out. de 1957) 97.

102 — P. BRAIDO, *Religiosi nuovi* . . . , p. 187, nota 6.

103 — *Ibidem*.

dirigentes de grupos de A.C., de círculos esportivos, artísticos e outros. E tudo isso não só nos países civilizados, mas também em terras de missão.

b) Pelo seu número. Esta multiplicidade de objetivos aos quais se dirigem estas Sociedades exige naturalmente um número grande de operários evangélicos também não sacerdotes. Num convento podem ser suficientes poucos 'convertos', o suficiente para assegurar os trabalhos domésticos da comunidade. Aqui, ao contrário, é necessário abrir o caminho da perfeição a todos os leigos que se sentem chamados a santificar-se na vida de comunidade, exercendo as formas de apos tolado e de propaganda cristã."

d) *Reitorado de Pe. Renato Ziggiotti (1952-1965)*

O CG 17, convocado em janeiro de 1952, como se fosse um elo de ligação entre as últimas disposições do Pe. Ricaldone¹⁰⁴ e os primeiros compromissos do Pe. Ziggiotti, teve como primeiro tema de estudo a formação cultural, profissional e religiosa do Salesiano coadjutor. O próprio Pe. Ziggiotti nos ACS (outubro de 1952) apresenta as deliberações tomadas, as "orientações para o curso de aperfeiçoamento dos irmãos coadjutores" e as "recomendações" sobre o pessoal¹⁰⁵.

Todo o trabalho de uma época de transformação, de apreensão concreta e de operosidade organizativa termina com a codificação da matéria que, em 1954, passará a fazer parte dos "*Regulamentos da Sociedade Salesiana*"¹⁰⁶

A Congregação entrará na segunda metade do século XX afirmando a desenvolvida consciência da novidade e da função essencial do Salesiano coadjutor. Chegar-se á às portas do vicênio sucessivo com um

104 — Como se sabe, morreu em 25 de novembro de 1951.

105 — Algumas destas 'recomendações' são significativas e até mesmo singulares: "1) Celebrar anualmente o dia do Coadjutor (...). 2) Continuidade, no limite do possível, do pessoal dirigente, da obra em que florescem as vocações. 3) Favorecer o surgimento de Círculos Profissionais entre os Clérigos dos Estudantes para interessá-los pelas vocações artesanais e pelos problemas das Escolas Profissionais. 4) A revista "Il Salesiano Coadjutore" seja favorecida e possivelmente editada nas várias línguas. 5) Fazer ler a vida de Dom Bosco pelos nossos meninos e fazer conhecer as figuras mais beneméritas dos nossos Coadjutores. 6) Facilitar nas Escolas Profissionais e Agrícolas a aceitação dos jovens de condição modesta. 7) Selecionar a aceitação dos jovens, favorecendo os filhos de famílias numerosas (...). 8) Cuidar das vocações artesãs também entre os oratorianos (garções de bar, aprendizes). 9) Insistir para que os Irmãos Coadjutores sejam os primeiros interessados na busca de vocações com a oração e o bom exemplo. 10) Podem-se encontrar boas vocações para Coadjutores entre os jovens, mesmo seminaristas, que, não inclinados aos estudos eclesiásticos, têm no coração um ideal religioso e aptidões para o aprendizado de um ofício."

106 — Veja-se a edição de 1954, 1.ª parte I, se. II capítulo III: art. 58-60; ses. IV, art. 331-333.

progressivo aumento global dos Salesianos, chegando ao máximo de 21.614 professores em 1967.

Mas, justamente nestes anos, delineiam-se sobretudo na sociedade ocidental, os primeiros fermentos de *vastas e profundas mudanças*. Suas repercussões não tardarão a influenciar sobre as estruturas e na vida dos Institutos religiosos.

No que diz respeito ao setor dos Salesianos coadjutores, sobretudo dos destinados às escolas profissionais e agrícolas, começa-se assistir à lenta mas inexorável diminuição de alunos e de pedidos de trabalho para os setores de puro aprendizado, como marcenaria, a arte do ferro batido, sapataria, alfaiataria e encadernação. As diversas possibilidades de lugares concretos de trabalho na indústria e a incipiente mas crescente automação orientavam para outros caminhos os jovens aprendizes. As alteradas relações de mercado que se criaram após o segundo conflito mundial obrigavam os vários Estados a fazer frente rapidamente às novas exigências modificando os quadros profissionais disponíveis. Tudo isso requeria a revisão das estruturas escolares e das oficinas, a revisão das matérias de docência e a requalificação do pessoal docente.

Os Salesianos coadjutores foram os primeiros a se ressentirem das compreensíveis repercussões destas modificações, muitas vezes radicais.

Não poucos dentre eles, inseridos desde sempre num específico setor de atividades encontraram-se “desqualificados” e obrigados a assumir atividades e setores de presença apostólica e educativa nova e em todo caso diversa daquela para a qual o longo ‘iter’ formativo anterior os havia destinado. Se se levar em conta que a idade média deles será em 1970 de 42,6 anos, não será difícil compreender o desconforto e a falta de compensação criada por esta situação. A mesma curva das vocações tem uma flexão registrando uma queda no percentual dos Coadjutores sobre o total dos Salesianos. passa-se dos 21 por cento (ainda registrados nos anos ‘50) aos 18,35% em 1974.

12.3 No empenho de renovação do pós-concílio

A 150 anos do nascimento de Dom Bosco, a declaração feita pelo Pe. Luigi Ricceri, eleito Reitor Mór (1965-1977), que se tornaria depois programa de trabalho e governo, exprime bem as conotações do momento histórico ao qual se refere: “Avante com Dom Bosco vivo, hoje, para responder às exigências do nosso tempo e às expectativas da Igreja.”¹⁰⁷

A Congregação de cerca de uma década entrara em seu segundo século de vida e devia ser capaz de enfrentar situações inéditas e em parte originais. As rápidas transformações do mundo, os apelos que lançava, as condições novas também no seio da Igreja estimularam a busca de orientações adequadas. Estas indicações de direção tiraram

107 — Cf. *Bolletino Salesiano*, junho de 1965, 164.

força e inspiração antes de tudo nos documentos do Concílio Vaticano II. Na fidelidade essencial e dinâmica ao projeto apostólico e educativo de Dom Bosco não bastava adaptar velhas fórmulas, embora ótimas e adequadas nos anos anteriores, mas, dada a aceleração que não se podia deter do movimento de idéias, ocorria criar novas fórmulas. O clima irrepetível da preparação imediata e do início dos trabalhos conciliares agiu como poderoso fermento na vida da Congregação. Já há alguns anos antes do conhecido “Sessenta e oito”, carregado de vivas inquietações e expectativas juvenis, os Salesianos encontraram-se questionados e empenhados, como jamais na história dos precedentes Capítulos gerais, a preparar e dar andamento em 1965, com o Capítulo Geral XIX, à sua renovação e redimensionamento. Entre os 22 Documentos capitulares, o 5.º traz como título “O Salesiano Coadjutor”.

No espírito da reviravolta conciliar, durante as duas décadas seguintes, são elaborados, sobretudo no ambiente dos Capítulos Gerais, importantes documentos sobre o Salesiano coadjutor. Visto que eles constituem objeto de reflexão nas páginas que seguem, limitamo-nos a indicá-los cronologicamente.

O CG20 (1971-72) foi convocado para realizar as exigências do ‘Motu Proprio’ “Ecclesiae Sanctae”. Preparado por dois Capítulos Inspetoriais e seguido de um terceiro, promoveu uma intensa obra de mentalização entre os irmãos.

De 31 de agosto a 7 de setembro de 1975 desenvolveu-se em Roma o *Congresso Mundial sobre o Salesiano Coadjutor*.

O CG21 (1977-78) recolheu os resultados do primeiro período de “experiência” das Constituições renovadas. Entre os cinco Documentos capitulares, o 2.º tem como tema “O Salesiano Coadjutor”.

Os ACS n.º 298 (out.-dez. de 1980) trazem a importante carta do Reitor Mór, Pe. Egídio Viganó, sobre “O componente laical da comunidade salesiana”.

O CG22 (1984), além da reelaboração conclusiva do texto das Constituições e Regulamentos, emanou algumas ‘Orientações operacionais e deliberações’, das quais a 3.ª se refere a “O componente laical”. Constitui uma das quatro prioridades indicadas pelo Reitor Mór, Pe. Egídio Viganó, nos ACS n.º 312 (jan.-março de 1985) a toda a Congregação.

Todos estes acontecimentos tiveram o mesmo intento que exprimiu o Pe. Ricceri introduzindo os trabalhos do Congresso Mundial: “Pela primeira vez, dizia ele, a Congregação oficialmente se coloca em forma tão aprofundada, extensa, sistemática, em plena e amorosa vontade de busca, a grande questão: o Salesiano Coadjutor, o que é e o que deve ser? Como vive e sente, à luz da realidade de hoje, o ideal de sua vocação religiosa — laical a serviço da missão salesiana? Quais os obstáculos que se opõem à sua realização e ao pleno e fecundo desenvolvimento da vocação do ‘apóstolo novo para o mundo novo?’”¹⁰⁸.

108 — *Atos do Convegno Mondiale Salesiano Coadiutore*, Roma 1976, p. 15.

Nos capítulos seguintes insiste-se no estado atual da reflexão sobre o Salesiano Coadjutor e da vivência em que se vai concretizando nas circunstâncias atuais.

Os breves delineamentos históricos oferecidos até aqui visam justamente ajudar a colher nas experiências atuais as linhas de força que estão presentes diretamente, mesmo se em germe, no carisma de Dom Bosco Fundador.

2. A IDENTIDADE VOCACIONAL DO SALESIANO COADJUTOR: APROFUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

2.0 PREMISSA

Foi apresentada, em largos traços, a história do Salesiano coadjutor. Não é a história de uma idéia, mas de um dom que o Espírito Santo, através de Dom Bosco, doou à sua Igreja. Foi percebido e amado por Dom Bosco e por ele cada vez mais conhecido e apreciado como riqueza de uma comunidade original e ativa a serviço dos jovens.

Os Salesianos coadjutores deram muito aos jovens, especialmente aos mais pobres, mas também, a partir desse contato, receberam deles o dom de serem algo a mais do que aquilo que já eram. Em sua história, já o vimos, isso está bem claro: eles aprenderam dos jovens e do seu mundo, a serem algo a mais com relação a si mesmos.

Esta é uma mensagem da história: toda vocação é um mistério que se manifesta, e se doa, que recebe e cresce ao mesmo tempo que em contato com as situações juvenis e populares, se oferece para o serviço em prol dos mesmos.

A história, pelos diversos instrumentos que se aproxima e aborda, leva a vocação riqueza, sempre em movimento de serviço aos outros e de crescimento de si mesmos.

A identidade vocacional do Salesiano leigo foi progressivamente redefinida nos Capítulos Gerais Pós Conciliares, que levaram a uma visão mais clara da figura e do papel do Salesiano coadjutor: deve-se relembrar principalmente o CG21 que dedicou a esse tema um documento bem específico. Toda a reflexão capitular desembocou, afinal, no texto das Constituições, aprovado pela Santa Sé.

A Congregação toda inteira se empenhou muito nessa tarefa nada fácil. Ela o fez seguindo as orientações do Vaticano II, as autorizadas indicações do Reitor Mor, os estudos dos peritos e, de modo especial, a experiência viva dos próprios sócios leigos.

Hoje em dia temos à nossa disposição um amplo ensinamento. Trata-se agora de penetrar em sua profundidade e tornarmo-nos mais conscientes de tudo isso, tendo presente, igualmente, a reflexão em ato, na Igreja, que está esclarecendo de modo especial dois argumentos:

os muitos sentidos e aspectos da identidade; e, 2.º os componentes da laicidade e da secularidade. Vamos portanto, privilegiar esses dois argumentos e sobre eles teceremos nossa reflexão a seguir.

2.1 IDENTIDADE: OS MUITOS SENTIDOS

Uma explicação inicial dos termos ajuda, com toda a certeza, a pesquisa e também ajuda a compreender melhor o delicado e complexo trabalho em que a Congregação se empenhou nestes últimos anos, para definir a nossa identidade. Nesse período, com efeito, falou-se muito de identidade, referindo-se à Igreja, à Família Salesiana e, dentro dela, à nossa Sociedade, aos Salesianos sacerdotes e aos Salesianos coadjutores. Falou-se disso em muitos sentidos. Aqui vão ser indicados alguns. que são os principais¹.

21.1 Identidade salesiana quantitativa e qualitativa

Fala-se em identidade salesiana em termos *quantitativos* ou números quando, por exemplo, se propõem perguntas como estas: quantos são os salesianos? seu número aumenta ou diminui?, e o número de Salesianos coadjutores?, o que é que as estatísticas dizem a respeito de sua relação percentual com os Salesianos padres?

Fala-se de identidade salesiana em termos *qualitativos* quando, ao invés se fazem indagações como as seguintes: quem somos nós, hoje, na sociedade e na Igreja?, quem é que são os Salesianos coadjutores para os Salesianos padres?, e para os outros que pertencem à Família Salesiana?, como são vistos pelos outros, na Sociedade e na Igreja?

Se, como se verá, os problemas mais relevantes se referem preferencialmente à identidade qualitativa, os que se referem ao aspecto numérico, nem por isso, devem ser tidos com pouca consideração. No caso dos Salesianos Coadjutores, muito mais ainda, esses aspectos numéricos integram um programa que pode preocupar².

21.2 Identidade salesiana pessoal e comunitária

Fala-se de identidade salesiana também em sentido pessoal e comunitário. Em sentido pessoal quando nos referimos à pessoa do salesiano em particular, considerado em sua pertença à Congregação e à Família Salesiana.

-
1. Cf. Desmaraut F. *Problemas de identidade salesiana*, in F. Desmaraut — M. Midali (a cura), *La vocazione salesiana*. (Torino, Elle Di Ci 1982) 19-59.
 2. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale della comunità salesiana*, in ACS 298 (ott. dic. 1980) 34-38; ID. *La Società di san Francesco di Sales nel sessennio 1978-1983*. Relazione del Rettor Maggiore (Roma, 1983) 237 s.

Fala-se também de identidade em sentido comunitário ou coletivo, quando nos referimos a um “nós”, aos Salesianos considerados em seu conjunto. Na Congregação, as relações de amizade, de comunhão fraterna, de colaboração e solidariedade permitem o ser e o agir como o de um “nós”, que tem uma própria existência e originalidade, pois que está consolidado e concretizado pela comum missão salesiana e pelo espírito comum de Dom Bosco.

O texto renovado das Constituições usa corretamente o “nós”. Quer ressaltar a identidade salesiana comunitária: o individual faz parte de um “nós”, cada um é salesiano não só para si, isoladamente, mas junto “com” os outros salesianos.

Os relacionamentos entre salesianos padres e Salesianos coadju-tadores são elementos constitutivos da identidade, assim entendida. A identidade de uns incide sobre a identidade dos outros e nenhuma delas poderá vir a ser plenamente descrita e vivida sem se referir, a dos primeiros à dos segundos, de maneira recíproca e mútua. Portanto, a presença de Salesianos leigos na comunidade salesiana não é fato acessório e operativo de Dom Bosco e esse fato se relaciona mui de perto com a identidade considerada em si mesma³.

21.3 Identidade relacional

A pessoa e o grupo existem tão somente em um mais vasto corpo social, o mundo.

Os delineamentos que configuram a identidade somente poderão ser legíveis se partimos do tecido de relações que a pessoa individual e o “nós” coletivo mantém com as outras pessoas e com o universo dentro do qual se movem.

Para re-definir a identidade da nossa Sociedade o texto das nossas Constituições indica, não somente os seus delineamentos internos (a consagração apostólica e a forma; arts. 2.3.4), mas também o tipo de relação que ela tem com a Família Salesiana (art. 5) com a Igreja (art. 6.23), com o mundo contemporâneo (art. 7), e com o universo religioso salesiano (a presença de Maria e dos Protetores: art. 8.9) e com o não cristão (art. 7).

Com maior exatidão, figuram entre os componentes a serem tomadas em consideração: o nome e sobrenome, a idade, o número dos componentes, o escopo que a Congregação procura atingir, sua estrutura jurídica, os valores por elas vividos ou visados, as normas positivas ou morais que a regem, as culturas em meio às quais vivem os seus membros ou das quais são artífices.

Vamos agora levar tudo isso em consideração.

3. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale...*

21.4 Identidade real e ideal

No tecido de relações que constituem a identidade qualitativa podemos distinguir uma identidade real e uma identidade ideal.

A identidade *real* é a vivida e produzida, de maneira quer espontânea quer consciente, pelo indivíduo particular ou por um grupo, na maneira de viver e de agir quotidianamente.

Cada Salesiano tem uma identidade que lhe é própria. Ele a vive e revela no seu modo de trabalhar, rezar e falar; no seu modo de comportar-se com os co-irmãos, os jovens e as pessoas com as quais entra em contato. Pode estar mais ou menos consciente de seu agir. Toma conhecimento disso principalmente quando atravessa momentos de dificuldades ou quando faz uma avaliação particular de sua vida.

Cada comunidade salesiana, local ou inspetorial, tem uma identidade que lhe é própria. Elas a manifestam em sua vivência quotidiana. Podemos percebê-la na convivência de cada dia e especialmente nas várias formas de encontros comunitários e nas relações com o território no qual elas estão agindo.

A identidade *ideal* é a projetada como meta em direção à qual se pretende orientar, justamente porque considerada mais perfeita em relação à que se está efetivamente vivendo, e que é sempre de uma forma ou de outra defeituosa.

Ao re-defenir a nossa identidade as Constituições tiveram presente a experiência dos Salesianos e de suas comunidades e, portanto, a identidade real deles, qualitativa e comunitária. Usaram o critério experimentado. Mas, ao mesmo tempo, procuraram definir também a nossa identidade ideal, de modo que ela externasse o mais possível, conforme ao Evangelho, aos exemplos e ensinamentos de Dom Bosco, às indicações autorizadas no magistério atual da Igreja.

Ao apresentar a identidade vocacional do Salesiano leigo, haveremos de nos referir à sua identidade real acima de tudo, à identidade ideal delineada pelas Constituições.

21.5 Identidade instituída (institucionalizada)

O salesiano não é uma ilha, pertence a sua Congregação, a uma comunidade de pessoas *regulada por normas*. É membro de uma instituição religiosa e apostólica.

Esse aspecto institucional reencontra na identidade pessoal de cada um e da identidade coletiva dos Salesianos. É justamente a identidade salesiana assim chamada *instituída* (institucionalizada)

Quando as Constituições e os Regulamentos indicam os vários tipos de atividades e de obras nas quais atuamos como missionários dos

jovens, quando descrevem a comunidade salesiana em seus vários níveis e fornecem indicações e normas para a prática dos conselhos evangélicos, para a formação inicial e permanente, para os serviços de autoridade, estão definindo exatamente os aspectos *institucionais* de nossa identidade.

21.6 Identidade expressa: necessidades e limites

A identidade salesiana expressa é a condição de nossa identidade real ou ideal e instituída (institucionalizada), feita através de uma exposição, metódica, de um discurso, de um pronunciamento, de normas.

Quando um salesiano ou uma comunidade escreve ou fala de si mesma, de sua própria vida e atividade, de suas relações com os outros, de suas atitudes e comportamentos, de seus valores e de seus projetos, manifesta sua identidade e o faz, quase sempre, de maneira espontânea.

Mas existe uma forma autorizada para manifestá-la: é o pronunciamento oficial proclamado por autoridades reconhecidas, como o Papa, o Reitor Mor, os Capítulos Gerais, os Superiores nos diversos níveis.

Para fazê-lo, hoje em dia, recorrem às intenções e aos exemplos de Dom Bosco fundador, à tradição, especialmente às Constituições e aos Regulamentos, que são o texto aprovado e autorizado no qual se encontram descritos os delineamentos fundamentais de nossa identidade.

Esse pronunciamento, assim chamado "autorizado", é um pronunciamento indispensável, e a ele se refere, quase que exclusivamente, tudo quanto havemos de dizer a respeito da identidade do Salesiano leigo. Entretanto, é um pronunciamento que não se pode tornar absoluto com prejuízo da descrição espontânea da identidade salesiana. Mesmo dentro de suas limitações, esta última, muitas vezes antecipa e prepara os pronunciamentos oficiais. Se o co-irmãos não tivessem podido se manifestar-se e não tivessem apresentado suas experiências e suas convicções, não poderíamos ter levado a termo, com a riqueza que hoje em dia em si encerra, o complexo trabalho de revisão das Constituições.

Devemos então precaver-nos contra a possibilidade de reduzir a nossa identidade pessoal ou comunitária à reflexões que se fazem a respeito e, acima de tudo, contra a possibilidade de considerarmos resolvidos problemas de identidade que ela propõe aos Salesianos, sacerdotes e leigos, pelo simples fato de que eles, a partir de então, poderão contar com idéias claras e distintas. Elas são úteis e, até mesmo, necessárias para viver de modo autêntico a vocação salesiana. Mas não exprimem toda a variegada experiência espiritual e apostólica da Congregação, nem pretendem resolver os problemas ,muitas vezes dramáticos, que apresenta.

21.7 O Caminho histórico da identidade salesiana

Qualquer exposição tende a fixar a identidade em uma espécie de fotografia. Os que são reacionários à mudança a petrificam e parecem ignorar que *a tensão entre permanência e dinamismo é vital* e regular o desenvolvimento dos seres espirituais.

A identidade das pessoas e das instituições vai mudando com o passar do tempo. Aos cinquenta anos uma pessoa é diferente do que era quando tinha apenas vinte: a vida o transforma mesmo que permaneça a consciência de si mesmo. A nossa Congregação tem uma data de nascimento. Daí por diante ela foi cada vez mais se desenvolvendo e de espalhando por todo o mundo e se articulando em inspetorias e regiões, mudou em parte sua configuração jurídica, adaptou-se a culturas diferentes e às mais diversas gerações de Salesianos. E então, tudo quando veio acontecendo nos últimos trinta anos, após o impulso renovador do Vaticano II e das circunstâncias mudadas em que vivemos e estamos trabalhando, demonstra-o com toda a evidência.

Isso não nos deve maravilhar! Pelo contrário, a Congregação, envolvida em meio a *eventos históricos em constante evolução*; para viver e progredir em seu serviço, teve que assumir as expressões culturais que são próprias desse evento, ou então assumir um novo posicionamento diante dessas expressões, ou então, compartilhar ou não os aspectos que as caracterizam.

A nossa identidade, portanto, tem uma *dimensão temporal*, fica submetida à evolução da história e ao seu dinamismo. No que se refere aos Salesianos coadjutores, já o temos visto, indica muito bem os caminhos e as mudanças que houve. A nossa tradição resumiu esse processo na expressão: “com Dom Bosco e com os tempos”, ao passo que o magistério salesiano, já faz uns bons tempos prefere falar de “fidelidade dinâmica”⁴.

21.8 O sentido de identidade “coletiva”

Nos períodos de crises vocacionais muitas vezes nós nos interrogamos a nós mesmos sobre o “sentido” da própria vida. Nos anos do pós concílio a nossa Congregação perguntou-se a si mesma se, por acaso, a figura do Salesiano Coadjutor poderia ainda ter sentido em um mundo que havia mudado tanto. Alguns até mesmo, já se haviam resignado ao desaparecimento dele, tão fracamente acreditavam nele. Tratou-se de atitudes certamente dignas de críticas e, com toda a justiça, denunciadas, bem reais, infelizmente.

4. Cf. AGGE specialmente il documento 2 intitolato *Don Bosco nell'Oratorio criterio permanente di rinnovamento dell'azione salesiana* (nn. 192-273).

5. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale...* 16; ID. *La Società di san Francesco di Sales...*, 273 s.

Uma identidade pessoal e coletiva tem lá o seu sentido, desde que seus componentes *continuem coerentes e significativos, para as pessoas e dignos de credibilidade da parte dos outros*. Caso venha a faltar essa tolerância, se ela se torna, sob vários pontos de vista, insignificante, pouco legível e digna de crédito, a identidade fica, então, sem nenhum valor e entra em crise.

O enorme trabalho que a nossa congregação, levou a termo nesses vinte últimos anos colimou a reconquista e a confirmação, para os Salesianos sacerdotes e para os Salesianos leigos, de que sua própria vocação tem um sentido atual, na Igreja, a serviço de imenso mundo dos jovens, especialmente os mais pobres.

2.2 ALGUNS ASPECTOS GERAIS DA IDENTIDADE DO SALESIANO COADJUTOR: CRITÉRIOS

Esclarecendo diversos “sentidos” segundo os quais se fala, hoje em dia, de identidade salesiana, vamos agora apresentar dela vários aspectos.

Alguns deles são essenciais e determinados, ao passo que outros não o são, mesmo sendo importantes.

Os fins e os valores profissionais constituem, sem dúvida, os componentes que determinam a nossa identidade vocacional. As Constituições falam da nossa *consagração apostólica que compreende o espírito salesiano, a missão, a comunidade fraterna, a prática dos conselhos evangélicos, o diálogo com o Senhor na oração*, pretendem referir-se aos valores morais e religiosos nos quais acreditamos e que alimentam a nossa vida.

São eles delineamentos vocacionais tão importantes e centrais que merecem uma reflexão à parte. É o que vamos fazer.

Assinalamos aqui outros aspectos de nossa identidade que, influem de várias maneiras, sobre os aspectos essenciais e, ao menos, em parte os condicionam. Por isso precisam ser tidos na devida consideração.

22.1 A consistência numérica e a colocação geográfica

A *consistência numérica* dos Salesianos, padres e coadjutores, e a sua *colocação geográfica* são fatores de identidade. Na Congregação sempre se demonstrou particular atenção a esses detalhes. A respeito disso se interessam tanto os superiores como os Capítulos gerais, colhendo dos motivos de esperança ou de preocupação, de acordo com os dados oferecidos. A última declaração a respeito foi feita pelo Reitor Mor ao Capítulo Geral 22: “Tenho que lançar um grito de alarme. Na primeira parte (da relação sobre o estado da Sociedade) nós nos detivemos, com intencionada diligência, em apresentar, para cada continente, os dados estatísticos referentes aos irmãos coadju-

tores. Daí adveio um panorama preocupante. Ao passo que na Igreja se está falando de uma hora de laicato, poderia parecer que os Institutos masculinos de vida ativa (nós incluídos entre eles) não soube-mos envolver esse aspecto no processo de renovação da respectiva comunidade religiosa. No que se refere a nós, Salesianos, quanto mais nos voltarmos aos nossos destinatários preferenciais, principalmente no terceiro mundo, tanto mais sentimos angustiosamente o impacto negativo da queda numérica dos coadjutores.

“A comunidade salesiana não pode prescindir dessa figura tão característica de sócio, que testemunha prioritariamente um de seus componentes constitutivos. Vamos enumerar alguns dos graves problemas que continuam em aberto:

- antes de tudo, a queda numérica de irmãos coadjutores;
- o fato de que haja diversas inspetoriais sem noviços coadjutores;
- o fato de, em muitos irmãos, permanecer uma mentalidade alienada, em relação e esses graves problemas, por ignorância ou por preconceito;
- certa mágoa, em alguns, alimentadas por preconceitos que levam em consideração os valores do sacerdócio e do laicato, não partindo da síntese da mútua complementaridade, própria do espírito salesiano, mas sim a partir de considerações genéricas, que só servem para enfraquecer a índole própria de nossa comunidade; (...)
- o enfraquecimento e a diminuição das contribuições específicas do ministério sacerdotal na ação da comunidade, em conformidade com os critérios pastorais do sistema preventivo;
- um secularismo que cresceu muito na mentalidade e nas atitudes de não poucos irmãos sacerdotes.

(...) Não é tão somente uma categoria de sócios que se encontra em crise, mas sim e sobretudo, o componente laical da própria comunidade que está sendo questionada e deve ser re-pensado, em termo de fidelidade a Dom Bosco e aos tempos”⁶.

A queda numérica assinalada constitui um problema, mas não deve gerar atitudes negativas, de qualquer espécie que seja, mágoa, pessimismo, desconfiança... deve, antes de mais nada, provocar um renovado empenho para tornar conhecida, quer dentro da Congregação, quer no mais vasto território no qual trabalhamos, a nova identidade de Salesianos presbíteros e leigos, como também para promover a iluminada, corajosa e cheia de esperança pastoral vocacional.

22.2 Os apelativos de “Coadjutor” e Salesiano “leigo”

Escolher, aceitar ou mudar o nome não é coisa indiferente ou tão apenas formal. Quer queiramos quer não, o nome classifica uma pessoa

6. VIGANÓ E., *La Società di san Francesco di Sales...*, 273 s.

ou um grupo, revela a sua pertença a um determinado mundo cultural e a uma anexa gama de valores e de não valores, que atingem a identidade.

Nas Ordens e Congregações religiosas não exclusivamente laicais, já vimos, os membros leigos são nomeados com diversos apelativos: ou são chamados conversos, oblatos, servidores, ou então de irmão, co-irmão, coadjutores, auxiliares, discípulos. Todos esses apelativos nasceram dentro de um conteúdo cristão e evocam ou então evocavam, junto aos fiéis, valores evangélicos, como por exemplo, os conversos; a conversão; os oblatos: a doação de si mesmos; os servos: o serviço cristão; os irmãos ou co-irmãos: a fraternidade religiosa; os coadjutores: a ajuda e a colaboração; os discípulos: o discipulato evangélico.

Por outro lado, foram apelativos utilizados *em determinados contextos*. Justamente por isso, além dos valores evangélicos indicavam também outros aspectos da vida e da ação dos religiosos leigos, quer dentro do respectivo Instituto, quer no mais vasto ambiente da Igreja e da sociedade. Concretamente designavam:

— os afazeres, sejam simples sejam, de várias maneiras, relevantes, e os papéis, às mais das vezes, subordinados, dos religiosos leigos;

— o seu tipo de presença na vida comunitária, como categoria à parte, ou então como irmãos em pé de igualdade com os religiosos presbíteros;

— o relacionamento que mantinham com esses últimos e que eram constituídos ou por serviços, ou por ajuda ou por colaboração, em pé de igualdade;

— seu grau de formação e o seu nível cultural.

Numa palavra, os apelativos indicavam o seu “status” social e cultural, canônico e religioso, de grupo, categoria, de “classe”.

Dom Bosco, bem o sabemos, para indicar os sócios leigos da sua Congregação, se ateve à legislação canônica vigente em seu tempo e escolheu o *apelativo de coadjutores*. Esse apelativo já se constituía em problema no meio dos Salesianos de então, mas ele não quis que fosse trocado por outro.

Ao longo dos últimos vinte anos o problema foi vindo novamente à tona. Nos últimos capítulos gerais do pós Concílio surgiu a discussão a respeito do problema: manter ou trocar o apelativo de “Coadjutores”.

Para alguns era esse o nome que havia sido dado por Dom Bosco Fundador. Está carregado de valores ligados à nossa tradição e a tantas admiráveis figuras de Salesianos leigos. Modificando-o estar-nos-íamos expondo ao risco de nos separarmos de nossas raízes e do patrimônio salesiano e cultural de nossa Sociedade.

Para outros o apelativo de “coadjutor” traduz, de maneira inadequada os significados da tradição e é, hoje em dia, incompreensível fora dos nossos ambientes. Além disso, evoca uma espécie de imagem

caracterizada por certa dependência, marginalidade e “discriminação”. É uma imagem que já não mais se pode apresentar como proposta a possíveis aspirantes à vida salesiana. Por isso a mudança desse apelativo era considerada não só útil, mas até mesmo necessária.

Levando em consideração esses vários motivos, e, de modo particular, o fato de que “a nossa Sociedade é composta de clérigos e de leigos que vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade”, (nota 7) as constituições renovadas escolheram, para uns e outros o *substantivo* “Salesiano”, que conota a única vocação, a que se deve acrescentar, depois, o *adjetivo* “coadjutor” ou “leigo” e “presbítero” ou *padres*”, capaz de especificar a forma vocacional própria⁸

Foi por isso que quisemos, por um lado, ser fiéis ao “querer” de Dom Bosco, e por outro lado, ir de encontro ao atual conteúdo da linguagem e das expectativas dos Co-irmãos. Mas, acima de tudo, teve-se em mente sublinhar as relações de plena igualdade entre Salesianos padres e Salesianos leigos, tema esse de suma importância e ligado à sua expressa vontade e sobre o qual insistiram muitas vezes os seus sucessores, como aspecto original da nossa identidade.

22.3 Influxo das estruturas

A *estrutura* faz parte da identidade e os vários tipos de estrutura da Congregação influem sobre a nossa identidade:

Nós salesianos “somos reconhecidos na Igreja como instituto religioso clerical, de direito pontifício, entregue às obras de apostolado”⁹. São esses os delineamentos jurídicos essenciais de nossa identidade na Igreja¹⁰.

É bom que se note e perceba que o caráter “clerical” de nossa Congregação deve ser entendido tecnicamente em seu específico sentido “canônico” Exprime, *na forma jurídica um aspecto de sua realidade carismática*. Com efeito, implica que o serviço de animação e de governo das comunidades — chamados para ser, enquanto tal, núcleo propulsor da pastoral juvenil — seja confiado, em seus vários níveis, a um irmão presbítero, para isso qualificado pela graça do ministério sacerdotal e pela competência pessoal, como também pela sensibilidade pastoral. Porém a característica desse serviço que Dom Bosco quis e a tradição confirmou, motivando-a, *está estritamente vinculada a uma específica valorização do componente laical*. Na comunidade, com efeito, “clerigos e leigos vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade”, reza o art. 4 das Constituições. Nela acrescenta o

7. C. 4.

8. C. 45, 116, 45, 106.

9. C. 4.

10. Para um comentário autorizado a respeito dessa afirmação pode se fazer referência ao volume *O projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*

art. 45 — “cada um é responsável pela missão comum e dela participa com a riqueza dos seus dons e das características laical e sacerdotal da única vocação salesiana”.

Essa confluência e contribuição de riqueza diversificadas alimenta o nosso espírito de família que é contrário a atitudes, seja ela como for, de discriminação entre os irmãos.

Outras estruturas, com relação a isso, se revestem de uma importância toda sua própria, que não deve ser subestimada. São:

— as estruturas operativas: escolas, oratórios, paróquias, centros de estudos superiores, editoras, livrarias, missões, centros de acolhida, centros de espiritualidade;

— as estruturas formativas: “campi escolares”, aspirantados, noviciado, estudantados, universidades;

— as estruturas de comunicação: Atos do Conselho Geral, Boletim Salesiano, noticiários inspetoriais, visitas dos superiores, encontros comunitários de âmbito local, inspetorial, regional, internacional, congressos e simpósios;

— as estruturas de governo, como o exercício da autoridade em seus vários níveis;

— as estruturas financeiras: os economatos e os escritórios administrativos em seus vários níveis;

Prescindindo, por ora, das estruturas de governo, parecem oportunas algumas considerações sobre o influxo que as outras, acima elencadas, tem em relação com a identidade salesiana, individual e coletiva.

As rápidas e profundas mudanças sociais e culturais que se verificaram nos últimos trinta anos, exigiram, por sua vez, alterações de relevo nas estruturas operativas e formativas. As novas atribuições profissionais provocaram a superqualificação de alguns Salesianos coadjutores. Para fazer frente às aumentadas exigências das escolas profissionais, dos centros editoriais, dos institutos superiores, tornou-se necessário a qualificação em nível universitário e consecução de títulos acadêmicos. Por outro lado, esses mesmos fenômenos acima citados levaram à desqualificação de outros. O progressivo fechamento de algumas oficinas (de alfaiatarias, de sapateiros, de carpinteiros), de escolas profissionais e agrícolas levou certo número de Salesianos coadjutores a abandonar tarefas profissionais de prestígio, cumpridas, em não poucos casos, por muitos anos, e em seguida, adatar-se a outras, muitas vezes menos qualificadas e gratificantes. Essas mesmas tarefas, em seguida, os subtraíram ao contato pessoal e prolongado com os jovens, os quais, dessa forma, não puderam mais encontrar e compreender ao vivo, em todo o seu significado, o modelo de vida do Salesiano leigo.

Esses fenômenos levaram, além disso, à permeabilidade dos papéis: tarefas como as do mestre de artes e ofícios, do diretor editorial, do chefe de oficina, reservados, em um passado próximo, aos Salesianos coadjutores, foram assumidos também por Salesianos padres.

Numa palavra, as *mudanças das estruturas operativas* incidem ora mais ora menos, mas com certeza, na evolução da identidade, causam crises de papéis e condicionam o fluxo das vocações.

Na formação inicial e permanente será, portanto necessário levar, na devida consideração esse fenômeno, sob certos pontos de vista, positivo, ao passo que, debaixo de outros, negativo e preocupante. As mudanças sociais e culturais, devidas ao contínuo progresso da ciência e da técnica fazem com que desapareçam alguns papéis e comecem a aparecer outros, exigem pessoas formadas, de modo que possam periodicamente voltar a qualificar-se e assumir novas tarefas, como também acolher novos valores, indo, assim, de encontro aos desvalores que se seguem às mudanças profundas e aceleradas.

Hoje em dia as nossas estruturas estão codificadas. As Constituições, os Regulamentos, a Ratio, os diversos diretórios juntamente com as indicações contidas em nossa vida e ação.

Além da condição normativa escrita, também temos *usos, costumes e praxes, geralmente não codificados*, mas que, da mesma forma, influem em nosso modo de viver, de trabalhar e de rezar.

As nossas estruturas codificadas atingem o escopo de levar com segurança na direção de uma autêntica vida Salesiana, tão somente quando são escolhidas e praticadas fielmente. A nossa *identidade é impulsionada mais pela interiorização de uma estrutura do que pela sua codificação*, mesmo que ela seja identificada em seu valor, e, em seguida, codificada.

Que a nossa identidade de Salesiano, padres e leigos, seja vitalmente assinalada, positiva ou negativamente, mais por efeito das normas de fato praticadas do que por aquelas outras que foram simplesmente codificadas, isso é algo que já experimentamos e, muitas vezes, até mesmo sofremos, no período do pós Concílio, quando foi o caso de se por em prática o texto renovado das Constituições e as deliberações dos vários Capítulos gerais.

Seja lá como for, a experiência recente nos convence sempre mais de que a renovação de nossas estruturas, especialmente as operativas e formativas, supõe e exige a renovação da mentalidade, pessoal e comunitária, tanto dos Salesianos padres como dos Salesianos coadjutores. Trata-se, em última análise de um problema de renovação de identidade ¹¹.

11. Cf. ACGE 184; ACG 21 206; VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 39 s.; ID. *La Società di san Francesco di Sales...*, 236-238.

22.4 Os valores econômicos e estéticos

Na nossa congregação, juntamente e em dependência dos valores morais e religiosos, que são com certeza essenciais e centrais, e que serão apresentados mais adiante, existem outros valores, a saber: os econômicos e os estéticos, o útil e o belo, o espírito de família e a alegria, que tocam a nossa identidade de maneira mais consciente, talvez, do que o poderiam supor pessoas idealistas demais.

Os bens econômicos desempenham um papel todo especial na vida e na atividade dos membros de nossa Sociedade. Seria suficiente relembrar o quanto empenharam na atividade de Dom Bosco: quantas preocupações, quanto trabalho, quantas iniciativas, quantas cartas e quanta confiança na Providência, tudo isso com a finalidade de encontrar o dinheiro necessário para sustentar os seus juvenzinhos, para criar um clima de alegria e para levar adiante as suas obras. Deixar na sombra este setor da vida de Dom Bosco, nosso Fundador, equivaleria a torná-lo, sob vários aspectos, incompreensível e, seja lá como for, seria obscurecida sua figura de organizador, de educador dos jovens e de padre da Providência¹².

Os meios econômicos são indispensáveis para atingir os objetivos culturais, educativos, pastorais, assistenciais e missionários que a nossa Congregação tem pela frente, com suas múltiplas obras e atividades.

Na história passada e recente os Salesianos coadjuvadores ofereceram e continuam oferecendo ainda hoje em dia uma contribuição muitas vezes relevante no que se refere ao acúmulo de trabalho e no que se refere à competência para o encontro e a administração desses bens, para o financiamento e a sustentação de obras frequentemente custosíssimas.

Na atual cultura, de molde materialista, os observadores externos, mais ou menos benévolos ou críticos para com as instituições religiosas, estão, particularmente atentos a esses valores. Os bens móveis ou imóveis de um Instituto podem apresentar um testemunho de pobreza, de serviço, de partilha. Pelo contrário, podem também constituir se em contra-testemunho. Afinal não são indiferentes: servem para conferir ao religioso, padre ou leigo, uma imagem digna de credibilidade, mas podem também pôr em crise a identidade, a sua compreensão e a sua força de estímulo. O artigo 77 das Constituições nos empenha com relação a isso: “a exemplo e no espírito do Fundador, aceitamos a posse dos meios exigidos pelo nosso trabalho e administrá-los de maneira que a todos se torne patente sua finalidade de serviço. A escolha das atividades e a localização das obras correspondam às carências dos necessitados, as estruturas materiais inspirem-se em critérios de simplicidade e funcionalidade”.

12. Cf. STELLA P., *Don Bosco nella storia economica e sociale, 1815-1870*. (Roma Las 1980).

As Ordens e Congregações religiosas também dispõem, algumas mais, outras menos, de valores estéticos de um patrimônio arquitetônico e pitórico próprio, constituído por mosteiros, conventos, igrejas, hospitais, escolas, casas e caracterizado por um estilo todo próprio, severo e austero em alguns casos, opulento e sensível em outros, sóbrio e alegre ainda em outros.

As pretensões dos Salesianos em questão de estética são, na maioria das vezes, simples. Todavia, exportaram para o mundo inteiro projetos de igrejas e de escolas, de quadros e de imagens, de tipos de teatro que deixaram e ainda estão deixando sua marca a respeito da identidade coletiva da Congregação.

Esse patrimônio é motivo de ufânia pelo fato de que muitas vezes, reflete e se harmoniza com os gostos populares, ou então, as vezes, de crítica, pelo fato de que não nos mostrarmos bastante sensíveis em questão de formas arquitetônicas e iconográficas dos países nos quais trabalhamos.

De qualquer maneira aqui é que emerge um dos tantos aspectos da relação vida e cultura salesiana.

22.5 Incidências da cultura sobre a identidade salesiana

Com efeito a cultura é um dos componentes que mais determinam a nossa identidade, individual e coletiva. Juntamente com as outras já assinaladas, entre os quais, de resto, insere suas raízes, contribui em larga escala, para imprimir delineamentos fisionômicos, ao menos em parte, no rosto da Congregação e dos seus sócios.

A. *Cultura e culturas*

Com a palavra *cultura* costuma-se indicar um conjunto de noções, crenças artes, costumes e todos os outros tipos de capacidades e de constantes atividades que são próprias do homem como membro da sociedade. É a vida de um povo. Ela abrange os valores que o animam, os desvalores que os debilitam e que, sendo partilhados pela multidão dos membros, o reúnem em base de uma mesma "consciência coletiva". São cultura também as formas pelas quais esses valores ou desvalores se exprimem e configuram, a saber os costumes, a língua, as instituições e as estruturas da convivência social, quando não são impedidas e reprimidas por outras culturas dominantes.

Existem, não uma só, mas muitas *culturas*, de conformidade com os povos e ambientes: caracterizam-se pelos diferentes modos de conceber a vida, usar as coisas, exprimir-se e por-se em relação com os outros, e, acima de tudo, de postar-se perante o Absoluto, perante Deus. Encontra-se nelas elementos que revelam o fundo humano comum e a ação divina sobre a humanidade, antes mesmo do anúncio do evangelho¹³.

13. Cf. AG 4.

B. *A Igreja, a Congregação e as Culturas*

A Igreja não pode prescindir dessas culturas, mesmo não se identificando com nenhuma delas. Precisa delas para exprimir a própria fé¹⁴ para aprofundar a própria mensagem de salvação¹⁵ e para chegar a tomar decisões concretas em sua ação evangelizadora.

Então é que se compreende por que ela procura compreender seus elementos de unidade e suas diferenciações, para nelas se encarnar, assumi-las e promover sua purificação, seu enriquecimento e sua transformação até o ponto de abri-las, “em continuidade e, ao mesmo tempo, em descontinuidade com a situação presente”¹⁶ à adesão a Deus e ao serviço do homem.

As Ordens e Congregações religiosas têm, também elas, uma cultura que lhe é própria. Na medida em que essa cultura depende da cultura cristã de determinado período histórico, ser-lhe-á fácil escolher e revelar alguns aspectos de acordo com seu carisma e mais úteis à sua atividade apostólica, tornando-se, às mais das vezes, uma sub-cultura católica.

Dom Bosco e a nossa Congregação já fizeram suas escolhas e puseram em circulação uma cultura salesiana devedora, sob tantos aspectos, à cultura cristã do século passado e do nosso século também. Sua genialidade espiritual e pedagógica se revelou e exprimiu preferencialmente na práxis apostólica e no momento de reflexão que sempre a acompanha.

Hoje, o artigo 7 das Constituições declara: “abertos às culturas dos países que trabalhamos, procuramos compreendê-las e acolhemos seus valores, para encarnar nelas a mensagem evangélica”.

A cultura (ou sub-cultura) salesiana tem os próprios lugares de produção, uma rede de difusão e um sistema cultural suficientemente completo: lugar, rede, e sistema são identificáveis.

C. *Os lugares de produção e a rede de difusão*

Os *lugares de produção* da cultura salesiana são todos os centros encarregados de elaborar orientações doutrinárias e operativas para os que pertencem aos vários grupos da Família Salesiana. Portanto, antes de tudo, as casas generalícias dos SBD e das FMA. Em seguida, os nossos centros de estudos e de formação, as casas editoras, os vários tipos de escola. A exigência de inculturar o Evangelho; de acordo com o nosso carisma poderá ser satisfeito na medida em que existirem e funcionarem bem esses centros de elaboração cultural distribuídos nos vários contextos e qualificados, em sentido salesiano e científico.

14. Cf. EN 63.

15. Cf. LG 13.

16. EN 28.

Juntamente com esses centros produtores de cultura assim chamada “douta”, devem ser, como eles, devidamente valorizados outros: as escolas profissionais de diversos tipos, os oratórios e os centros juvenis, que já produziram no passado e continuam presentemente produzindo, especialmente por via do trabalho dos Salesianos leigos, uma “cultura do trabalho” caracterizada pela solidariedade, partilha e profissionalidade e uma “cultura popular”, hoje em dia fortemente revalorizada.

A *rede de difusão* da cultura salesiana é constituída pelos meios de comunicação que utiliza: desde os tempos de Dom Bosco a imprensa e, mais recentemente, os outros “mass-media”. As nossas obras também são igualmente, outros tantos transmissores culturais e, por diversas razões, se tornam também instrumentos de transmissão, mais ou menos filtrada, de outras culturas rivais ou simplesmente estranhas. Basta acenar ao fato de que, em não poucas nações, as nossas escolas estão, de diversas maneiras, vinculadas à programas de estudo fixadas por governos laicistas e com pessoal não salesiano e, muitas vezes, nem sequer escolhidos por salesianos. Poderemos estar expostos ao risco de deixarmos que se perca a nossa identidade e originalidade salesiana.

Cada salesiano, padre ou coadjutor, é por sua vez, de um jeito ou de outro, um receptor e um transmissor. Na medida em que assimilar a cultura salesiana, ele a difunde ao seu derredor, misturando-a com a do ambiente no qual trabalha. A potência desses transmissores é variada. Um Salesiano leigo ou padre, que haja perdido ou tenha deixado empobrecer gravemente a sua identidade, se torna um canal que não comunica, com todas as consequências; que conhecemos, no campo pastoral e da formação vocacional.

D. *Um Sistema Cultural*

Essa rede transporta em meio à Igreja e à sociedade *um sistema cultural salesiano*, cujos aspectos vão variando de um tempo para outro e que merece ser delineado, nem que seja em largos traços. Globalmente a esse sistema cultural se refere o primeiro artigo das constituições.

a) *Uma história e um calendário salesiano*

As datas principais dessa *história sagrada salesiana* já são conhecidas e, em geral, são lembradas. Referem-se a alguns momentos importantes da vida de Dom Bosco, assinalados pela presença divina. As *Memórias do Oratório*, escritas por Dom Bosco e as *Memórias Biográficas*, o testemunham de maneira assaz e evidente.

Apesar de, hoje em dia, se estar mais atentos na avaliação de seu conteúdo, todavia é inegável que essa história sagrada salesiana transmitiu e continua ainda a transmitir acontecimentos que fazem parte das raízes de nossa vida e de nosso espírito.

Como os outros Institutos religiosos, também a Família Salesiana tem um seu *calendário* que se insere no dia da Igreja e que se adapta à própria vida. A partir da festa de Todos os Santos, ele retoma o ciclo da salvação, marcando-o, de tanto em tanto, com anotações piedosas e jucundas: são as festas e os aniversários de nosso calendário; são os encontros de oração que escandem os principais momentos do dia, do mês, do ano.

b) *Uma geografia e uma onomástica salesiana*

A *Geografia* se concentra ao redor dos lugares onde viveram nosso Fundador e os outros santos de sua Família. Seus nomes, juntamente com os do Sagrado Coração e de Maria Auxiliadora são titulares, em diversos países, de obras, Instituições locais eclesiásticas e civis, e compõem, por assim dizer, junto aos nomes com os quais são designados na Congregação os titulares de diversos cargos (Reitor Mor, Conselheiros, Inspetores, Diretores, Ecônomos) a *onomástica salesiana*.

c) *Um ritualismo e uma sensibilidade ética salesiana*

Na tradição salesiana existe um *ritualismo religioso* derivado de costumes populares locais e que se propagou em seguida por todo o mundo: o sinal da Cruz ao levantar-se pela manhã, as orações para antes e depois das refeições, a visita quotidiana ao SS. Sacramento, a reza do Angelus três vezes por dia, as três Ave-Marias ao pé da cama antes de se deitar, à noite. Nos vários países outros usos locais religiosos se acrescentaram ou vieram a substituir esses que acabamos de elencar.

É própria dos Salesianos também a característica sensibilidade ética, que se liga à doutrina de Santo Afonso e que professa uma particular delicadeza em se tratando de castidade, que cultiva uma obediência e um amor, até mesmo pessoal, ao Papa e aos Bispos, que valoriza de modo todo particular os sacramentos da Eucaristia e da Penitência.

d) *Um pensamento filosófico-teológico na base do Sistema Preventivo*

Em se tratando de *filosofia e de teologia* os Salesianos mesmo enfrentando em sua primeira formação estudos sérios e especializações empenhativas, preferiram sempre a simplicidade. As graves e insistentes questões eles deram como respostas as mais simples, isto é, as que se inspiravam no bom senso cristão da época. No período do pós-Concílio, estimulados pela renovação, promovida pelo Vaticano II, fizeram progressos relevantes. Seja lá como for, o sistema educativo que Dom Bosco lhes deixou como "herança preciosa", os obrigou,

desde os inícios, a tomar posição a respeito do destino dos jovens mais necessitados. Hoje em dia, mais do que nunca, uma vez que a atuação do Sistema Preventivo, que já faz parte do patrimônio pedagógico da Igreja, os leva a pesquisar e assumir os resultados das ciências do homem e da educação, e, portanto, a responder às indagações e desafios do tempo e da condição juvenil.

e) *Uma "política" salesiana*

Por tradição, a política salesiana respeita todas as autoridades, civis e religiosas, e tem por mira, onde quer que seja, a conquista de amigos, sem que isso queira dizer necessariamente tolerância, em cada caso, da "ordem" estabelecida. Tem como objetivo o "bem comum" e, nem tanto assim, o "poder" e se empenha na educação para a responsabilidade social.

Nos Capítulos gerais do pós-Concílio manifestou-se uma atualizada sensibilidade que, em sintonia com as orientações do magistério eclesial ou com a alma mais verdadeira de nossa tradição, define o comportamento do Salesiano nesse assunto sempre difícil e problemático. "Nós trabalhamos em ambientes populares e para jovens pobres. Educamos-os às responsabilidades morais, profissionais e sociais, colaborando com eles e contribuimos para a promoção do grupo e do ambiente. Participamos, na qualidade de religiosos, do testemunho e do empenho da Igreja pela justiça e pela paz. Permanecendo independentes de qualquer ideologia e política de partido, rejeitamos tudo aquilo que favorece a miséria, a injustiça e a violência e cooperamos, com todos os que constroem uma sociedade mais digna do homem. A promoção a qual nos dedicamos com espírito evangélico, realiza o amor libertador de Cristo e constitui um sinal da presença do Reino de Deus"¹⁷.

f) *Uma hagiografia salesiana*

Na Família Salesiana temos, hoje em dia, à disposição uma rica *literatura* dedicada à figura e à obra de nosso Fundador, de seus sucessores, de santos de sua família espiritual, de figuras eminentes ou, até mesmo, simples, mas todas significativas.

A referência a tais *modelos de santidade* é importante para a nossa vida e ação. Eles são testemunhas de uma identidade salesiana já atingida e, em alguns casos, canonizada pela Igreja.

O conhecimento, progressivo aprofundado, de sua vida e especialmente de suas virtudes deveria tornar-se um conteúdo insubstituível da pastoral vocacional e da formação inicial e permanente.

17. C. 33.

E. Incidência da cultura sobre a identidade do Salesiano Coadjutor

O fator “cultura” incide também e não pouco, na vida dos Salesianos coadjutores e nas suas relações com os Salesianos padres. Pode condicionar vários tipos de contribuição com relação a esse assunto. Em nossa história sempre se percebeu a exigência, hoje em dia plenamente reconhecida nas Constituições, de garantir para os *Co-irmãos leigos*, no que se refere às suas capacidade e aptidões, uma adequada formação humanística, teológica e profissional. É condição indispensável para que possam ser *agentes produtores e difusores qualificados* de cultura salesiana, de tipo acadêmico ou popular, como se queira, especialmente se posta a serviço do mundo do trabalho.

A crise que, já faz mais de vinte anos, atravessa, de formas e em medidas diferentes, todos os Institutos religiosos, não excluídos os que são apenas laicais, tem, entre outras, raízes culturais. Deve ser atribuída às mais ou menos profundas repercussões que sobre a identidade religiosa-cultural dos diversos Institutos, exercitam as súbitas mudanças culturais que se verificaram recentemente.

Por isso, a busca de soluções não poderá prescindir de um lúcido diagnóstico da realidade dos países onde trabalhamos e de uma correta interpretação sua à luz da fé. Só assim será possível colher as exigências, os apelos e, em última análise, os imperativos morais destinados a dirigir as escolhas e intervenções operativas.

23. DELINEAMENTOS FUNDAMENTAIS DA IDENTIDADE DO SALESIANO COADJUTOR

As *finalidades e os valores* morais e religiosos, nós já o dissemos, constituem os aspectos mais profundamente qualificantes da nossa identidade de Salesianos, leigos e padres. Vamos agora oferecer aqui uma ampla descrição.

23.1 Na Família Salesiana, a Comunidade SDB, uma comunidade original

Para descrever finalidades e valores, as Constituições se utilizaram da linguagem atual inspirada pelo Vaticano II. Falam de carisma de Dom Bosco, de vocação salesiana, de consagração apostólica, de missão juvenil, de comunhão fraterna, de prática dos conselhos evangélicos, de espírito de Dom Bosco.

“*Identidade Vocacional Salesiana*” é a fórmula breve com a qual os nossos textos oficiais exprimem essa riqueza de dons (nota 18).

Estamos tocando aqui a *razão profunda* do nosso ser e do nosso agir, isto é a que nos qualifica e caracteriza. Se a identidade vocacio-

18. ACG 21 171; ACG 22 p. 148.

nal chegar a perder sua têmpera e a perder sua força, os componentes até agora elencados, mesmo se dignos de todo o apreço, reduzem-se a bem pouca coisa. Portanto com muita razão os recentes Capítulos gerais e as novas Constitui es se preocuparam em redefinir acima de tudo a nossa *identidade vocacional*.

Ao executar esse delicado trabalho de discernimento eles se referiram a Dom Bosco;   sua vida e   sua obra, ao seu espírito e, em geral, ao seu projeto apostólico. "Nós, Salesianos de Dom Bosco, — reza o artigo 2 das Constitui es — formamos uma comunidade de batizados que, dóceis   voz do Espírito, intentam realizar numa forma específica o projeto apostólico do Fundador".

Esse projeto envolve um vasto movimento de pessoas que, de diversas maneiras, trabalham pela salva o da juventude. "Fazem parte dele os vários grupos da Família Salesiana. Nela, por vontade do Fundador, temos particulares responsabilidades: manter a unidade do espírito estimular o diálogo e a colabora o fraterna, em vista de um r ciproco enriquecimento e de uma maior fecundidade apostólica" ¹⁹. Nesse quadro se delinea a nossa identidade. "Os Salesianos — declara o CGS iniciando a reflexão sobre a Família Salesiana — não podem repensar integralmente a sua voca o na Igreja sem se referir aos que, juntamente com eles, são os portadores da vontade do Fundador" ²⁰.

Por sua vez, a identidade vocacional do *Salesiano leigo e padre*; foi definida a partir de sua condi o de *membros da Comunidade salesiana*: "O mandato apostólico que a Igreja nos confia   assumido e realizado em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais, cujos membros tem fun es complementares com incumbências todas elas importantes. Disso elas tomam consciência" ²¹.

O Salesiano leigo nela vive, trabalha, reza, testemunha a sua voca o, fraternalmente acompanhada pelos co irmãos e empenhado corresponsavelmente junto com eles. Nela ele revela a si mesmo e aos outros a sua identidade ²².

A. *Uma comunidade fraterna*

O texto das Constitui es apresenta, antes de tudo, a *nossa identidade coletiva de salesianos*. Dentro dessa moldura, em seguida identifica os delineamentos próprios dos *salesiano leigo* e do *Salesiano padre*; uma vez que de Deus recebem a voca o em vista de sua entrada na comunidade. (nota 23) Cada um de nós — diz o art. 22 —   chamado por Deus para fazer parte da Sociedade Salesiana. E vive a sua voca o

19. C. 5.

20. ACGE 151.

21. C. 44.

22. Cf. ACG 21 171.

23. Cf. C. 22, 23, 45, 52.

dentro dela, com a consciência da sua *comum dignidade de irmão* que Dom Bosco quis e a tradição salesiana repetidas vezes refrisou: “Entre os sócios da Congregação — afirmou Dom Bosco — não há distinção alguma: todos são tratados da mesma maneira, quer sejam artesãos, quer sejam clérigos, quer sejam padres; nós nos consideramos a todos como irmãos”²⁴:

O Pe. Rinaldi assim escreveu em 1927: “Quando (Dom Bosco) começou a pensar na fundação de uma nova sociedade religiosa, quis que todos os membros sacerdotes, clérigos e leigos, gozassem dos mesmos direitos e deveres. Para ele os sacerdotes assumem, sim, com a ordem sagrada, maiores deveres e responsabilidades, mas os direitos são iguais, tanto para eles e os clérigos, como para os coadjutores, os quais não constituem de modo algum, uma segunda ordem, mas são verdadeiros salesianos, obrigados à mesma perfeição e a exercitar, cada um e na própria profissão, arte ou ofício, o idêntico apostolado educativo que forma a essência da sociedade salesiana”²⁵:

Em 1930, assim acentuou essa característica vocacional do Salesiano leigo: “Os coadjutores não são simples auxiliares da comunidade, mas são religiosos verdadeiros e perfeitos, tanto quanto os nossos sacerdotes; educadores e mestres, eles também, de uma parte importante do nosso programa social”²⁶.

Os textos das Constituições re-propõem essa fraternidade salesiana, expressão de viva fé e de caridade evangélica: “Viver e trabalhar juntos — reza o art. 49 — é para nós Salesianos, exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação. Por isso nos reunimos em comunidade, nas quais nos amamos a ponto de tudo compartilhar em espírito de família e construirmos a comunhão das pessoas”.

“Deus nos chama a viver em comunidade — afirma o artigo seguinte — confiando-nos irmãos para amar. A caridade fraterna, a missão apostólica e a prática dos conselhos evangélicos são os vínculos que plasmam a nossa unidade e consolidam continuamente nossa comunhão. Formamos assim um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus e para nos ajudarmos uns aos outros”.

“A comunidade salesiana — é o art. 51 — se caracteriza pelo espírito de família que anima os momentos de sua vida. (...) Em clima de fraterna amizade comunicamo-nos, uns aos outros, alegria e dores e partilhamos corresponsavelmente experiências e projetos apostólicos”.

Segundo o que reza o art. 52, “a comunidade salesiana acolhe o irmão de coração aberto, aceita-o como ele é e favorece-lhe o amadurecimento. Oferece-lhe a possibilidade de desenvolver seus dons de natureza e de graça. Provê o que lhe é necessário e o ampara, nos momentos de dificuldades, dúvida, fadiga e doença. (...) O irmão se

24. MB 12, 152.

25. ACS 40, p. 574.

26. ACS 55, p. 915.

empenha em construir a comunidade em que vive, quer-lhe bem, mesmo se imperfeita”; “participa generosamente da vida e do trabalho comum. Agradece a Deus por estar rodeado de irmãos que o encorajam e ajudam.

Em sua comunidade, o Salesiano leigo, em pé de igualdade com o Salesiano padre, toma parte, de maneira corresponsável, na programação, na atuação e na revisão do projeto educativo e pastoral comunitário (nota 27). Participa ativamente da comunhão de oração, da escuta da palavra de Deus, da celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação²⁸. É constantemente animado na fidelidade à sua vocação específica, tornando-se, juntamente com os outros irmãos, sinal inequívoco da fraternidade instaurada na terra pelo Senhor Jesus²⁹.

B. *Uma comunidade apostólica aberta à secularidade*

De acordo com o pensamento e a praxe de Dom Bosco, a nova Sociedade que fundou haveria de se mover não em direção do ideal monástico, de separação do mundo, mas, preferencialmente, em direção do *ideal religioso apostólico*, vivido em estreito contato com a realidade juvenil e popular.

Partindo de sua experiência de padre secular, Dom Bosco teve em mente um *vasto movimento apostólico, juvenil e popular, inserido na realidade social e cultural que estava então emergindo e adaptado a ela*. O oratório no qual viviam e trabalhavam ele e os seus primeiros colaboradores era “para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e patio para se encontram como amigos e assim viverem com alegria³⁰.”

Quando tomou a resolução de condensar em uma regra os seus ideais, escreveu também um capítulo sobre “Os externos”, cujo primeiro artigo exprimia claramente a novidade do seu projeto: “Qualquer pessoa — escrevia ele — mesmo continuando a viver no mundo, na própria casa, junto à sua própria família, pode pertencer à nossa Sociedade, etc.”³¹.

Percebe-se aí um vivo interesse para abrir o seu projeto operativo, a pessoas que vivem em uma *condição secular* e desenvolvem nele a *missão salesiana*, praticando os *conselhos evangélicos*. O Pe. Rinaldi, adiantando-se aos tempos, procurou realizar esse ideal Formou e organizou aquele grupo de zeladoras de Maria Auxiliadora, que se tornou atualmente o Instituto das voluntárias de Dom Bosco.

O nosso Fundador, constatou, ademais, também por inspiração interior e de acordo com os conselhos de Pio IX, que, para alcançar

27. Cf. C. 65-66, 76-77, 79.

28. Cf. C. 85-95.

29. C. 24, 52, 49, 63.

30. C. 40.

31. MB 10, 889.1308.

tal escopo, era indispensável assegurar um núcleo central animador que tivesse a estabilidade e a consistência de uma Congregação Religiosa. E configurou assim a sua Sociedade, que é, justamente, uma Congregação religiosa nascida de uma *experiência, experiência apostólico-secular e aberta à secularidade* ³².

Portanto tinha de assumir características novas com relação a outros Institutos religiosos, tinha de procurar o modo de adatar a sua *forma* às exigências da sociedade civil que estava nascendo. Da mesma forma também o modo familiar de se viver juntos, a agilidade das estruturas, o comportamento a respeito de propriedade dos bens, a maleabilidade de adaptação, o traje, a linguagem a ser usada (casa, inspetor, diretor, assistente), as áreas a serem preferenciadas no apostolado, a vizinhança com o mundo do trabalho deviam ser expressões o mais possível afinadas em relação a certas exigências da sociedade que progredia e se desenvolvía, a partir de então, cada vez mais assinaladas por um progressivo processo de secularização.

Também os vários *tipos de ação educativa e pastoral* eram, por sua natureza, orientadas para oferecer um testemunho e serviço aberto à realidade do mundo que os rodeava. Uma característica *espiritualidade*, que, modelada de acordo com o humanismo de São Francisco de Sales, fazia que os Salesianos se interessassem pela ação e valores temporais, mas ajudava-os também a fazer com que a sua vida de união com Deus e a prática dos conselhos evangélicos infundissem nova energia no educar a juventude em vista da construção de uma sociedade baseada no amor.

Para levar à prática o projeto apostólico de Dom Bosco, os Salesianos tinham de evangelizar com empenhos profissionais, o mais das vezes seculares: ensino, social e cultural, comunicação social, atividades leigas, empenhos domésticos, esporte.

O Pe. Rinaldi acentuou bastante, *em um texto notável de fato*, essa abertura da Congregação à secularidade. “O espírito novo, escreve — no qual Dom Bosco havia procurado conformar as Constituições, espírito precursor dos tempos novos, levantou muitos obstáculos à provação, mas trabalhou, insistiu, rezou e fez os seus meninos rezarem esperou nada mais nada menos que 15 anos, aceitando em suas constituições tão somente as mudanças que poderiam estar de acordo com a sua *índole moderna, ágil, facilmente adaptável a todos os tempos e lugares*: Havia imaginado uma pia sociedade que, mesmo sendo uma verdadeira congregação religiosa, não apresentasse dela o aspecto exterior tradicional: a ele lhe bastava que houvesse o espírito religioso, único fator da perfeição dos conselhos evangélicos; quanto ao resto acreditava que podia muito bem aceitar as exigências dos tempos. *Essa elasticidade de adaptação a todas as formas de bem que vão, continuamente surgindo no seio da humanidade é o espírito próprio das*

32. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 30-32.

nossas constituições, e se algum dia se introduzisse uma variação contrária a esse espírito, então seria o fim de nossa pia Sociedade”³³.

Nessa Congregação e nas suas comunidades, abertas deste modo, à secularidade, o Salesiano coadjutor *é uma presença caracterizante*, em virtude de sua qualificação de Salesiano leigo.

A sua *é* uma forma vocacional em parte diferente da do Salesiano padre, mas igualmente carismática, declara, a propósito, o CG21³⁴ porque a vocação à vida salesiana como “Coadjutor” é um dom gratuito, um carisma do Espírito. Na raiz das diferenças entre Salesiano Leigo e Salesiano padre não é uma negação, o não — ser — padre, nem uma carente qualificação eclesial, mas é sim uma escolha, em resposta a uma vocação: “o Coadjutor optou por um ideal cristão positivo que não se acha definido pelo sacramento da Ordem, mas que é constituído por um conjunto de valores que formam em si mesmos um verdadeiro objetivo vocacional de alta qualidade”³⁵.

23.2 A Vocação do Salesiano Coadjutor é caracterizada pela laicidade

Os Salesianos coadjutores são os sócios *leigos* da nossa Sociedade. A qualificação laical imprime um delineamento concreto e complementar à sua vocação. É esse o motivo pelo qual, junto com o apelativo tradicional de *Salesianos Coadjutores*, os nossos textos oficiais recorrem atualmente, sem preferência ao apelativo recente de *Salesianos leigos*.

Os últimos capítulos gerais e as intervenções dos Reitores Maiores serviram eficaz e progressivamente para orientar e esclarecer o *tipo de laicidade* que caracteriza o Salesiano coadjutor, *levando em consideração que ele é um religioso*, membro de uma determinada comunidade apostólica.

É um argumento complexo, nevrálgico para o presente e o futuro de todos. A isso dedicamos um amplo espaço, levados por esse interesse e por essa urgência carismática e histórica. Fazemo-lo em dois momentos: aqui, oferecendo observações gerais a respeito da laicidade e suas modalidades; mais adiante, definido o tipo de laicidade próprio dos Salesianos coadjutores.

Na linguagem corrente, civil e eclesiástica, os termos leigo, laicidade indicam realidade muitas vezes assaz diferente e apresentam uma compreensão vasta de significados, alguns deles exatos, outros, ao contrário vagos; outros ainda distorcidos; alguns se podem aplicar, em seu sentido, aos Salesianos coadjutores; outros somente em parte; outros, de modo algum.

Querer elencá-los e determinar a todos é uma tarefa quase impossível. Aqui nos limitamos a apresentar alguns, mais familiares, compartilhados e úteis ao nosso caso.

33. ACS (1923) 41.

34. ACG 21, 179.

35. VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 10.

A. Laicidade com referência à criação

Falando de laicidade, de valores leigos, de mentalidade leiga, muitas vezes se tem em vista uma razão e uma vontade de respeito pela autonomia das coisas; elas têm uma “persistência própria, verdade, bondade, leis próprias e a sua própria ordem”, porque foram criadas por Deus e são as criaturas³⁶.

É tarefa do homem descobri-las mediante a ciência, respeitá-las, usá-las e ordená-las com trabalho e técnica; “reconhecendo as exigências de método próprios de cada uma das ciências e das artes”³⁷.

O Vaticano II chama a tudo isso de “autonomia das realidades temporais” e declara que, quando é entendida no sentido logo acima explicado, é “uma exigência legítima, postulada não só da parte dos homens de nosso tempo, mas também conforme à vontade do Criador”³⁸.

Uma correta mentalidade leiga exige, portanto, um alto senso de profissionalidade, nada fácil muitas vezes, mas exatamente ela se interessa pela realidade objetiva das coisas; dedica-se com constância a conhecê-las, mesmo quando forem complexas e exigirem estudo rigoroso, atualizados conhecimentos científicos e técnicos; experiências cheias de atenção; é lúcida no descrever as situações, crítica no avaliá-las, realista no programar sua melhoria, serena no verificar seus resultados, positivos ou negativos, corajosas no modificá-la; é generosa na colaboração e aprecia a organização.

Essas exigências são além do mais, uma contribuição positiva da secularização que, com variada intensidade, marcou com seus préstimos a época moderna e contemporânea.

Aplicando ao nosso caso, o fato de serem cristãos e Salesianos estimula não exatamente a renúnciar a uma reconhecida *profissionalidade e competência*, mas antes, a valorizá-las mais ainda. “Erram os que, sabendo que as realidades temporais são passageiras, — declara a *Gaudium et spes* — pensam que podem por isso descuidar-se dos próprios deveres terrenos e não refletem que, ao invés, exatamente a fé os obriga ainda mais a cumpri-los, de acordo com a vocação de cada um”³⁹.

As coisas criadas, mesmo tendo um valor em si mesmas, têm, além disso, uma necessária e imprescindível referência a Deus: “A criatura, com efeito, sem o Criador, nem existe. Todos os que crêem, seja qual for a religião à qual pertençam, sempre ouviram a Voz e a manifestação Dele na linguagem das criaturas”⁴⁰.

36. GS 36b.

37. Ibidem.

38. Cf. GS 36 b.

39. GS 43 a.

40. GS 36 a.

O atual processo de secularização purifica a fé cristã de visões místicas e irracionais; ajuda a não contrapor Deus ao homem, como se fossem dois antagonistas que dividem entre si o “sagrado” e o “profano”. Com efeito, entre Deus e as criaturas existe uma relação de criação contínua: Deus “mantendo em sua existência todas as coisas, faz com que sejam aquilo que são”⁴¹.

Uma *justa mentalidade leiga*, iluminada pela visão cristã, descobre na verdade, bondade e beleza de todas as coisas a relação que a vincula a Deus e um reflexo Dele; sabe que o contemplá-las e o usá-las de modo correto estimulam o diálogo cheio de gratidão com o seu Criador.

Mas não se pode deixar de dizer que o processo de secularização se acha muitas vezes acompanhado por afirmações que defendem a radical independência das coisas como que a dizer que elas não dependem de Deus e o homem pode dispor delas sem as referir ao criador⁴². O próprio homem então nasceria para a própria liberdade pois que finalmente estaria livre de Deus. Em muitos ambientes “laicidade” não é legítima autonomia, mas sim total independência das pessoas, das sociedades e das ciências, independência de qualquer ulterior referência religiosa: uma forma de *laicismo* ateu e de *secularismo*, nascida da degeneração da laicidade em si mesma, entendida em sentido evangélico.

Perante essa situação, ter uma correta mentalidade leiga quer dizer, para o Salesiano, leigo e padre, saber premunir-se validamente e opor-se as várias formas de materialismo e laicismo ateu, de indeferentismo religioso, infelizmente presentes em muitos setores nos quais desenvolve o seu apostolado.

B. *Laicidade com referência à missão da Igreja*

Com referência à missão da Igreja, na história da Humanidade, fala-se de *fiéis leigos* para distingui-los do clero e dos religiosos e para indicar que eles, “de sua parte desempenham, na Igreja e no Mundo, a missão própria de todo o povo cristão”⁴³: Fala-se de laicidade para sublinhar o fato de que tais fiéis desenvolvem a Missão da Igreja no mundo. É a índole secular que lhes é própria. Disso vamos falar dentro em breve.

Efetivamente, deve-se relevar que o povo de Deus, no seu conjunto, é enviado por Cristo a todo o mundo”, para nele ser “sinal e instrumento de íntima união com Deus e de unidade de todo gênero humano”⁴⁴. Pode-se portanto, enquadrar nesta missão, única e universal,

41. GS 21 c, 36 b.

42. GS 36 c.

43. LG 31 a. Cf. CFL 9-14.

44. LG 9 b 1.

da Igreja “permeiar e aperfeiçoar a ordem das realidades temporais com o espírito evangélico”⁴⁵.

Mas são variadas as modalidades segundo as quais isso acontece. “certamente todos os membros da Igreja — declara a exortação *Christi fidelis laici* de João Paulo II⁴⁵ — são participantes da sua dimensão secular mas eles o são de *maneiras diversas*”: uma é a maneira própria dos fiéis leigos, a outra dos padres seculares, outra a dos que pertencem a Institutos seculares, outra enfim, a dos membros de Congregações Religiosas.

Neste contexto o *mundo* deve ser entendido não tanto como criação, mas sim como *mundo dos homens*, “teatro da história do gênero humano”, marcado pelo seu trabalho, por seus fracassos e suas vitórias, “o mundo certamente colocado debaixo da escravidão do pecado, mas também libertado pelo Cristo morto e ressuscitado, e destinado, segundo o plano divino, a se transformar e chegar ao seu destino e acabamento”⁴⁶.

Vamos, portanto, tomar consciência dessas diversas modalidades de vida e de empenho cristão no mundo.

a) A “*laicidade*” própria dos fiéis leigos *acha-se ligada à sua índole secular*.

Os fiéis leigos — declara o decreto conciliar dedicados a eles —, tem “uma parte própria deles e absolutamente insubstituível na missão da Igreja”⁴⁷. Isso se deve à *índole secular* que deles é “própria e particular”, mesmo se não exclusiva. Com efeito, ela está presente, conforme modalidades e intensidades diversas, também no clero e nos próprios Institutos religiosos, como haveremos de explicar⁴⁸.

Essa índole secular, chamada corretamente de secularidade (que não deve ser confundida com secularização e secularismo), apresenta duplo aspecto: um deles, antropológico e sociológico outro eclesiológico e vocacional.

A *índole secular em sentido antropológico e sociológico* indica o fato de ser-no-mundo, de viver nas condições ordinárias de vida familiar e social, e o fato de ter que desempenhar tarefas temporais referentes à família, saúde, educação, ciência e cultura, mundo do trabalho, das profissões, da indústria, da economia, da justiça, da política e das relações entre os povos, da paz. Abrange “todas” as realidades humanas temporais com as estruturas que lhes são próprias e com a evolução histórica com as quais se entretecem as exigências das pessoas⁴⁹.

45. AA 5.

46. GS 2. Cf. CFL 15.

47. AA 1 a, que remete à LG e 33

48. Cf. LG 31 b; GS 43 *bed*; Cf. CFL 15.

49. Cf. LG 31 b; AA 2 b, 6-8, 11-14; AG Cf. CFL 15.

A índole secular em sentido eclesiológico e vocacional sublinha o empenho cristão em fazer com que essas mesmas realidades sejam ordenadas segundo Deus, desenvolvidas segundo Cristo e constituídas segundo as aspirações de seu evangelho⁵⁰. Empenha-se a fim de que as relações entre as pessoas, na família, no grupo de trabalho, aos relacionamentos civis e sociais, sejam libertadas do mal e do pecado do homem e correspondam às exigências evangélicas de justiça, fraternidade, solidariedade, de liberdade e paz, é tudo quanto caracteriza a índole secular cristã e a distingue da simples condição secular comum a todos os homens.

Os fiéis leigos desenvolvem essa missão agindo *de dentro para fora* no âmago, dessas próprias estruturas, com responsabilidades diretas. Nesse sentido é que se animam evangelicamente à guiza de fermento⁵¹ e devem exprimir espiritualidade mui aderente às formas concretas de vida e de atividades, às suas capacidades e aptidões, aos dons recebidos do Espírito. Entre essas formas de vida espiritual laical o Concílio inclui expressamente as formas das associações que se inspiram nas Famílias religiosas, como é o caso dos *Cooperadores Salesianos*⁵².

O Salesiano coadjutor, ao invés, é religioso e com a profissão religiosa modifica a sua *condição secular*, já que deixa a sua família e a inserção nas comuns estruturas civis e sociais a fim de se encaminhar para fazer parte da Comunidade salesiana. Modifica também a sua *missão secular*, porque a partir de então a desenvolve, não dentro de estruturas seculares, como fazem os fiéis leigos, mas, preferentemente, no âmbito das obras salesianas e, acima de tudo, de conformidade com a sua consagração apostólica, membro que é de uma comunidade salesiana.

b) *A laicidade ou secularidade consagrada* é a própria de todos os que professam os conselhos evangélicos no mundo, como são os que pertencem aos Institutos seculares⁵³. Permanecem e trabalham dentro do mundo, não se furtam à sua condição secular, justamente porque escolhem ficar no seio da própria família e trabalhar numa e noutras das múltiplas instituições civis e sociais. E desenvolvem seu apostolado dentro de tais estruturas seculares. Por esses motivos permanecem leigos e seculares, conservando a “índole secular” no sentido antropológico e eclesiológico, sentido que acabamos de explicar.

Mas em força de uma vocação específica, praticam os conselhos evangélicos permanecendo no mundo, tornando-se, assim, leigos ou seculares consagrados. Tem um estatuto teológico e jurídico próprio, diverso do dos religiosos. Não vivem em comunidade, mesmo favorecendo relações de comunhão entre os membros do Instituto: Não exer-

50. *ibidem*.

51. Cf. LG 31; Cf. Cfl 15.

52. Cf. AA 4.

53. PC 11a.

cem um apostolado “confessional”, isto é, em nome da Igreja e do próprio Instituto, uma vez que a eficácia do seu testemunho e agir cristãos, de tipo secular, está estritamente vinculada a uma presença oculta e que não aparece na sociedade. Sua prática da obediência, pobreza e castidade assume características seculares, adaptadas à sua condição e missão no mundo. Nesse tipo de exemplo é que se enquadra o Instituto das Voluntárias de Dom Bosco ⁵⁴.

Diferente é o caso do Salesiano coadjutor, tornando-se religioso ele modifica a sua condição e missão secular. Vive e trabalha em uma comunidade religiosa, participa de sua missão que exerce em nome da Igreja e pratica abertamente os conselhos evangélicos segundo o projeto indicado nas Constituições. Tudo isso especifica a sua laicidade e se, por um lado, preestabelece sem dúvida, alguns limites, por outro lado evidencia e caracteriza seu testemunho e sua eficácia, que estão unidas a determinados aspectos da missão salesiana.

C) *Laicidade com referência à vida religiosa*

Há, na Igreja, *tipos de laicidade e de secularidade compatíveis e realizáveis também na vocação religiosa.*

Os fiéis leigos que se tornam religiosos não renunciam à laicidade, entendida como *respeito pelas realidades temporais e como visão cristã da criação*, mas reforçam-na, na medida em que são guiadas e amparadas pela sua total doação a Deus. Com a sua vida e atividade testemunham que Deus somente é o criador de todas as coisas e o Senhor da humanidade.

Tornando-se religiosos renovam o empenho, já assumido no Batismo e na Crisma, de participar da comum missão cristã de enviados para junto dos irmãos como sinais e instrumentos de salvação e de desempenhar as *funções sacerdotal, profética e real comuns a todos os membros do povo de Deus*. As várias formas de vida religiosa não marginalizam (os religiosos) com relação ao mundo e aos seus problemas: “Ninguém pense — declara o Vaticano II — que os religiosos, com a sua consagração, se tornem ou estranhos aos homens ou inúteis na cidade terrena. (...) Eles colaboram espiritualmente com os contemporâneos, a fim de que a construção da cidade terrena esteja sempre alicerçada no Senhor e a Ele dirigida, e, assim, não aconteça que trabalhem em vão os que a estão construindo” ⁵⁵.

Os religiosos leigos vivem a sua qualificação de religiosos e de leigos *não de modo uniforme mas de acordo com a índole própria* dos Institutos religiosos a que pertencem.

Muitos Institutos são laicais: “Em força de sua natureza, índole e fim (eles tem), uma tarefa específica, que não pressupõe o exercício

54. Confirmam-se as Constituições das VDB.

55. LG 46b.

da Ordem Sagrada. (Isso) é determinado pelo Fundador, ou então em base de uma legítima tradição”⁵⁶.

Outros Institutos, como o nosso são compostos de *eclesiásticos e de leigos* e são os leigos, principalmente, os que realizam esse componente laical, que é próprio da sua original natureza carismática.

Muitas vezes com o apostolado educativo, pastoral, hospitalar, missionário alguns Institutos, quer laicais quer clericais, se inserem *vital e profundamente na realidade secular*. Tem contatos quotidianos com a juventude e o povo do lugar, com a família e as Instituições civis do Território. Mas, principalmente, e diretamente, tencionam confessar a Deus como sendo um valor absoluto e levam para dentro desses conceitos o seu testemunho de religiosos e o espírito de seu Fundador. Do ponto de vista sociológico, porém, e pessoalmente, por causa de uma particular sensibilidade que adquirem agindo, eles assumem, de certa maneira, em sua vida religiosa, os sinais de uma *fisionomia secular*, é esse o caso dos Irmãos coadjutores em nossa Sociedade, que nasceu nos albos da civilização industrial e toda voltada para a realização de um grande empenho educativo e pastoral a favor do mundo juvenil e popular.

23.3 Características da vocação do Salesiano Coadjutor

Para compreender mais completamente essa característica peculiar do Salesiano coadjutor, é necessário ter presentes diversas outras que ele tem e que, conjuntamente, definem a sua vocação de Salesiano leigo.

A. Uma vocação que se insere na vocação cristã

Em sintonia com o magistério do Vaticano II, o CG21 afirma: “A vocação do Salesiano coadjutor é um *desenvolvimento* da Consagração conferida pelos sacramentos do *Batismo e da Crisma*; mediante a qual ele vive integralmente os valores cristãos do povo de Deus: Santificado e enviado por Deus Pai para a salvação do mundo, participa da missão e ação de Cristo profeta, sacerdote e pastor, e, desse modo, se insere na missão própria da Igreja, de testemunhar e anunciar o evangelho”. Para esse fim manifesta e valoriza “as atitudes cristãs fundamentais: a consciência da comum dignidade filhos de Deus e de irmãos em Cristo, da comum co-responsabilidade, na edificação de seu corpo e da comum vocação à santidade; a liberdade evangélica, dom do Espírito, o vivo sentido da pertença à Igreja local presidida pelo Bispo, a presença renovada na sociedade e, por fim, a solidariedade cristã, especialmente para com os pobres, a sensibilidade e a abertura aos “sinais dos tempos”, a atenção efetiva às necessidades concretas”⁵⁷.

56. CIC e, 588 par. 3.

57. ACGE 174.

Essas indicações gerais são retomadas e expressas no *texto da nossa Regras de Vida*. A Vocação Salesiana — diz o art. 6 — situa-nos no coração da Igreja e nos põe inteiramente a serviço de sua missão”. “Do nosso amor a Cristo — é o art. 13 — nasce inseparavelmente o amor à sua Igreja, povo de Deus, centro da unidade e comunhão de todas as forças que trabalham, pelo Reino. Sentindo-nos parte viva da Igreja e cultivamos em nós e em nossas comunidades uma renovada consciência eclesial. Expressâmo-la na fidelidade filial ao sucessor de Pedro e ao seu magistério, e na vontade de viver em comunhão e colaboração com os bispos, o clero, os religiosos e os leigos”. “A Igreja particular é o lugar em que a comunidade vive e exprime seu compromisso apostólico”, declara o art. 48. E o art. 7: “nossa vocação exige que sejamos intimamente solidários com o mundo e com a sua história”. Completa-o o art. 19: “O Salesiano é chamado a ter o sentido da realidade e está atento aos sinais dos tempos, convencido de que o Senhor se manifesta também nas urgências do momento e dos lugares.”

B) *Uma vocação que pratica com radicalidade um estilo evangélico de vida e de ação.*

O Salesiano coadjutor está consciente de que na origem de sua vocação está a iniciativa de Deus. Chamando-o à vida salesiana, o Pai o consagra com o dom de seu espírito, suscita nele a resposta à vocação recebida e o ampara continuamente do cumprimento dessa tarefa.

Ele responde à iniciativa amorosa de Deus com a *profissão*. “Nossa vida de discípulos do Senhor é uma graça do Pai que nos consagra com o dom do seu Espírito e nos envia para sermos apóstolos dos jovens. Com a profissão religiosa oferecemo-nos a nós mesmos a Deus para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com Ele na construção do Reino⁵⁸.

A *ação consagrante* de Deus abraça não só um ou outro aspecto da vida do Salesiano leigo, *mas toda inteira a sua pessoa e ação*. Com sua presença ativa o Espírito do Senhor o insere na vida caritativa divina, anima-o e ampara-o no desenvolvimento da missão, na vivência da caridade fraterna e na prática dos conselhos evangélicos.

Também a resposta que dá não se refere somente a um ou outro dos aspectos de sua vida, mas à sua inteireza e totalidade. Com a profissão religiosa ele se oferece a Deus todo inteiro: o seu ser e o seu agir, para a salvação dos jovens. Empenha-se na missão e na vida de comunhão. Encontra na prática dos conselhos uma garantia de eficácia sobrenatural para a sua missão, uma fonte de fraternidade e de caridade pastoral, de impulso e dinamismo apostólico. Os votos o tornam também totalmente disponível aos outros e o empenham em que viva e trabalhe junto com os Co-irmãos para testemunhar e anunciar o Evangelho aos jovens.

58. C. 3.

A fórmula da profissão exprime bem esta novidade de ser e de empenho. “Deus Pai, no dia do batismo me consagrastes a Vós. Respondendo ao amor do Senhor Jesus, vosso Filho, que me chama a segui-lo mais de perto, e guiado pelo Espírito Santo que é luz e força, e, com plena liberdade ofereço-me totalmente a Vós, comprometendo-me a dar todas as minhas forças àqueles a quem me enviardes, especialmente aos jovens mais pobres, a viver na Sociedade Salesiana em fraterna comunhão de espírito e de ação, e a participar desse modo na vida e na missão da Vossa Igreja. Por isso (...) faço voto para sempre de viver obediente, pobre e casto, segundo a via evangélica traçada nas Constituições Salesianas”⁵⁹.

C) *Uma Vocação religiosa laical*

Os Salesianos Coadjutores são os sócios leigos de nossa Congregação. Vamos tomar agora uma reflexão, já começada no tema da laicidade, para poder aprofunda-la e integrá-la.

a) O Salesiano coadjutor vive *como religioso salesiano a sua vocação de leigo*

Para descrever a dimensão laical do Salesiano coadjutor, o CGE se inspira no ensinamento do Vaticano II a respeito das Três conhecidas funções das quais todos os fiéis leigos se tornam participantes nos sacramentos da iniciação cristã, mas as retoca, partindo do fato de que o Irmão coadjutor é um *religioso salesiano* e esse particular é a alma de seu ser de leigo. O Salesiano coadjutor, declara o CGE:

— *“vive, com as características da própria vida religiosa: a vocação de leigo que procura o Reino de DEUS tratando das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus;*

— *Exercita o sacerdócio batismal, a sua função cultural, profética e de testemunho e o seu serviço régio de maneira que participe verdadeiramente da vida e da missão de Cristo e da Igreja.*

— *Realiza com a intensidade de sua específica consagração e por “mandato da Igreja, não como pessoa individual, como simples leigo, a missão de evangelização e de santificação não sacramental.*

— *desenvolve a sua ação de caridade com maior dedicação, dentro de uma congregação que se dedica à educação integral dos jovens que têm particular necessidade;*

— *como religioso, anima cristãmente a ordem temporal, tendo ele renunciado à secularidade (própria dos fiéis que vivem no mundo e dos seculares consagrados), com um apostolado efficacíssimo, educando*

59. C 24.

os jovens à animação cristã do trabalho e dos outros valores humanos”⁶⁰.

O atual texto constitucional considera tudo isso como algo adquirido. Delineando, antes de tudo, a índole salesiana, comum a todos os membros da Congregação, e só então, dentro dela, a identidade própria do Salesiano leigo e do Salesiano padre, entende claramente afirmar que o Salesiano coadjutor é, antes de tudo, um Salesiano religioso: a consciência de ter abraçado uma específica forma de vida consagrada, isto é, a salesiana, dedicada a realizar o projeto apostólico de Dom Bosco, modifica a sua consciência de leigo cristão, a permeia e anima⁶¹. Ele “é responsável pela missão comum e dela participa com a riqueza de seus dons e da sua característica laical”⁶².

b) *O Salesiano coadjutor vive como leigo salesiano a sua vocação comunitária de religioso*

O CG 21 acolhe tudo quanto havia afirmado do CGE⁶³, completando-o, porém. Com efeito, define a laicidade do Salesiano coadjutor a partir certamente, de sua vocação religiosa, mas também a indica, acima de tudo, como a característica laical específica e que informa toda a sua vida religiosa. É uma “condeterminação” essencial. Ele vive, como leigo, o conjunto de valores comunitários que constituem a vocação salesiana⁶⁴. O fato de ser leigo, efetivamente, influi sobre a maneira com a qual o Irmão vive e trabalha, como religioso salesiano, em comunhão com os outros co-irmãos. Eis aqui os passos que mais nos interessam.

Declara-se, antes de tudo que “a dimensão laical é a forma concreta com a qual o Salesiano coadjutor vive e trabalha como religioso salesiano. Essa é a sua característica específica, um valor relevante e essencial de sua identidade”.

Concebe-se tal laicidade *não de uma maneira negativa*, como se fosse suficiente não ser padre para ser leigo, mas *positivamente*, como sendo “o conjunto dos valores que caracterizam o cristão leigo qualificado pela consagração religiosa salesiana”.

Essa laicidade não se estreita dentro de limites de determinados serviços ou funções que o Salesiano leigo desempenha na sua comunidade: a laicidade — declara o texto capitular — “*Não se reduz a um serviço ou a uma simples função*”.

Ela (a laicidade) se estende, muito mais ainda, à sua vida toda inteira: “A dimensão laical compenetra toda a vida do Salesiano coadjutor: a missão salesiana, a vida de comunidade, a ação apostólica,

60. ACGE 149.

61. Cf. C 2.

62. C. 45.

63. Cf. ACG 21 178 onde é reproduzido o texto dos ACGE 149.

64. C 3.

a profissão religiosa, a oração e a vida espiritual são vividas por ele *como religioso leigo*".

Assinala-se o fato de que, em virtude dessa característica laical, "sua inteira existência se transforma em um *testemunho salesiano concreto*, quer em relação aos Salesianos padres, quer em relação aos destinatários, quer, em geral, em relação a todos os grupos da Família Salesiana. Isso obriga a comunidade Salesiana a assumir, também ela, o aspecto, que lhe é próprio, querido por Dom Bosco: enriquecida pela dimensão laical, pode aproximar-se do mundo de maneira mais apostolicamente válida"⁶⁵.

Em particular, não a isola da *correlativa dimensão presbiterial*⁶⁶. A congregação é formada por eclesiásticos e leigos unidos entre si pelos *sólidos vínculos de pessoas distintas*. Se se tomam em consideração os Salesianos, um por um, fora desses recíprocos vínculos fraternos, cai-se no risco de uma visão individualística da vida salesiana⁶⁷.

O *texto constitucional atual* resume breve, mas eficazmente, o progresso dessa caminhada: "O Salesiano coadjutor leva para todos os campos educativos e pastorais o valor próprio de sua laicidade, que o torna de modo específico testemunha do Reino de Deus no Mundo, mais próximo dos jovens e das realidades do trabalho"⁶⁸.

D) *Uma vocação a serviço da missão salesiana.*

Para realizar o seu projeto de vida e de ação apostólica, Dom Bosco considera necessária a contribuição do religioso leigo.

Ele quis que a Sociedade de S. Francisco de Sales fosse uma "reunião de padres, clérigos e leigos, especialmente artesãos, os quais desejam unir-se procurando assim fazer o bem entre si e fazer o bem igualmente aos outros"⁶⁹.

Ao configurar essa Sociedade Dom Bosco estabeleceu que fosse constituída não somente por eclesiásticos, nem somente por leigos, mas de eclesiásticos e de leigos, unidos em uma única comunhão de vida e de trabalho. Fiel a essa intenção, o art. 4 das Constituições assim se exprime: "Nossa Sociedade é composta de clérigos e leigos que vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade".

Cada Salesiano, leigo ou padre, participa da missão que é confiada à comunidade e é co-responsável pela sua concreta atuação: "O mandato apostólico que a Igreja nos confia é assumido e cumprido, em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais, cujos membros têm funções complementares, com incumbências, todas elas, impor-

65. ACG 21 178.

66. *ibidem*.

67. *ibidem*.

68. C 45.

69. MB, 12, 151.

tantes”⁷⁰. “A comunidade local — sublinha o art. 175 — é composta de irmãos, (...) em unidade de espírito, sob a autoridade do Superior, trabalhando co-responsavelmente para a missão apostólica”. E o art. 45 especifica: “Cada um de nós é responsável pela missão comum e dela participa com a riqueza de seus dons e das características, laical e sacerdotal, da única vocação salesiana”.

E) *Uma vocação salesiana concreta e completa*

Deus chama a cada um *pelo seu nome* e em vista de uma missão concreta a exerce em meio ao seu povo, em um determinado momento da história.

A do Salesiano coadjutor como a do Salesiano padre é uma chamada que Deus dirige à pessoa, individualmente considerada, e a faz ser a si mesma: “Cada um de nós — escreve o art. 22 das Constituições — é chamado por Deus a fazer parte da Sociedade Salesiana. Por isso recebe DELE dons pessoais”.

A chamada *não é genérica, mas específica*: cada um é chamado a ser concretamente *Salesiano padre ou Salesiano leigo*. Para realizar o seu projeto apostólico, efetivamente, Dom Bosco, fundou uma Congregação “formada por eclesiásticos e leigos”. Essa é a *forma* de nossa Sociedade: ela — diz o art. 4 das Constituições — é composta por clérigos e leigos que vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade”.

Sem dúvida cada um sempre descobre a sua vocação concreta, através de um caminho de progressivo discernimento. Para acompanhar esse caminho é que se destinam a pastoral vocacional e a formação inicial.

No povo de Deus, o Espírito do Senhor distribui dons diversos, todos radicados na comum vocação cristã⁷¹. São modos diversos de realizá-la adaptadas à pessoa de cada batizado. Cada dom ou forma vocacional é por isso, em *si mesmo, completa*. O decreto conciliar declara, a respeito, falando da vida religiosa: “A vida Religiosa laical (...) masculina (...) constitui um estado, *em si mesmo completo*, de profissão dos conselhos evangélicos. Por isso o Sagrado Concílio (...) confirma os membros de tal forma de vida religiosa em sua vocação”⁷².

Dentro de nossa Congregação há uma *comum Vocação Salesiana*, que é vivida segundo modalidades distintas, a laical e a presbiterial. Não existem, portanto, duas vocações diversas, quanto ao grau e ao valor: Completa, a do Salesiano padre; incompleta a do Salesiano leigo; ou vice-versa. A vocação do Salesiano coadjutor, assegura-nos o art. 3 das Constituições, abrange todos os elementos inseparáveis de

70. C 44.

71. Cf. LG 7c, 12b.

72. PC 10a.

nossa consagração apostólica salesiana: a especial aliança com Deus, a missão, a comunhão fraterna, a prática dos conselhos evangélicos, o espírito salesiano com o qual é vivida essa consagração.

Consequentemente o Salesiano coadjutor participa na atuação do projeto de vida e de ação da comunidade *por título próprio e não derivado*, a saber, em base da própria vocação e ao mandato eclesial que lhe é próprio. “O mandato eclesial que a Igreja nos confia”⁷³ se baseia no livre dom da vocação salesiana. A Igreja o reconhece e quer conseguir, com sua intervenção, que ele seja levado a frutificar efetivamente.

F) *Uma vocação original*

O Pe. Rinaldi escreveu que “o Coadjutor salesiano é uma genial criação do grande coração de Dom Bosco, inspirado, pela Auxiliadora”⁷⁴. Ele instituiu essa “genial modernidade” e apresentou os motivos correspondentes: “O Coadjutor Salesiano não é o segundo, nem a ajuda, nem o braço direito dos sacerdotes, seus irmãos de religião, mas pessoa igual a eles, que, na perfeição, os pode preceder e superar, como o confirma amplamente a experiência quotidiana”⁷⁵.

O CG 21, aprofundando o tema, declarou ulteriormente que essa vocação “é característica em relação a outras vocações: dentro da Igreja, porque está a serviço da missão salesiana; dentro da Família Salesiana, porque é vivida por um religioso leigo no seio de uma comunidade com características próprias herdadas do Fundador”⁷⁶.

G) *Uma vocação significativa*

Foi dito que para gozar de boa saúde, a identidade de uma pessoa ou de um grupo deve possuir e exprimir um *sentido compreensível e operante*.

Com certeza, para os Salesianos coadjutores que seguram com generosidade a própria vocação, o viver e trabalhar com Dom Bosco deu sentido à sua vida. Seu testemunho quotidiano fez com que outros fossem atraídos e se tornassem também eles, Salesianos leigos.

Mesmo se pouco conhecida e, às vezes, não bem compreendida, sua identidade, muitas vezes, foi tida em grande consideração, quer no seio da Família Salesiana, quer em ambientes civis e eclesiásticos. Não só como escrevia o Pe. Rinaldi, porque, é um “tipo de vida de perfeição e de apostolado (...) acessível a qualquer classe de pessoas”⁷⁷

73. Cf. PC 8ab.

74. ACS 40, p. 574.

75. *ibidem*.

76. ACG 21 173:

77. Cf. ACS40, p. 575-577.

mas também porque “envolve toda as dimensões da vida e oferece a possibilidade de um pleno desenvolvimento da própria personalidade”⁷⁸ e na perspectiva da missão, responde plenamente, em lugares e culturas diferentes, às suas exigências, especialmente às que são próprias do “mundo do Trabalho”⁷⁹.

2.4 ESSENCIAL RECIPROCIDADE ENTRE SALESIANOS LEIGOS E SALESIANOS PADRES

A *rede de relações* que, no interior da Congregação, une os Salesianos coadjutores e os Salesianos padres faz parte integrante de sua *identidade vocacional*.

Sobre esse argumento intervieram repetidamente nossas assembleias capitulares, especialmente o CG 21 e o CG 22.

2.4.1 Reciprocidade vocacional

Falando da nossa sociedade, de sua *forma*, de sua *índole* própria, o art. 4 das Constituições afirma: “A nossa Sociedade é composta de clérigos e leigos”. Tem um rosto original na Igreja, um rosto “religioso e secular”, como disse Pio IX⁸⁰; tem uma (sua própria) modalidade de vida e de ação, adaptada à novidade dos tempos ao tipo de serviço educativo pastoral que desenvolve. Essa forma própria depende exatamente do fato de que ela “é composta de clérigos e de leigos”. Trata-se de sua constituição carismática. Assim é que foi querida por seu Fundador. Ela — declara Dom Bosco no texto constitucional de 1875 — “Consta de clérigos e leigos, os quais formando um só coração, uma só alma, levam vida comum...”⁸¹.

E o modo concreto com o qual no primeiro Oratório se vivia a mesma vocação, estando com Dom Bosco. Essa “experiência de Espírito Santo” que o nosso Fundador iniciou e que a Igreja reconheceu como dom do Senhor, como “carisma”⁸² é um dos elementos base que fazem a Congregação ser aquilo que deve ser, segundo a vontade de Deus.

É o nosso *carisma comunitário*: “cada um de nós é chamado por Deus a fazer parte da Sociedade Salesiana”⁸³, a viver, em força de sua própria vocação, em estreita comunhão com os outros.

Já em força do *Batismo* e da *Crisma* Salesianos coadjutores e Salesianos padres estão unidos entre si na *comunhão eclesial*. A *vocação*

78. ACG 21 173.

79. Cf. VIGANÓ E., *La Società di san Francesco di Sales...*, 322.

80. MB 13, 82s.

81. Const. 1875, II, 1.

82. ET 11; MR 11.

83. C 22.

salesiana, a seguir, faz com que a forma vocacional de cada um seja *correlacionada por um novo título* com a dos outros de modo que, entre os primeiros e os outros, se estabelece uma *reciprocidade vocacional real*.

Correlação e reciprocidade não significa subordinação ou contração, nem perda de fusão das próprias características, respectivamente laicais e presbiteriais. Significa, mais do que tudo, *recíproca comunhão e comunicação* entre Salesianos que têm características próprias; significam intercâmbio dos respectivos valores e *participação paritária* na atuação do projeto apostólico de Dom Bosco⁸⁴.

A respeito declara o VII sucessor de Dom Bosco: “As diferenças na figura e nos papéis dos sócios não devem ser consideradas como “limitações” ou “graus”, mas fontes de riqueza comum: não falta de alguma coisa, mas potencial integrativo dos valores dos outros; contribuição harmônica para com um tipo de comunidade religioso-apostólico original⁸⁵.”

24.2 Fraterna complementaridade:

O art. 4 das Constituições precisa ainda: clérigos e leigos “vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade”. Não se trata de uma complementaridade qualquer, mas de “*um peculiar tipo de complementaridade orgânica*”⁸⁶. Ela exige uma equilibrada dosagem entre o componente laical e o sacerdote, não fixado de uma vez para sempre, mas aberto a uma contínua verificação, que consinta sua retificação e oportuna adaptação aos tempos e lugares.

“Mesma vocação” e “fraterna complementaridade” exigem, em geral, a plena igualdade dos sócios na profissão religiosa, a constitutiva reciprocidade entre clérigos e leigos, a adequada formação para essa mútua correlação de vida.

A) *Complementaridade em nível de consciência pessoal*

Para que essa fraternidade e essa complementariedade se transformem de valores ideais em valores reais, que se vivem no cotidiano de cada dia, é necessário que os Salesianos, todos eles, disso estejam plenamente conscientes e convencidos. É necessário que elas se enraizem cada vez mais em suas consciências e se manifestem em suas atitudes internas e externas.

O Reitor-Mor declarou a esse respeito: “Cada sócio, clérigo ou leigo, se tiver verdadeira consciência de ser membro, sente-se co-responsável pelo todo, trazendo o dom de si e de sua típica vocação. O componente

84. Cf. ACG 21 194.

85. VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 7.

86. ACG 21 186.

“sacerdotal” e “laical” não incorporam uma adição extrínseca de duas dimensões confiadas, cada uma delas, a categorias de Co-Irmãos diferentes em si mesmas, que caminham paralelamente e somam forças separadas; mas sim *a uma comunidade* que é o verdadeiro sujeito da única missão salesiana”

“Isso exige uma formação original da personalidade de cada sócio; pelo que o coração do Salesiano Clérigo se sente intimamente atraído e envolvido pela dimensão laical da comunidade; e o coração do Salesiano leigo se sente, por sua vez, intimamente atraído e envolvido pela dimensão sacerdotal. É a comunidade salesiana, em cada um de seus sócios, que testemunha sensibilidade e realiza empenhos que são simultaneamente “sacerdotais” e “laicais”⁸⁷.

As comunidades devem amadurecer essas atitudes, porque é essa consciência vivida em suas consequências que consegue *bloquear*, na Congregação, qualquer tipo de *mentalidade*, quer *clerical* que tende a desprezar valores da *laicidade*, quer *laicista* que se contrapõe, muitas vezes até emotivamente, ou ao menos se distancia dos valores do *sacerdócio*. Essas mentalidades empobrecidas são fontes de tensões e de mágoas, de incomunicabilidades e discriminações e desnaturam a nossa específica comunhão apostólica⁸⁸.

B) *Complementaridade em nível apostólico*

O que é que implica, em nível de atividade apostólica, a fraterna complementaridade entre os salesianos coadjutores e padres?. O art. 45 das Constituições afirma: “A presença significativa e complementar de Salesianos clérigos e leigos na comunidade constitui *um elemento essencial de sua fisionomia e completeza apostólica*.” Consequentemente a comunidade não seria mais, plenamente, ela mesma, se viesse a faltar ou, seja lá como for, a ser carente a presença de uns ou de outros.

Nas intenções de Dom Bosco os jovens devem ser abordados com atividades feitas junto com eles, mas acompanhadas pela estreita colaboração entre salesianos padres e leigos, irmãos na mesma comunidade religiosa⁸⁹.

O art. 44 das Constituições retoma essa convicção: nas comunidades inspetoriais e locais “os membros tem *funções complementares*, com incumbências todas elas importantes. Disso eles tomam consciência: *a coesão e a co-responsabilidade fraterna* permitem alcançar os *objetivos pastorais*. E o artigo que se segue indica com precisão: “Cada um de nós é responsável pela missão comum e dela participa com a riqueza de seus dons e das características de única vocação salesiana”.

E, mais especificamente, no que se refere ao componente laical, a presença do Salesiano leigo, enriquece a ação apostólica da comunidade:

87. *ibidem*.

88. *ibidem*.

89. Cf. *Il progetto di vita dei Salesiani...*, p. 384.

torna presentes perante os Salesianos presbíteros os valores da vida religiosa laical e os alerta permanentemente para a viva colaboração com os leigos; recorda ao Salesiano padre uma visão e um empenho apostólico mui concreto e complexo, que vai para além das atividades presbiterial e catequística em sentido estrito.^{89b}.

A presença cheia de significado e de credibilidade do Salesiano Coadjutor “testemunha perante os jovens os valores da vida religiosa laical, como alternativa da vida religiosa sacerdotal; oferece a todos quantos não se sentem chamados a uma vida consagrada um modelo mais próximo da vida cristã, de santificação do trabalho, de apostolado laical”. Permite à comunidade salesiana uma particular encarnação apostólica e uma particular presença na missão da Igreja.^{89c}.

24.3 Influxo da reciprocidade e complementaridade sobre a identidade

A reciprocidade e a complementaridade entre os Salesianos leigos e Salesianos padres influem sobre a identidade de ambos, sobre a das comunidades e a da Congregação toda inteira.

A) *A reciprocidade e a complementaridade caracterizam a identidade das pessoas.*

“Justamente porque correlacionados entre si, dentro das comunidade salesiana. Salesianos coadjutores e Salesianos padres se caracterizam e se influenciam reciprocamente. Não é possível definir adequadamente a identidade do Salesiano coadjutor sem ter que se referir à identidade do Salesiano padre e vice-versa. A crise de identidade ou troca de fisionomia de um compromete mais ou menos profundamente também o outro. Suas riquezas espirituais alimentam-se mutuamente e a pobreza de sua vida espiritual, respectivamente laical ou presbiterial, repercute negativamente sobre ambos⁹⁰.

Para que a comunidade salesiana permaneça fiel ao projeto original e os seus membros desenvolvam fielmente a própria fisionomia características é necessário que os Salesianos padres e Salesianos coadjutores se *compreendam e se abram*, uns aos outros, para a compreensão *do dom de Deus*: “Assim se realiza a troca admirável, onde cada um continua sempre sendo o que é, mas para os outros e para todos os quais é mandado. No fundo, o sacerdote que não considera assim o próprio irmão coadjutor e diminui sua real presença e alcance profético, acaba lutando contra o seu próprio significado”⁹¹. E vice-versa.

89b. Cf. ACG 21 195.

89c. *ibidem*.

90. ACG 21 196.

91. *ibidem*

Uma inquietação, como essa deveria perturbar a consciência de todos ⁹².

B) *A reciprocidade e a complementaridade caracterizam a congregação e suas comunidades.*

“A presença significativa e complementar de Salesiano clérigos e leigos na comunidade constitui um *elemento de sua fisionomia*”, assim se lê no artigo 45 das Constituições. Com isso se reafirma a vontade explícita de Dom Bosco, aliás repetidamente recordada no curso de nossa história, a respeito da forma da nossa sociedade ⁹³.

O Salesiano coadjutor é um “fator necessário da obra salesiana”, deixou escrito o Pe. Rinaldi ⁹⁴. O CG 19 o declarou “*um elemento constitutivo*” da Congregação, de tal modo que ela, concluía, não seria mais aquela que Dom Bosco quis se os Irmãos coadjutores viessem a desaparecer ⁹⁵.

O CG 21 disse explicava os motivos: “A específica vocação de religioso salesiano leigo *influe sobre o tom global* da Congregação e a *define*, juntamente com a dimensão sacerdotal”. “O tema do salesiano coadjutor — prossegue citando uma declaração do 6.º sucessor de Dom Bosco — toca a imagem da Congregação... Perguntar-se a si mesmo que é o Salesiano coadjutor significa imediatamente fazer esta pergunta: qual é a natureza da Congregação, sua missão, seu espírito? Porque a Congregação querida e fundada por Dom Bosco não se pode imaginar senão como uma comunidade apostólica de leigos consagrados e de clérigos. Olhando bem as coisas, os problemas dos Salesianos coadjutores se identificam com os problemas da Congregação, são os nossos problemas mais verdadeiros, mais essenciais”.

“Ela, portanto — conclui a texto capitular — deve conservar-se fiel à sua natureza carismática, querida por Dom Bosco. E não somente com uma *fidelidade teórica doutrinal*, mas *concreta e histórica*. Quer dizer, não se deve limitar com o afirmar que é clerical e laical, mas o deve ser *verdadeira e visivelmente*, na consciência, nas atitudes, na vida e nas manifestações externas. (...) Talvez se possa acrescentar que quando numa inspetoria a *proporção* entre Salesianos coadjutores e Salesianos padres se acha notavelmente comprometida, aí não estamos dando mais um *testemunho completo* e exato daquilo que somos carismaticamente” ⁹⁶.

Sobre esses mesmos temas voltou o 7.º sucessor de Dom Bosco, quer na carta já citada sobre o componente laical da comunidade

92. *ibidem*.

93. C 4.

94. ACS (1927) p. 621

95. ACG 19, p. 65.

96. ACG 21 197-198.

Salesiana” quer em várias outras intervenções no CG 22⁹⁷. “Não se trata — declarava ele — simplesmente deste ou daquele sócio que, por sua conta e de modo isolado e quase arbitrário, tenha um gosto pessoal mais ou menos ministerial ou profano, trata-se da comunidade salesiana em sua vitalidade orgânica, ou seja, *da Congregação enquanto tal*, que tem como componente essencial de sua fisionomia *um peculiar e simultâneo sentido de consagração da Ordem (sagrada) e da sua situação laical*, que permeia em uma síntese original de vida comum”⁹⁸.

As razões que acabamos, agora mesmo, de apresentar motivam o “grito de alarme” que o Reitor Mor fez ecoar no CG 22⁹⁹.

24.4 Participação na vida e no governo da Congregação

As estruturas de animação e de governo influem sobre a identidade da pessoa e do grupo. Esclarecidas as relações de reciprocidade e complementaridade entre Salesianos leigos e Salesianos padres nas comunidades e na Congregação, torna-se agora possível delimitar e compreender melhor, de uma parte a *responsabilidade* dos Salesianos leigos nas estruturas de animação e de governo e, de outra, o serviço do Superior salesiano presbítero.

A) *A responsabilidade do Salesiano coadjutor nas estruturas de animação e de governo.*

A nossa história demonstra a rica e variada contribuição dos Salesianos coadjutores na vida da comunidade com sua presença nos espaços de *responsabilidade direta e em organismos de animação e de governo*, em todos os níveis¹⁰⁰.

Em *nível local*, ele exercita todas as incumbências e responsabilidades quer na comunidade religiosa, quer na comunidade educativa: é coordenador, é chefe de oficina, é diretor técnico, diretor editorial, ecônomo... membro do conselho da comunidade¹⁰¹.

Em *nível inspetorial* participa de todas as outras estruturas de animação da inspetoria: órgãos de consulta e orientação, secretariados; faz parte do Conselho Inspetorial¹⁰² e pode ser delegado ao Capítulo Inspetorial¹⁰³.

97. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale...*; ID. *La Società di san Francesco di Sales...*, 320-322; ACG 22 79-82.

98. VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 14.

99. VIGANÓ E., *La Società di san Francesco di Sales...*, 322, ACG 22 81.

100. Cf. ACG 21 192.

101. Cf. C 44, 45, 51, 66, 176, 178, 179.

102. Cf. C 161, 163-66, 69.

103. Cf. C 170-174

104. Cf. C 145-151.

Em nível mundial pode ser membro do Capítulo Geral¹⁰⁴ e conselheiro do Conselho Geral da Congregação¹⁰⁵.

Ele oferece, assim, uma contribuição responsável e afetiva, correlata e orgânica¹⁰⁶ para a animação da comunidade fraterna e apostólica, com uma verdadeira autoridade em base dos princípios de participação, de subsidiariedade e descentralização¹⁰⁷.

Essa autoridade é exercida por ele “em nome e à imitação de Cristo, como um serviço aos irmãos, no espírito de Dom Bosco, para procurar e cumprir a vontade do Pai”¹⁰⁸.

B) *O serviço do Superior salesiano como presbítero:*

O serviço do Superior salesiano é concebido e exercido na *perspectiva da fundamental reciprocidade e complementaridade* entre Salesianos leigos e Salesianos padres. Ele se dirige à finalidade de solidificar essas relações em sintonia *com o tipo específico de missão*, formalmente pastoral, própria da comunidade.

Trata-se de um serviço que *a nossa tradição* confia, como esclarece com precisão o art. 121 das Constituições, a um irmão padre que, “pela graça do ministério presbiterial e pela experiência pastoral, sustenta e orienta o espírito e a ação dos irmãos”¹⁰⁹. Dele e de seu ministério têm a necessidade uns e outros, todos.

Isso deveria garantir a *ótica pastoral* de nossa atividade e de nossas obras: não somente a quem é *comum* a todos os fiéis em quanto sujeitos ativos da missão da Igreja, mas também a que é *específica*, vinculada ao exercício do ministério presbiterial. “Cada comunidade, com efeito é chamada a ser uma espécie de “estação missionária” para a juventude. Aquele que dirige a comunidade deve possuir os critérios de “pastor”, que dão à missão comum uma particular conotação eclesial”¹¹⁰.

2.5 A AÇÃO APOSTÓLICA DO SALESIANO COADJUTOR

Já se acenou várias vezes à ação apostólica do Salesiano coadjutor. Para integrar tudo quanto se expôs até agora e na linha do conteúdo próprio deste capítulo, acrescentam-se aqui alguns elementos que se referem:

- aos fundamentos do apostolado salesiano do coadjutor
- ao fato de que toda a sua vida deve ser apostólica
- ao “mundo do trabalho”, campo privilegiado da sua ação.

105. Cf. C 141.

106. Cf. C 44, 45, 51, 66.

107. Cf. C 120, 122-124.

108. Cf. C. 121.

109. *ibidem*.

110. *Il progetto di vita dei Salesiani di Don Bosco*, 104, s. e tb. 808-811.

25.1 Os fundamentos do apostolado do Salesiano Coadjutor

O fundamento de seu apostolado é a *consagração recebida no Batismo e na Confirmação*. Ela encontra a sua realização prática e plenitude na consagração apostólica da *profissão salesiana*.

A) *A Comum vocação cristã para o apostolado.*

O Salesiano coadjutor é chamado, como o são todos os cristãos, a participar da missão da Igreja, em força dos sacramentos do Batismo e da Crisma. É uma verdade já várias vezes sublinhada pelo Concílio. Eis aqui algumas de suas declarações.

“A Igreja que vive no tempo, por sua natureza é missionária ¹¹¹. “A Vocação cristã é, por sua natureza, também vocação ao apostolado” ¹¹². “Não há membro da Igreja que não tenha parte na missão de todo o corpo místico” ¹¹³. “Os pastores sagrados “sabem que não foram instituídos por Cristo para assumir sozinhos toda a missão da salvação que a Igreja recebeu em relação ao mundo” ¹¹⁴.

Nos sacramentos do Batismo e da Crisma os fiéis ficam conformados a Cristo sacerdote, profeta, rei e Senhor. Consequentemente tem o direito e o dever de exercitar uma ação apostólica ou cultural, profética ou de testemunho e real ou renovadora da ordem temporal, de modo que se torne conforme com o plano de Deus ¹¹⁵.

B) *O modo salesiano de participar da missão da Igreja.*

São diversas as vocações específicas e portanto os modos de viver a consagração batismal, de participar da missão da Igreja e de desenvolver a ação apostólica, comum a todos os cristãos.

Nossa consagração apostólica é o modo salesiano de viver a consagração recebida no Batismo e na Crisma. A nossa missão, juvenil e popular, é o modo salesiano de participar na missão da Igreja. O nosso serviço educativo pastoral em relação aos jovens e às classes populares é o modo salesiano de participar da ação evangelizadora da Igreja ¹¹⁶.

O cristão que se torna *Salesiano coadjutor* se empenha em cumprir a missão da Igreja e as três funções próprias de Cristo, participando da realização do projeto apostólico de Dom Bosco, como membro educador e evangelizador de uma comunidade.

111. AG 2a; vide tb. AG 35; LG 9b, 17.

113. PO 2a; vide tb LG 13ab, 17, 30, 32a; AG 5, 6g, 10, 35-37.

114. LG 30,32c.

115. Cf. LG 10-12; 34-36; AA 2b, 3a.

116. Cf. C 6, 31.

Sua consagração apostólica recebida na profissão religiosa é o modo salesiano de viver a consagração batismal e de realizar sua vocação ao apostolado ¹¹⁷

25.2 Toda a vida do Salesiano coadjutor é apostólica

A *vida inteira* e a atividade do fiel cristão, e não apenas alguns de seus momentos, deve ser apostólica. Assim também toda a vida do Salesiano coadjutor e todo o seu agir deve se transformar em apostolado.

O apostolado não se reduz a algumas ações apenas, como a catequese, a pregação, a administração dos sacramentos. O Vaticano II que se prende ao pensamento bíblico, inclui no apostolado todas as ações dirigidas a fazer com que as pessoas vivam e trabalhem em comunhão de fé, esperança e amor com Deus e entre si, segundo o exemplo que nos deu o Senhor Jesus ¹¹⁸.

Acenemos a duas consequências práticas.

A *primeira* está no fato de que os empenhos que os Salesianos coadjutores desenvolvem, os serviços domésticos, as atividades laicais, os desempenhos culturais e educativos, *não* podem ser considerados misteres ou profissões ou ações profanas *tão somente*. Uma correta mentalidade cristã não aceita essa redução porque equivaleria a tornar próprios, talvez inconscientemente, atitudes e comportamentos de tipo laicista, para transformar em apostolado tudo isso, não basta a reta intenção. Oferecer as ações do dia ao Senhor é um elemento que contribui para fazer com que uma ação seja boa, mas pode-se agir com reta intenção e, ao mesmo tempo, executar mal um trabalho, por exemplo, por incompetência. É necessário considerar o *trabalho como uma tarefa*, confiada a cada um pelo Criador, para ser cumprida de maneira honesta e competente e para ser dirigida ao serviço das pessoas. *A profissionalidade continua sendo um aspecto importante de qualquer apostolado autêntico* ¹¹⁹

A segunda consequência está no fato de que as atividades que os Salesianos coadjutores desenvolvem não são uma espécie de apostolado indireto, mas uma participação viva e consciente no apostolado direto da própria comunidade. O Evangelho é anunciado para que seja vivido; e viver o evangelho quer dizer inserir nas relações interpessoais os valores que ele propõe.

O Salesiano coadjutor que, ao cumprir o seu ofício, o faz de tal modo que suas relações com todos quantos trabalham com ele ou são objeto de seu serviço, sejam imbuídos de respeito, compreensão, vivo sentido de justiça e sincera caridade e fraterna; transforma sua ativi-

117. *ibidem*.

118. Cf. AA 2a.

119. Cf. GS 67, 72.

dade em apostolado, porque ele vive o evangelho, testemunha-o com os fatos e o irradia com o seu comportamento.

Com razão o CG 21 sublinha “a necessidade de confirmar e explicitar a dimensão apostólica do trabalho e da ação educativa do Salesiano coadjutor, *evitando uma visão unicamente profissional da sua atividade*”¹²⁰.

25.3 O “mundo do trabalho”, campo de ação privilegiado para o Salesiano leigo

Algumas atividades, *por sua própria natureza e pelo ambiente sócio-cultural* em que se desenvolvem, podem vir a ser *mais adequados e significativos* com relação a identidade laical do Salesiano coadjutor. Contando que ele as desempenhe como religioso leigo, e portanto, como expressão do fato de ele ser sempre e por toda a parte, um membro e ativo de uma comunidade educativa e evangelizadora. Sobre esses argumentos interveio de modo particular o CG 21.

“Se se notar a importância e a incidência que o “mundo do trabalho” ocupa em muitas nações, aparece claramente que as atividades concernentes à área de trabalho vem a ser não as únicas, mas certamente as mais significativas para a ação apostólica do Salesiano coadjutor, nesses espaços”¹²¹.

“Já Dom Bosco, com a simplicidade própria de seu tempo, tinha sublinhado que uma das tarefas características dos Salesianos coadjutores devia ser a de animar cristamente o mundo do trabalho do qual tinha colhido alguns valores sempre atuais: o caráter de ascese e de severa autodisciplina; o testemunho e a eficácia apologética de religiosos trabalhadores, em face da opinião pública particularmente sensível ao significado do trabalho”¹²².

Hoje em dia o “mundo do trabalho”, pela natureza que o caracteriza e pela reflexão que provocou a partir da “*Rerum novarum*” de Leão XIII; e da “*Quadragesimo anno*” de Pio XI, até à “*Mater et magistra*” de João XXIII, à “*Gaudium et spes*” do Vaticano II, à “*Populorum progressio*” de Paulo VI, à “*Laborem exercens*” e à “*Sollicitudo rei socialis*” de João Paulo II, *percorreu um longo caminho*.

Apresenta-se como um vasto e complexo fenômeno que faz emergir numerosas categorias sociais, com características próprias, interdependentes entre si, muitas vezes obstaculadas por tensões e conflitos. É fonte de direitos e de respectivos deveres. Cria novos modelos culturais e forja novos tipos de humanidade. É um potente fator de desenvolvimento para a pessoa. Situações de desfrutamento, de marginalização e desocupação ou ocupação parcial apresentam graves problemas educativos e pastorais especialmente juvenil.

120. ACG 21 182.

121. ACG 21 183.

122. *Ibidem*.

Para os cristãos é um lugar onde se pode viver e exprimir *uma espiritualidade específica*. Com o trabalho, efetivamente, os fiéis participam da atividade do Criador, seguem a Cristo, “o homem do trabalho”, partilham seu caminho doloroso marcado pela cruz, mas amparado por uma esperança certa de ressurreição¹²³.

O Salesiano coadjutor lembra constantemente a toda a comunidade as urgentes e comuns responsabilidades para com o mundo do trabalho.

25.4 Uma específica contribuição para a abertura secular da Congregação.

A Contribuição pela qual os Salesianos leigos fazem com que nossa Congregação assuma características *traços seculares compatíveis* com o espírito religioso, é deveras *relevante*.

Pode-se constatar como suas atividades e funções, de que se tratará mais amplamente no tema de formação, são às mais das vezes seculares, isto é, comuns, como as que comumente desenvolvem as pessoas do mundo. As obras em que trabalham, salesianas e não salesianas, como quer que seja, tem caráter prevalentemente profano. São escolas técnicas e profissionais, centros juvenis, obras educativas e culturais já são hoje em dia largamente abertas ao ambiente sócio-cultural no qual se acham inseridas.

Ademais exigências de trabalho e presença entre os jovens comportam a inserção em algumas condições de vida que são próprias dos seculares, com amplas possibilidades e conveniência de colaboração com eles, com os colaboradores leigos, com os pais de alunos, com a mais ou menos vasta clientela de nossas muitas obras.

Mais ainda, tendo de atingir, às vezes, jovens e classes populares em seu próprio ambiente, com a finalidade de se encontrar perto deles, de amá-los em Cristo, de aliviar sua indigência, fazendo próprias as legítimas aspirações que têm por uma sociedade mais humana, os Salesianos leigos são levados com esse exato serviço a viver em uma condição secular e animá-la cristãmente.

Em síntese, a secularidade dos salesianos coadjutores, mesmo que, em vista de sua qualificação de religiosos, seja necessariamente limitada, permanece, todavia, sob outros diversos pontos de vista, assaz larga, e, muitas vezes, muito mais ampla do que a que cabe aos Salesianos padres. “Há certas coisas — afirmava Dom Bosco falando aos Irmãos coadjutores — que os padres e os clérigos não podem fazer e vós as fareis”¹²⁴ e são justamente as que a condição de Salesiano leigo permite e habilita para que sejam feitas”¹²⁵.

123. Cf. p. ex. LE 25-27.

124. MB. 16, 313.

125. Cf. VIGANÓ E., *La componente laicale...*, 17, 26, 31-34.

2.6 ALGUNS TRAÇOS DA VIDA ESPIRITUAL DO SALESIANO COADJUTOR

Com a expressão “vida espiritual” entendemos referir-se ao modo concreto com que o crente acolhe, experimenta, amadurece e vive em si a presença do Espírito Santo. Assim entendida a vida espiritual é o conjunto das atitudes interiores e dos comportamentos exteriores, com os quais o cristão vive sua específica vocação apostólica na Igreja e no mundo, dócil à ação do Espírito do Senhor.

26.1 Vida espiritual é viver o espírito salesiano

Na Igreja há muitas maneiras de viver uma autêntica vida espiritual conforme o Evangelho. Para nós, filhos de Dom Bosco, vida espiritual tem uma imediata relação com o espírito salesiano, isto é, com o estilo original de vida e ação vivido pelo nosso fundador e que nos foi transmitido como herança preciosa.

Não é tão somente uma doutrina (é isso também, obviamente), porém, mais do que isso, é o conjunto de atividades e comportamentos que os discípulos de Dom Bosco assumem e exprimem vivendo e trabalhando para a realização de seu projeto apostólico¹²⁶.

O Salesiano coadjutor é chamado a viver e a testemunhar na comunidade uma experiência evangélica que corresponde à sua específica forma vocacional. É chamado a viver o espírito salesiano como *Irmão leigo*.

Em sintonia com as linhas que trazem em si o espírito salesiano, o *centro e a síntese* da vida espiritual do Salesiano coadjutor é “a caridade pastoral caracterizada pelo dinamismo juvenil...; é um impulso apostólico que faz com que se busquem as almas e se sirvam somente a Deus¹²⁷”

Inspirando-se nos exemplos e ensinamentos do seu fundador e pai, ele “encontra *no próprio coração de Cristo*, apóstolo do Pai”, o modelo e a fonte” de toda a sua vida espiritual e apostólica. É grato para com o *Pai*, pois que chama todos à salvação; têm consciência de estar participando da predileção de Cristo pelos jovens pobres; de um colaborador de Deus, um instrumento humilde, mas também necessário e eficaz, em seu agir toma exatamente as “atitudes do *Bom pastor*, que conquista com a mansidão e o dom de si mesmo”; tem um profundo sentido de fraternidade humana e vive em comunhão fraterna com todos, segundo o exemplo do Senhor Jesus.¹²⁸

Agindo, como salesiano leigo, para a salvação da juventude, “faz experiências da paternidade de Deus e reaviva continuamente a dimensão divina de sua atividade (...). Cultiva a união com Deus, sentindo a exigência de rezar sem cessar, em diálogo simples e cordial com o

126. Cf. C 12.

127. *ibidem*.

128. Cf. C 11.

Cristo vivo e com o Pai, que sente perto de si. Está atento à presença do *Espírito*" 129.

Desenvolve a missão apostólica, vive a comunhão fraterna e pratica os conselhos evangélicos "com um único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos": é o "mihi animas" que caracterizou a vida e a atividade de seu Fundador e sua maneira de contemplar a Deus: é o modo concreto com o qual, segundo o exemplo de Dom Bosco, o Irmão coadjutor encontra Deus, que age nas pessoas e se manifesta nos acontecimentos para a salvação da humanidade 130.

26.2 O Salesiano coadjutor vive, como Salesiano leigo, as atitudes e os comportamentos próprios do espírito salesiano

A) *Vive com alegria e reconhecimento sua vocação salesiana*

Consciente do precioso dom da vocação, sente-se reconhecido para com o Pai. Vive a com a alegria, como Salesiano leigo, considera-a um valor positivo e completo, significativo e essencial para a Congregação 131.

Consciente de sua responsabilidade, entrega-se à fidelidade de Deus que o amou por primeiro e renova quotidianamente sua resposta à especial Aliança que o Senhor fez com ele na profissão religiosa. Dela faz a única razão de ser de sua vida, seu único caminho de santificação 132.

B) *Vive em comunhão de espírito e de ação com os Salesianos padres*

Chamado a participar com os irmãos padres na realização do comum projeto apostólico e a viver com eles uma vida de fraternidade, trabalho e oração, tem "o sentido do nós" e identifica-se a si mesmo com a vida da comunidade.

Motivado por essa convicção, empenha-se em fazer com que a sua vida espiritual e sua ação apostólica sejam caracterizadas por relações de íntima comunhão e de efetiva colaboração com os Salesianos padres" 133.

Está atento para eliminar do seu modo de pensar, falar, agir, qualquer mentalidade, gesto ou expressão que revele, de qualquer maneira que seja, ou um sentido de desconforto e recriminação ou, pior ainda, ressentimento ou aversão. É generoso quando se trata de perdoar e esquecer desatenções ou injustiças de que foi vítima 134.

Exprime de maneira prática o seu sentido da Igreja como família na qual todos são filhos do mesmo Pai, irmãos do único Senhor e

129. C. 12.

130. C 3, 12, 19, 21, 95.

131. V. acima, n.º 3.2.1.

132. Cf. C 196, 14, 2, 12.

133. Cf. C 16, 44, 45, 49-52.

134. Cf. C 52, 90, 91.

igualmente responsáveis, se bem que com ministérios e empenhos diversos, em edificar o corpo de Cristo e difundir o seu Reino ¹³⁵.

Têm consciência da originalidade de sua contribuição e, por isso mesmo, da necessidade de ser ajudado ¹³⁶.

C) *Vive no “mundo do trabalho” alguns valores do espírito salesiano*

O “mundo do trabalho” é de ordinário o campo privilegiado de sua ação apostólica. Inserido nele, entra em contato com fenômenos que caracterizam esse “mundo”: solidariedade, concretude, adaptação, várias formas de tensão e conflituosidade ¹³⁷.

Tudo isso lhe permite fazer uma experiência pessoal e particular de alguns valores do espírito salesiano e de testemunhá-los nesses ambientes: o sentido do concreto e das urgências, o espírito de iniciativa e de criatividade, a capacidade crítica, a efetiva solidariedade, o espírito de família ¹³⁸.

D) *Vive junto aos jovens e fiéis leigos com otimismo, operosidade e temperança*

A sua condição laical e o trabalho, que habitualmente desempenha, lhe permitem estar junto dos jovens e dos fiéis leigos com uma proximidade característica ¹³⁹. Prática, de maneira original o estilo salesiano de relações: simplicidade, abertura, cordialidade, delicadeza ao tratar com os outros. Cultiva as virtudes sociais, recomendadas pelo Vaticano II aos fiéis leigos: “probidade, espírito de justiça, sinceridade, cortezia, fortaleza de ânimo”, a arte de conviver e de cooperar fraternalmente e saber dialogar” ¹⁴⁰.

O tipo de trabalho, a que se dedica, aproxima-o da criação, da técnica, da arte e o estimula a praticar o otimismo salesiano. Sabe colher e acolher com reconhecimento os valores terrestres; admira a criação e o poder que Deus nela confia ao homem; alegra-se pelos sucessos do progresso científico e tecnológico. Por outro lado está bem consciente de que infelizmente esse progresso nem sempre é acompanhado por um correspondente desenvolvimento humano moral e religioso. Ele assume, então, atitudes iluminadas e práticas de crítica, sem concessões para com o pessimismo, o desencorajamento, a desconfiança e o descaso. Frente às dificuldades e aos problemas que encontra o seu caminho consegue ser sereno e sempre alegre ¹⁴¹.

135. Cf. C 4, 13, 57.

136. Cf. C 44, 45, 49-51.

137. Veja acima n.º 25.4.

138. Cf. C. 19, 18, 79.

139. Veja acima n.º 25.4.

140. Cf. C 15-17.

Seguindo o exemplo de Dom Bosco, “entrega-se à sua missão com operosidade incansável, procurando fazer bem todas as coisas com simplicidade e medida. Sabe que com seu trabalho participa na ação criadora de Deus e coopera com Cristo na construção do Reino. A temperança reforça-lhe a guarda do coração e o domínio de si, e o ajuda a manter-se sereno. Não busca penitências extraordinárias, mas aceita as exigências diárias e as renúncias da vida apostólica: está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, sempre que se trate da glória de Deus e da Salvação das almas”¹⁴².

“Na operosidade de cada dia se associa aos pobres que vivem da própria fadiga e testemunha o valor humano e cristão do trabalho”¹⁴³.

E) *Vivendo e trabalhando segundo o espírito salesiano celebra a liturgia da vida.*

Consagrado pelo Espírito, o Salesiano coadjutor se torna templo espiritual, participante do sacerdócio de Cristo e habilitado para oferecer a DEUS, como “sacrifício espiritual”, a si mesmo todo inteiro, suas obras, suas iniciativas apostólicas, o trabalho de cada dia, o descanso espiritual e corporal, até mesmo os incomodos da vida¹⁴⁴.

Nesse seu viver e agir empenha-se em atingir a operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus, que deve ser a característica dos filhos de São João Bosco” e em celebrar, portanto, a sua vida como liturgia¹⁴⁵.

F) *Vive de maneira característica sua devoção a Maria*

A profissão religiosa tem “a força de conformar sobremaneira o cristão ao gênero da vida virginal e pobre que o Cristo Senhor escolheu para si e que sua Virgem Mãe abraçou¹⁴⁶. Assim declara a “Lumen gentium”. E a “Apostolicam actuositatem” acrescenta que os leigos encontram em Maria o “modelo perfeito de sua vida espiritual e apostólica”¹⁴⁷.

Nela estão presentes em nível de perfeição, a dimensão *religiosa e a laical*. A imitação e a sintonia se tornam duas exigências da forma vocacional do Salesiano coadjutor. Venera filialmente a Maria como Auxiliadora e mãe da Igreja, imitando a intimidade apostólica de Dom Bosco.

141. Cf. C 17 e tudo quanto foi escrito nos n.ºs 4.1 e 5.4.2.

142. C 18.

143. C. 78.

144. Cf. LG 10a, 34b.

145. C 95.

146. LG 46; PC 25

147. AA 4 no fim.

26.3 O espírito do Fundador, lugar de unidade

As duas formas vocacionais, a do Salesiano padre e a do Salesiano leigo e a sua conseqüente espiritualidade, são constitucionalmente próprias de discípulos que o Espírito Santo quis que nascessem para Dom Bosco e para sua missão.

A realidade que permite aos Salesianos coadjutores e padres unificarem, em nível de reflexão e de vida, suas distintas espiritualidades, laical, uma delas; e presbiterial, a outra, é o espírito salesiano. O CGE o descrevia como “o nosso próprio estilo de pensamento e de sentimento, de vida e de ação em se tratando de por em ação a vocação específica e a missão que o Espírito não cessa de nos dar”¹⁴⁸.

O espírito salesiano não só abrange e informa a espiritualidade religiosa laical e presbiterial, mas as constrói em um projeto unitário com características salesianas. Esse papel que unifica e especifica foi com perspicácia intuído pelo Pe. Rinaldi: “A nossa santidade, escrevia, não se encontra apenas na prática do sistema de vida abraçado com a profissão e, nem mesmo, unicamente na imitação das virtudes de nosso Pai, mas principalmente em fazer com que a vida salesiana que abraçamos e a imitação das virtudes paternas sejam animadas pelo espírito do qual vivia e com o qual exercitava as virtudes o próprio Dom Bosco”¹⁴⁹.

26.4 As testemunhas heróicas de santidade salesiana laical

Os delineamentos de vida espiritual traçadas até aqui não são um ideal abstrato. São valores vividos concretamente pelos Salesianos coadjutores que foram e são fiéis a Dom Bosco.

Merece aqui ser transcrita uma autorizada declaração do CG 21: “A profundidade da vida espiritual — assim lemos — toca o seu vértice e se faz riqueza para toda a Congregação quando, à imitação de Dom Bosco, se atinge a perfeição da caridade em grau heróico. Temos motivos suficientes para crer que esse dom foi concedido a não poucos salesianos coadjutores. Cada irmão tem presente uma ou outra figura que realizou essa plenitude em diversos lugares e em variadas situações, mesmo as mais escondidas e sacrificadas. Muitos entraram para a história da Congregação; alguns deles, martires por causa da fé ou heróis na caridade, são candidatos à glorificação dos santos.

Esses testemunhos nos oferecem uma prova ulterior da riqueza carismática contida na vocação salesiana laical”¹⁵⁰.

148. ACGE 86.

149. ACS 10(1929), pg. 73.

150. ACG 21 191.

3. A VOCAÇÃO DO SALESIANO COADJUTOR NA PASTORAL VOCACIONAL SALESIANA

O CG 22, ao mesmo tempo que pedia esclarecedor enfoque da identidade de Salesiano Coadjutor, fustigava também para um trabalho mais eficiente, quer no âmbito da pastoral vocacional quer no da formação. Não se é “alguém” pela graça de Deus para quedar-se aí em simples considerações.

Os dons de Deus existem para que, usados no serviço dos irmãos, neles cresça o Reino dele.

Mostrou-nos, então, a história o nascimento e o desenvolvimento de uma forma vocacional em vista de uma missão. O aprofundamento que se fez, revelou-lhe a originalidade, a beleza e a eficácia no seu uso.

Que se procure, pois, o dom onde ele está. Quem o possuir deve também descobri-lo, deve fazê-lo amadurecer em nível de certeza e de conhecimento responsável. Tentará esforçar-se para que os valores que o compõem sejam por ele identificados e interiorizados. Teologia, pastoral vocacional e formação compartilham uma tarefa que é distinta e, não obstante, necessária, progressiva e contínua.

3.1. PASTORAL VOCACIONAL

3.1.1. Posicionamento pastoral do trabalho vocacional

Na raiz de qualquer convite dirigido aos jovens para assumirem determinado projeto cristão de vida, há uma *visão básica*, embora nem sempre convenientemente explicada, da vocação em geral e da pastoral vocacional. Para o nosso propósito não é necessário voltar a essa visão de forma completa como se deduz da reflexão atual de Igreja e de Congregação¹.

1 — Cf. *Sviluppi della cura pastorale delle vocazioni nelle chiese particolari: esperienze del passato e programmi per l'avvenire*. Tema geral do segundo Congresso Internacional das Vocações, aos cuidados das Congregações das Igrejas Orientais, dos Religiosos e dos Institutos Seculares, da Evangelização dos

Aqui, nosso argumento é específico e restrito: diz respeito à vocação salesiana laical. Supõe, então, conhecido e compartilhado o que é mais geral e básico.

A renovação, mesmo que só *por acenos*, de algumas perspectivas fundamentais da pastoral vocacional ajudará a situar corretamente a reflexão e a orientar as iniciativas de promoção dessa vocação especial. Falamos de *pastoral*. A palavra nos leva a pensar na Igreja. Com efeito, a pastoral é a ação da Igreja e, em comunhão com ela, ação de comunidades e pessoas, tende a suscitar a fé em Cristo, a formar e consolidar as comunidades de crentes e a levedar a história humana com o Evangelho. Vão assim os homens tomando consciência da presença de Deus na própria vida; e respondendo a essa graça com a conversão, entram em comunhão com o Senhor e entre si.

É a isso que visa a tarefa de habilitar as pessoas a perceberem o diálogo singular que Deus entabula com cada um de nós desde o primeiro momento de nossa existência e ao longo da vida toda para nos incorporar ativamente em seu desígnio de salvação.

É, pois, a *Igreja o âmbito* no qual se experimenta o chamado de Deus; onde se descobre a originalidade das diversas vocações; lugar do surgimento das vocações, lugar em que elas se reconhecem como tais, amadurecem e se empenham no serviço da comunidade.

Nesse sentido, a *pastoral vocacional* é “um serviço de evangelização, com acento especial na ajuda e assistência a todo fiel para entrar, com todo o seu ser pessoal e sua escolha livre, no plano de Deus ²”.

Dirige-se, portanto, a toda pessoa, a vida inteira, segundo seu estado e situação. A resposta ao chamamento do Senhor, com efeito, não há de imaginar-se feito de uma vez, para sempre: ela deve renovar-se continuamente.

Entretanto a pastoral vocacional tem em mira de modo especial a idade juvenil. É a quadra em que, em geral, no processo de maturação da própria identidade, são tomadas as decisões que marcam o curso da existência.

Orientação vocacional e crescimento pessoal de tal modo se enlaçam que não se distingue bem um do outro. Efetivamente, o escopo do amadurecimento humano e cristão é capacitar a pessoa para escolhas livres e válidas.

Fovos, da Educação Católica. Documento conclusivo, Roma, Ed. Rogate Ergo, 1982.

— Documentos das Igrejas Locais, p. ex., Conferência Episcopal Italiana, *Vocazioni nella Chiesa italiana. Piano pastorale per le vocazioni*, Bologna, EDB, 1985.

— CG 21, *La fecondità vocazionale della nostra azione pastorale, Documenti capitolari*, n.º 106-119, Roma, 1978.

* Dicastero Pastorale Giovanile, *Lineamenti essenziali per un Piano Ispettoriale di Pastorale Vocazionale*, Roma, 1981.

2. CG 21 106.

Por isso a *pastoral vocacional* aparece estreitamente ligada à *pastoral juvenil*, isto é, ao conjunto de iniciativas referentes à educação dos jovens à fé, vivida na comunhão eclesial. Esta é uma das conclusões definitivas da prática atual: “é na pastoral juvenil que a pastoral vocacional encontra seu espaço vital. A pastoral juvenil se torna completa e eficaz quando se abre para a dimensão vocacional”³.

Tal afirmação diz respeito mais à organização que ao próprio conceito de pastoral vocacional, e há de entender-se em *duplo sentido*. Primeiro de que qualquer desenvolvimento vocacional se alicerça num progressivo amadurecimento espiritual da pessoa, que vai colocando Deus e sua vontade como centro de sua vida: “A pastoral vocacional é, de fato, o ato de ajuda oferecido ao adolescentes e jovens na construção de sua identidade cristã... respeitando o chamado de Deus e ação do Espírito que se revela durante todo o ciclo da vida, dentro das situações individuais da história pessoal e social”⁴. E, depois no sentido de que em qualquer atividade pastoral que tenha os jovens como destinatários, deve estar “presente de modo explícito e sistemático a orientação vocacional como dimensão essencial”⁵.

3.1.2. As referências fundamentais de uma pastoral vocacional

Algumas convicções animam, de dentro, essa ação da comunidade cristã.

Refere-se a primeira à própria *natureza da vocação*, Ela é como tal há de ser julgada também para os efeitos mais práticos e operacionais uma iniciativa gratuita de Deus, a qual se revela na consciência como um chamado pessoal de amor.

É assim que aparece na Sagrada Escritura, principalmente nos Evangelhos: “vem e segue-me”; “Não foram vocês que me escolheram, fui eu que escolhi vocês.” O Senhor chama para “estar com ele”;⁶ chama para um conhecimento vital do seu mistério e para uma adesão total à sua pessoa até a escolha radical no seu amor. Convida, ao mesmo tempo, a colaborar na salvação dos homens mediante uma missão: “Chamou os doze... mandou-os anunciar o Reino de Deus e curar os doentes”⁷.

Essa consideração sobre a vocação leva-nos à motivações que lhe embasam a autenticidade, devendo elas estar já presentes, ainda que só em germe, na proposta mesma, com ulterior purificação durante o acompanhamento para discernir os *caminhos* de uma verdadeira pastoral vocacional e para especificar as atitudes que devem caracterizar

3. Sviluppo della cura pastorale..., o.c., 42.

4. CG 22 112.

5. CG 22 113.

6. Cf. Jo 1,39.

7. Cf. Lc 9,1-6.

os promotores vocacionais. Tudo tem de ser visto como “graça”, encontro misterioso entre Deus e o jovem no âmbito da liberdade.

Dessa primeira convicção brota uma segunda: *a pessoa chamada é responsável* principal e, em dados momentos, exclusiva, do processo e da decisão vocacional. Aquilo que, em seu coração, não amadurecer em liberdade e generosidade, vai tornar-se insanável inconsistência no relacionamento com Deus e com a própria vida.

Com efeito, a descoberta e o acolhimento da iniciativa de Deus se realiza mediante profundo intercâmbio em que o sujeito precisa escutar e responder pessoalmente. A vocação — voz e iniciativa divina — vai emergindo e desenvolvendo-se no entrelaçar, das experiências da vida, dos dinamismos e das opções livres da pessoa. Está profundamente enraizada na sua história. A manifestação dela na consciência e seu posterior esclarecimento são favorecidos ou são impedidos por tudo o que vai definindo a pessoa diante de Deus e de sua graça.

Disso derivam duas indicações pedagógicas fundamentais. Ao redor da pessoa têm de ser *criadas condições favoráveis* à escuta e à docilidade. Ao mesmo tempo é preciso *garantir decisões* pessoais internas e motivadas de acordo com as diversas idades.

A essas duas indicações responde a *orientação vocacional*, que pretende ter cunho de *proposta* e, ao mesmo tempo, de *conscientização do papel principal por parte do sujeito*.

A orientação há de ser entendida como um itinerário ou processo interior do indivíduo que pondera a própria disponibilidade, avalia-se diante dos sinais do chamamento de Deus, assume os compromissos que possibilitam a resposta. É ele quem se orienta.

O *animador* ou *promotor* dá a esse processo assistência, apoio e guia. Não toma o lugar do sujeito e cuida que este não lhe fique dependente nas próprias decisões. Tem uma tarefa que facilita a liberdade que deve superar condicionamentos pessoais ou ambientais, facilita a generosidade que precisa sobrepor-se a interesses imediatos, mesmo legítimos, ilumina a inteligência que deve descobrir os horizontes de Deus e aprender a discernir os sinais.

E aí é que surge um terceiro elemento indispensável para qualquer pastoral vocacional, ampla e específica: *a necessidade e as tarefas das “mediações”*, isto é, das comunidades ou pessoas que tencionam ajudar a perceber o chamado de Deus e dar-lhes resposta. Desde o nascimento, a todos é dado, em germe, um conjunto de aptidões e qualidades para fazer frutificar. Ambientes, pessoas, ensinamentos, atividades desenvolverão tais germes, revelando novas possibilidades de expressar o próprio amor e abrindo horizontes de engajamento.

Consiste a pastoral vocacional em por em ato *mediações eficazes nos momentos justos*. Alguns estímulos só podem vir das comunidades, outros só dos “encarregados” ou de pessoas com dotes especiais. Trata-se de dois tipos de mediação complementar, ambos necessários.

Preocupar-se apenas com a “procura” de vocações por parte dos promotores, descuidando o testemunho e o ambiente comunitário, ou o relacionamento do candidato com a comunidade, provoca crise de credibilidade.

Excluir o convite pessoal, esperando que tudo se origine do ambiente ou da interioridade, é desconhecer as leis da encarnação e põe em risco a floração de muitas disposições.

Cristo nos dá o exemplo da mediação vocacional. Ao fascínio criado pela sua pessoa ajuntava o apelo dirigido a cada uma das pessoas.

3.1.3. As tarefas da pastoral vocacional

Esclarecidas as referências fundamentais em que se inspira a pastoral vocacional, é necessário que se explicitem suas tarefas. São formuladas sinteticamente em quatro palavras: *rezar, anunciar, chamar, acolher*.

“A oração não é um meio para receber o dom dos chamados divinos; ela é o meio essencial que o Senhor mandou”⁸. O exemplo de Jesus e a prática da Igreja, expressa hoje em autorizados convites de nível mundial (cf. Dia mundial das vocações) e em múltiplas iniciativas de grupos, colocam-na em primeiro plano como intercessão para conseguir vocações, como experiência provocadora do seu surgimento, como itinerário para fazê-las madurar.

O anúncio da vocação é feito mediante o testemunho e a palavra⁹. Consiste em apresentar em forma de experiência, mais do que de mera informação, o grande e universal chamamento do Senhor para a vida e para a fé; e, ligado a ele, o ulterior chamado a um amor maior e à santidade. Uma progressiva catequese vai mostrando os dons do Reino que se tornam riqueza da comunidade: o sacerdócio ministerial. Faz também ver a dependência recíproca desses dons na construção da Comunidade a fim de não serem entendidos como privilégios individuais. Traz conscientização das necessidades do mundo, mediante as quais Deus chama para partilharmos do seu amor ao homem e dos lugares de serviço existentes na Igreja.

O documento do Segundo Congresso Mundial das vocações fala de “evangelizar a vocação” e explica o significado da expressão com estas palavras: “Urge uma catequese que, em primeiro lugar, saiba guiar os fiéis, especialmente os jovens, na consideração da vida cristã como resposta ao chamado de Deus. A catequese toda toma assim uma dimensão vocacional. A Catequese específica, por sua vez, destaca o caráter próprio da vocação presbiterial, diaconal, religiosa, missionária, con-

8. Sviluppo della cura pastorale..., o.c. n.º 23.

9. Ib. n.º 25-28.

sagrada na vida secular, a fim de que a comunidade crente compreenda sua importância para o Reino de Deus”¹⁰.

Não basta, porém, o anúncio. Por vezes, quem ajuda deve fazer o convite pessoal, ao descobrir que há no candidato as condições adequadas. Não abrir um horizonte de amor e de engajamento, por excessiva cautela ou por medo de implicação num futuro pessoal que tem margem de incerteza, é privar o jovem de possibilidades a que ele tem direito.

Por isso, hoje, depois de um período de demasiada cautela, fala-se em “reaver a coragem de chamar”. O CG 21 assim se expressa: “O respeito ao plano de Deus para cada pessoa requer que, além de levar cada um a uma compreensão de si mesmo e da realidade comunitária humana e eclesial, à luz da fé, se tenha a coragem de uma total honestidade e uma completude em ajudá-lo a colocar-se com disponibilidade defronte a todas as vocações na Igreja (...). Um jovem cristão não pode deixar de considerar também a hipótese da vida consagrada e do sacerdócio. Não propor a ele o exame de tais possibilidades, ao invés de respeitar, limita sua liberdade”¹¹.

Por fim, tem-se a *acolhida* e o *acompanhamento*. “É um serviço de escuta, de misericórdia, de esperança...”¹². O cumprimento dessa tarefa exige dos animadores e dos promotores o respeito à liberdade do jovem; o conhecimento doutrinal e a experiência prática do discernimento e da direção espiritual; a atenção aos sinais das diversas vocações.

A *acolhida* é assumida solidariamente por todos os que entram em contato com uma vocação, mesmo que depois venha a ser especialmente exercida por determinadas pessoas e determinadas *comunidades*.

3.1.4. A caminhada vocacional

Por meio dessas tarefas, a pastoral ajuda os jovens a percorrer uma estrada típica do amadurecimento vocacional. Em primeiro lugar, *cria* no jovem o *desejo* e o *gosto* por uma forma de vida cristã empenhada e capacita-o para se por a escuta da voz de Deus. É a aceitação alegre da realidade de Deus na própria vida como relação preferencial e presença determinante.

Depois *assiste-o* com informações e experiências quando o rapaz se sente atraído por uma ampla área de valores, de modelos e de atividades.

Quando a atenção do jovem se vai concentrando num tipo especial de vida ou de pessoa, cuja originalidade é apanhada como correspon-

10. Ib. n.º 15.

11. CG 21 113.

12. Sviluppo della cura pastorale..., o.c. n.º 131.

dente a suas próprias expectativas existenciais, a pastoral vocacional o *acompanha* nos primeiros passos rumo a uma decisão inicial.

Nessa caminhada, tem singular importância o *discernimento* dos “sinais” que tornam perceptível o chamamento em quem o recebe e nos que, de parte da Igreja, devem ajuizar-lhe a existência e a vitalidade.

São estes principalmente tais sinais: o interesse; a ausência de contra indicações — absolutas ou prudenciais; as disposições gerais que garantem o desenvolvimento de uma personalidade religiosa e as específicas para o tipo de vida que o atrai; as motivações, em cuja avaliação é preciso cuidar de sua validade e autenticidade.

Além de ajuizar da existência objetiva dos sinais, a pastoral vocacional *acompanha a resposta livre* ao chamamento, feita pelo indivíduo. Que é dinâmica e progressiva. Pode ter idas e vindas. Nesse dinamismo, mais de que as aptidões naturais, por mais apreciáveis que sejam, têm influência a formação espiritual e a abertura à graça.

3.2. A PASTORAL VOCACIONAL DO SALESIANO COADJUTOR

Tendo presente os critérios apontados, orientadores de toda a pastoral vocacional, pode-se dar ulterior explicitação de *alguns aspectos peculiares, próprios da promoção vocacional salesiana laical*. Dizem respeito sobretudo a dois momentos ou tarefas: *o anúncio proposta, a acolhida-acompanhamento*.

Existe *certa dificuldade* em apresentar aos jovens a fisionomia religiosa, espiritual e apostólica, do salesiano coadjutor em toda a riqueza, de maneira compreensível e próxima das aspirações deles.

Os diversos encontros sobre a vocação do religioso leigo procuram individuar as *causas* dessa dificuldade: o papel pouco evidente do “fiel leigo” na comunidade cristã; a falta de modelos de identificação; a mentalidade “clerical” de algumas comunidades religiosas; a ausência de sinais distintivos no religioso leigo; um passado que lhe dava a aparência de subalterno em famílias religiosas preponderantemente “sacerdotais”; o posicionamento da pastoral vocacional; a natural tendência dos jovens de juntar vocação com serviço religioso para o povo.

Na Congregação, vão-se descobrindo *meios* apropriados para ajudar os jovens a entender a originalidade e a beleza dessa vocação.

3.2.1 Contar a história de Dom Bosco

Primeiro desses meios: *contar a história de Dom Bosco*. Falar de suas Instituições, da fundação da Congregação Salesiana, vinda de experiência original de caridade pastoral. O amor *aos jovens* que se achavam em condições de pobreza levam Dom Bosco a se preocupar com os problemas todos da vida deles com um projeto de promoção completa. Pensou na salvação eterna deles, mas em ligação também com problemas imediatos de existência: trabalho, instrução, moradia.

Quando sua ação apostólica se estende à classe popular, ele lhe manteve as mesmas características: junto com o serviço presbiterial da pregação e da assistência religiosa, tomou a peito problemas como emigração, difusão da cultura pela imprensa, a organização da colaboração para fins sociais.

Iniciou, assim, e desenvolveu uma obra que na sua estrutura material incluía a igreja, mas oficinas também e aulas, e tempo para lazer.

Ensinava-se a oração, o catecismo e a frequência aos sacramentos; mas também aprendiam-se ofícios, dava-se instrução; eram os jovens preparados para a vida social; cultivava-se a música, o teatro e outras formas de expressão.

Com isso, Dom Bosco se propunha formar “bons cristãos” para a comunidade eclesial, valendo-se dos meios de que ela dispõe: mas também (e por se tratar justamente de cristãos) queria formar “honestos cidadãos” para a sociedade civil, capazes de um trabalho responsável e de participação inovadora.

Daí que a iniciativa era vista pelos fiéis como “obra pia e religiosa”, ligada à Igreja; viam-na os demais como obra educativa de solidariedade humana de interesse social, de promoção.

O próprio Dom Bosco gostava de apresentá-la como “benemerita da sociedade Civil”, propondo colaboração aos fiéis ou aos que pelo menos tivessem sentimentos humanitários. Ele interessava às forças seculares, fazia-se presente nos campos culturais, punha-se em contato com pessoas e organizações do Estado visando sempre ao bem de seus rapazes.

A fim de realizar esse complexo projeto em prol dos meninos e do povo, desde o começo juntou em redor de si padres e clérigos. Mas também pediu, e obteve, a colaboração de numerosas outras pessoas que, além da amizade, lhe proporcionavam sua competência, o entusiasmo apostólico, seu prestígio social.

Assim, quando por inspiração divina, deu origem à Congregação Salesiana, imaginou a e fundou-se como “grupo de sacerdotes, clérigos e leigos, especialmente artesãos, que desejavam reunir-se procurando o bem recíproco e, ademais, o bem dos outros”¹³.

Nasceu a *Congregação Salesiana* — como vimos — de dois *componentes* que se completam intimamente, ajudam-se mutuamente e aparecem como reciprocamente necessários ao cumprimento de sua original missão juvenil e popular: sacerdotes e leigos.

Desde o início foram todos chamados ao seguimento radical de Cristo e à sua santidade; viveram em igualdade e fraternidade sob a paterna orientação de Dom Bosco; deram a sua contribuição de competência específica para obter uma única finalidade, inspirados pela mesma caridade pastoral: para alguns, o ministério sacerdotal; para

13. MB 12, 151

outros, a capacidade administrativa ou a de relações públicas; a direção de oficinas; os encargos de confiança na gestão doméstica; as atividades artísticas.

A figura do “religioso leigo”, chamado “coadjutor”, ocupou a atenção de Dom Bosco durante a vida inteira. Nascida que foi de inspiração divina, como exigência da missão juvenil, ele a aperfeiçoou à medida que se iam abrindo novos horizontes de empenhos, e candidatos novos iam enriquecendo a imagem do coadjutor com realizações originais.

Não foi um complemento marginal; foi elemento constitutivo da identidade. Dom Bosco considerou seus religiosos leigos tão indispensáveis quanto os sacerdotes no cumprimento da missão que Deus lhe confiara. Podem-se, a propósito, lembrar seus gestos para com os coadjutores, a atitude de confiança total neles, suas palavras a respeito da importância do serviço e da responsabilidade deles, de sua participação na vida da Congregação.

Foi assim que se desenvolveu a vocação salesiana, e é assim que hoje se pode vivê-la em duas formas vocacionais distintas: a presbiterial, que se expressa de modo especial no ministério da palavra, da santificação mediante os sacramentos e da animação da comunidade cristã; a laical, que põe habilidade, sensibilidade e aptidão profissional seculares a serviço da caridade, do testemunho e do anúncio de Cristo.

Cada um desses “tipos” concentra e expressa uma característica difundida na Congregação toda, presente em toda comunidade, ativa em qualquer pessoa.

Qualquer sacerdote salesiano tem, efetivamente, como Dom Bosco, o dom e a capacidade de assumir não apenas a inserção dos jovens na Igreja, mas também os problemas de vida deles. Ele é educador. Todo coadjutor é arauto do Evangelho, capaz de levar os jovens a Cristo, não lhe bastando ensinar uma arte ou ofício. Ele é apóstolo.

Juntos, na organização da mesma comunidade, se desincubem do serviço da promoção integral dos jovens, com características, sensibilidades, posicionamentos complementares necessários para o escopo único.

Mas o coadjutor *assume e expressa, mantém viva, concentra a capacidade de Dom Bosco e da Congregação de agir em realidades seculares*; sua disposição de contemplar as realidades profanas com um olhar ao mesmo tempo pastoral e técnico; a aproximação aos homens e a suas atividades temporais, necessárias ao desenvolvimento da vida.

Desse modo o coadjutor confere à comunidade *uma fisionomia original*, permitindo-lhe múltiplas formas de inserção e de intervenções na Igreja e no mundo. A comunidade Salesiana não é comunidade de presbíteros; é uma comunidade de pessoas que seguem Cristo no ser-

viço dos jovens e querem ser para eles sinais portadores do amor de Deus.

3.2.2. Apresentar a experiência atual

Projetada uma imagem conveniente da identidade apostólica da comunidade salesiana por meio da narrativa das peripécias de Dom Bosco, pode-se tomar *outro caminho*: o que se detém na *existência concreta do salesiano coadjutor hoje*: o que ele é, como vive, o que faz, como amadurece espiritualmente.

Ele sente um chamado de Deus. É uma vocação verdadeira e original a sua: entregar-se ao Senhor de maneira total, pondo à disposição do Reino suas aptidões e qualidades de homem e sua competência profissional. Essas capacidades e qualidades assumidas no seguimento radical de Cristo, têm como finalidade o amor da salvação dos jovens.

Deus chamando-o, consagra-o, une-o de um modo especial a si e à sua obra, e lhe comunica seu Espírito a fim de que ele viva em plenitude a graça e a fé recebidas no Batismo.

Dessa maneira ele se coloca, como o Salesiano sacerdote, no coração da Igreja, de cuja missão participa publicamente mediante o trabalho da Consagração Salesiana a favor dos jovens e do povo. A mando da Igreja e em seu nome educa e evangeliza nos setores e no estilo do apostolado salesiano.

E por meio desse apostolado, publicamente reconhecido, anima cristãmente a ordem temporal, à qual liga, mesmo depois da profissão religiosa, sua vocação laical.

São múltiplas as formas que sua ação apostólica assume, segundo as hodiernas exigências da missão salesiana em prol dos jovens. Daí o fato de o vermos, sempre com atribuições específicas e com espírito apostólico, empenhado na preparação dos jovens para o trabalho; envolvido no ensino e na animação das atividades de tempo livre; ocupado no planejamento, na administração e manutenção das obras; empenhado na comunicação social para a educação e evangelização dos mais humildes; dedicado à promoção social dos bairros carentes; interessado na pesquisa científica e na criação artística; prestando insubstituível contribuição no campo missionário.

Mas trabalhando em favor dos jovens, unido a outros irmãos, leigos e sacerdotes, ele faz experiência profunda de Jesus Cristo e desenvolve uma vida espiritual em que consagração religiosa e caráter laical fundem-se numa unidade de vida tipificada pelo espírito salesiano.

Ele reproduz e atualiza o coração e o estilo de Dom Bosco e é chamado a ser semelhante a Ele, tanto quanto os padres. Sente-se identificado com Cristo e participa de seu amor paciente no ensino, na cura, na acolhida dos meninos e gente pobre; na construção de um mundo novo.

Tem consciência — e se alegra com isso — de ser humilde colaborador de Deus na salvação dos homens, particularmente dos jovens mais necessitados; vive a pertença profunda à Igreja e sente-se em comunhão com todas as forças que agem na linha da salvação; sente a fraternidade apostólica na comunidade salesiana, cõnscio da própria contribuição e grato, também, pelo que recebe dos irmãos sacerdotes; desenvolve a experiência dos valores ligados à sua laicidade, de que já falamos.

Tudo isso o torna, e à missão salesiana, singularmente simpático aos jovens e ao povo. Faz-se estimado, disposto sempre para intervir quando sua competência e humanitarismo podem ser úteis.

Para essa maneira de ser, de viver e de agir, ele tem preparação que abrange simultaneamente a formação religiosa Salesiana; qualificação apostólica que o habilita para o trabalho pastoral; capacitação cultural e educativa que o ajuda a fazer os jovens crescerem na riqueza humana e na fé; qualificação profissional condizente com seu caráter de religioso-leigo.

3.2.3. Por em contato com modelos

O caminho mais eficaz de tornar compreensível e crível esse conteúdo é o da experiência, isto é, o contato com a comunidade Salesiana e com “modelos” de coadjutores.

Na Comunidade, percebe-se a complementaridade e a fusão das vocações que enriquecem a missão salesiana. E vê-se a fraternidade que une todos os membros na igualdade no amor de irmãos, na alegria e no serviço de Deus. Sua consciência e testemunho da própria originalidade presbiterial-laical, a expressão adequada da própria missão e o relacionamento que se dá entre seus membros são mais eficientes que qualquer convite oral.

Cabe aqui lembrar uma das orientações do CG 21 a propósito da pastoral vocacional: “Enfrentar o problema a partir da pessoa do Salesiano da vida da comunidade (. . .). A autenticidade de sermos cristãos e salesianos é fundamental como também o é uma imagem da Congregação que apresenta uma identidade “clara” (. . .), que esteja verdadeiramente em sintonia com os jovens e se manifeste numa doação alegre. O testemunho e a ação de cada irmão serão sempre o estímulo mais forte e a mediação mais eficiente para ajudar os jovens a uma resposta generosa a Cristo ¹⁴.

Os *modelos* mostram, muito embora com os limites de qualquer vida, os traços característicos da vocação salesiana leiga. Eles podem contar sua própria experiência, expor as razões de sua opção, descrever

14. CG 21 1126.

sua caminhada. Por isso, nos vários planos de pastoral vocacional, é desejável que em toda equipe ou ao menos em toda iniciativa de proposta vocacional haja a intervenção de um irmão coadjutor, cuja presença venha a ser apelo e resposta para os jovens: convite a ponderar o valor da vocação salesiana laical, resposta às suas indagações concretas sobre a natureza e a realização dela.

O testemunho dos modelos completa-se mediante o contato com os ambientes em que é desenvolvida sua atividade mais característica: as escolas profissionais e técnicas; os centros juvenis, os centros de comunicação social, etc. Eles dão idéia imediata do alcance de uma competência laical assumida na consagração religiosa e na missão apostólica. É por isso que, desde os primeiros tempos da Congregação, o espaço preferencial para a proposta vocacional de salesiano coadjutor era o dos ambientes onde se encaminham os jovens para o trabalho ou onde os adultos estavam já empenhados religiosamente no mundo.

Ao lado de tais modelos vivos, podem-se apresentar figuras de salesianos exemplares do passado, realçando os traços e os fatos que mais vivamente mostram a originalidade e a beleza da vida consagrada a Deus a serviço dos jovens. A Congregação dispõe de coleções de opúsculos onde surgem figuras incomparáveis de coadjutores de épocas diversas, de toda a parte, que trabalharam nas mais insuspeitadas circunstâncias e nos mais variados campos de apostolado¹⁵.

Entre esses, então, alguns há que se destacam, tidos que foram como “santos” pelo povo e pelos irmãos. Revelam o heroísmo da caridade e a intensidade daquela experiência de Deus à qual essa vocação leva quando a resposta é generosa¹⁶.

Essas biografias, apresentadas e estudadas de forma pedagógica, constituem o “catecismo vocacional” mais real, eficiente e completo sobre o coadjutor salesiano.

3.2.4. Aprofundar o caráter laical

Por detrás da narrativa da vida de Dom Bosco e de sua obra, por detrás da descrição da vida atual nas comunidades salesianas e da apresentação dos modelos de hoje e de ontem, *está sempre pairando certa idéia da laicidade* e do que lhe concerne: a natureza do compromisso laical; as relações que se dão entre realidades temporais, salvação e santidade; a possibilidade de combinar uma autêntica laicidade com a consagração religiosa radical e pública.

O apresentador das várias vocações deve dar uma visão exata e rica da experiência laical. As imagens e alusões mesmo que apenas

-
15. Cf. CERIA E., *Profili di 33 coadiutori salesiani LDC, Colle Don Bosco*, 1952. BIANCO E., RICO J. E., *Salesiano Coadjutor*, Ed. CCS, Madrid, 1984. BIANCO, E., *La mano laica de Don Bosco. Il coadiutore salesiano*.
 16. LDC Torino 1982 FORTI E., *Fedeli a Dom Bosco in Terra Santa. Profili di otto coadiutori salesiani, LDC, Torino* 1988.

veladas, devem então ser comprovadas para que não se venha a reforçar essa idéia de separação e incompatibilidade entre mundo e experiência religiosa, tão difundida na mentalidade corrente.

As realidades que no mundo entretecem a vida do homem (ambiente, trabalho, família, cultura, ciência, arte, técnica, política) podem ser lugar e objeto de uma doação total de pessoa ao Senhor. Não são elas circunstâncias “externas” ao relacionamento com Deus; elas fazem parte da história de sua salvação.

Trazem, efetivamente, o sinal da obra criadora de Deus; foram por Cristo assumidas quando ele se fez homem total; são situações em que a presença salvadora de Deus age por mediação humana; essas realidades são “consagráveis” através do cumprimento do plano de Deus sobre elas.

De forma radical, a caridade cristã nelas se empenha a fim de transformá-las, ordenando-as para Deus e dirigindo-as para o bem temporal e eterno do homem.

Pode a experiência laical ser vivida *de várias maneiras*. Entretanto para as outras, interessa-nos agora especialmente a *maneira “consagrada”*. É própria dos que sem deixar uma relação substancial às realidades seculares, concentram sua visão de finalidade na salvação última, testemunhando que elas só podem ser dirigidas para o bem do homem com o espírito das Bem-aventuranças e com referência a Cristo. Por isso fazem profissão pública de seguir Jesus Cristo mediante conselhos evangélicos; entram numa comunidade religiosa e assumem uma tarefa apostólica que inclui sua escolha laical.

O seguimento radical de Cristo não está, pois, ligado ao caráter particular presbiterial. A condição pode ser assumida na imitação de Cristo e na identificação com Ele. E não é menos radical nem menos significativa pelo fato de não estar associada ao ministério sacerdotal.

Para confirmação, podem-se trazer as múltiplas formas de vida religiosa, de “discipulado de Cristo” desde os primeiros tempos do cristianismo (cfr. Cap. 1.º). Podem-se também comentar algumas passagens do Concílio Vaticano II. “A vida religiosa leiga constitui em si mesma um estado completo de profissão dos conselhos evangélicos”¹⁷.

Deus chama sacerdote e leigos para “desfrutar desse peculiar dom na vida na Igreja, procurando cada qual a seu modo ser útil à sua missão salvífica”¹⁸.

Pareceu-nos sobremodo necessário e urgente insistir no conteúdo dessa proposta vocacional: espírito salesiano, consagração religiosa, caráter laical.

A *linguagem* varia, necessariamente, conforme o auditório: adolescentes, jovens, adultos; segundo o nível de catequese que tenham. Na

17. PC 10.

18. LG 43.

ocasião, que se aproveitem imagens, narrativas, experiências, modelos, material audiovisual. É importante, porém, que todo esse material expresse o anúncio verdadeiro que brota de uma correta compreensão da Igreja e da especial vocação salesiana religiosa.

3.3. ACOLHIDA E ACOMPANHAMENTO DA VOCAÇÃO DO SALESIANO COADJUTOR

3.3.1 Objetivos do acompanhamento

Como qualquer outra vocação, também a do salesiano coadjutor precisa ser acolhida e acompanhada, a fim de que as disposições venham a amadurecer para uma escolha consciente e definitiva. “Quando um jovem ou uma pessoa adulta percebe o chamado divino e pediu e recebeu conselho, sente a necessidade e a utilidade de auxílio e guia para achar, com crescente clareza, o seu caminho e segui-lo. É o problema do acompanhamento”¹⁹.

Tal acompanhamento visa objetivos em dois níveis.

O primeiro é o mais geral: atitudes e condições que predisõem à escuta da voz de Deus e à generosidade na resposta. É o principal. Trata-se da formação espiritual mediante participação na vida da comunidade cristã, da interiorização das atitudes evangélicas fundamentais e da prática da vida cristã, o sentido da presença de Deus, a relação existencial com Cristo, a assiduidade na oração, a escuta da palavra de Deus, a vida da graça, o esforço ascético, a frequência dos sacramentos, o empenho apostólico.

Isso deveria constituir a base de uma personalidade tendencialmente equilibrada, cujo desenvolvimento é dirigido por uma imagem objetiva e por serena aceitação de si mesmo; por uma composição positiva das tensões internas (impulsos, ideais, planos); pela abertura na doação aos outros, manifestada na capacidade de relacionamento sincero e constante; pelo contato rico com a realidade e conseqüente alargamento dos horizontes culturais; pela capacidade de encarar o próprio futuro e sua realização em termos evangélicos.

Os objetivos do *segundo* nível são mais específicos. Têm em mira o cultivo de aptidões, o fornecimento de *conhecimentos orgânicos*, o desenvolvimento de *habilidade típicas* de uma vocação particular.

Ambos os níveis *se completam* mutuamente. São interdependentes. Não há esclarecimento vocacional sem processos de fé e de crescimento interior em Cristo. E vice-versa: qualquer esforço sincero de discernir a vontade de Deus na nossa vida traz consigo abertura à graça.

19. Cfr. Sviluppi della pastorale..., o.c.

Ocorrem, entretanto, períodos em que se faz necessária uma atenção especial a um desses níveis, conforme a fase de amadurecimento que o sujeito está vivendo.

No acompanhamento inicial, é particularmente determinante o primeiro nível. É mister dar base sólida de formação humana e cristã, garante resposta autêntica a qualquer vocação de especial consagração.

Nesse esforço principal, que sobretudo abre para a generosidade e predispõe para o discernimento, é que se vai enxertando, mediante a informação e a experiência, o que é característico da vocação do salesiano leigo.

A acolhida e o acompanhamento se realizam de *várias maneiras e com várias atividades simultâneas*: assistência espiritual pessoal; a co-participação em experiência maturativas na linha de sua vocação particular; a participação em ambiente apto ao desenvolvimento dos germes vocacionais e seu discernimento, que levará a uma primeira decisão suficientemente motivada.

3.3.2 Assistência individual

A assistência individual é sempre necessária, mesmo quando o candidato é recebido numa ambiência. Muitas vezes é a única forma possível de acompanhamento. Acaba se tornando direção espiritual, mesmo quando começa como colóquio pedagógico e consulta de orientação. Foi descrita como “serviço de escuta, de ajuda ao esclarecimento interior, de experiência da vida espiritual e de esperança”. Daí que “a pessoa que exercita esse ministério tem respeito à liberdade do caminho do jovem, que é sempre um caminho pessoal”²⁰.

Aparecem claras suas *finalidades específicas*: criar uma situação interpessoal de confiança, mediante a qual possa o moço tornar-se mais livre para perceber a realidade que o interpela e os sinais de Deus que o chamam; proporcionar-lhe elementos para uma visão límpida de sua própria interioridade e das motivações de seu comportamento e aspirações; pô-lo consciente da graça de Deus e auxiliá-lo a avaliar a própria resposta, lançando o alicerce de uma sólida espiritualidade cristã; acompanhar e orientar o esforço de conversão da mentalidade e dos procedimentos critérios de vida, ascese, virtude); consolidar e completar a prática cristã (oração, sacramentos...); equilibrar as tendências que destoam do crescimento cristão (inconstância, permissivismo, escrúpulos, devocionismo, intimismo...).

Esse *serviço* pode ser prestado por qualquer *salesiano* empenhado na formação cristã de jovens: diretores, confessores, catequistas, animadores pastorais, professores. “Todo pastor de almas, ou outra pessoa responsável, sente necessidade de dedicar atenção àqueles jovens e

20. Ib. 50.

21. Ib. 50.

adultos (...) que podem interessar, dadas suas qualidades especiais... A aprendizagem do que se refere ao reconhecimento dos sinais de uma vocação e o adestramento na arte do discernimento e da direção espiritual pertencem ao programa de formação e à esfera ordinária de atividade do pastor de almas e de outras pessoas responsáveis pelo acompanhamento das vocações.

Exceto o que diz respeito ao momento sacramental, não se requer que seja sacerdote ou leigo aquele que acompanha uma vocação presbiteral ou laical na sua primeira acolhida.

Mas o serviço exige de quem o presta, seja lá quem for: a aceitação da responsabilidade de assistir uma caminhada vocacional, pondo-se ele próprio à escuta na oração; testemunho de uma personalidade madura e de experiência alegre da sua opção; atualização da formação teológica e aquisição de conhecimentos da psicologia juvenil em geral e da que diz respeito à vocação em particular; cuidado para pôr-se à altura de dialogante autorizado; exercício do papel de verdadeiro sustentáculo na procura, assegurando as condições que a tornam autêntica.

Na praxe salesiana, por detrás dos que acompanham está a comunidade, que, sob a guia do diretor, estabelece critérios comuns, sugere modalidades oportunas e auxilia no discernimento.

3.3.3 O grupo juvenil

“Existem nas igrejas particulares diversas experiências: grupos para troca de experiências de fé e de apostolado; grupos de reflexão sobre a orientação da vida; grupos de aprofundamento da vocação rumo a escolhas consagradas”.

“O grupo exerce papel singularmente eficaz no amadurecimento humano e cristão, na conquista do equilíbrio afetivo; na consolidação da fé; especialmente em situações ambientais marcadas pela disseminada indiferença e incredulidade”²¹.

Na praxe salesiana, encontram-se os dois tipos de grupos: os *educativos e apostólicos*; os *especificamente vocacionais*.

Em ambos, são numerosos os fatores vocacionais. Uma primeira experiência elementar de comunidade, que leva a ver, julgar e agir juntos, cria hábito de vigilância que capacita a reagir cristãmente diante dos variados fenômenos. A ação apostólica estimada pelos grupos constitui uma primeira prova de doação, um encontro com as necessidades dos irmãos, e uma experiência da energia transformadora da presença de Deus. Nos grupos ocorre o encontro pessoal, necessário para o processo de identificação, com as variadas vocações que expressam a missão da Igreja: sacerdotes, leigos, religiosos, pais, dirigentes.

22. Ib. 51.

O clima de reflexão treina para fazer alegremente escolhas em função do bem dos homens, da Igreja, de sua missão salvadora.

Com facilidade, é estabelecido no grupo o relacionamento das pessoas; por meio dele os educadores descobrem as disposições e inclinações dos jovens e ajudam a dar concretude aos ideais²³.

Os grupos vocacionais acrescentam alguns elementos mais específicos. São formados por meninos e jovens que desejam refletir mais profundamente sobre a sua vocação. São, pois, organizados como experiência destinada a favorecer a procura da vontade de Deus a respeito do futuro dos membros.

Seu programa inclui uma temática enquadrada nos dois níveis dos objetivos vocacionais de que já falamos. Os encontros regulares de aprofundamento dão a esses grupos as características de um "ambiente" de cunho vocacional. Um animador vocacional orienta os grupos. Dando particular atenção à escolha de vida, acompanha cada um dos jovens; e quando for o caso, encaminha-se para um diretor espiritual. Os encargos do grupo e de cada membro são selecionados de acordo com as finalidades vocacionais. Embora com a máxima abertura, escolhem-se aqueles contatos que são mais significativos e esclarecedores, do ponto de vista vocacional.

No tocante ao amadurecimento do germe da vocação salesiana leiga, esses grupos possibilitam encontros com modelos e ambientes, e proporcionam espaço para apresentação dos elementos doutrinários, históricos e experiências de que se tratou.

Sublinhando a complementaridade das diferentes vocações, provam-nas em campos de trabalho que desenvolvem atitudes típicas da vocação laical: animação de ambientes educativos, voluntariado, cooperação para o desenvolvimento, presença na cidade ou bairro. Isso tudo ajuda a descobrir a incidência da fé sobre as realidades do mundo.

Nenhuma atividade, porém, inspira ou forma com a materialidade de seus elementos. Cabe ao animador motivar e iluminar para que emergjam os valores nela contidos, a energia motora, as motivações e finalidades que dão especial significado evangélico aos serviços e aos empenhos.

3.3.4 Comunidade de acolhida e acompanhamento

São variados tais ambientes. Pois devem adequar-se às diferentes condições das pessoas; número, idade, conveniência ou inconveniência de se afastar do contexto e da família; o programa do estudo. Inspiram-se, entretanto, numa visão objetiva da vocação salesiana, que sugere

23. Cf. Dicasterio Pastorale Giovanile, Lineamenti Essenziali per un Piano Ispettorale di Pastorale Vocazionale, Roma 1981. Sviluppi della cura pastorale... o.c. 51.

uma linha pedagógica por concretizar na forma e no estilo da comunidade, no conteúdo, nas experiências educativas.

Dos Regulamentos Gerais²⁴ e da prática da Congregação se deduzem três tipos de ambientes de acolhida: o *aspirantado*²⁵, a *comunidade para jovens candidatos (comunidades proposta)*²⁶, *uma comunidade salesiana em que o jovem é incorporado*²⁷.

A — O *aspirantado*

Sua natureza e finalidade estão descritas nos Regulamentos, art. 17: “É um centro de orientação vocacional salesiana. Mantendo-se aberto ao ambiente e em contato com as famílias, ajuda os adolescentes e os jovens que manifestam aptidões para a vida religiosa e para o sacerdócio a conhecerem e corresponderem à própria vocação apostólica”.

Os *elementos específicos* de seu projeto educativo podem resumir-se assim:²⁸

— uma comunidade de educadores preparados e disponíveis para a orientação vocacional; — um ambiente no qual as características do espírito e do estilo educativo salesiano são cuidadas e vividas por educadores e jovens;

— objetivos específicos e periodicamente avaliados, que abrangem a formação humana e cristã de base, o desenvolvimento dos germes de vocação salesiana e sua primeira escolha pessoal através do discernimento dos sinais, tendo em vista o noviciado;

— um programa de conteúdo humano, cristão e salesiano (informações, conhecimentos, experiências, habilidades) aptos para a realização dos objetivos;

— um programa de estudos, semelhante ao dos rapazes dessa idade; de valor oficial, com oportunos complementos culturais e religiosos;

— uma abertura normal às famílias, ao ambiente humano e eclesial, às manifestações legítimas da vida juvenil.

As *modalidades* com que se põem em prática esses pontos fundamentais dependem de muitos fatores. Destacam-se entre eles a idade dos destinatários e o grau de decisão vocacional atingido (disposições, intenções, propósitos manifestados).

Se, por circunstâncias especiais, tenciona-se organizar um ambiente desses para todo o arco de idade que vai da pré-adolescência ao imediato pré-noviciado, faz-se necessária uma divisão em duas fases: uma

24. Cf. art. 16,17

25. R 17.

26. CG 21 118.

27. R 16.

28. Dicastero Pastorale Giovanile, Lineamenti essenziali... o.c. 49-50.

de “orientação e procura ainda genérica; outra mais claramente centrada na perspectiva da vocação salesiana”²⁹.

A diferença entre as duas fases diz respeito ao estilo da comunidade (co-responsabilidade dos jovens, personalização, espaços de autodeterminação, compromissos apostólicos); à seleção dos candidatos, dos quais se exige progressivamente uma intenção explícita, conquanto não de todo ainda testada, de abraçar a vida salesiana e uma presença de maior compromisso com o conteúdo vocacional peculiar.

As diferenças entre as duas fases nas modalidades de organização sugerem a criação de ambientes distintos e diversos. No que se refere à *acolhida dos candidatos a coadjutores salesianos*, apresentam-se duas possibilidades: *aspirantado específico*, *aspirantado integrado*.

O *aspirantado específico* visa à consolidação e ao amadurecimento dos germes da vocação leiga salesiana. Entra na linha indicada pelo artigo 17 dos Regulamentos e pelas ulteriores determinações práticas sugeridas pelos documentos do Dicastério para a Pastoral Juvenil. Mas com alguma diversificação de elementos típicos do aspirantado. Há presença preponderante e significativa de irmãos coadjutores na comunidade. O programa de estudos e as qualificações se enquadram na preparação técnico-profissional. Faz-se reflexão mais cuidadosa da história e das características da vocação laical. Na vida comunitária, dá-se destaque a atitudes e capacidades características de tal vocação.

Entretanto, como acontece no aspirantado dos candidatos ao sacerdócio, também no dos coadjutores a vocação salesiana é apresentada nas duas formas possíveis, de maneira clara e com propostas: há abertura para uma orientação vocacional ampla. Com essa fórmula, espera-se contato mais frequente e direto com modelos de coadjutor; uma experiência mais imediata das peculiaridades da vocação salesiana leiga; a possibilidade de acompanhamento mais específico. E se deseja também obstar ao perigo de que, em alguns candidatos as inclinações para essa vocação venham a ser sufocadas por um ambiente em que, por deficiência de posição pedagógica, prevalecem prematuramente os estímulos para o ministério sacerdotal.

A fórmula funciona, quando os candidatos são relativamente numerosos (índice de natalidade, formas de promoção, disponibilidade das famílias), de modo que seja possível estabelecer um ambiente com estrutura própria; quando idade e desenvolvimento permitem já uma primeira intenção motivada; quando os programas de estudo comportam diferenciação dos seguidos no aspirantado para candidatos ao sacerdócio.

De qualquer forma, dadas as circunstâncias, o fato é que não poucas inspetorias usam a *forma integrada*: aquela na qual todos os aspirantes à vida salesiana, sacerdotal ou laical, são recebidos num ambiente único.

29. CG 21 118 — Dicastero Pastorale Giovanile, Lineamenti Essenziali... o.c. 48.

As razões fundamentais se prendem aos critérios que norteiam o projeto educativo pastoral; prover à formação cristã e acompanhar os primeiros passos das vocações na base comum da salesianidade, do tempo para opção mais amadurecida quanto à forma de vivê-la.

Vantagens esperadas: tornar compreensível, de forma vital, o caráter do chamado único à consagração apostólica segundo o projeto de Dom Bosco, que é para todos; ir acostumando todos a viver juntos, desde o início, em mútua estima e complemento, no estilo das comunidades salesianas.

As razões circunstanciais levam em conta o número de candidatos e a possibilidade de atender, num ambiente único, às exigências de estudo, que dependem muito do contexto sócio-cultural.

Quando se assume essa modalidade, é preciso garantir consistente e qualificada presença de salesianos coadjuvadores no pessoal dirigente, também em funções de destaque; e um ambiente que não antecipe demais motivações e insistências presbiterais, que, aliás, não são próprias dessa etapa. Pelo contrário, deve ser enfocada a vocação salesiana à vida consagrada e à missão juvenil, enquanto cada um vai sendo acompanhado no discernimento e na escolha.

B — Comunidades vocacionais

“O cuidado, em tempo oportuno, desses jovens pode ser feito também de *outras maneiras*: comunidades de índole vocacional...”³⁰.

No plano de trabalho preparado para o segundo Congresso Internacional das Vocações (1982) lê-se: “O seminário menor não se há de considerar como a única estrutura na qual cresce e madura uma vocação. Pelo contrário, é preciso intensificar o trabalho vocacional com os jovens e adolescentes mediante novas formas e experiências de complementação do próprio seminário”³⁰.

Essas formas alternativas condizem com a tradição da vida religiosa e hoje se vão tornando frequentes. A vida religiosa encontrou nas comunidades mesmas, especialmente em tempos de forte entusiasmo carismático, o melhor ambiente para o crescimento das vocações. Haja vista o eloqüente exemplo de Oratório de Dom Bosco em Valdocco.

As circunstâncias locais e as exigências pastorais podem aconselhar a criação de *pequenas comunidades de acolhimento*, com finalidades idênticas às do aspirantado mas com modalidades diferentes que atendem melhor à situação de certos jovens de determinados contextos culturais e eclesiais.

Tais comunidades, caracterizadas pelas relações pessoais e pela co-responsabilidade, levam em consideração a diversidade dos candidatos; mantêm-nos relacionados com o próprio ambiente familiar e

30. CG 21 118.

31. Revista Seminarium, outubro-dezembro 1981, p. 991.

juvenil; valem-se das múltiplas estruturas escolares frequentadas pelos candidatos consoantes os vários tipos de estudo iniciados; avaliam-lhes a capacidade de reação diante dos estímulos em voga, positivos ou negativos.

É indispensável, porém, que elas garantam e guiem o processo vocacional e que o programa e as modalidades não fiquem à mercê das decisões de cada um, mas que seja tudo assumido pela responsabilidade da comunidade inspetorial³².

Também nessas comunidades, como nos aspirantados, podem estar juntos, ou separados, os candidatos à vida salesiana sacerdotal e os de congregação laical. A favor de uma ou de outra solução valem as razões acima expostas.

C — *Inserção numa comunidade salesiana*

Há por fim, a *inserção* do candidato numa *comunidade normalmente empenhada no trabalho salesiano*, que foi julgada apta para o acompanhamento de uma vocação³³.

Em princípio, qualquer comunidade da inspetoria poderia e deveria servir de ambiente, de exemplo e de apoio a novas vocações. Pois cada uma delas vive as características da missão salesiana, amalgama num tipo religioso a vocação sacerdotal e a laical, e é chamada a assumir aquele peculiar serviço da pastoral salesiana — o cuidado das vocações³⁴.

Pode-se, portanto, pedir-lhe que proporcione aos candidatos espaços de experiência autêntica, informações sobre a vida salesiana e assistência espiritual.

Ponha-se, pois, de banda — quaisquer que sejam as escolhas tidas como mais oportunas — a divisão entre comunidades capazes de receber e comunidades incapazes. O CG 21 aconselhava a enfrentar o problema das vocações partindo da pessoa do salesiano e da vida da comunidade: “A autenticidade de sermos cristãos e salesianos é fundamental, como também o é uma imagem da Congregação que apresenta uma identidade salesiana *clara*, mas suas manifestações evangélicas, nos seus destinatários e no seu projeto educativo (...). O testemunho e a ação de cada irmão será sempre o estímulo mais forte e da mediação mais eficiente para ajudar os jovens a uma resposta generosa a Cristo”³⁵.

Os que se orientam para a vida salesiana laical, sejam de preferência recebidos nas comunidades nas quais essa vocação tem expressões mais relevantes e atraentes.

32. Cf. CG 21 118.

33. Cf. CG 21 118.

34. Cf. C28, 37.

35. CG 21 112.

CONCLUSÃO: ANIMAR, REZAR

Tudo o que se está dizendo é confiado a responsabilidades definidas que agem comunitariamente. Visto como a pastoral vocacional se compõe de múltiplas intervenções convergentes, necessitam-se convicções disseminadas e compartilhadas, interesse da comunidade toda, programas cumpridos conjuntamente, papéis em coordenação. Tudo isso sustentado por confiança total da graça, impelido por vontade de serviço a Nosso Senhor, à Igreja e aos jovens. A pastoral vocacional implica e supõe esforço espiritual, conhecimento atualizado das questões específicas, atualização pedagógica, apoio organizacional e prático.

A animação faz-se, então, necessária. Com ela, pode-se passar da ação meramente individual para o interessado envolvimento comunitário; das intervenções vocacionais e setoriais aos planos orgânicos e estáveis; do “setor vocacional isolado para sua integração num programa completo de pastoral juvenil; do caráter funcional das nossas intervenções (para ter...) ao critério educativo (para que a pessoa cresça segundo o plano de Deus)”³⁶.

Tanto em nível inspetorial quanto ao local, a animação exige *responsabilidade de governo e ações de apoio*.

No governo, se define a orientação da pastoral vocacional, e se garante espaço amplo na pastoral juvenil global. É a tarefa do Inspetor e do Diretor, com seus respectivos Conselhos. Ao grupo de apoio caberá ativar a pastoral, estimulá-la, sustentá-la, coordená-la. Essas atribuições podem ser desempenhadas individualmente ou por equipes. Entretanto, “mais do que pessoas ‘delegadas para’ devem ser estimuladores e informadores das diversas comunidades”³⁷.

No que concerne à vocação do salesiano coadjutor, a animação visará, em primeiro lugar, a garantir a *mentalidade e testemunho de cada uma das comunidades*.

A *mentalidade* diz respeito a uma visão justa da originalidade do carisma, da missão e da comunidade salesiana, manifestada em expressões verbais, na organização e nas avaliações.

O *testemunho* se refere à vida da comunidade, ao relacionamento interno, à valorização dos aspectos laicais para a obtenção das finalidades educativas e pastorais próprias da ação salesiana.

Mas, além da mentalidade e do testemunho, será necessário cuidar que a orientação vocacional venha a ser explicitamente incluída no projeto educativo pastoral, nos três níveis, com atividades e momentos diferenciados: para todos os rapazes; para os que manifestam sinais de vocações especiais; para os que se orientam para a vida salesiana³⁸

36. Dicastero Pastorale Giovanile, Lineamenti Essenziali..., o.c. 53.

37. CG 21 114.

38. Cf. C6, 28-37.

E para todos seja apresentada a vocação salesiana leiga em sua riqueza de variadas possibilidades.

Será preciso, pois, que, sempre com a coordenação de dirigentes e animadores, as orientações se traduzam em objetivos atingíveis, ao alcance dos rapazes concretos a que se dá esse atendimento; em experiências exequíveis, nas quais devem ser interessados todos os componentes da comunidade, muito embora com contribuições diferentes (ambientes, relações, diálogo pessoal, momentos específicos).

Impõe-se, então, periódica avaliação e replanejamento. Isso proporcionará o aproveitamento do que foi experimentado, com sucesso, e a tentativa de caminhos novos para a apresentação da vocação do salesiano coadjutor.

O ponto principal, porém, da animação é conservar a comunidade em *estado permanente de oração pelas vocações*. Já falamos dessa incumbência fundamental da pastoral vocacional.

A oração é invocação — pedido, mas é também esforço de conscientização diante de Deus; é meditação, é abertura aos desígnios dele; é comunhão com aqueles que nos precederam na estrada que tentamos palmilhar. Intenções, fórmulas de orações, textos de leitura, intercessores (os salesianos coadjutores servos de Deus!) ³⁹ ajudarão a incluir a preocupação da vocação salesiana leiga em nosso desejo expresso cotidianamente a Nossa Senhor: “que mande operários à sua messe”.

De modo particular importa não nos esquecermos da afirmação das Constituições referente ao clima de alegria e de família da comunidade salesiana: “Esse testemunho desperta nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana” ⁴⁰.

39. *Os coadjutores salesianos* Artemide Zatti e Simone Srugi.
Cf. as biografias citadas na nota de número 16.

40. C. 16.

4. LINHAS DE FORMAÇÃO

4. INTRODUÇÃO

Na fala conclusiva do CG 22, o Reitor-Mor, comentando a originalidade do Salesiano coadjutor, convidava a converter-se a *uma mais autêntica sensibilidade salesiana e a uma formação verdadeiramente renovada*. Fazia notar que na Congregação permaneciam abertos alguns problemas: O número-vocacional, mas também e, mais profundamente, continuavam certa insensibilidade e um conceito errôneo na compreensão deste aspecto próprio da identidade vocacional (o aspecto da dimensão laical), vinculado à constituição, peculiar de nossas comunidades e à realização da missão das mesmas¹. Não se tratava tanto de algumas coisas a fazer, porém, mais em profundidade, de uma conversão a uma sensibilidade salesiana mais autêntica que traz, em si mesma, a urgência de intervenções apropriadas.

40.1 Um empenho extraordinário na formação

A *formação*, toda a formação (a inicial e a permanente) e a formação de todos ajuda nesta conversão: “quero ainda insistir, dizia ele, no empenho da formação. Depois de tudo quanto dissemos, ela também não pode referir-se unicamente aos Coadjutores jovens, mas a todos os irmãos, também aos padres e aos seminaristas, durante todo o período, tanto inicial quanto permanente. Sem um empenho extraordinário na formação, não creio que se possam obter mudanças radicais em pouco tempo. Mas se se coloca a formação em *forma realmente renovada*, principalmente para as gerações jovens, o futuro será certamente promissor”².

O empenho comum, na Congregação, *marcha para esses objetivos*, com seriedade. A análise dos *Diretórios Inspecionais* e os resultados dos mesmos são um argumento a favor disso. As inspeções procuram harmonizar, entre si, organicidade e flexibilidade nos currículos formativos; demonstram que querem fazer logo tudo o que está a seu alcance,

1. Cf. CG2279-86.

2. ACS 298, pág. 42.

como se já tivessem entrado num tempo maior “concretude e operatividade”;³ aceitam os desafios dos primeiros passos, nem sempre seguros de êxito e “boicotados”, além disso, pela indiferença de alguns poucos; convenceram-se, em fim da necessidade da colaboração interinspetorial, que garante, mais facilmente, o conjunto das condições necessárias para que as fases do processo sejam formativas⁴.

As inspetorias estão, portanto, encaminhadas a “reagir criativamente”⁵ e a realizar o extraordinário empenho de formação”, do qual fala o Reitor-Mor, ajudando-se mutuamente para melhorar, em conjunto, o conteúdo e as estruturas⁶.

40.2 As Razões Profundas

Todo esse empenho tem suas razões profundas e apresenta um caráter de urgência. Isso se deduz da *natureza da vocação salesiana, do ambiente e da condição do mundo juvenil*. A formação do Salesiano coadjutor é dirigida não só a realizar a sua forma vocacional específica, mas a enriquecer também a do Salesiano padre e da comunidade. Quando faltassem ou enfraquecessem os dons próprios de uma ou de outra, o Salesiano padre ou o Salesiano leigo sofreriam pessoalmente por causa disto, quase como não fossem bastante eles mesmos. E por causa disso sofreria também a própria comunidade operante. Não se pode ser Salesiano padre ou Salesiano leigo, isolando-se. Cada uma das duas formas vocacionais é concreta e completa em si mesma, mas o estarem em relação uma e outra, faz parte de sua “concretude” e integridade.

Esta é a nossa característica carismática⁷.

Esta é a primeira razão para formar-se. Podemos dizer que é uma *razão intrínseca do nosso carisma*, mas há outras razões também. Poderíamos chama-las “*razões do ambiente*”.

O pluralismo cultural, os ritmos sempre mais acelerados e as transformações rápidas do mundo nos impelem, a todos, a uma readaptação contínua. A nossa forma de vida, então, acentua a busca de uma caridade pastoral típica. Ela leva em conta as novidades emergentes no mundo juvenil e na consciência da Igreja⁸. De fato, como educadores, estamos voltados para a parte da humanidade (dos Jovens), tão nova e sensível às mudanças, que não podemos dedicar-nos a seu serviço sem um esforço permanente de formação atualizada e criativa.

3. Cf. CG22 9; FSDB 407, 474.

4. Cf. FSDB 412.

6. Cf. ib.

7. CG21 237s.

8. Cf. FSDB 74-83.

Recorda se, a respeito disso, o art. 1.º das Constituições que tem como título: “Criatividade de Flexibilidade”. É uma nota de nosso espírito.

4.1 O CONTEÚDO GLOBAL DO PROCESSO FORMATIVO

Levando em conta o que o Reitor-Mor escreveu em sua Carta: “O componente laical da comunidade salesiana” de outubro-dezembro de 1980, quereríamos acenar ao quadro global, dentro do qual se movem estas “linhas de formação” do Salesiano coadjutor.

41.1 O Conteúdo Específico

O Reitor-Mor nada mais fazia do que repetir uma preocupação do CG 21, a de certa “ausência de *conteúdo específico* para a formação do Salesiano coadjutor”⁹ e salientava alguns desses conteúdos” que devem estar presentes em todas as fases da formação, integrando-os constantemente no duplo pedido de “estudo-reflexão” e de “prática-experiência”.

Esses conteúdos específicos são:

- uma formação religioso-salesiana que ajuste o Irmão coadjutor a compreender a originalidade de nossa Sociedade;
- uma adequada preparação pedagógica, humanística e salesiana;
- uma suficiente competência apostólica com aprofundamentos teológicos e catequéticos;
- uma preparação técnico-profissional, de acordo com as capacidades e as possibilidades de cada um, em vista do caráter educativo-pastoral de nossa vocação;
- uma educação sócio-política que prepare para uma ação educativa/ específica, especialmente em vista do “mundo do trabalho”¹⁰.

Sem dúvida, em tudo isso, (concluía o Reitor-Mor), será preciso prestar atenção à variedade característica que a dimensão laical apresenta, e as possibilidades concretas de cada um¹¹.

Algumas dessas indicações exigem valores humanos e valores de graça; outras (indicações) exigem atitudes especiais para atender à ação; outras ainda são competências a serem adquiridas.

É preciso, portanto, entrar em um *processo formativo* que ajude a identificar os valores da consagração apostólica laical, os quais, aliás, já foram, em grande parte, indicados nas páginas precedentes; um processo formativo que ajude a conquistar esses valores, isto é, torná-

9. CG21 247.

10. Cf. CG21 302.

11. Cf. La componente laicale..., (CL) ACS 298 pág. 45.

los motivos primários das atitudes e dos comportamentos, com meios e métodos adequados.

O discurso será *global* (“deve estar presente em todas as fases”, escrevia o Reitor-Mor)¹², ainda que, para algumas fases (pós-noviciado e pós-tirocínio), se torne mais particular e direto, por causa da complexidade e importância de que essas fases se revestem.

41.2 O Ordenamento do Conteúdo

Trataremos, portanto:

— dos valores e atitudes próprias da congregação apostólica do Salesiano coadjutor. Depois de tê-los identificado *globalmente* (na “Aliança especial que Deus sancionou conosco”¹³, na *missão*, na *comunidade fraterna*, num estilo de *vida evangélica* vivido com radicalidade), colocaremos em evidência alguns mais decisivos para a formação dele;

— da dimensão constitutiva e da sensibilidade característica com que os Salesianos coadjutores os vive: a “*sua*” *laicidade*;

— da sua *condição humana*, sobre a qual os valores e as atitudes da consagração apostólica se enxertam como um dom; essa condição humana pela qual esses valores e essas atitudes se exprimem no testemunho, no anúncio e na caridade pastoral.

— do *método* para conquistar esses valores. Nenhum valor vocacional tem valor “por si”, se não entrou na própria vida e não se torna a motivação primária de suas escolhas;

— de sua *formação intelectual* e dos currículos de estudo, sobretudo com relação ao pós-noviciado e ao pós-tirocínio.

41.3 Um processo unitário e complexo

Como se pode facilmente compreender, o processo é *unitário*: “toda a formação tende ao desenvolvimento da identidade vocacional” e encontra nela “as raízes da sua unidade”¹⁴. Nasce, portanto, a necessidade de termos (da identidade salesiana) a idéia mais certa e mais verdadeira possível¹⁵.

É também um processo *complexo*, na verdade esse processo tem uma finalidade única, mas vivida em formas vocacionais específicas e complementares. Tornando-nos educadores-evangelizadores dos jovens tanto na forma laical, quanto na clerical. É uma vocação comum, igualmente salesiana, mas distinta e complementar nos serviços e nos ministérios¹⁶.

12. Ib. pág. 44.

13. Const. 195.

14. CG21 242; Const. 97-107.

15. Cf. CG21 242.

16. Const. 106.

Por isso, um e outro, o Salesiano padre e o Salesiano coadjutor, recebem igual formação inicial com um “currículo de nível paritário, com as mesmas fases e com objetivos e conteúdo semelhante. As distinções são determinadas pela vocação específica de cada um, pelos dotes e aptidões pessoais e pelas tarefas de nosso apostolado”¹⁷.

É complexo este processo formativo, também porque quer desenvolver, na pessoa, a totalidade das dimensões que compõem a sua vocação, harmonizando-as em unidade vital, com equilíbrio e sem fragmentação¹⁸. Esse processo quer também garantir que seja assimilado, removendo os possíveis impedimentos e adotando meios e métodos adequados. É um ponto de interesse e de empenho decisivos, se buscamos uma “formação renovada”.

4.2 IDENTIFICAR OS VALORES

O art. 3 das Constituições constitui um bom *quadro de referência*. Os valores estão aí colocados com clareza, de acordo com certa ordem, distintos entre si, embora inseparáveis e, portanto, se influenciando mutuamente e sendo insubstituíveis: “A nossa vida de discípulos do Senhor, diz o artigo, é uma graça do Pai que nos *consagra* com o dom do seu espírito e nos envia para sermos apóstolos. Com a profissão nós mesmos para caminharmos no seguimento de Cristo e trabalhar para com Ele para a construção do Reino. A *missão apostólica, a comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos* são os elementos *inseparáveis* de nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os nossos irmãos. A missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas”.

42.1 Em “uma Aliança especial”.

Em “*uma aliança especial, a missão apostólica, a comunidade fraterna, um estilo de vida vivida com radicalidade evangélica*, são os valores próprios da consagração do Salesiano.

São estes valores que o tornam autêntico e o motivam no seu ser e no seu agir, quando os vive “em um único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos”.

Não é inútil recordá-los. Não se devem considerar ultrapassados ou desnecessários, por que sem eles, tudo se torna falseado¹⁹. É o que o Papa João Paulo II salientava, falando na reunião plenária da Congregação para religiosos e Institutos Seculares: “É necessário... por

17. Const. 106.

18. Cf. Const. 102; CGC21 262.

19. Const. 3; cf. Const. 23, 125, 26, 3, 26, 50, 64, 73, 82, 85, 40, 49, 85, 88 63.

em relevo que a formação do religioso deve visar, de maneira especial, à *sabedoria do coração*: isto é, àquela sabedoria, dom do Espírito, que torna o religioso verdadeiramente íntimo do Senhor e profundo conhecedor da vontade dEle. Essa sabedoria contribui para a salvação do mundo, muito mais do que multiplicar as atividades externas não animadas por tal espírito sobrenatural”²⁰.

A graça que foi dada a Dom Bosco e que é partilhada por seus filhos, está dentro de *um mistério de Aliança*. É, na verdade, fundamentalmente uma particular experiência teologal. O seguimento de Cristo em vista da edificação do Reino de Deus nos jovens e nos próprios religiosos²¹, a união com o Pai que nos consagra e nos envia²² a atenção e a docilidade ao Espírito, fonte de santificação e de renovação são as presenças que compõem essa experiência teologal²³.

Para que esse mistério da Aliança permaneça viva e mova, com a sua força, todas as atividades, devem ser *cultivadas as atitudes* que lhe correspondem²⁴. São essas: A centralidade e o absoluto de Cristo Senhor que comunica, no Pai e no Espírito, a sua força e o seu amor; o dom da paternidade de Deus que reaviva continuamente a dimensão divina das nossas atividades; o sentimento da própria pertença filial, que se manifesta, participando como Salesiano leigo²⁵, na Igreja, da Sua caridade paterna e encontra nela “a origem última e a fonte que alimenta perenemente a missão;²⁶ a presença, por fim, do Espírito Santo, cujas iniciativas e ação devemos sempre estar prontos a acolher a fim de crescer no amor de Deus e dos jovens”²⁷.

Não se pense que já esteja feito tudo, quando se conhecem os valores, se apreciam, se cultivam com o desejo, ou quando a gente se entusiasma por eles. São todas coisas boas, mas sozinhas não bastam. Depois de conhecer o que significa ser salesiano (valores e atitudes), é preciso tornar-se salesiano “vivendo e trabalhando para a missão comum”, com algumas condições²⁸. É preciso *caminhar (processo)*

20. Osservatore Romano (edição italiana) de 2.XLL.1988.

21. Cf. Const. 23, 3, 11.

22. Cf. Const. 3.

24. Cf. ACS 296, pág. 5 (edição italiana), Const. 23.

23. Cf. ET 11, 12; CGE 3; Const. 1.

25. Cf. Const. 12.

26. CG21 579.

27. Cf. para o n.º 1. Partecipazione alla vita liturgica: Const. 88, 89, 87; CGE 283-288, 340, 540, 664.

2 — Escuta da palavra de Deus: CGE 494, 540, 557; DSM 240-242.

3 — Oração Pessoal: Const. 83, SC 7, 10, 11, 19, 48; Const. DSM 186; CGE 574-579; Const. 88.

4 — Eucaristia e Ofício: Const. 86.95.21; CGE 544; SC 10,47-48; LG 11; PO 5bc 6e; CGE 542-543.

5 — Vida e ação como oração. Const. 86.95.21; CGE 532-537; 550.555f.677.

6 — Sentido e uso do sacramento da Reconciliação: Const. 84.90; RFIS 55; PO 18b.

7 — Os movimentos da renovação: Const. 9.

8 — Devoções salesianas: Maria Auxiliadora: RG 74; SC 13; CGE 531-545, E. Viganó: Maria renova a Família Salesiana, 1978; Const. 09.

para formar-se, utilizando os meios e métodos que as ciências da educação e a nossa tradição julgam mais convenientes ao nosso espírito e mais eficazes ao escopo.

Nem se pense num genericismo abstrato, como se os valores fossem um departamento separado, os valores são vividos em *formas vocacionais distintas*. O salesiano leigo os vive como religioso leigo, compondo, ambos, uma comunidade que tem características tão originais que, para ser salesiano exige a presença de padres e leigos.

E esses valores são vividos *num contexto histórico preciso* Esta “especial Aliança selada pela profissão perpétua, é feita no *tempo*, tem uma data, isto é, coloca-se em um contexto histórico, que provoca continuamente e sensibiliza a experiência do homem em contínua busca da interpretação de si mesmo, Evangelizar-se e evangelizar quer dizer traduzir, em proposta cultural acreditável (porque se vive essa proposta), a interpretação que Deus dá a existência humana.

É preciso repensar a cultura à luz da revelação e repensar a revelação à luz da promoção humana.

O homem moderno, os jovens, hoje, são mais realistas e pragmáticos. Todos os que vão ao encontro deles para lhes oferecer uma proposta de salvação, não podem ignorar os aspectos concretos da vida deles, a sua sensibilidade, as situações de fato, as relações que vivem com o mundo econômico, social e político. Devem procurar a resposta que a mensagem cristã pode oferecer a essas solicitações, as quais são pessoais, mas também e sempre mais práticas e concretas. Essas reflexões tem deslocado, aos poucos, o interesse, destas realidades objetivas (consideradas em si mesmas), para o homem e para a promoção do mesmo homem.

Nisto as reflexões se deixaram levar *pelo modo de conceber a relação homem-mundo*, (relação) que está presente na premissa que introduz a *Gaudium et Spes*. Nessa premissa o mundo e as realidades terrenas não se situam mais diante do homem para exigir, o sentido que lhes cabe, mas essas realidades são preferivelmente consideradas em função do homem, como meio de seu desenvolvimento. O olhar se dirige ao homem, ao seu poder de realizar e, concomitantemente, à sua importância social. Na verdade, alguns problemas, por exemplo, os do desenvolvimento, são enfrentados na perspectiva ampla da sociedade e das grandes massas, e, debaixo, deste aspecto, se transformam de problema de ética individual em problemas de ética social.

Quem tem, por vocação, o dom da predileção para com os jovens deverá viver uma experiência concreta de fé e de humanidade que testemunhe e anuncie o “absoluto” de um Deus que salva neste contexto valorizando os elementos típicos de uma vocação religiosa que, por ser laical, o coloca em contacto mais fácil de compreensão, sintonia pessoal e possibilidade operativa.

42.2 A Missão Apostólica

Esta aliança, como nascente que não termina, faz nascer de si, com riqueza de graça atual e de adaptabilidade, *a missão*.

A dedicação aos jovens, especialmente aos mais pobres, foi para Dom Bosco, o itinerário, onde se tornou real a sua consagração: consagrado por Deus “para” os Jovens, oferecido a Deus “nos” jovens. Era totalmente dedicado a eles, completamente “reservado” para eles e, ao mesmo tempo, realizado neles. Amar os jovens, para ele, não significava somente suscitar o afeto deles, mas também sentir a atração deles, ser subjugado por eles, perceber neles o papel insubstituível na vida deles²⁹. Na unidade da caridade pastoral, fruto por excelência, da formação religiosa e humana, encontram sentido e unidade os dois polos que movimentam a vida do salesiano: Deus e os Jovens. O salesiano descobre em si a necessidade de uma intensa presença diante dAquele que o envia e, juntamente, diante daqueles a quem é enviado³⁰. Tornando concretas essas aspirações no “*onde*” e “*como*”, cumpre-se a missão, o que significa também encontrar espaço e significado na originalidade da vocação do Salesiano coadjutor.

A. Os valores e as atitudes do “significado pastoral”

O desejo de *uma intensa presença diante dAquele que o manda*, incitará o Salesiano coadjutor a compartilhar o anseio de Jesus para o advento do Reino³¹; vai incitá-lo também a perceber, na história, o desígnio de Deus e o mistério de iniquidade que se lhe opõe, para isso se educará para um forte sentido de Igreja, porque “evangelizar não é para ninguém, nunca um ato individual e isolado, mas um ato profundamente eclesial... e nenhum evangelizador é dono absoluto de sua ação evangelizadora”³². O Salesiano coadjutor saberá crescer na espiritualidade eucarística e mariana que o torna cooperador de Deus: “Das coisas divinas a mais divina, dizia Dom Bosco, é cooperar com Deus na salvação das Almas”³³. No espírito de oração descobrirá e apreciará as leis que se dizem “apostólicas”³⁴ e que exigem também o fervor das nossas capacidades e de nossa competência. Assim o Salesiano coadjutor alimentará também a sua própria vida de confiança, de empreendimentos e de alegria, também nas fadigas³⁵.

O desejo de *intensa presença entre os jovens aos quais é enviado* o Salesiano coadjutor, empenha o seu “senso do concreto” em promo-

29. Cf. Stella P., Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica, vol. II pág. 473.

30. Cf. FSDB 74; CGE 26.

31. Mt 6,10.

32. EN 60.

33. MB 9,220; 13,629.

ver, na comunidade e em si, algumas sensibilidades quanto à medida das exigências deles.

Que sensibilidades?

— o sentido do homem como liberdade, por exemplo, que projeta a própria vida e utiliza o mundo como material posto em movimento pela sua própria criatividade;

— o sentido moral que percebe a história como tarefa e responsabilidade;

— o sentido da participação que faz tomar consciência, hoje da cultura humana como “cultura socializada”, onde os esforços, para a construção e defesa da cidade terrestre, ou são comunitários ou não são eficazes;

O sentido da perspectiva que entende a história como libertação progressiva e integral, onde a salvação e processo histórico são dimensões da mesma “liberdade”.

A comunidade aparecerá então como uma fraternidade que desce do céu, mas que se eleva também da terra, visto que o Filho de Deus para salvar-nos “se despojou a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens”; uma comunidade feita de pessoas que são sinal de outras Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os salesianos são pessoas que se vêem e se compreendem como sinal, e querem isto: tornar-se uma proposta e uma resposta para quem vive.

B. *Capacidade para a ação*

O “sentido do concreto” — e o desejo de oferecer a salvação (onde ela já está presente em germe) leva o salesiano coadjutor a *apetrechar-se “concretamente”*, isto é, a ser capaz de fazer análise e avaliações críticas de uma determinada situação pastoral; a saber definir, de maneira realística e criativa, uma estratégia de intervenção com objetivos, tempos, operadores e papéis bem definidos; a tornar-se sensível ao “mundo do trabalho”, entendido como processo produtivo, não necessariamente industrial, (trabalho) que marca, por si mesmo, a vida de tantos jovens necessitados.

Isso de “apetrechar-se concretamente” deve servir também para evitar um “risco”! As especializações são insubstituíveis nos seus serviços. Não se pode evangelizar somente com a “boa vontade”. Mas as pesquisas dessas especializações, sempre carregadas de atrativos, devem sempre levar ao Espírito, sem nunca desviar a atenção para com Ele.

34. Cf. FSDE 77.

35. Cf. FSDE 75.77.

Se as inspirações do Espírito não se harmonizassem com a organização do nosso agir, nos afastaríamos da perspectiva da santidade, perder-se-ia “a sabedoria do coração”, provocar-se-iam fissuras na unidade visível da missão e haveria motivos sérios para as crises mais diversas.

C. *Funções, ministérios e campos de ação*

A forma vocacional laical e a sua especialidade se realizam nos diversos campos de ação e nas diversas incumbências que o Salesiano coadjutor desempenha e para as quais se prepara. Em mais de cem anos de *história*, os Salesianos coadjutores desempenharam uma *vastíssima gama de atividades*, que se podem distribuir, mais ou menos exatamente, em três categorias:

— *As funções educativas, sociais, formativas e pastorais*: responsabilidade de direção em vários setores, atividades escolares e culturais, sobretudo nas escolas técnicas e profissionais; atividades evangelizadoras nas missões; animações de associações e círculos apostólicos, de grupos esportivos, musicais; animação do tempo livre, produção e uso dos vários instrumentos de comunicação social; encaminhamento do trabalho, formação social;

— *as atividades chamadas terciárias*: ecônomos, contadores, compradores, secretário, representante de setores, enfermeiros, sacristães, organizadores do pessoal de serviço;

— *os serviços domésticos*: colaboradores em casa, dispostos a qualquer ocupação na qual se sintam competentes, ainda que só um pouco; encarregados da ordem e da limpeza, adidos a trabalhos campestres, cozinheiros, padeiros, eletricitas, porteiros ou preciosos “factótum”.

Trata-se de atividades e serviços que exigem aptidões diversas e preparações distintas³⁶. Essas preparações (convém repetir), não devem ser unicamente reduzidas a ofícios ou profissões. É preciso que sejam *consideradas e vividas como apostólicas*: pois elas tem um sentido educativo-pastoral dentro da comunidade apostólica, constituem um verdadeiro testemunho comunitário, estão profundamente ligadas entre si e todas elas são endereçadas, juntamente, à atuação dos bens do Reino de Deus³⁷.

Na exortação apostólica dedicada à evangelização, Paulo VI avaliou positivamente o fato existente em muitas igrejas: grupos de religiosos e leigos abertos aos *ministérios não ordenados*, que garantiam assim serviços especiais capazes de fazer rejuvenescer e reforçar o dinamismo evangelizador delas.

36. Cf. FSDB 58-66, 78.

37. Cf. Const. 21.

Assinalou, à maneira de exemplo, os ministérios dos catequistas, dos animadores da oração e do canto, dos servidores da Palavra de Deus, de pessoas que ajudam os irmãos mais necessitados, de chefes de pequenas comunidades, de responsáveis dos movimentos apostólicos³⁸.

Reconheceu, depois, que os leigos podem também sentir-se chamados a “colaborar com os seus pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento dessa mesma comunidade eclesial, exercendo ministérios diversíssimos, de acordo com a graça e os carismas que Deus lhe conceder”³⁹.

A história da nossa Congregação conheceu, de fato, não poucos Salesianos coadjutores que exerceram uma ou outra função, colocada hoje entre os ministérios não ordenados. No período pós-concílio, alguns exerceram os ministérios de acólito, de leitor, de ministro extraordinário da Eucaristia, pelo novo Código e pela recente exortação apostólica “Christideles laici”⁴⁰.

O CG 21 acolheu o convite de Paulo VI e prometeu que “também os Salesianos coadjutores, convenientemente preparados, terão a possibilidade de exercer, como religiosos, os ministérios não ordenados e isso a serviço da comunidade evangelizadora salesiana”⁴¹.

Este fato não pareça a ninguém, como uma forma renovada de “clericalização”. Trata-se, ao invés, de uma legítima atribuição de ministérios não ordenados a fiéis leigos, que, na história da Igreja, sobretudo no primeiro milênio, foram geralmente exercidos por eles. É obvio que quem assume esses ministérios, deverá ter as aptidões necessárias e o auxílio de formadores competentes, os quais podem oferecer-lhes, para o discernimento, uma formação teórico-prática durante um tempo suficiente⁴².

O elenco das múltiplas funções tradicionais do Salesiano coadjutor e o dos ministérios não ordenados, é *um elenco indicativo*. Está, portanto, aberto e pode ser integrado com outras funções e ministérios. A necessidade de responder, com uma evangelização nova e com criatividade pedagógica, às perguntas e às urgências das culturas emergentes, pode sugerir funções e ministérios novos ou renovados.

De acordo com o pensamento de Dom Bosco, repetido pelo CG 21, “o Salesiano coadjutor pode participar de todas as tarefas educativas e pastorais salesianas não ligadas ao serviço especificamente sacerdotal”⁴³.

38. Regulamentos antigos 260.

39. *Ib.* 292.

40. Cf. CIC Cânnon. 230.

41. CG21 182.

42. CIC 231.

43. CG21 182.

O texto das Constituições retoma o conceito, dizendo que o (Salesiano Coadjutor) opera “em todos os campos educativos e pastorais” com tarefas de ordem cultural, profissional, social e econômica, como também de ordem catequética, litúrgica e missionária, onde ele leva “o valor próprio de sua laicidade, que o torna, de maneira específica, testemunha do reino de Deus no Mundo, entre os jovens e realidades do trabalho”⁴⁴.

D. Educador para a fé no “mundo do trabalho”

O “mundo do Trabalho”, entendido como processo produtivo, não necessariamente industrial, é um dos *campos preferenciais* oferecido à responsabilidade e à competência do Salesiano coadjutor, por tradição e pela urgência dos nossos tempos.

Das *características* que a *proposta educativa* apresenta, ele pode deduzir o *conteúdo* e as *atitudes* que, como educador, é chamado a *ter* para estar à altura da sua tarefa.

Na verdade, a proposta educativa deve nascer de um *projeto-homem* que integra todos os aspectos da experiência humana, individual e coletiva, e se confronta com outros projetos, referindo-se continuamente aos valores da experiência cristã.

Não basta. Em contato com as *condições dos ambientes de trabalho* e dos jovens que se preparam para serem, nestes ambientes, empregados e protagonistas, essa proposta deve estar em condições de transformar-se em uma cultura, na “*cultura do trabalho*”. Ela deve tornar-se, por meio dele, uma proposta educativa da cultura do trabalho.

E, pois, importante buscar quais sejam o conteúdo e as exigências, negativas e positivas, desta “*cultura do Trabalho*”.

Falando da parte *negativa*, poderíamos encontrá-la na ausência e na decadência de uma ética do trabalho digna do homem; na fuga do trabalho, como efeito de uma concepção consumística da vida; no considerar o trabalho com atitudes fortemente egoísticas que produzem, em medida maior ou menor, o “*reinvidicacionismo*”, o absentismo, o desinteresse.

Passando para a *parte positiva* notamos, ao invés: a recuperação da dignidade humana do trabalho; a necessidade de participação e de controle; o esforço de recompor, de maneira significativa, os processos produtivos; a busca de formação.

Todo este conteúdo deve ser promovido com uma metodologia muito sagaz. Dom Bosco e a nossa tradição supõem sempre que sejamos conscientes das necessidades reais de quem trabalha e que inter-

44. Const. 45.

venhamos, com uma ação igualmente atenta ao momento educativo e ao da evangelização. Por isso deverão combinar-se harmoniosamente os dois aspectos: o da *escuta* da demanda formativa que emerge da condição juvenil e das classes populares; e o da solução totalizante de seus problemas: oferta do pão e da palavra, do trabalho e da cultura, da garantia dos direitos e das motivações do dever.

Assim se determinam também a *finalidade*, o *estilo* e os *objetivos* da proposta.

Trata-se-á de promover, ao mesmo tempo, todo o homem trabalhador e todo o cristão, reconduzindo o trabalho à esfera da *ética*:⁴⁵ é a *finalidade*.

Aplicar-se-á o critério preventivo, antecipando tempos e ritmos de crescimento contra os riscos de quem se expõe, sem defesa, à lógica e ao clima ambivalente das relações de produção. Utilizar-se-á, além disto, um ambiente educativo, no qual avultam os estímulos (espírito de família, alegria, otimismo, criatividade e espontaneidade, naturalidade do empenho e do sacrifício) para interiorizar, com serenidade, a severa ética do trabalho: é o *estilo* educativo.

Dar-se-á à pessoa do jovem, futuro trabalhador, o primado com relação às preocupações da produção, as quais só visam à eficiência; convencer-se-á o jovem, com propostas positivas, a não reduzir a formação profissional à doutrinação ou a um perigoso pragmatismo, mas, preferivelmente, a mover-se para o empenho de líder, capaz de entender e escolher a própria dedicação aos problemas do trabalho, como vocação e serviço. São os *objetivos*.

O empenho de formação profissional torna-se então *um lugar de educação à fé*, isto é, a experiência na qual ela se exprime e se verifica. Os Salesianos coadjutores, empenhados neste “mundo”, tornam-se “os homens do trabalho” das comunidades eclesiais e também da nossa Família (animadores dos Cooperadores e dos Ex-Alunos trabalhadores):⁴⁶ um carisma que a tradição salesiana e Dom Bosco não querem perder¹⁷.

As diversas formas de *presença* do Salesiano coadjutor, para serem significativas de sua identidade laical e contribuir eficazmente para a realização pessoal desta proposta, devem respeitar *algumas condições* que o CG 21 descreve nestes termos: ele

— “não se esqueça nunca que é, e em toda parte, um educador salesiano, cujo objetivo deve ser o de levar os diversos elementos desta realidade social a serviço dos valores individuais e coletivos da pessoa para conduzi-la, depois desta promoção humana, a achar na fé a sua plenitude e total realização”;

45. João Paulo II, *Laborem exercens*, 1981.

46. CG21 185.

47. Cf. Const. 42.

— “seja fiel à sua condição de religioso salesiano leigo”;

— “saiba escolher o bem, presente no mundo do trabalho (um projeto de sociedade e de homem personalizado, comunitário e solidário), mas contemporaneamente, saiba também assimilar os males que o ameaçam (visão materialista da vida, fechamento às realidades espirituais, individualismo, sentimento de hostilidade, tentações da violência)”. O critério da encarnação o induzirá a estar atento a tudo o que há de negativo, crítico com relação àquilo que se pode purificar ou reorientar, anunciando o cristianismo como realidade absoluta que leva todas as culturas e todas as pessoas à salvação.

- defenda e promova estes valores como religioso, totalmente orientado para Cristo, fundamento e vértice dos mesmos valores humanos; poderá (assim) mais facilmente individualizar os perigos que ameaçam esses valores e ajudar outros a superarem esses perigos.
- Testemunhe, por meio do desprendimento e do amor, com o qual se doa incessantemente, uma solidariedade profunda e universal que deveria pôr em crise toda forma de egoísmo, da exploração e de busca exclusiva do próprio interesse;
- Revele o Reino de Deus já presente neste mundo e na história e, desta maneira específica, anuncie profeticamente o Reino futuro⁴⁸.

42.3 A Comunhão na Comunidade

A “especial aliança que o Senhor selou conosco”⁴⁹, não é só missão, mas, como nascente que nunca se esgota, faz nascer de si, com riqueza de graça atual, *a comunhão na comunidade, um estilo de vida vivido com radicalidade evangélica, a oração*.

Dom Bosco, um santo tão ativo, põe em relevo o caráter realizador do mandamento da caridade. A *caridade* constrói a *unidade* e a *comunhão*, nos níveis profundos dentro da comunidade⁵⁰. Há nela uma particular *densidade teológica* que apresenta aspectos também operativos, mas que, afinal; sobre a dimensão organizativa do “agir”, privilegia uma organização em vista do bem estar e do “viver” juntos.

Dom Bosco chamava a Congregação “Sociedade de São Francisco de Sales”, pondo em evidência a *dupla intensidade do nosso ser comunhão*: a de “Igreja” e a de “realidade humana”, constituída pela fraternidade vivida e por ideais compartilhados. Um “viver juntos autêntico” para um “anúncio autêntico”⁵¹.

48. CG21 184.

49. Const. 195.

50. Cf. Const. 49.50.

51. CG21 37, Cf. Const. 51; Cf. Const. 88; Cf. Const. 90; Cf. Const. 58.59; Cf. FSDB 80, MR 30a, CP 106.177.

42.4 Um estilo de vida vivido com radicalidade evangélica

“Com a profissão religiosa, queremos viver a graça batismal com maior plenitude e radicalidade”⁵².

Os conselhos evangélicos, vividos no espírito das bem-aventuranças, tornam-se o sinal de uma existência orientada para a esperança: “A oferta da própria liberdade na obediência, o espírito de pobreza evangélica, e o amor, feito doação, na castidade, fazem do Salesiano um sinal da força da ressurreição. Os conselhos evangélicos, configurando o seu coração todo voltado para o Reino, o ajudam a discernir e a acolher a ação de Deus na história; e, na laboriosidade e simplicidade da vida quotidiana, o transforma em um educador que anuncia, aos jovens, novos céus e nova terra, estimulando neles os empenhos e a alegria da esperança”⁵³. Pois hoje a verdadeira questão não é saber como se poderia crer, se o radicalismo evangélico é verdadeiramente possível ser vivido por homens como nós somos, num mundo como é o nosso; mas a questão é, principalmente, saber se um projeto assim não é, apesar e por causa da ruptura aparente com a situação ordinária dos homens, dos jovens especialmente, a *condição mesma que salva este mundo*⁵⁴.

Sermos obedientes, na fé, através do Superior, ao projeto de Deus como criaturas livres que invocam e buscam a vontade dEle, erguendo os olhos para o alto, mas abaixando-os também em direção aos jovens que pedem a salvação, coloca a obediência dentro do mistério de Deus e também dentro do mistério do mundo, onde se torna operante. Ela liberta seguramente o religioso dos reflexos de absoluto de que se reveste ilusoriamente “o ídolo do poder”⁵⁵ e comunica sua força aos jovens para que realizem essa liberdade.

Sermos evangelicamente pobres não é mais, somente, uma virtude pessoal. É também uma contestação contra um mundo que se organiza de acordo com o ideal de produção e do consumo e que, para isso, cria e difunde continuamente o domínio do homem sobre o homem e coisas sobre todo os homens, dominadores e dominados. A pobreza é virtude evangélica porque, além do breve alcance de nossas técnicas, quer demonstrar que, seguindo a Cristo, é possível viver em um modo diferente daquilo que o mundo impõe, isto é, em um mundo livre de segurança excessivamente mundanas, exatamente um mundo de pobreza. Ela liberta seguramente os salesianos e os jovens dos reflexos de absoluto de que se reveste ilusoriamente o “ídolo da posse”⁵⁶, sempre que nos disponhamos a fazer nascer em nós mesmos, uma mentalidade e uma alma evangelicamente pobres.

52. Const. 60.

53. Const. 63.

54. Cf. J. Thomas, *Travail, Amour, politique*. Pariz 1972.

55. Const. 62.

56. *Ib.*

Sermos evangelicamente castos choca com certo tipo de fatalismo psíquico que zomba da força da liberdade, como se fosse uma tentativa sem esperança de êxito dentro do mundo que fala das necessidades insuperáveis e nega ser possível crescer e doar através das rupturas com “as tais necessidades”.

O Salesiano oferece ao Senhor Jesus e ao Pai as suas forças físicas e afetivas, como testemunho de pleno amor de comunhão com eles e de disponibilidade para o Reino⁵⁷. A consagração na castidade abre o coração à paternidade espiritual⁵⁸, liberta e potencia a capacidade de ser *tudo para todos*, favorece verdadeiras amizades e contribui para fazer da comunidade, uma verdadeira família⁵⁹. É um amor que não pára sobre si mesmo, mas se torna sinal transparente do amor de Deus aos *Jovens*, que percebem que são amados, e que por sua vez, correspondem com o mesmo amor⁶⁰.

Sermos homens de ação: O CG 22, colocando a oração no fim dos capítulos IV, V e VI, como se fosse uma conclusão deles, quis “fazer perceber que a vida consagrada apostólica do Salesiano, com a variedade dos seus empenhos entre os jovens, com a fraternidade vivida na comunidade e com as exigências da obediência, castidade e pobreza, tem um caráter de tal forma sobrenatural que é *impossível* e impraticável *sem* a graça do Espírito que é continuamente comunicada pela oração e pelos sacramentos”⁶¹.

O nosso encontro de “Aliança” se exprime, se celebra, e encontra a sua força no diálogo orante com o Senhor. Esse diálogo empenha toda a experiência vocacional e recebe dela, por um processo criativo de afinidade, o seu estilo específico e os critérios segundo os quais se possam criar e escolher as formas de oração mais condizentes.

É o diálogo de um apóstolo que, quando reza, responde ao convite do Senhor, reaviva a consciência de sua íntima e vital união com Ele e da sua missão de salvação⁶².

As modalidades laicais e presbiteriais, com que os SDB vivem esses valores são específicos e complementares. Se parássemos só nas modalidades e se abandonasse o conteúdo comum, teríamos uma forma vazia, uma beleza sem substância; se parássemos só no conteúdo sem lhe valorizarmos as modalidades, cairíamos em um genericismo abstrato e numa comunidade **sem originalidade**.

Quisemos, porém, relembra-los, embora tenhamos desenvolvido, com maior amplitude e intencionalmente, a *missão*, porque ela os requer como condição insubstituível de sua eficácia e porque empenhando-se

57. Cf. Const. 80.

58. Cf. Const. 81.

59. Cf. Const. 83, ACS 285. p. 23-24.

60. Cf. Const. 81.

61. Cf. Il progetto di vita dei Salesiani di Don Bosco, pág. 609.

62. Cf. FSDB 64; Const. 85.

63. Comunidade: Cf. FSDB 79-80; obediência: Cf. FSDB 82-84; Pobreza: Cf. FSDB 85-90; Castidade: Cf. FSDB 91-93; Oração: Cf. FSDB 95.111.

na interiorização das atitudes correspondentes e no uso dos meios⁶³, os SDB conformam a própria vida a eles, para a educação à santidade que os jovens esperam.

42.5 A “laicidade” do Salesiano coadjutor: um modo de ser e de operar

Os Institutos de vida ativa, tão diversos entre si, assumem, de acordo com modalidades originais, uma verdadeira dimensão secular e fazem incidir nela parte do realismo histórico que é próprio de toda a Igreja na sua missão de sacramento universal de salvação. Em nossa sociedade são os Irmãos coadjutores que têm que garantir uma presença laical e desenvolver tarefas que manifestem e traduzam, na prática, esta dimensão. Ela faz parte da forma vocacional deles, não é simplesmente um ofício ou um serviço.

A nossa Congregação “cultiva em si *um impulso profano de fermento apostólico* na história, e por isso, vive religiosamente mergulhada e interessada nas vicissitudes concretas da sociedade humana”⁶⁴. Aquilo que João Paulo II, no discurso citado, julgava “oportuno” e “necessário em algumas situações particularmente graves”, isto é o empenho no imenso campo da solidariedade humana, para nós é costumeiro e ordinário, quando se diz respeito a tudo quanto se refere ao campo educativo e ao social.

A própria espiritualidade da ação, explicitamente interessada nos valores temporais, traduz as riquezas da dimensão contemplativa e dos “*votos religiosos em energia de educação.*” Mais particularmente, a missão juvenil e popular move o Salesiano coadjutor a ser educador social abrindo os horizontes do crescimento humano ao indispensável mistério de Cristo⁶⁵.

A dinâmica da consagração do Salesiano coadjutor se dirige, de modo especial e forma indissolivelmente unida, a determinados problemas de promoção humana. Por isso deve conhecer, apreciar e interiorizar os valores e as atitudes da laicidade consagrada.

Globalmente como religioso, ele anuncia *diretamente os valores definitivos do Reino de Deus*, as bem-aventuranças. Renuncia, pela experiência que faz dessas Bem-Aventuranças e para um testemunho radical das mesmas, (renuncia) a alguns instrumentos e algumas estruturas do mundo (ao matrimônio, por exemplo), e cria outros instrumentos e estruturas que exprimem visivelmente o sentido de sua vocação e se justificam pela força da fé, como é a comunidade fraterna.

Mas como salesiano leigo, aproveita todas as ocasiões que a sua laicidade lhe apresenta⁶⁶, a fim de encontrar, para o seu carisma (que tem essencial projeção educativa que lhe é própria), espaços de secularidade próprios, porém os mais amplos e abrangentes que possa, porque

64. Cf. Viganó E., La componente laicale..., pág. 30.

65. Ib. pág. 32.

66. Cf. GS 36.

é dentro destes espaços que se movem as possibilidades educativas em vista da evangelização do jovem.

Mais detalhadamente, ele “leva” para todos os campos educativos e pastorais, o valor de sua laicidade que o torna, de maneira específica, testemunha do Reino de Deus no mundo, perto dos jovens e das realidades do trabalho”⁶⁷.

Esses valores, se assimilados, suscitarão nele certo número de atitudes fundamentais. *Algumas* dessas atitudes exprimem mais *a sua relação com o mundo, outras, a qualidade de suas relações pessoais*.

Eis algumas das *primeiras* atitudes.

Cultiva o desejo e as aptidões para ser uma presença útil na história, optando corajosamente pelo homem, especialmente pelos jovens pobres e por seu difícil futuro. Considera o mundo como espaço da própria vida de fé e de sua caridade pastoral. Não aceita um empenho cristão superficial e abstrato, longe das exigências da situação⁶⁸. Interessa-se pela realidade objetiva das coisas, quer conhecê-las mesmo se complexas, ainda que exijam dele estudo, experimentação atenta e profissionalidade. Está firme nas finalidades, flexível na escolha dos meios e das estratégias. Cultiva o conhecimento do mundo e de sua cultura.

Eis algumas das atitudes que poderíamos chamar *segundas*:

O Salesiano coadjutor desenvolve o sentido do possível e do provável nas conjunturas sócio-culturais. Por conseguinte não assume tons dogmáticos a respeito do que é discutível. Respeita o pluralismo e abre o diálogo com todos, cresce nas iniciativas, na fantasia pedagógica e na criatividade pastoral. É generoso na colaboração e aprecia a organização. Finalmente sente-se participante, num projeto de vida (o projeto salesiano), capaz de educar à fé, no profano, aos jovens mais necessitados⁶⁹.

A laicidade do Salesiano coadjutor, enriquecido por esses traços (já falamos), é uma *laicidade complementar*. Traduz se em experiências que integram as do salesiano padre em vista da vida comum e da missão comum.

Deve-se, porém, notar que “na comunidade salesiana, excetuando as tarefas e os ministérios estritamente laicais ou sacerdotais, não há áreas ou ações absolutamente próprias dos Salesianos coadjutores e dos Salesianos padres”⁷⁰. “Não só, mas é para desejar e promover que certos serviços domésticos cotidianos e de empenho passageiro sejam sempre mais assumidos em conjunto, na simplicidade da colaboração, por todos os membros da comunidade”⁷¹.

Em todos esses casos, a contribuição específica dos Irmãos coadjutores (lembra o CG 21) “consiste mais no realizar as diversas tarefas

67. Const. 45.

68. Cf. Viganó E., *La componente laicale...*, o.c. pág. 23.

69. CNOS, *Per una pastorale giovanile nei CFP*, Torino, pág. 25.

70. CG21 182.

71. Viganó E. *La componente laicale...*, C.C. pág. 9-10.

e funções do serviço salesiano com estilo, espírito e dimensão laical ou sacerdotal”⁷².

42.6 Um crescimento constante em “humanidade”

Os valores e as tendências à ação, próprios de nossa consagração apostólica, são um dom de Deus, mas não vivem no vazio: exercitam-se como *dinamismos na humanidade* do Salesiano coadjutor e se exprimem, através da humanidade, no testemunho e no exercício da caridade pastoral.

A *santidade* da vida consagrada não depende certamente das indicações das ciências do homem e da educação. É fruto da ação gratuita de Deus. Mas as *virtudes e aptidões humanas*, presentes ou ausentes, podem dispor a receber, mais ou menos favoravelmente, a ação de Deus e, mais ainda, podem dispor a operar, de maneira mais ou menos eficaz, na atividade educativa.

Esses motivos, especialmente se referidos a uma vocação como a nossa (educadora e evangelizadora ao mesmo tempo) explicam a *importância* que as constituições atribuem aos *valores humanos* e à sua relação com os valores transcendentais: procuramos “crescer na maturidade humana”⁷³ e, ao mesmo tempo, “conformando-nos mais profundamente com Cristo, renovarmos a fidelidade a Dom Bosco para responder às exigências sempre novas da condição juvenil e popular”⁷⁴.

A *boa saúde* e a resistência física, a *maturidade intelectual* e uma progressiva capacidade de reflexão e de discernimento, o *equilíbrio* e a *adaptação psíquica*, estão entre os valores e atitudes que mais se exigem no nosso processo formativo⁷⁵.

De alguns desses valores e atitudes, não de todos, faremos menção⁷⁶, levando em conta também a situação social que, em alguns lugares, mais do que em outros, põe em atividade mecanismos de atrasos no processo evolutivo normal.

A. *Uma boa saúde psíquica: integração*

Unificar, sempre mais e sempre melhor, a pessoa ao redor do próprio projeto de vida é causa e efeito de uma boa saúde psíquica. Construir uma *personalidade* claramente *integrada* para viver, na fidelidade e liberdade, a própria consagração apostólica para poder intervir eficazmente no trabalho educativo, para viver serenamente a vida comunitária, é uma exigência sentida pelo próprio Dom Bosco, o qual de uma “esplêndida harmonia de natureza e graça”, fundidas “num projeto de vida fortemente unitário”⁷⁷ é o *primeiro modelo*.

72. CG21 182.

73. Cf. FSDB 58-66.

74. Ib.

75. Cf. FSDB 58-66.

76. Cr. FSDB 58.66.78.

77. Const. 21.

O Salesiano coadjutor deve portanto procurar ter:

- a capacidade de conhecer e aceitar a realidade, de julgar objetivamente pessoas, coisas, situações;
- a estabilidade interior nas convicções, não mais dependentes de conformismos, de entusiasmos ou de desilusões;
- um comportamento social bem adaptado e a capacidade de ser quem é, embora integrando-se no grupo ao qual pertence;
- um comportamento emotivo e afetivo que manifeste certa igualdade de caráter, o domínio sobre o medo e a melancolia, sobre a atração e repulsa instintiva; um comportamento que modifique “todo movimento desordenado, a cólera especialmente e os afetos sensíveis”⁷⁸ a propensão à preguiça e à gula”⁷⁹;
- uma suficiente capacidade de auto controle, de responsabilidade quanto à própria vida, de iniciativas e de decisões ponderadas e livres, de coragem em afrontar os obstáculos e em integrar limites e insucessos, perseverar nas decisões tomadas.

A sociedade atual não favorece esses comportamentos. Não só, mas freqüentemente cria obstáculos difíceis, à primeira vista insuperáveis. Esses obstáculos insensibilizam a pessoa num estado de indefinição e de dúvida que não permite ordinariamente enfrentar as próprias responsabilidades, procuram-se pontos de apoio e referência, mas também esses pontos são geralmente lugares comuns, carregados de superficialidades.

Não há dúvida que os nossos jovens Salesianos coadjutores, para salvar a própria perseverança e se tornarem modelos que ajudem os jovens a libertar-se e a construir-se, devem conseguir uma personalidade ainda mais equilibrada e madura.

B. *As virtudes sociais*

Formar-se para a comunicação e para as virtudes sociais é o outro aspecto de uma humanidade que deve crescer e ser eficaz no seu serviço. O Salesiano coadjutor é chamado a adquirir uma grande *capacidade de contato e estilo de relações* assinalado pela simplicidade, delicadeza e serenidade.

Vale para o Salesiano coadjutor o que se encontra também, em outros contextos: “aprenda a estimular as virtudes que são muito apreciadas entre os homens e nos tornam bem aceitos”⁸⁰. Trate de “cultivar profundamente a capacidade de manter contatos com pessoas de diversas situações. Aprenda sobretudo, a arte de falar aos outros de maneira conveniente, de escutar com paciência e de comunicar-se com

78. Antigos Regulamentos 260.

79. Ib. 292.

80. OT 11.

todos, com o maior respeito, com as pessoas de qualquer classe social, animado por um amor cheio de humildade”⁸¹.

Com relação às opiniões “livres”, que chamam autenticidade e liberdade aos modos descuidados e grosseiros de comportar-se, o Salesiano coadjutor, especialmente nos ambientes de trabalho, sabe “unir a espontaneidade com a delicadeza”⁸².

Em todo caso, a sua comunidade é o lugar onde, mais do que alhures ele se forma ao estilo salesiano das relações. O Salesiano coadjutor sabe avaliar a qualidade das suas relações quotidianas e sabe quanto é importante contribuir à custa de corajosas renúncias, para criar um clima de verdadeira fraternidade onde se harmonizem obediência e liberdade, se superem simpatias e antipatias, se reconheçam e se promovam a riqueza e o valor de cada um e se torne possível a amizade⁸³.

Visto que a sociedade dificulta a consecução destes objetivos, lembremos brevemente as atividades e os meios que a nossa FSDB prevê para melhorar a unificação da própria vida e a formação para as virtudes sociais⁸⁴.

C. *A maturidade intelectual: Inteligência, capacidade de reflexão e de discernimento*

O CGE esperava, para a Congregação, “um novo tipo de homem, capaz de superar a ansiedade provocada pelas mudanças e de continuar a buscar, sem se acomodar em soluções feitas; um Salesiano disposto, a aprender e a enfrentar o novo, a dialogar sem se fechar, a aceitar a interdependência e a exercitar a solidariedade; capaz de distinguir o permanente do mutável, sem extremismos”⁸⁵.

É o tipo de quem foi ajudado a adquirir essas atitudes também pelo *amadurecimento* de sua *inteligência*, e pela *reflexão* e pelo *discernimento*, dois dotes mais importantes que uma simples aquisição de noções.

A inteligência deve ser cultivada adaptando o “*como*” estudar e “*que*” estudar, às inclinações pessoais, às capacidades, já possuídas, à forma vocacional escolhida, ao tipo de empenho que se vive na missão, às necessidades da comunidade inspetorial.

A *intencionalidade vocacional*, esclarecida e aprofundada por meio do estudo das disciplinas salesianas, *motivará* os estudos que se fazem e as atitudes que se sugerem. A vocação, com as suas exigências, orienta

81. Ratio FIS 51; Cf. FSDB 113, 502, 535A, 544.

82. CGE 669; cf. FSDB 65.

83. CGE 669.

84. Cf. CGE 673; FSDB 306; Cf. OT 11; FSDB 162; CGE 679a, FSDB 160-162; Const. 70; Cf. FSDB 118, 147, 154, 173; CGE 674; Cf. 115, ASG 285, 40-41.

85. CGE 665.

as escolhas, motiva as pessoas e o trabalho delas, unifica a multiplicidade dos estudos e dá sabedoria à reflexão e ao discernimento.

4.3 UM MÉTODO: MOTIVAR AS ATITUDES E FAZER EXPERIÊNCIAS COM ELAS

Até aqui, enquanto passavam diante de nossos olhos, os dons de natureza e graça da consagração apostólica do Salesiano coadjutor, os valores e as atitudes correspondentes, podiam-se notar duas *impressões*: a de verificar, de um lado, quanto o *processo formativo seja rico e complexo* e por isso, não fácil; e por outro lado, a impressão de buscar o “*como fazer*” para que esses mesmos valores motivassem as atitudes e os comportamentos, e não ficassem só na mente, aumentando a bagagem das noções, e nada mais.

O desconforto e a dúvida devem ser superados na hora certa. Possuindo uma visão global do processo, dever-se-á iniciar o trabalho sobre uma dimensão importante da pessoa, talvez carente no momento. O confronto com o resto será gradativamente uma exigência.

43.1 Um aspecto prévio e decisivo: as motivações primárias

Mais importante, ao invés, é o empenho de tornar os Salesianos coadjutores capazes de *viverem motivados pessoalmente por esses valores*. É o objetivo do processo formativo, e é fundamental para que se possa fazer o bem realizar-se só com esta condição. Não é um objetivo fácil ou espontâneo. Não basta conhecer intelectualmente ou aceitar emotivamente esses valores. Esses valores devem constituir a motivação primária de toda atitude e comportamento, na verdade, porém nem sempre é assim:

— podemos ser obedientes (é uma atitude) para renovar a Igreja, para o bem dos jovens, a plena disponibilidade de Cristo, apóstolo do Pai e servidor do Reino (é o valor que motiva), mas podemos ser obedientes também servilmente por medo das responsabilidades pessoais, ou das conseqüências negativas, ou para injetarmos em nós mesmos uma necessidade de segurança, que se torna o motivo principal da própria obediência, torna-a “inconsistente”:

— podemos ser fiéis e perseverantes para responder de maneira sempre renovada, “à especial Aliança que o Senhor estabeleceu conosco”⁸⁶, mas também por medo de enfrentar a vida;

— podemos celebrar a liturgia como mistério que nos insere na Páscoa de Cristo⁸⁷, mas também como expediente para satisfazer uma necessidade de dependência do próprio grupo de referência;

86. Const. 195.

87. Cf. DSM 194.

- podemos viver o sacramento da Reconciliação⁸⁸ para passar do egoísmo ao amor⁸⁹, mas também como meio de tranquilizar-se e para descarregar os próprios sentimentos de culpa;
- podemos entrar em uma comunidade para uma experiência de recíproca e autêntica abertura às pessoas e ao grupo⁹⁰ ou para achar um lugar onde tudo é igual, aceitável e seguro;
- podemos trabalhar para os jovens, impelidos pela caridade e colocando à disposição dos outros as nossas capacidades pastorais⁹¹ ou para sentirmo-nos admirados e bem aceitos;
- podemos empenhar-nos para reformar a vida da comunidade por amor de Cristo e da Igreja⁹², mas também para descarregar, de maneira socialmente aceitável, a própria agressividade ou para fazer as próprias necessidades, mas ou menos conscientes, de exibicionismo e de dominação.

A dificuldade para viver as atitudes, motivadas *primariamente* pelos valores, está presente mais ou menos em todos, também nas pessoas “normais”. É, portanto, importante entender bem este “primeiramente”. Quer dizer que os valores devem ser a motivação primária do viver, do pensar, do agir, do amar. Pode-se chegar a viver esses valores “por si, sem auxílios”, mas pode-se chegar a isso, também utilizando a energia psíquica de alguma necessidade que, estando de acordo com os valores vocacionais, pode auxiliar a experiência. Mas essa energia e a sua referência à necessidade não deverão ser nunca “o primeiro porque” do que se faz.

A medida em que se cresce e se amadurece, diminui a influência das motivações afetivo-sensíveis e progridem as motivações vocacionais profundas, até que a pessoa, sem abandonar a própria riqueza afetiva, constrói a própria vida sobre a base constante da “*reta intenção*”⁹³.

Quando, porém, isso não acontece e as motivações primárias, por descuido ou por ignorância, nascem das necessidades e prevalecem sobre as motivações fundadas nos valores, normalmente as necessidades:

- impedem uma motivação vocacional suficiente: de um lado os valores, do outro lado as necessidades, mais ou menos coerentes com os valores vocacionais, sem que consiga nunca integrá-los na unidade da pessoa⁹⁴;

88. Cf. FSDB 106.

89. Cf. Const. 90.

90. Cf. FSDB 79-80.

91. Cf. FSDB 74-78.

92. Cf. FSDB 72, Const. 13.

93. Cf. Champoux R., Nuove prospettive nella formazione religiosa: un'integrazione della spiritualità e della psicologia del profondo, em “Civiltà Cattolica” N. 3026, 1976

94. Cf. L. Rulla — F. Imoda — J. Ridick, Elementos de prediccion y criterios de perseverança vocacional, CONFER 74 (1981), pág. 316-318.

- favorece uma interpretação arbitrária dos valores objetivos a ponto de levá-los a justificar os próprios comportamentos;
- contribuem para a formação de expectativas irreais, de um mundo de esperanças e de ideais utópicos que pensa-se serão depois atingidos através das várias tarefas e funções que se não de exercer, com contínuas desilusões graves;
- enfim, privam as pessoas da capacidade de ler “os sinais dos tempos”: não se vêem mais os problemas verdadeiros e a pessoa se refugia nas estruturas, como se essas bastassem por si para mudar o homem e realizar os projetos dele.

A reta intenção das motivações primárias verdadeiras e autênticas é uma das *condições prévias decididas* para que toda e qualquer formação também para o Salesiano coadjutor. Ele se sentirá realizado como pessoa consagrada, se viver fielmente os valores evangélicos que motivam primariamente a sua vida; e se sentirá realizado como homem, se tiver dado uma direção consistente e harmônica às energias das suas necessidades em vista da educação e da evangelização dos jovens.

43.2 “Fazer experiências”

Uma vez que tenham sido descobertas e eliminadas “as inconsistências” vocacionais ou fazendo-as emergir na consciência e libertando-se delas, ou se isso não é totalmente possível, aceitando-se, mas sempre prestando atenção para que tais “inconsistências” não tenham peso decisivo na vida e nas escolhas que a pessoa deve fazer, cria-se a possibilidade de *fazer experiências dos valores vocacionais*. É um fato importante porque é na experiência, em determinadas condições⁹⁵, que se interiorizam esses mesmos valores.

Que é experiência?

Experiência é viver os valores vocacionais com todo o ser, pensamento, vontade, sentimento. É o resultado da construção ativa das condições, operadas pelo indivíduo, e do dom que ele recebe: os valores vocacionais. É a unidade viva, o encontro das condições e dons vocacionais, “uma força, uma energia, o valor que vem antes da interpretação”⁹⁶.

A. *Um princípio metodológico*

A experiência é portanto, um fato de vida, mas é também o critério guiando todo o processo formativo e unifica a multiplicidade de seus componentes. Já as Constituições de 1972 falavam em experiências de

95. Ressaltaremos somente algumas, remetendo, para uma informação mais completa, à FSDB c. 4.

96. Giussani, L. *Decisione per l'esistenza*, Ed. Jaca Book, Milano, pág. 20 a 23.

vida e trabalho”⁹⁷. A FSDB, na sua primeira edição, precisou e ampliou, dizendo: “Esta transformação (a formação do salesiano) não pode realizar-se a não ser através de uma experiência interior que leve a compreender e a assumir vitalmente os ideais próprios da escolha religiosa salesiana”⁹⁸. O art. 97, enfim, concluindo e dando autoridade a essas indicações, diz que formar-se é “fazer experiência dos valores da vocação salesiana”; o art. 98 acrescenta: “vivendo e trabalhando para a missão comum”.

B. A Finalidade

É este, portanto, o caminho para tornar-se “educador pastor dos jovens” ou como se diz alhures, “apóstolo dos jovens”⁹⁹ na formação laical, própria do Salesiano coadjutor¹⁰⁰.

Apóstolo é uma testemunha da ressurreição de Cristo¹⁰¹ (“sinal da força da ressurreição”, dizem as nossas constituições”)¹⁰².

E “testemunha” é quem vive a experiência da presença e da revelação do Senhor, é capaz de anunciá-la narrando-a¹⁰³ e anuncia aos jovens “novos céus e nova terra, estimulando neles os empenhos e a alegria da esperança”¹⁰⁴.

C. Algumas Condições

Acabamos de descrever o fim geral e a característica fundamental do método: a nossa vocação “convida a uma ação formativa que favoreça uma verdadeira experiência de vida”¹⁰⁵. Mas com que condições é realizável tudo isso?

As nossas Constituições oferecem algumas indicações práticas:

a) Nas “atividades”

Formamo-nos nas *atividades*: “vivendo e trabalhando pela missão comum”¹⁰⁶.

O termo “atividade” apresenta significações muito variadas. Para nós ela é um evento, são fatos ou relações com fatos e pessoas, que geram um processo ativo; isto é, libertam as energias da pessoa e a

97. Const. de 1972 art. 102.

98. FSDB (1981) 155.

99. Cf. Const. 97.

100. Const. 95,6.

101. At. 3, 1-10.

102. Const. 62, Cf. 61.34.

103. Cf. Const. 61.62.

104. Const. 102.

105. FSDB 3.

99. Cf. Const. 97.

106. Const. 98.

estimulam a uma resposta, penso nas relações com Deus, com Dom Bosco, naqueles a quem nos conduz o nosso trabalho apostólico (na Congregação, na Igreja Local, na comunidade, com os irmãos, com os jovens) até àquilo que acontece num ambiente ou, mais largamente, numa cultura.

São fatos e relações que provocam uma reação e exigem uma decisão.

b) *Atividades “motivadas” por motivos verdadeiros e autênticos*

Nem toda atividade é formativa. Só o são as que se apoiam em *motivos verdadeiros e autênticos* ¹⁰⁷

Os motivos “*verdadeiros*” pertencem ao *patrimônio carismático salesiano* ¹⁰⁸, ou são tirados da *História*, porque estamos atentos à presença do Espírito ¹⁰⁹; “o Salesiano é chamado a ter o senso do *concreto* e está *atento aos sinais* dos tempos, convencido de que o Senhor se manifesta também através das urgências do momento e dos lugares.

A resposta tempestiva, a estas necessidades, o induz a seguir o movimento da história e assumi-los com a criatividade e o equilíbrio do Fundador, verificando periodicamente a própria ação” ¹¹⁰.

Há uma percepção funcional das coisas que considera as coisas como coisas; mas há também uma visão de profundidade, uma percepção sacramental que descobre, na história, a ação de Deus e capta, por isso, uma contínua e progressiva expansão do sentido da fé entre as malhas do sentido da história ¹¹¹.

Os motivos verdadeiros tornam-se “*autênticos*”, quando a pessoa se apropria deles e quer que constituam os impulsos primários de suas escolhas, reduzindo a influência das necessidades. “Reta intenção é fazer aquilo que mais agrada a Deus”, diria Dom Bosco ¹¹².

c) *Experiência, Consciência, comunicação*

A pessoa se forma na medida em que tem *consciência* da própria *experiência* e a comunica: “a formação permanente requer que cada irmão desenvolva a capacidade de comunicação e de diálogo, uma mentalidade aberta e crítica” ¹¹³.

107. Cf. Const. 101, 103, 104, 112; RG 85, 88, 89, 100-103.

108. Cf. Const. 96; FSDB 134-136.

109. Const. 12.

110. Cont. 19, Cf. Const. 62.63.85.94.117.

111. Const. 19; Cf. EN 21.

112. MB 9,986.

113. RG 102.

Expressar, com palavras, a própria experiência é fruto do esforço de percorrer novamente (essa experiência), com atenção, para simbolizar aquilo que se viveu, torná-lo claro, perceptível e inseri-lo em um quadro coerente de valores, os homens se forjam no silêncio, mas também se forjam na palavra. A experiência requer que tenhamos consciência dela, mas requer também que seja comunicada. Quando a pessoa tem uma justa consciência de sua experiência e a comunicação exprime essa experiência, então a autenticidade é real e os valores são assimilados.

Quem fala experimenta facilmente a sensação de que aquilo que ele comunica e que os outros recebem, não seja, na realidade, aquilo que ele quer dizer. Então sente a tentação de calar. No entanto, quando uma pessoa não manifesta, no devido tempo e lugar, as dimensões importantes de sua vida. o seu mundo se restringe, a vitalidade se torna árida, apagam-se as possibilidades de amadurecimento e a linguagem se torna impessoal e técnica, às vezes banal. Quando, ao invés, uma pessoa narra o que lhe aconteceu, então liberta, para si e para os outros, uma particular energia formativa. O anúncio se faz narração e realiza, ao redor de si, os sinais do amor de Deus e de sua Salvação. A experiência de vida, se faz mensagem. Quem narra sabe que é competente na narração porque já foi salvo pela história que narra. O seu é *um sinal que evoca, não informa somente*, e convida para uma decisão de vida. É como se, de sua narração, se desprendesse a força e a verdade que nela estão contidas.

Isso acontecia frequentemente também com Dom Bosco: “também no recreio, nota o biógrafo, falando por vezes da Santíssima Eucaristia, seu rosto se acendia de um santo ardor... e, pelas suas palavras, os corações sentiam-se todos compenetrados pela verdade da presença real de Jesus Cristo”¹¹⁴.

A dificuldade mais comum, em nível formativo, reside na incapacidade de achar palavras e gestos que coincidam com a experiência que se faz e com a consciência que se tem (dessa experiência), de maneira a podê-la comunicar.

A carência dessa capacidade narrativa gera, por vezes, certa crise pessoal e uma insuficiência na ação apostólica: “a crise nos jovens nasce do fato de lhes serem impostos mundos simbólicos à experiência vivida, tão carentes de significação que não podem ser utilizados para narrar a vida”¹¹⁵.

É preciso lembrar isso quando se devem educar os jovens trabalhadores. Sabe-se como é a linguagem nas fábricas: pobre de palavras, sem termos abstratos, visando o imediato e isso se torna difícil a referência a valores “longínquos”. O que conta é o valor imediato dos fatos

114. MB 4.457.

115. Molari C. Per una comunicazione che faccia spazio alla narrazione, em “Note di Pastorale giovanile” 10 (1981), pág. 35.

dos quais os jovens são protagonistas. Todo pensamento é voltado à ação feita ou por se fazer, em vista de um interesse. O nexos pensamento-ação-interesse não se desmancha, a não ser que termine a obra do educador, a qual é somente serviço e gratuidade, e encontra palavras e gestos para se fazer entender.

Por esses motivos deve-se julgar importante tudo o que faz crescer a comunicação:

- o hábito sistemático da leitura e do estudo das ciências próprias da missão, a disponibilidade à oração e à meditação ¹¹⁶; as reciclagens que aparecem frequentemente ¹¹⁷; os tempos de duração conveniente para a renovação da vida religiosa salesiana, pastoral e profissional ¹¹⁸;
- o “colóquio” frequente com o Superior, colóquio fraterno, somente privilegiado onde o salesiano “trata”, com confiança, de sua vida para o seu próprio bem e para o bom andamento da comunidade ¹¹⁹;
- a direção espiritual, pessoal e comunitária, especialmente nas fases iniciais da formação ¹²⁰.

É mais uma das condições fundamentais. Quando a assembléia, a revisão de vida, o colóquio, a direção espiritual (todos de acordo com o lugar que a cada um se atribui ou pelas Constituições ou por livre escolha) são encontros nos quais se dizem e se acolhem experiências, então se tem “uma família de irmãos ao redor de seu pai” ¹²¹ e “a vida mesma da comunidade é formadora”. A comunidade se torna um ambiente que favorece o amadurecimento” ¹²², socializa os valores e difunde modelos e comportamentos.

Assim a comunidade torna-se um ambiente de família onde cada um, podendo ser sempre quem é por si mesmo, aceita de bom grado o risco de abrir-se; torna-se um ambiente que tem vontade de escuta, é risco de “empatia”, isto é, tenta formar próprios os sentimentos dos outros. Torna-se um ambiente que permite comunicar a própria compreensão de retorno. Quando quem narrou, escuta novamente a sua própria narração porque alguém que realmente escutou, se refere a ela de alguma maneira, então ele se sente verdadeiramente acolhido e compreendido. Aceita-se então a si mesmo e gradativamente percebe uma comunhão segura e vital com aquela pessoa e com tudo aquilo que ela representa ¹²⁴.

116. RG 99.

117. RG 100.

118. Id.

119. Const. 70; RG 49.

120. Cf. Const. 105, 109, 112, 113; RG 175, 78, 79.

121. MB 8,829.

122. Const. 98.

123. Cont. 52.

124. Vam Kaam A., *Existential Foundations of psychology*, N. Y. 1969, pág. 336, 337.

A comunidade torna-se um ambiente que ajuda o discernimento vocacional da experiência mesma. A experiência narrada deve ser reconhecida e verificada na sua relação com o ideal vocacional: “a vida no Espírito Santo e a graça de Cristo são um dinamismo vital, sempre orientado por pessoas contemporâneas e qualificadas que desenvolvem uma função sacramental de mediação”¹²⁵. A comunidade de vida torna-se comunidade de fé que se confronta, através destas mediações, com aquela “Aliança” da qual deriva o sentido primeiro e último dela mesma, e a verdade da experiência vivida. A comunidade de vida favorece a comunidade de fé e a mesma comunidade de fé consolida a comunidade de vida, contanto que ela seja sempre uma comunidade rica de modelos.

e) *Uma comunidade rica em “modelos”.*

Os primeiros salesianos acharam, em Dom Bosco, o seu modelo: “nós também encontramos nele o nosso modelo”¹²⁶. E assim que as nossas constituições iniciam o capítulo sobre a Formação. E continuam valorizando esse aspecto: os formadores, nas comunidades formadoras, são chamados “capazes de comunicar vitalmente o ideal salesiano”¹²⁷, “Mediadores da ação do Senhor”, têm a posse serena da própria identidade salesiana e o entusiasmo profundo pela vocação, da qual vivem os valores de tal maneira que podem testemunhar e comunicar vitalmente”. Cada Salesiano, enfim, com a oração e com o testemunho, contribui para sustentar e renovar a vocação dos irmãos¹²⁹.

O ideal vocacional e a experiência do mesmo se percebem normalmente interagindo com modelos que os encarnam e que, considerados como proposta, tornam mais fácil a própria identificação original.

De fato move-se continuamente, da sensação de “estarmos bem” ao “desafio” que eles são para as nossas capacidades, e à “escolha” livre e original dos valores que os irmãos nos propõem com sua vida¹³⁰.

4.4 ALGUMAS DAS FASES DA FORMAÇÃO INICIAL

São fases que, no pano de fundo da vocação do Salesiano coadjutor (vocação que deve sempre ser considerada na sua globalidade), põem em relevo, *cada uma, um objetivo* próprio e específico a ser alcançado, portanto as fases de formação põem em evidência aspectos diversos quer sob o ponto de vista do conteúdo quer sob o ponto de vista da preparação intelectual correspondente.

125. RM, Commento alla strenna 1983, pág. 33-34.

126. Const. 96,21.

127. Const. 104.

128. FSDB 169, Cf. GCG 21,245.

129. Const. 100

130. Cf. DSM 97.

As programações são progressivas e respeitam um critério duplo: o de uma *igualdade* de base para Salesianos coadjutores e Salesianos padres, e o da *especificidade* de cada um.

44.1 O Pós-noviciado

Trata-se, tanto para os Salesianos coadjutores, quanto para os outros, de fazer amadurecer a própria fé por meio de uma integração progressiva entre fé a vida, fé e cultura; (fazer amadurecer) a vocação salesiana por meio de uma adequada preparação catequético-pedagógica; (fazer amadurecer) a própria formação intelectual de maneira a desenvolver “Uma mentalidade pedagógica” em continuidade com a própria cultura ¹³¹.

Mas trata-se também do “específico” que diz respeito aos Salesianos coadjutores e que encontra uma atenção particular no empenho formativo desta fase.

Os objetivos visados são:

- assegurar melhor o sentido e o valor da laicidade consagrada;
- formar, com mais cuidados, o educador da fé por meio de uma conveniente preparação pedagógica, humanística e salesiana; formar o educador da fé por meio de uma iniciação teológico-catequética que faça compreender melhor a vocação do Salesiano leigo na sua relação com a presença de Deus no mundo;
- promover gradualmente, desde essa fase de formação, a competência da sua profissionalidade e a sua educação sócio-político, de tal modo que, dando o devido valor ao magistério social da Igreja, cresçam bem preparados para se tornarem educadores-evangelizadores do “mundo do Trabalho”.

Tendo admitido esses objetivos gerais comuns e específicos, e referindo-se mais especialmente ao currículo de estudos perguntamos:

- como acompanhá-los no amadurecimento progressivo da consagração apostólica, educando-os também a uma sensibilidade sócio-política e preparando-os à ação educativa no “mundo do Trabalho”? ¹³²
- como superar o “risco”, mais real para os Salesianos coadjutores, da desvalorização do aspecto reflexivo no confronto de um empenho mais imediato na ação? Que equilíbrio criar entre atividade intelectual e trabalho manual?
- Que “critérios” adotar na escolha das matérias de estudo para alcançar esses objetivos?

131. Cf. FSDB 288,332.

132. Cf. FSDB 338,408-410.

- são preferíveis comunidades e planos de estudo distintos, experiências de vida comum com um plano de estudos unitário, embora com as devidas diversidades e integrações?

A. *Os objetivos*

A FSDB chama a atenção sobre o empenho assumido por meio da profissão temporária que deve manifestar-se em “viver autenticamente os valores da vocação, em aderir quotidianamente a esses valores, aprofundando-lhes a compreensão e descobrindo a unidade, a organicidade e harmonia dos mesmos”¹³³.

a) *Integração fé-vida-cultura*

Nesta perspectiva (além de uma ação correspondente que forme para atitudes motivadas), na questão dos estudos, devem ser colocados, em justa medida, alguns conteúdos próprios das disciplinas teológicas.

Exemplificando:

- Introdução à história da salvação e ao mistério de Cristo;
- Introdução ao Antigo e ao Novo Testamento;
- Questões de história da Igreja;
- Questões de moral;
- Doutrina social da Igreja;
- Hagiografia;
- Teologia da vida religiosa;
- Liturgia;
- Catequese;

b) *Amadurecimento da vocação salesiana*

Ao lado das disciplinas especificamente salesianas (que, nesta fase, põe fortemente em relevo o Sistema Preventivo e a sua prática), deve ser evidenciada a exigência de compor, em unidade entre as diversas disciplinas, na perspectiva pedagógica e em vista da preparação ao tirocínio, as seguintes matérias:

- Filosofia da Educação;
- Pedagogia Geral;
- Psicologia da Idade Evolutiva;
- Sociologia da Juventude;
- Sistema Preventivo;
- Pastoral Juvenil.

c) *Formação intelectual mais direta e específica*

O plano de estudo prevê atenção particular para com as disciplinas filosóficas, humanas e linguísticas, numa perspectiva antropológica unitária. A intenção é superar qualquer fratura entre a vida real e reflexão. O estudo deve ser motivado e estimulado pela vida real, e a prática deve ser iluminada e guiada pela reflexão ¹³⁴.

Qualquer desvalorização da reflexão e do estudo, com relação à experiência e à vida compromete um adequado reconhecimento dos valores da pessoa, da dimensão laical da vida e não favorece a formação de uma verdadeira “espiritualidade do trabalho”.

Propõe-se para quem tem um curso de estudo regular e tem capacidade suficiente, um ordenamento comum dos estudos numa estrutura comunitária comum. A experiência de vida comum entre os candidatos ao presbiterado e Salesianos coadjutores vê valorizados dois modos de viver a única vocação salesiana: “é desejável”, diz a FSDB ¹³⁵.

Mas frequentemente, em vista da “pluralidade de possibilidades sob a única denominação de Salesiano leigo” ¹³⁶ a preparação filosófica, pedagógica e catequética deverá ser proporcionada às diversas situações.

B. *Linhas de Orientação quanto ao Estudo*

a) O saber deve ser *unificado antropológicamente*. A perspectiva unificadora do mistério de Cristo é absoluta. Apesar disso é essencial, mesmo dentro desse quadro, por em relevo também a perspectiva unificadora do homem, com a intenção de redescobrir e fundamentar culturalmente a primazia e a centralidade da pessoa e o próprio empenho de amadurecimento humano: Há de levar a isso a proposta de um ordenamento de estudos que vincule as disciplinas humanas e filosóficas com as ciências do homem e contribua para amadurecer uma habilidade pedagógica ¹³⁷.

b) As ciências do homem são julgadas indispensáveis para uma referência imediata e fenomenológica à realidade ¹³⁸.

Uma escolha possível, que leva em conta o rico elenco indicativo proposto pela Ratio, poderia ser:

- Pedagogia Geral
- Psicologia Geral e dinâmica
- Psicologia da idade evolutiva
- Sociologia Geral

134. Cf. FSDB 230.

135. Cf. FSDB 397; CG 21 303.

136. Cf. FSDB 410 CG 21 301.

137. Cf. FSDB 340.

138. Cf. FSDB 224.

- Sociologia da juventude
- Introdução à economia
- Elementos de economia e administração
- História das religiões
- Introdução à comunicação social.

Sociologia e Psicologia servem para iluminar faixas etárias particularmente interessantes para a nossa missão: a pré-adolescência, a adolescência e a juventude, e nos impelem a estarmos atentos à experiência e às exigências que nascem dessas fases da vida.

c) As disciplinas filosóficas, por sua vez, com o seu caráter de globalidade e de “radicalidade” com relação aos valores, encaminham os Salesianos coadjuutores à aquisição de uma visão pessoal do mundo, do homem e de Deus para uma maturidade de juízo mais certa. Os que, não tendo bases culturais adequadas, acham difícil seguir integralmente os cursos, poderão frequentar alguns fundamentais, como:

- Introdução à Filosofia
- Filosofia do homem
- Filosofia social e política
- Filosofia da educação
- Seminário sobre o ateísmo
- Metodologia do trabalho científico.

d) “*A sintonia com a conjuntura histórica*” é uma exigência que acompanha o homem durante toda sua vida e, portanto, também, no desenrolar de sua formação intelectual¹³⁹.

Responde a essa necessidade a educação sócio-política do salesiano coadjuutor. A doutrina social da Igreja será utilizada ampla e profundamente em vista, de modo particular, de um serviço educativo no “mundo do trabalho”¹⁴⁰.

Será preciso prestar atenção para obter um sadio equilíbrio entre o trabalho manual e a atividade intelectual no desenvolvimento e no bom êxito da formação da personalidade.

A insistência quanto ao trabalho manual, com relação à profissionalização e à atividade intelectual, encontra justificação também na exigência de não tornar pesada a fadiga do estudo para os Salesianos coadjuutores que, não tendo feito um curso completo de estudos pré universitários, acham-se desprovidos de título e não têm uma qualificação profissional específica.

Concluindo, o ordenamento dos estudos no Pós-noviciado considera “essencial, original e prioritário”, o núcleo das disciplinas humanístico-

139. Cf. FSDB 229.

140. Cf. FSDB 338; CG 21,302.

filosóficas vinculadas com as ciências da educação, mas organizadas e orientadas nos modos indicados. Portanto, se poderá iniciar ou continuar um curso regular de estudos técnicos científicos ou profissionais, em vista de uma qualificação, somente quando esteja substancialmente garantido o desenvolvimento deste núcleo principal ¹⁴¹.

44.2 O Pós Tirocínio

Os atos do Conselho Geral, analisando o que os Capítulos Inspetoriais e seus diretórios tinham elaborado a respeito da formação do Salesiano coadjutor, chegavam a estas conclusões: o Pós-Tirocínio é ainda uma fase a ser experimentada totalmente ou quase; a duração, a comunidade formadora e o conteúdo variam muito de um lugar para outro, não só mas de pessoa para pessoa. Em todo caso se tenciona garantir, em primeiro lugar, o desenvolvimento da capacidade pastoral do jovem irmão ¹⁴².

A. Princípios e critérios

Levando em conta a situação tão pluriforme e movimentada, para ajudar as experiências em curso e dar-lhes certa segurança, observa-se que os princípios e os critérios que orientam o andamento dessa fase formativa e as características dos estudos (dessa fase formativa) são principalmente dois: a *forma vocacional* peculiar do Salesiano leigo e a *Flexibilidade* ampla do currículo, de acordo com as reais possibilidades dos candidatos, com diversidade de situações do início e de acordo com o itinerário espiritual percorrido até então.

Embora levando em conta o art. 106 das Constituições, há de fato uma pluralidade de possibilidades debaixo da única denominação de Salesiano leigo. Essa diversidade exige uma consideração particular, deve-se-á, portanto, pensar, em nível inspetorial e interinspetorial, em “um currículo formativo sério, mas flexível e adaptável, tanto à natureza própria das diversas tarefas, quanto às possibilidades concretas dos candidatos” ¹⁴³.

B. Os objetivos

Os objetivos chamam a atenção dos responsáveis:

a) a tornar realidade, no âmbito da formação também intelectual, a presença de uma *Teologia* que permeie de por si a vida e a cultura do Salesiano coadjutor, mesmo dando espaços à área da formação técnico-profissional;

141. Cf. FSDB 403.

142. ACG n.º 323, Dom Paolo Natali, *La formazione del Salesiano Coadiutore*.

143. FSDB 410, CG 21,301.

b) a enriquecer de motivos e valores a *complementaridade* das duas formas vocacionais, tanto na vida fraterna quanto na ação apostólica; a tornar mais certa e mais verdadeira a *sensibilidade* do Salesiano leigo para com “os mundos do Trabalho”, da técnica, da arte, da economia, da comunicação social e das relações humanas; a ajudá-lo a viver a atitude da liturgia da vida” a fim de valorizar as experiências pedagógico-pastorais com a riqueza da sua laicidade;

c) a orientá-la a fim de que aproveite melhor os ministérios não ordenados instituídos pela Igreja para os leigos a serviço da comunidade, os quais revelam a sua utilidade no âmbito das celebrações litúrgicas, na organização das atividades de evangelização e catequese e na área muito mais vasta do exercício caridade¹⁴⁵.

C. Aspectos do currículo formativo

“A formação específica dos Salesianos leigos, da qual tratam o art. 116 das Constituições e o 98 dos Regulamentos, deverá ser programada concretamente pelo Inspetor e seu conselho. Conforme os casos, poder-se-á aproveitar estruturas inter-inspetoriais ou mundiais”¹⁴⁶ ou criar outras.

Dever-se-ão exprimir com clareza as *modalidades*, segundo as quais as inspetorias interessadas se fazem presentes. Essas modalidades serão um índice da compreensão e participação das inspetorias interessadas, nas responsabilidades formativas.

Os aspectos do currículo formativo são fundamentalmente dois: o aspecto comunitário e o da formação pastoral e técnico-profissional. A estrutura da comunidade se inspira na estrutura que a FSDB chama “*formadora*”¹⁴⁷. Mas poderão aceitar-se as modificações de pessoal e iniciativas que lhe permitam dar *certa prioridade à formação teológico-catequética “na linha da laicidade consagrada”*¹⁴⁸.

A seguir, a especialização e os ambientes qualificados deverão fazer pensar, com antecedência, na “preparação de *Salesianos leigos* capazes de desenvolver convenientemente a tarefa de “*formadores*”. Na verdade o Salesiano leigo deve estar, o mais possível nas estruturas formativas como testemunha e formador peculiar, e, onde necessário, também como docente em um serviço cultural técnico¹⁴⁹.

Os conteúdos da formação intelectual e profissional se mostrarão abertos às exigências do papel pastoral e profissional de cada um, levando em conta as possibilidades de escolha oferecidas pela instalação do tirocínio entre pessoas, cursos e situações locais.

144. Cf. FSDB 454.

145. Cf. FSDB 455, Código de Dir. Con, 230, par. 1.

146. FSDB 475.

147. FSDB 160-163.

148. Const. 116.

149. FSDB 338.

Esse conteúdo poderá ser distribuído, ordinariamente, em quatro semestres, na duração complexiva de um biênio, calculado em número de horas ou créditos suficientes, mas um tanto prolongáveis no tempo, de acordo com as condições pessoais, que podem permitir ou não, cursos de nível universitário ou de segundo grau. No caso de ser possível a frequência a cursos universitários, a dosagem das disciplinas, escolhidas de acordo com o inspetor ou do “curatorium” (se a estrutura é interinspetorial) seja tal que possam alcançar os objetivos indicados.

Respeitando os critérios que acabamos de enunciar, consultando previamente as comunidades nas quais até agora viveram os candidatos e ligando os programas desenvolvidos no Pós-noviciado com os programas propostos para o tirocínio, a fim de evitar repetições ou superposições, seguindo as cinco áreas propostas pela FSDB¹⁵⁰, parece-nos poder propor o seguinte conteúdo:

1. Formação Salesiana

- Conhecimento aprofundado da vida de Dom Bosco e dos primeiros Salesianos;
- Estudo crítico de alguns de seus aspectos; (Dom Bosco, etc.);
- História do Salesiano coadjutor;
- Espiritualidade salesiana na laicidade consagrada;
- Vida comunitária e relações humanas;
- Elementos de pedagogia e didática;
- Elementos de catequese, pastoral juvenil e vocacional.

2. Formação teológica e catequética

- Atualização e aprofundamento da teologia de vida religiosa;
- Aprofundamentos bíblicos por secções de temas específicos;
- Introdução à liturgia e à leitura da palavra de Deus;
- Curso de catequese.

3. Formação sócio política

- Doutrina social da Igreja;
- Economia, sociologia e política do trabalho;
- Conhecimento de outros aspectos do “mundo do trabalho”: antropologia e teologia do trabalho;
- História das doutrinas políticas.

4. Aperfeiçoamento da formação profissional

- Informática
- Outras matérias de acordo com as competências pessoais.

5. Novas exigências

- Comunicação social;
- Música;
- Técnicas de animação.

150. FSDB 338.

5. CONCLUSÃO

Caminhamos juntos rumo a descoberta da figura do Salesiano coadjutor, repetindo, em grande parte, a caminhada que Dom Bosco fez no seu tempo, mas prolongando-a até nossos dias.

Os historiadores pensam que as primeiras intuições de Dom Bosco, sob a pressão das circunstâncias e na luz de Deus, se tenham concretizado gradativamente. Não se tratou somente de entreter e fixar, nos seus elementos característicos, a figura do Salesiano coadjutor; não se tratou também de atualizá-la (e nada mais) a fim de que respondesse, realizando com competência as tarefas adaptadas às necessidades reais e quase sempre urgentes que a condição juvenil e configuração original das comunidades salesianas e da Congregação exigiam, tratou-se sobretudo de compreender e acolher, na autenticidade, o dom de uma vocação que gradativamente se manifestava e conquistava simpatias e adesões por causa de sua novidade e utilidade.

A caminhada dessa idéia não foi fácil e linear. Vimos isso.

É certo, porém, que em todo esse movimento de interesses, de perspectivas, de significados, a figura do Salesiano coadjutor foi sempre, na história, nos tempos de crescimento como nos tempos de crise, uma figura amada. Por Dom Bosco, em primeiro lugar e mais do que qualquer outro.

Este mesmo amor, cremos, nos conduziu à composição desse volumezinho. Nele quisemos reencontrar historicamente a figura do Salesiano leigo para colocá-la, com toda a sua riqueza, na vida da congregação e da Igreja, alimentando a esperança de que outros, também pelo testemunho e o cuidado vocacional que se exige, se sintam chamados a vivê-la, a fazê-la crescer, a perseverar.

Também nos tempos mais tristes o problema não é falar demais, mas existir por muito tempo, durar, tendo a convicção daquilo que se crê e vivendo isso com coerência, sem desânimos e sem lentidão, com uma fé que vence o mundo.

O poeta Giulio Superville, fitando o burro que leva rápido a Virgem Maria, comenta: “Maria pesava pouco, pois só estava ocupada com o futuro que trazia em si”.

Estamos saindo de um passado que teve seus crescimentos e suas crises. Libertemo-nos delas e reconquistemos os crescimentos e, reconquistando os crescimentos, reconquistemos sobretudo a confiança.

Maria, que as nossas Constituições invocam como “aquela que infunde coragem”, ajude o nosso presente e os empenhos que o presente nos pede, e nutra de esperanças o nosso futuro.

Sobretudo faça com que, com a sua intercessão, se torne realidade o desejo de Dom Bosco: “Eu tenho grande necessidade de ter muitos que me venham ajudar nesta maneira”.

ÍNDICE

Apresentação	3
INTRODUÇÃO	7
1. <i>Acenos históricos sobre o Salesiano Coadjutor</i>	9
1.1 Breve nota histórica	9
11.1 No monaquismo	9
11.2 Nas Ordens Mendicantes	10
11.3 Nas Ordens e Congregações religiosas modernas	10
1.2 O religioso leigo na Congregação Salesiana	11
12.1 As origens. O tempo de D. Bosco	11
A — As raízes de uma exigência	12
a) O nascimento das oficinas	13
b) A experiência operária de D. Bosco	14
c) Oficinas e colaboradores	16
B — Coadjutor: do colaborador leigo ao religioso leigo	16
C — Os primeiros salesianos coadjutores	19
a) Algumas datas	19
b) Proveniência e ocupações	21
D — O pensamento de D. Bosco no último decênio	
de vida	23
a) O pensamento de D. Bosco	23
b) Acontecimentos salesianos (1880-1886)	33
c) O documento de 1886	36
12.2 O desenvolvimento da idéia nas pegadas das origens	36
A — Reitorado do P. Miguel Rua	36
a) Das oficinas às escolas profissionais	36
b) Alguns dados estatísticos	37
c) Os documentos	37
B — Expansão: do reitorado do P. Albera ao do P.	
Ziggiotti e ao Conc. Vaticano II... ..	40

a)	Após a primeira guerra mundial	40
b)	Reitorado do P. F. Rinaldi	41
c)	Reitorado do P. P. Ricaldone	44
d)	Reitorado do P. R. Ziggiotti	47
12.3	No empenho da renovação do pós-concílio	48
2.	<i>A identidade vocacional do Salesiano Coadjutor: aprofundamentos teológicos</i>	51
2.0	Premissa	51
2.1	Identidade: os muitos sentidos	52
21.1	Identidade salesiana quantitativa e qualificativa ...	52
21.2	Identidade salesiana pessoal e comunitária	52
21.3	Identidade relacional	53
21.4	Identidade real e ideal	54
21.5	Identidade instituída	54
21.6	Identidade expressa: necessidades e limites	55
21.7	O caminho histórico da identidade salesiana	56
21.8	O sentido da identidade “coletiva”	56
2.2	Alguns aspectos gerais da identidade do Salesiano Coadjutor: Critérios	57
22.1	A consistência numérica e a colocação geográfica	57
22.2	Os apelativos de “Coadjutor” e de “Salesiano leigo”	58
22.3	Influxo das estruturas	60
22.4	Os valores econômicos e estéticos	63
22.5	Incidência da cultura sobre a identidade salesiana ...	64
A	— Cultura e culturas	64
B	— A Igreja, a Congregação e as culturas	65
C	— Os lugares de produção e a rede de difusão	65
D	— Um sistema cultural	66
E	— Incidência da cultura sobre a identidade do salesiano coadjutor	69
2.3	Delineamentos fundamentais da identidade do salesiano coadjutor	69
23.1	Na Família salesiana, a comunidade dos SDB uma comunidade original	69
A	— Uma comunidade fraterna	70
B	— Uma comunidade apostólica aberta à seculari- dade	72
23.2	A vocação do Salesiano coadjutor é caracterizada pela laicidade	74

A — Laicidade com referência à criação	75
B — Laicidade com referência à missão da Igreja ..	76
C — Laicidade com referência à vida religiosa	79
23.3 Características da vocação do Salesiano coadjutor ...	80
A — Uma vocação que se insere na vocação cristã ...	80
B — Uma vocação que pratica com radicalidade um estilo evangélico de vida e de ação	81
C — Uma vocação religiosa laical	82
D — Uma vocação a serviço da missão salesiana ...	84
E — Uma vocação salesiana concreta e completa ...	85
F — Uma vocação original	86
G — Uma vocação significativa	86
2.4 Reciprocidade essencial entre salesianos leigos e salesianos padres	87
24.1 Reciprocidade vocacional	87
24.2 Fraterna complementaridade	88
A — Complementaridade em nível de consciência pessoal	88
B — Complementaridade em nível apostólico	89
24.3 Influxo da reciprocidade e complementaridade sobre a identidade	90
A — A reciprocidade e a complementaridade caracte- rizam a Congregação e suas comunidades	91
24.4 Participação na vida e no governo da Congregação ...	92
A — A responsabilidade do salesiano coadjutor nas estruturas de animação e de governo	92
B — O serviço do superior salesiano como presbítero	93
2.5 A ação apostólica do Salesiano coadjutor	93
25.1 Os fundamentos do apostolado do Salesiano coadjutor	94
25.2 Toda vida do Salesiano coadjutor é apostólica	95
25.3 O “mundo do trabalho”, campo de ação privilegiado para o Salesiano leigo	96
25.4 Uma específica contribuição para a abertura secular da Congregação	97
2.6 Alguns traços da vida espiritual do Salesiano coadjutor	98
26.1 Vida espiritual é viver o espírito salesiano	98
26.2 O Salesiano coadjutor vive, como salesiano leigo, as atitudes e os comportamentos próprios do espírito salesiano	99

A — Vive com alegria e reconhecimento sua vocação salesiana	99
B — Vive em comunhão de espírito e de ação com os Salesianos padres	99
C — Vive no “mundo do trabalho” alguns valores do espírito salesiano	100
D — Vive junto aos jovens e fiéis leigos com otimismo, operosidade e temperança	100
E — Vivendo e trabalhando segundo o espírito salesiano celebra a liturgia da vida	101
F — Vive de maneira característica sua devoção a Maria	101
26.3 O espírito do Fundador, lugar de unidade	102
26.4 As testemunhas heróicas de santidade salesiana laical	102
3. <i>A vocação do Salesiano coadjutor na pastoral vocacional salesiana</i>	103
3.1 Pastoral vocacional	103
31.1 Posicionamento pastoral do trabalho vocacional	103
31.2 As referências fundamentais de uma pastoral vocacional	105
31.3 As tarefas da pastoral vocacional	107
31.4 A caminhada vocacional	108
3.2 A pastoral vocacional do Salesiano coadjutor	109
32.1 Contar a história de D. Bosco	109
32.2 Apresentar a experiência atual	112
32.3 Por em contato com modelos	113
32.4 Aprofundar o caráter laical	114
3.3 Acolhida e acompanhamento da vocação do Salesiano coadjutor	116
33.1 Objetivos do acompanhamento	117
33.2 A assistência individual	117
33.3 O grupo juvenil	118
33.4 Comunidade de acolhida e acompanhamento	119
A — O aspirantado	120
B — Comunidades vocacionais	122
C — Inserção numa comunidade salesiana	123
3.4 Conclusão: animar e rezar	124
4. <i>Linhas de formação</i>	126
4.0 Introdução	126
40.1 Um empenho extraordinário na formação	126
40.2 As razões profundas	127

4.1	Os conteúdos globais do processo formativo	128
41.1	O conteúdo específico	128
41.2	O ordenamento do conteúdo	129
41.3	Um processo unitário e complexo	129
4.2	Identificar os valores	130
42.1	Em “uma Aliança especial”	130
42.2	A missão apostólica	133
	A — Os valores e as atitudes do “significado pastoral”	133
	B — Capacidade para a ação	134
	C — Funções, ministérios e campos de ação	135
	D — Educador para a fé no “mundo do trabalho” ...	137
42.3	A comunhão na comunidade	139
42.4	Um estilo de vida vivido com radicalidade evangélica	140
42.5	A “laicidade” do Salesiano coadjutor: um modo de ser e de operar	142
42.6	Um crescimento constante em “humanidade”	144
	A — Uma boa saúde psíquica: integração	144
	B — As virtudes sociais	145
	C — A maturidade intelectual: inteligência, capacidade de reflexão e de discernimento	146
4.3	Um método: motivar as atitudes e fazer experiências com elas	147
43.1	Um aspecto prévio e decisivo: as motivações primárias	147
43.2	“Fazer experiências”	149
	A — Um princípio metodológico	149
	B — A finalidade	150
	C — Algumas condições	150
4.4	Algumas das fases da formação inicial	154
44.1	O pós-noviciado	155
	A — Os objetivos	156
	B — Linhas de orientação quanto ao estudo	157
44.2	O pós-tirocínio	159
	A — Princípios e critérios	159
	B — Os objetivos	159
	C — Aspectos do currículo formativo	160
5.	<i>Conclusão</i>	162



Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 279-1211
Mooca - São Paulo - SP

